# URCA - CAMPUS MISSÃO VELHA 18 A 22 DE FEVEREIRO DE 2019

### ANAIS DA IV SEMANA DE LETRAS DA URCA

# LINGUAGEM E IDEOLOGIA:

REPRESENTAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE LÍNGUA E LITERATURA



MISSÃO VELHA-CE, 2019

### URCA – CAMPUS MISSÃO VELHA 18 A 22 DE FEVEREIRO DE 2019

### IV SEMANA DE LETRAS

Linguagem e Ideologia: representações possíveis entre língua e literatura

ANAIS DA IV SEMANA DE LETRAS DA URCA - MISSÃO VELHA-CE

#### Copyright© dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte da obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Capa: Fransuelio Nobre Frazão Gráficos da Capa: Designed by Freepik Diagramação: Adílio Junior de Souza, Cássia da Silva e Paula Perin

#### Conselho Editorial:

Adílio Junior de Souza (UFPB/URCA, Brasil) Ana Carolina Negrão Berlini de Andrade (URCA, Brasil) Antônia Eudivânia de Oliveira Silva (UFRN/URCA, Brasil) Cássia da Silva (UERN/URCA, Brasil) Cícera Janaína Rodrigues Lima (UERN/URCA, Brasil) Cícero Émerson do Nascimento Cardoso (UFPB/URCA, Brasil) Eufrásio Jr. Figueiredo (URCA, Brasil) Felippe Gonçalves Valdevino (URCA, Brasil) Geórgia Maria de Alencar Maia (URCA, Brasil) Josilene Marcelino Ferreira (URCA, Brasil) Marcos André Ferraz de Lima (URCA, Brasil) Maria Lidiane de Sousa Pereira (UECE/URCA, Brasil) Paula Perin (URCA, Brasil) Yara Ribeiro de Hollanda (URCA, Brasil) Rárisson Jardiel Santos Sampaio (URCA, Brasil) Ruth Rodrigues Santos (URCA, Brasil) Samara Inácio da Silva (URCA, Brasil)

Jorgivania Lopes Brito CRB 3-1156

Semana de Letras da URCA (4. : 2019 : Missão Velha, CE)

Anais da IV Semana de Letras da URCA: Linguagem e ideologia: representações possíveis entre língua e literatura, 18 a 22 de fevereiro de 2019, Missão Velha, CE [recurso eletrônico] / conselho editorial Adílio Junior de Souza ... [et al.] — Missão Velha: Edoc Brasil, 2019.

E-book.

S471a

ISBN 978-65-80449-50-7

1. Linguística. 2. Literatura. I. Universidade Regional do Cariri. Campus Missão Velha. II. Título.

Dados Internacionais de Catalogação

CDD: 410

### **SUMÁRIO**

SUMÁRIO	4
APRESENTAÇÃO	6
Prática Docente na Educação Básica e Superior	
AVALIAÇÃO: REFLEXOS NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS PÚBLICAS	9
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I	18
RETRATOS DA EDUCAÇÃO	23
A CONTRIBUIÇÃO DOS LIVROS INFANTIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO	28
METODOLOGIA E PRÁTICAS DOCENTES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO BÁSI	
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO SUPERIOR	
REFLEXÕES SOBRE A MONITORIA UNIVERSITÁRIA: COMO FAZEMOS O ENSINO UNIVERSITÁRIO?	
CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR E A BNCC: REPÓRTERES POR UM DIA	58
LITERATURA ERÓTICA: FACE PEDAGÓGICA DE ERO	64
UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA: DESTACANDO A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA E DA LEITURA ATRAVÉS DE TEXTOS REFLEXIVOS	72
OS PROCESSOS DE ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ENQUANTO SUJEITOS SOCIAIS	80
DESENHO: UMA NOVA ESTRATÉGIA INOVADORA NAS AULAS DE ANATOMIA HUMANA	87
Discurso e Representações Sociais	92
BREVES PERCEPÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA BRASILEIRA: RELENDO SENHORA DE JO DE ALENCAR	
Inclusão escolar: formação docente e desafios para implementação1	102
GÊNERO RECEITA: RELAÇÕES ENTRE BILINGUISMO E MULTIMODALIDADE NA CLASSE REGULAR	103
ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR	113
ANÁLISE E CONVÍVIO: OBSTÁCULOS ENCONTRADOS NA FORMAÇÃO ESCOLAR E OS DESAFIC NA TRAJETÓRIA DA VIDA	
O PROFESSOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DISLÉXICOS	127
Descrição e Análise Linguística	132
OS EFEITOS NOCIVOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO	133
A IMPORTÂNCIA DA FONÉTICA E FONOLOGIA	141
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: COMO O SER HUMANO CONHECE E DESENVOLVE A LÍNGUA MATERNA	149
ICONICIDADE LINGUÍSTICA E A EXPRESSIVIDADE DOS FONEMAS: O EFEITO TAKETE-MALUM	
Estudos Literários: Múltiplas abordagens1	
AS RELAÇÕES INTERSEMIÓTICAS EM ORIETOS CORTANTES: A REPRESENTAÇÃO FEMININA	

	166
A OPOSIÇÃO ENTRE A CIDADE E O CAMPO NO ROMANCE "A CIDADE E AS SERRAS" DE EÇA QUEIRÓS	A DE 172
UM RECORTE SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	179
O DINHEIRO COMO REQUISITO PARA A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO CONTO "COMEÇOS DE UMA FORTUNA", DE CLARICE LISPECTOR	185
UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE LITERATURA PARA O ENEM	192
A LITERATURA E SUAS MÚLTIPLAS METODOLOGIAS PARA O ENSINO	199
arrativas de vida: saberes, sentidos e experiências de formação	207
O BERÇO E A MÁQUINA: NARRATIVAS DE COSTUREIRAS	208
OS MÉTODOS SINTÉTICOS E ANALÍTICOS DA ALFABETIZAÇÃO: VANTAGENS E LIMITAÇÃO	)213
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SUAS TRANSFORMAÇÕES: SABERES NECESSÁRIOS PA EFICÁCIA NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	RA A 220
MEMORIAL DE LEITURA: MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO ENQUANTO LEITOR. CRÍTICA	
OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS DURANTE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA	235
MINHA HISTÓRIA DE VIDA COM A LEITURA	244
MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO LEITORA	250
DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA: RELATOS DE UMA LEITORA EM FORMAÇÃO	
A EXPERIÊNCIA NO MUNDO DA LEITURA: O FLASHBACK DE UMA VIDA	263
MEMORIAL DE UMA LEITORA EM FORMAÇÃO	271
NARRATIVAS DE VIDA: REFLEXOS DA LEITURA	
O MEMORIAL COMO RECURSO DE (RE)VISITA AO PASSADO: LEMBRANÇAS DE LEITURA	284

### **APRESENTAÇÃO**

"Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo" (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2009, p. 31)

A ideologia é uma construção interindividual, ou seja, não é fruto de uma consciência única, mas sim das relações estabelecidas dialogicamente entre os indivíduos que participam de um mesmo contexto social. De acordo com Bakhtin e Volochinov (2009), o tema ideológico sempre terá um valor social, não sendo fruto apenas de uma consciência, mas de inúmeras consciências que dependendo da posição ocupada socialmente pelos sujeitos possibilitará a construção de valores ideológicos diferenciados, que só podem existir entre pares sociais.

Diante do exposto anteriormente a ideologia é construída através de indivíduos socialmente organizados. Estando a ideologia presente em todas as organizações sociais e sendo construída através da comunicação entre consciências, as quais geram diálogos. É possível afirmar que existe uma interação entre as mais variadas esferas sociais e suas manifestações culturais e históricas através do diálogo, sejam nas esferas artísticas, como a música e a literatura, ou não, como no caso da conversa cotidiana. Nesse sentido, compreendemos o diálogo como uma interação entre sujeitos sociais que não necessariamente convergem para o mesmo ponto de vista, mas constroem os seus dizeres ideológicos a partir da interação.

Partindo do pressuposto que é possível estabelecer diálogos e identificar as ideologias presentes nas mais variadas manifestações sociais, a IV Semana de Letras do campus Missão Velha da Universidade Regional do Cariri (URCA), realizada entre os dias 18 e 22 de fevereiro de 2019, intitulada "Linguagem e Ideologia: Representações possíveis entre Língua e Literatura", teve como proposta a reflexão sobre as mais variadas formas de representação ideológica constituídas por meio da língua e da literatura, as quais estabelecem diálogos entre as mais variadas esferas sociais.

Dessa forma, a coletânea que apresentamos expõe a seguir os textos que foram apresentados e discutidos durante a IV SEMANA DE LETRAS DE MISSÃO VELHA. Esses

trabalhos apresentam contribuição ao tema do evento, manifestando, por sua vez, posicionamentos ideológicos frente à realidade social que os cercam. Convidamos vocês, leitores que vieram ao encontro das nossas consciências presentes nos trabalhos aqui expostos, a conhecer as nossas reflexões, em textos que versam sobre a ideologia na língua e na literatura.

Cícera Janaína Rodrigues Lima Profa. Coordenadora do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri – URCA, Campus Missão Velha

# Prática Docente na Educação Básica e Superior

# AVALIAÇÃO: REFLEXOS NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS PÚBLICAS

**José Watla dos Santos Faustino** 

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

José Washington dos Santos Faustino Graduando em Letras

Universidade Regional do Cariri (URCA) faustino20102@hotmail.com

Célia de Jesus Silva Magalhães

Ex-docente do Curso de Letras
Universidade Regional do Cariri (URCA)
celia.magalhaes@urca.br

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo refletir sobre a avaliação de ensinoaprendizagem do aluno, modelo que funciona na maioria das escolas públicas brasileira de modo tradicional, ou seja, a partir de provas, testes, trabalhos e outros instrumentos avaliativos. Também, deixar patente a importância da avaliação como instrumento importante, não somente para medir quantitativamente ou qualitativamente os resultados da escola, do trabalho pedagógico do professor e a assimilação de conteúdos pelos alunos, mas realçar seus reflexos além disso. No entanto, é preciso refletir que a avaliação tradicional é vista como um modelo que precisa de um olhar amplo e sistematizado da prática pedagógica do professor, sendo elementar para o processo de ensino-aprendizagem. Haja vista também que o professor em sua ação pedagógica tem autonomia suficiente para inventar e reinventar sua própria prática e seu modo de avaliação, sem contudo fugir das questões sistemáticas da avaliação, mas levando em conta a promoção e o crescimento do aluno na perspectiva de desenvolver a aprendizagens no cotidiano da sala de aula. Assim, optamos pela metodologia de cunho bibliográfico, e em sua construção consideramos pertinente a contribuição de alguns autores, entre eles Brasil (2002), Libâneo (2013), Freire (1978), Bourdieu (2014), Haydt (2008) e outros que dialogaram conosco ao longo desse trabalho. Por fim, realçamos que uma avaliação realizada sem ter como parâmetro a exclusão do aluno, potencializa a aprendizagem e os saberes, e permite avanços quantitativos e qualitativos no sistema educacional, na escola e na aprendizagem do aluno. Em síntese, a avaliação é o tema gerador deste estudo devido ao fato de que o desenvolvimento e aprendizagem do aluno são assuntos inteiramente importantes como atividades docentes, logo a avaliação entra como parte integradora desse processo educativo, com finalidade de julgar o rendimento dos alunos. Contudo, convidamos os leitores professores, pesquisadores e educandos a discutir conosco esse assunto.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino-aprendizagem. Professor.

#### 1 INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo refletir sobre a avaliação de ensino-aprendizagem do aluno, modelo que funciona na maioria das escolas públicas brasileira de modo tradicional, ou seja, a partir de provas, testes, trabalhos e outros meios avaliativos. Também, deixar patente a importância da avaliação como instrumento relevante, não somente para medir quantitativamente ou qualitativamente os resultados da escola, do trabalho pedagógico do professor e a assimilação de conteúdos dos alunos, mas realçar seus reflexos além disso.

No entanto, é preciso refletir que a avaliação tradicional é vista como um modelo que precisa de um olhar amplo e sistematizado da prática pedagógica do professor, sendo elementar para o processo de ensino-aprendizagem. Haja vista também que o professor em sua ação pedagógica tem autonomia suficiente para inventar e reinventar sua própria prática e seu modo de avaliação, sem contudo fugir das questões sistemáticas da avaliação, mas levando em conta a promoção e o crescimento do aluno na perspectiva de desenvolver a aprendizagens no cotidiano da sala de aula.

Assim, optamos pela metodologia de cunho bibliográfico, e em sua construção consideramos pertinente a contribuição de alguns autores, entre eles, Libâneo (2013), Freire (1978), Bourdieu e Passeron (2014), Haydt (2008) e outros que dialogaram conosco ao longo desse trabalho. Em síntese, a avaliação é o tema gerador deste estudo devido ao fato de que o desenvolvimento e aprendizagem do aluno são assuntos inteiramente importantes como atividades docentes, logo a avaliação entra como parte integradora desse processo educativo, com finalidade de julgar o rendimento dos alunos. Contudo, convidamos os leitores professores, pesquisadores e educandos a discutir conosco esse assunto.

#### 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A avaliação é um instrumento importante para encontrar na educação caminhos sensatos para medir a qualidade do ensino e de aprendizado dos estudantes fielmente matriculados na escola. Vamos tecer os reflexos atuais de avaliação de aprendizagem

usada na maioria das escolas públicas brasileira, sendo o principal foco dessa discussão. Pois, ao invés de ser um instrumento de crescimento do aluno, infelizmente, no contexto atual, "a avaliação é a problematização da própria ação" (Freire, 1978, p. 21). Mas por quê? Antes dar responder a esta afirmativa do autor, é preciso entender mais sobre avaliação.

Didaticamente, segundo o teórico e professor Libâneo (2013), Haydt (2008) e Luckesi (2005) a avaliação nada mais é que uma reflexão, um julgamento sobre o nível de qualidade tanto trabalho do professor quanto o nível de aprendizagem do aluno, ou melhor, um instrumento escolhido pedagogicamente para coletar os resultados quantitativos e qualitativos do ensino. Dos princípios formativos de avaliação, é verificar se o aluno está dominando os conteúdos.

Com essa definição, é perceptível que avaliar é buscar resultados que foram alcançados no processo de ensino- aprendizagem. É investigar até que ponto as metas previstas foram atingidas. E acrescenta Libâneo (2013, p. 216) que:

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuições de notas. A mensuração apenas proporciona dado que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnostico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação de rendimento escolar.

Logo, cabe ressaltar que: "a escola não é um laboratório nem uma usina informalizada" Tardift, Lessard, (2007, p. 56). No entanto, as concepções de avaliação utilizadas por professores no contexto atual, estão enraizadas em provas bimestrais e em que o aluno é submetido a respondê-la, causando, portanto, a insatisfação de alunos e professores no âmbito do processo de ensino-aprendizagem.

Libâneo (2013) diz que avaliar com provas escritas e outros instrumentos de verificação são meios necessários de obtenção e informação sobre o rendimento dos alunos. Todavia, a restrição da avaliação acaba mensurando outras capacidades e conhecimentos que todo aluno possui além do conhecimento que são construídos na escola. E reafirma Haydt (2008) que provas e testes são métodos insuficientes para medir o nível de aprendizagem do aluno.

Portanto, avaliar de maneira tradicional, focando somente nos resultados de trabalhos que são aplicados ao longo do bimestre, infelizmente é um entrave no

processo educativo das atividades docentes, conforme Angelino, (2011). No entanto, infelizmente, hoje a maioria das escolas, apesar dos avanços que tivemos ao longo dos anos, está enraizada no ensino tradicionalista, ou seja, centrado apenas na reprodução dos conteúdos. Criticamente, afirma Bourdieu e Passeron (2014) que a reprodução do sistema de ensino com intuição relativamente autônoma permite, por sua vez, a reprodução da cultura dominante, essa reprodução reforça como poder simbólico, a reprodução contínua das relações de força no seio da sociedade. Haja vista que "[...] os diferentes tipos de provas escolares, que são sempre ao mesmo tempo modelos regrados e institucionalizados de comunicação, fornece o protótipo da mensagem pedagógica e, mais geralmente, de toda a mensagem de uma certa ambição intelectual. " (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 171).

Assim, Libâneo (2013, p. 220) diz que:

[...] essa atitude ignora a complexidade de fatos que envolve o ensino, tais como os objetivos de formação, os métodos e procedimentos do professor, a situação social dos alunos, as condições e meios de organização do ensino, os requisitos prévios que tem os alunos para assimilar matéria nova, as diferenças individuais, o nível de desenvolvimento intelectual, as dificuldades de assimilação diversas a condições sócias, econômicas, culturais adversas do aluno.

Quando o autor afirma que essa "complexidade dos fatos, que envolve o ensino" é ignorada, podemos perceber que fica restrito o processo de aprendizagem, pois o sujeito é conectado ao seu mundo, a sua cultura, assim como o professor tem a sua formação e o seu contexto.

Segundo Haydt (2008) a avaliação tem uma função diagnostica, que a partir da coleta de publicas no Brasil, é muito frequente a existência de classes heterogenias, e que devido essas diferenças individuais e subjetivas para cada um deles, alguns alunos aprendem mais que outros. Desse modo, cabe ao professor, antes de tudo, verificar, se os alunos cumpriram com os pré-requisitos necessários.

O fato é também, que tal atitude interfere nos resultados de aprendizagem do aluno, e na maioria das vezes é despercebido pelo professor e na hora da avaliação o aluno não consegue atingir sua meta de acordo com que é cobrado pelo professor. Além disso, outro elemento importante é à clareza dos objetivos de avaliação no processo de

ensino e aprendizagem, pois "os alunos precisam saber que estão trabalhando e não que estão sendo avaliados" assinala LIBÂNEO (2013, p. 222).

Haja vista que:

O foco de toda avaliação jamais deve ser centrado no conteúdo trabalhado, mas na capacidade de contextualização revelada pelo educando em aplicar conceito, ou seja, através da participação efetiva nas aulas (atividades orais e escritas), a interação professor-aluno e também por meio de dinâmicas em grupo (LUCKESI, 2005, p. 56).

Em outras palavras, "[...] as avaliações devem ajudar todas as crianças a crescerem: ativos e os apáticos, os espertos e os lentos, os interessados e os desinteressados." Isto porque nenhum aluno é igual, nem no nível socioeconômico nem nas suas caraterísticas individuais e é dever do professor, facilitar o conhecimento dos alunos, sem restrição, sobre um posicionamento frente à classe, estabelecendo bases para as atividades de ensino e aprendizagem. (LIBÂNEO 2013, p. 223).

Todavia, também é preciso reconsiderar que em muitos casos, existem professores com outro olhar, que com os seus alunos sentem a necessidade de mudar a forma de avaliação, porém, esta não é uma mudança que acontece somente por parte, ou seja, é uma mudança que acontece quando a escola permite que o professor possa usar da autonomia para em comunhão com seus alunos possa criar e recriar suas próprias estratégias de ensino e avaliação.

Dessa forma, não há como deixar de destacar que no processo de ensino e aprendizagem do aluno, o saber avaliar o desenvolvimento do educando, é um ponto importante. O professor precisa saber "Avaliação e não inspeção" afirma Freire (1978, p. 21), e sim, um processo dialógico que exige um olhar em conjunto, uma prática, que verifique o seu desenvolvimento, os obstáculos encontrados ou os erros e equívocos por ventura acometidos. Também, não cabe no processo de ensino atual, uma avaliação apenas seletiva, ela necessariamente tem de se dar em função do processo de ensino e aprendizagem que se deseja desenvolver. Professor e aluno avaliam e são avaliados, pois, a seletividade, a classificação, nada mais representa que a reprodução de desigualdade. Afirma (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Na verdade, a avaliação precisa levar em consideração não só estes aspectos, requer uma análise peculiar a subjetividade de cada escola, cada sala de aula e cada aluno.

Mas infelizmente, ainda maior parte das escolas contemporâneas coincidem com modelo de ensino tradicional, no qual o educador deve somente transmitir o conhecimento e as informações, mantendo sempre o distanciamento dos seus alunos, fazendo deste sujeito- aluno, nesse modelo, um indivíduo passivo.

Dessa maneira, Libâneo (2013) vem afirmar também que avaliar não deve consistir somente em aprovar e reprovar os alunos, selecionando aqueles que segundo suas avaliações e testes apontaram com bons e ruins, afinal, é insuficiente se restringir apenas as verificações e provas no final do bimestre. Haja vista, esta não ser a função da educação, por isso, faz se necessário um novo olhar pedagógico, um posicionamento diferente na elaboração de suas atividades, que permitam avaliar outros saberes que os alunos possuem, ao invés de regrá-los com sua autonomia dentro de sala de aula. "Buscar a autoridade na sala de aula por meio de avaliação - demonstra despreparo do professor – pois, aulas bem planejadas, que utilizam recursos variados, são capazes de prender a atenção dos alunos e evitar a indisciplina" (ANGELINO, 2011, p. 3).

Escola, educadores e educadoras precisam estar concisos que: selecionar e dividir uma classe por bons e ruins não garante a escola um ensino de qualidade, tampouco contribuirá para que os alunos possam vir a aprender, mas pelo contrário, gera uma insatisfação do ensino, onde a escola não consegue ensinar a todos e, todos não conseguem aprender, quebrando a meta da qualidade de ensino. Haja vista agora entendermos a razão pela qual a avaliação no contexto atual, acontece como a problematização da própria ação doente.

Outro fator identificado que altera o sentido pleno da avaliação e que precisa ser mencionado é que, em algumas circunstâncias a avaliação tem sido para os professores uma maneira de instaurar dentro de sala de aula sua autoridade, amedrontando aqueles alunos que não se "comportaram" (destaque nosso) ao longo do ano letivo. Em casos como este "[...] o professor reduz à avaliação a cobrança daquilo que o aluno memorizou e usa a nota somente como instrumento de controle (destaque nosso)." Ainda hoje há professores que se vangloriam por deter o poder de aprovar e reprovar. (Libâneo 2013. p. 216) e não contribui para processo de aprendizagem do aluno.

Tal pedagogia adotada pela escola, consequentemente usada pelo professor, ao invés de trazer resultados qualitativos no processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos, acabam prezando somente pelos dados quantitativos de aprovados e reprovados.

Tal modelo de avaliação adotado pela escola acaba voltando-se contra suas metas de aprendizagem. Isto é, quando a escola apresenta ao sistema um número de reprovados superiores aos aprovados, à escola é vista como um fracasso educacional e este não só um problema para a escola, mas acaba sendo uma escola que retira do aluno seus sonhos e, em certas circunstâncias, a vontade de aprender.

Neste caso, segundo Luckesi, (2005, p. 48):

[...] o educador deve rever sua forma de avaliação, levando sempre em consideração as informações, os conhecimentos trazidos a partir da família, religião, cultura entre outros. Assim sendo, o educando propicia um maior crescimento para o seu desenvolvimento e construção de sua personalidade. A prática de avaliar deve ser revista, dar notas, fazer provas, avaliar.

Dessa forma, é possível perceber que avaliar um aluno não é um trabalho fácil, pois requer saber avaliar com competência, justiça e forma igual, melhor dizendo, alunos diferentes merecem um atendimento, uma avaliação de modo diferente, prezando pelos saberes de todos conforme os princípios de equidade. Além disso, o professor precisa estar certo da necessidade de saber avaliar seus alunos e da responsabilidade da ação docente e do planejamento de suas aulas e que por sua vez merece enfoque, pois o planejamento corrobora para na promoção da ação do ensinar dos professores, e que facilite e mediatize seus conhecimentos, logo oportunizando avaliações além de testes, trabalhos e provas.

Cabe, portanto, aos mestres educadores mediante aos desafios do contexto atual, os problemas de uma sala de aula e uma escola que segue princípios contemporâneos saber que:

A vida hoje na escola, na sala de aula, tem que ser muito mais a transmissão de um conteúdo sistematizado do saber. Deve com certeza, incluir a aquisição de hábitos e habilidades e a formação de uma atividade correta frente ao próprio conhecimento, uma vez que o aluno deverá ser capaz de aplica-lo e reconstruílo em situação próprias do seu contexto de vida. (SCHMIDT; RIBAS; CARVALHO, 1998, p. 16).

Diante disso, saber da importância da própria prática pedagógica não é só essencial na promoção das aulas de um professor, mas é imprescindível saber avaliar cada aluno conforme suas necessidades, diferenças e ritmo de aprendizagem e aptidão.

As ideias de avaliação tradicional, portanto, por se resumir a aplicação de testes e provas acaba não só fazendo com que a avaliação esteja voltada para a aprovação e reprovação de alunos, mas a partir do processo de ensino e aprendizagem acaba intervindo no diagnóstico de desenvolvimento das múltiplas capacidades do aluno, inclusive, o senso critico, e de fazer entender a importância da alteridade do aluno com os seus colegas. Este modelo acaba sendo negativo na aquisição e desenvolvimento de conhecimento do aluno, seja qual for à etapa de ensino: fundamental ou médio. Logo lembramos que estes princípios básicos são de fato de responsabilidade maior da família. Todavia, a escola deve contribuir no desenvolvimento dessas capacidades e neste caso, avaliar consiste em rever todos esses aspectos, considerando o aluno como um sujeito que pensa, mas que tem todo um contexto em que está inserido.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vimos que a avaliação é instrumento adotado pedagogicamente na educação para que o professor consiga diagnosticar o êxito de suas atividades docentes, ou seja, os passos dados por ele e seus alunos ao longo do processo educativo. Dessa forma, tecemos os reflexos atuais de avaliação de aprendizagem usada por maior parte das escolas públicas brasileira e entendemos a necessidade de que se amplie não somente a concepção de avaliação usada tradicionalmente, mas a forma como o aluno é avaliado neste modelo.

Dessa forma, fica claro que a avaliar é uma tarefa complexa, e para obter rendimento escolar e não o fracasso escolar, o avaliar não pode se restringir apenas a aplicação de testes, provas, trabalhos etc. muito menos rotulação e classificação de alunos. Espera-se que a avaliação consiga diagnosticar o pleno desenvolvimento e aprimoramento das capacidades de cada aluno, e o êxito das atividades pedagógicas do professor.

Contudo, a avaliação como fator importante e norteador do aprendizado de cada aluno, sujeito de sua aprendizagem, merece destaque quando é levado em consideração os diferentes saberes desses sujeitos e suas dificuldades, também, compreender a multidimensionalidade contida na sociedade, de que há pessoas com diferentes saberes, que seguem ideologias distintas, tem gênero, raça e perspectivas todas diferentes uma

das outras. Dessa forma, questões estas, bem administradas potencializa o aluno dos seus saberes, e permite avanços quantitativos e qualitativos no sistema educacional do país. Por fim, esperamos que embora sem contemplar um aprofundamento teórico abrangente, este ensaio possa oferecer aos leitores uma reflexão sobre o ato de avaliar a aprendizagem do aluno, neste contexto novo e questionador de uma educação que apresenta mudanças e fragilidades.

#### REFERÊNCIAS

ANGELINO, Edilva Ferreira. **O reflexo da avaliação no processo de ensino e aprendizagem**. Posse: Goiás, 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Lean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. 6.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013. ISBN:978-85-249-1603-8.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SCHMIDT, Leide Mara; RIBAS, Mariná Holzman; CARVALHO, Marlene Araujo de. **A prática pedagógica como fonte de conhecimento.** Olhar de professor, Ponta Grossa, 1(1):9-23, out.1998.

TARDIF, Maurice; Lessard, Claude. **O trabalho docente hoje:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas; tradução de João Batista Kreusch. 3.ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2007.

# A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Marta Janoca de Araújo

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Ramires Pereira Romão

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) <u>ramiresletras@gmail.com</u>

Abzael Lucas de Melo Santana

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO**: Este artigo tem por objetivo conhecer as dificuldades dos alunos nas séries iniciais, buscando indicar as melhores formas de incentivo dos docentes aos seus alunos, implementando de acordo com a necessidade de cada criança. Além disso, a prática docente nas aulas de português, que podem favorecer o ensino de leitura. A importância da leitura nos anos iniciais é o ponto de partida para o avanço e crescimento do aluno em sua vida estudantil, principalmente em seus primeiros contatos com a escola. Pois, são nesses tempos que a criança desperta para o aprendizado. É neste momento em que o papel do professor aumenta, pois cabe a ele ser o grande incentivador de seus alunos para a leitura e escrita. A leitura não deve ser praticada somente por obrigação, mas por prazer. A criança, no seu início de aprendizado, deve ter o máximo de contato com livros, gibis, revistas, pois é a partir deste contato que o leitor vai interagindo ainda melhor com seu meio social. Muito se percebe que nas crianças que praticam leitura, seu desenvolvimento é superior aos que não tem o habito de ler. O tema a importância da leitura nos faz pensar e refletir o modo como as crianças e também os jovens praticam a leitura em seu dia a dia; também se é praticada em suas aulas de maneira prazerosa e satisfatória; se nas escolas os alunos têm momentos de leitura; se há biblioteca na escola, cujos livros atendam os públicos e se há uma quantidade disponível para favorecer os alunos. Ler é um ato muito importante, traz muitos significados para o praticante. É notório quando uma criança está em sua fase de aprendizado, pois sua alegria vem de estar a todo o momento lendo, mesmo que seja uma leitura demorada, mas aos poucos ficará rápida e ele não terá mais vergonha de ler em público, e terá menos dificuldade para resolver suas atividades. Infelizmente ainda há crianças que não são alfabetizadas, mas que estão juntas com os que têm menos dificuldades. Há salas de aula nas quais o professor precisa dividi-las, para poder atender este aluno e sua carreira não seja mais impedida. A partir desta necessidade, o educador deve criar suas ideias e instigar seu aluno à leitura. Todo professor deseja ver sua turma evoluir, por isso sua vontade de ajudar e ver um sorriso no rosto, satisfação em passar em determinado lugar e reconhecer ao passar pela segunda vez. Muitos por orgulhar seus pais que não tiveram a oportunidade de ser uma pessoa "livre". De certa forma, o filho aprendendo, os pais terão a mesma sensação de sonho realizado. É importante que o professor busque conhecer a realidade de cada um e ajude da melhor maneira possível, levando sempre em consideração que cada criança tem seu tempo certo de aprender, mas se partir do incentivo de alguém, ela poderá ser ainda mais beneficiada. Cabe isso também à família, pois ela é quem deve ter a maior participação na vida de seus filhos, principalmente no início de seus estudos.

Palavras-chave: Incentivo. Leitura. Criança. Professor.

#### 1 INTRODUÇÃO

A importância da leitura nos anos iniciais é o ponto de partida para o avanço e crescimento do aluno em sua vida estudantil, principalmente em seus primeiros contatos com a escola. Pois, são nesses tempos que a criança desperta para o aprendizado. É neste momento em que o papel do professor aumenta, pois cabe a ele ser o grande incentivador de seus alunos para a leitura e escrita. A leitura não deve ser praticada somente por obrigação, mas por prazer. A criança, no seu início de aprendizado, deve ter o máximo de contato com livros, gibis, revistas, pois é a partir deste contato que o leitor vai interagindo ainda melhor com seu meio social. Muito se percebe que nas crianças que praticam leitura, seu desenvolvimento é superior aos que não tem o habito de ler.

O tema *a importância da leitura* nos faz pensar e refletir o modo como as crianças e também os jovens praticam a leitura em seu dia a dia; também se é praticada em suas aulas de maneira prazerosa e satisfatória; se nas escolas os alunos têm momentos de leitura; se há biblioteca na escola, cujos livros atendam os públicos e se há uma quantidade disponível para favorecer os alunos. Ler é um ato muito importante, traz muitos significados para o praticante. É notório quando uma criança está em sua fase de aprendizado, pois sua alegria vem de estar a todo o momento lendo, mesmo que seja uma leitura demorada, mas aos poucos ficará rápida e ele não terá mais vergonha de ler em público, e terá menos dificuldade para resolver suas atividades. Infelizmente ainda há crianças que não são alfabetizadas, mas que estão juntas com os que têm menos dificuldades. Há salas de aula nas quais o professor precisa dividi-las, para poder atender este aluno e sua carreira não seja mais impedida. A partir desta necessidade, o educador deve criar suas ideias e instigar seu aluno à leitura. Todo professor deseja ver

sua turma evoluir, por isso sua vontade de ajudar e ver um sorriso no rosto, satisfação em passar em determinado lugar e reconhecer ao passar pela segunda vez. Muitos por orgulhar seus pais que não tiveram a oportunidade de ser uma pessoa "livre". De certa forma, o filho aprendendo, os pais terão a mesma sensação de sonho realizado.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A importância da leitura nos anos iniciais é um assunto abrangente e que afeta muitas escolas, que recebem crianças com dificuldades de aprendizado, leitura, e escrita. Temos interesse em saber como os professores ministram suas aulas, favorecendo ou não a leitura de seus alunos. Não somente a leitura de palavras, mas também de figuras, pois é a partir desta visão de figuras que a criança vai associando o nome à figura. A criança não pode ser julgada por ainda não conseguir ler ou até mesmo interpretar pequenos textos, pois nunca se sabe o que há por trás da vida deste individuo.

É importante que o professor busque conhecer a realidade de cada um e ajude da melhor maneira possível, levando sempre em consideração que cada criança tem seu tempo certo de aprender, mas se partir do incentivo de alguém, ela poderá ser ainda mais beneficiada. Cabe isso também à família, pois ela é quem deve ter a maior participação na vida de seus filhos, principalmente no início de seus estudos. Acompanhar, ajudar nas atividades, incentivar a leitura, elaborar pequenas atividades e ajudá-la na resolução das que são levadas da escola. Se houvesse o mínimo de participação dos pais na vida estudantil de seus filhos, talvez não existissem tantas crianças com dificuldades de leitura e escrita.

O ato de uma criança praticar a leitura é tão importante quanto o brincar. Desde cedo ela poderá enxergar novos horizontes e ser autora de suas imaginações e atos. Com a leitura sendo praticada por prazer, o leitor viaja sem sair do lugar, amplia seu vocabulário, tem facilidade para falar em público e muito mais para resolução de suas atividades.

Atualmente, sabe - se da dificuldade dos educandos em produzir em sala de aula. Segundo parâmetros curriculares nacionais- PCN (BRASIL, 1998) e a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB-9394/96 orientam que o

aluno precisa desenvolver domínio pleno da leitura e escrita. Diante desse fato é mister observar que o professor precisa utilizar estratégias para viabilizar o processo de ensino aprendizagem, e assim, desenvolver a proficiência leitora e produtora de textos nos educandos. (LENDL; SAMPAIO; OLIVEIRA, 2017, p. 95).

É importante que os estudantes possam ir à biblioteca, procurar livros e revistas que sejam de seus interesses, mas ocorre um grande problema mais sério do que imaginamos, como o processo de alfabetização que é gradativo, pois uma criança não aprende a escrever antes de ler: há também os níveis de alfabetização. Para que haja interesse dos alunos para com a leitura, devemos seguir.

A primeira etapa para uma aula de leitura interativa deve ser de orientação e de ativação dos conhecimentos prévios dos alunos. Para isso, acionamos os conhecimentos prévios dos alunos por meio de perguntas, explorando o título do texto e o autor. Criamos um cenário de antecipação contextual do texto a ser lido, associamos ideais a partir de palavras chave, para que o aluno se interessasse pela leitura. Nessa etapa, cujo o foco é observação e antecipação, o objetivo do professor é fazer que o aluno se familiarize com o texto a ser lido. (LENDL, SAMPAIO, OLIVEIRA. 2017. p. 15)

O ato de ler serve para que haja melhor interpretação e compreensão dos textos lidos, o aluno deve ser instigado a responder perguntas relacionadas ao texto que foi lido, pois é desta maneira que ele demostra que entendeu e também memoriza não somente de uma forma temporária. É também muito interessante que o professor se caracterize e crie um cenário para deixar a leitura real, facilitando assim a compreensão e participação dos alunos.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O professor deve estar ciente de que ele está formando cidadãos para a sociedade: ele não somente ensina, mas também educa. Por isso é extremamente importante que o professor seja um inovador e tenha uma boa relação com seus alunos. A leitura deve ser analisada, os docentes devem permitir que essas análises sejam procedida por um compromisso entre as ações da leitura, dentro disso, inserir atividade que busquem a compreensão de informações.

A leitura envolve um mundo imaginário, que será uma grande fonte de riquezas para o desenvolvimento cultural de cada indivíduo, mas aprender a ler não é tão fácil. Mas, o ato de ler só se torna possível, se for compreendida a linguagem escrita, palavras

que não sejam apenas fragmentos na composição textual, Mas que possua um significado claro e objetivo para o que o interlocutor possa refletir com mais facilidade. A maneira mais correta de fazer o aluno gostar de leitura é apresentar livros desde cedo, de uma forma dinâmica e que o aluno não tenha a leitura como obrigação, para que não seja praticada somente na escola, mas também em casa ou em qualquer outro lugar.

#### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

LERNER, Delia. É p reciso dar sentido à leitura. Nova Escola. São Paulo: Abril, 2006.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER, Neiva Otero et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

REDE CAMINHO DO SABER. **Conheça os níveis de alfabetização.** Disponível em: <a href="http://www.redecaminhodosaber.com.br/blog/conheca-os-niveis-dealfabetizacao">http://www.redecaminhodosaber.com.br/blog/conheca-os-niveis-dealfabetizacao</a>. Acesso em: 01 set. 2018.

### RETRATOS DA EDUCAÇÃO

Amanda Pereira

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) ap8682909@gmail.com

Gislaine da Silva Feitosa

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) gislainevasco@outlook.com.br

Cícera Janaína Rodrigues Lima

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) janainarodrigueslima@live.com

**RESUMO**: Este trabalho tem como objetivo mostrar como a escola pública brasileira precisa se adaptar à realidade social para o melhoramento da qualidade do ensino, assim tendo em vista que precisa não só educar, como também ser capaz de formar seres pensantes para se posicionarem perante a sociedade. Iremos mostrar o quão importante é a colaboração de pais e professores para o desenvolvimento do aluno. Trataremos sobre este tema, pois muitas escolas não foram capazes de acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade desmotivando os jovens. Portanto, a escola além de ensinar tem que se propor também a motivá-los a buscarem a aprendizagem de uma forma mais prazerosa. Para que haja uma educação de base sólida é preciso levar em consideração uma série de fatores políticos, econômicos, sociais e religiosos que implicam diretamente na forma de ensinar do professor, pois tem que saber lidar com as diferenças de cada pessoa em seu meio de crença. A metodologia usada para a produção desse trabalho foi uma pesquisa bibliográfica com ajuda de livros e artigos da internet.

Palavras Chave: Escola. Educação. Ensino. Aprendizagem. Professor.

#### 1 INTRODUÇÃO

A escola sozinha não consegue fazer com que o aluno se motive a buscar o seu potencial e sua motivação para aprender, levando em consideração o modo em que muitos vivem, é preciso a colaboração dos pais e professores para motivar o aluno a buscar a escola não só por obrigação, mas sim por querer, além de fazem com que ele sinta que é

algo necessário para sua vivencia, aprender e buscar o conhecimento.

Mas muitos alunos sofrem muita pressão em relação ao estudo e ao trabalho, para que consigam empregos e façam faculdade assim que o ensino médio acabar. O bullying é um dos grandes motivos de desmotivo para os alunos frequentarem a escola, visto que, não só isso implica, mas também fatores sociais, econômicos e familiares, o desemprego também é um grande responsável, porque muitos jovens deixam de estudar para trabalharem e ajudar a família com os gastos da casa. Segundo o Ministério da Educação (MEC) a quantidade de matriculas tem caído 8,7 milhões para 8,3 na última década.

Entendemos que o cenário econômico Brasileiro atualmente não é o melhor, pois segundo a Organização para o Desenvolvimento Econômico (OCDE) o Brasil gasta anualmente US\$ 3,8 mil (11,7 mil) por aluno no ensino fundamental até a quinta serie, o que é relativamente pouco para que haja infraestrutura capaz de agregar ao desenvolvimento e aprendizagem.

Como vimos as escolas Brasileiras enfrentam uma serie de dificuldades que além dos fatores internos a escola a o externo, precisando buscar o melhoramento da qualidade da educação, por isso precisamos começar a reformar no ensino fundamental, para que os alunos cheguem ao ensino médio tendo uma boa base de aprendizado.

As escolas do Ceará têm o maior índice de aprendizagem do Brasil 82 das 100 escolas públicas são do Ceará segundo a Secretaria de Educação do Estado (SEDUC) tem como base o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Idep) colocando o Ceará com nota de 6,1.

#### 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As avaliações escolares têm como foco avaliar o que o aluno aprendeu durante as aulas, mas sabemos que só isso apenas não dá conta de fazer com que o aluno venha a aprender apenas impondo-lhes provas, é preciso saber as dificuldades que cada um tem nas matérias, isso é dever do professor poder dar ao aluno com mais dificuldade em sua matéria uma atenção especial.

A provinha Brasil que ocorre no inicio do segundo ano de escolaridade do ensino fundamental, tem como foco identificar e avaliar as dificuldades e qualidades do ensino Brasileiro, é importante para que haja uma maior visão sobre os problemas que os alunos

encontram ao fazer a provinha que tem como base o Português e Matemática, esse interesse é por saber que ler e escrever não é suficiente para fazer pessoas pensantes com seus próprios conceitos de mundo, sendo assim capaz de agir em sociedade, nós entendemos que com muito esforço e colaboração de todos somos capazes de fazer com que a qualidade de ensino evolua para melhor, sem deixar ninguém para trás, mesmo sabendo das dificuldades que são árduas no dia a dia.

Os alunos com mais dificuldades de atenção em sala de aula são por falta de interesse no conteúdo ou por não acharem atraente, sabemos disso, mas o que também podemos ressaltar é como a escola lida com os alunos considerados difíceis, dando-lhes ocorrências ou suspensões dependendo do ato cometido dentro da escola, isso não resolve o problema, além de torná-los mais desmotivados a buscarem a escola com formas mais disciplinadas e possuindo um comportamento melhor. Podemos levar em consideração os fatores externos à sala de aula como, por exemplo, familiar e econômico, segundo dados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) mostra que o Brasil é um dos seis países que tem a maior taxa de jovens entre 15 e 16 anos no mercado de trabalho que estudam.

Conciliar trabalho e estudo nem sempre é fácil, por isso quando nós tratamos sobre tal assunto é importante saber que muitas vezes os alunos com menos condições veem como única fonte de alimento a merenda escolar, segundo os dados apontados pelo MEC, o orçamento do PNAE, Programa Nacional de Alimentação Escolar, para 2010 foi de apenas TRÊS BILHÕES, devemos considerar pouco, as escolas deveriam ofertar ao menos uma merenda como café da manhã e almoço, sabendo das dificuldades de muitos. As escolas, infelizmente, não conseguem suprir os problemas trazidos de casa, como a saúde física, psicológica e psiquiátrica, procurar meios para tornar ou melhor amenizar esses problemas seria um passo a frente para movimentar a carreira do aluno tanto profissional como pessoal, é de supra importância que haja esse entendimento sobre conceitos de vivência que possa existir.

Escolher a profissão nem sempre é uma tarefa fácil para os alunos, segundo os dados de uma pesquisa realizada pela Universidade Anhembi Morumbi com 18.477 alunos do 3 ano do ensino médio em São Paulo mostra que 27% ainda tem dúvidas sobre qual carreira quer seguir, está claro que é importante os professores falarem sobre profissões em sua sala de aula como forma de incentivar o aluno a buscar, aos alunos que

já decidiram a profissão ressaltar que é importante que ele prospere na escolha.

As dificuldades que os professores enfrentam no dia a dia para poder exercer seu trabalho é grande, como em sala com super lotação e péssimas infraestruturas não possibilitam o desenvolvimento nem do aluno nem do professor, o que acarreta uma série de problemas futuros, isso ocorre por poucos investimentos nas escolas públicas por parte do governo, como podemos ver escolas à distância não funcionaria, mas sim uma base de investimentos capaz de melhorar as escolas.

Essa base é importante não só para fazer os alunos, mas também a mantê-los na escola de forma produtiva, criar espaços em que os alunos interajam entre si também é uma forma sólida de qualidade, pois acomoda os alunos com os colegas e com o ambiente escolar.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como vimos nesse trabalho, a educação brasileira tem muitas falhas que desestabilizam a aprendizagem de modo geral, tanto afetando o aluno como o trabalho do professor, apenas ensinar já sabemos que não é suficiente para formar cidadãos, então devemos buscar formas para amenizar esses danos causados por vários fatores da sociedade, isso é impactante para o bom desempenho e motivação do aluno, se tornamos a escola um lugar mais agradável e interessante para o aluno, ela irá promover uma boa média escolar, sem contar que muitos desses jovens tem que ver a escola como um lugar de acolhimento.

Vamos ressaltar a importância que o professor tem na vida do aluno, para formálos não só como aluno, mas também como pessoa para que possa ser um cidadão não alienado. Não só o professor, mas todas as pessoas que cercam os jovens, é importante o apoio e motivação para a sua carreira, quando se trata de ser estudante há muitas dificuldade, mas não podemos desistir de buscar jovens com um futuro de qualidade e acima de tudo feliz em sua carreira escolhida, não é somente deixar eles por isso, mas sim buscar a união desses jovens, com boas escolas, merenda de qualidade, bons métodos de aula e com força de vontade do aluno também, mas não deixando de lado que, além disso, estamos em épocas difíceis, mas não impossíveis de fazer uma educação de qualidade e capaz de suprir os sonhos da nossa juventude, dando o devido valor ao professor, o profissional que forma todas as outras profissões, então sendo assim, não devemos desistir

da educação do nosso país.

#### REFERÊNCIAS

CALLARI, D.U. **Qualidade: retratos da educação Brasileira a atualidade.** Disponível em: <www.diaadiaeducação.pr.gov.br>. Acesso em: 22 dez. 2018.

BERMUDEZ, Ana. **Brasil No, 44% dos estudantes de 15 e 16 anos trabalham, mostra ranking**. Disponível em: <<u>www.educacao.uol.com.br</u>> . Acesso em: 22 dez. 2018 MAGGI, L. **Metade dos jovens escolhem carreira sem conhecer profissão**. Disponível em: <<u>www.veja.abril.com.br</u>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

# A CONTRIBUIÇÃO DOS LIVROS INFANTIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO

Maria Socorro Cavalcante da Silva

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Amanda Fernandes de França

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**Josilene Marcelino Ferreira** 

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) josymf.mf@gmail.com

**RESUMO**: O presente resumo expandido é baseado em obras de autores renomados, como: Paulo e Oliveira (2006), Silva, Barros e Moreira (2012), Monteiro Lobato (1947). Este trabalho tem o objetivo de relatar e enfatizar a contribuição da leitura infantil. Isso porque, é por meio do incentivo à leitura que a criança habitua-se a lê. À metodologia dará destaque aos sentimentos abstratos que são desenvolvidos através de afetos entre o mediador da leitura e o ouvinte; a contribuição da educação no processo gradativo da criança em virtude de sua aprendizagem; a demonstração de imagens e um dos recursos indispensáveis no momento da contação de histórias. Dando ênfase ainda, à importância dos escritos (obras) de Monteiro Lobato, sendo ele a principal fundamentação teórica deste trabalho. Considerado o percussor da Literatura infantil, suas obras possibilitarão ao leitor (mirim) utilizar-se de seu senso crítico-reflexivo através de indagações feito pelo professor embasado nas lições de morais transmitidas por histórias e contos, tendo ainda, o privilégio de debruçar de tudo aquilo que está ao alcance de seu olhar. É por meio das histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo, a qual dará destaque à personagem Emília, e que se tornar possível perceber que a curiosidade da criança é um dos pontos a ser trabalhado; utilizando-se dos diversos contos que o meio literário vem oferecendo. Diante disso, o meio educacional, é à base de ensino primordial do educando, é nesse período que a criança compreenderá e questionará o que está em sua volta tendo como condutor o próprio professor, conclui-se que à leitura é um forte suporte que faz a criança se apropriar de culturas e saberes acumulados pelo homem, mesmo que a criança não saiba ler ela conseguirá compreender através da ornamentação do ambiente, das atividades lúdicas e das linguagens mistas: verbal e não verbal que contém nos livros ou na sala. Além disso, é por meio da leitura que se torna possível demonstrar afeto, seja dentro da escola ou fora dela.

Palavras-chave: Literatura infantil. Monteiro Lobato. Despertar imaginativo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de relatar a importância da leitura e a contribuição que ela pode oferecer para o desenvolvimento da criança na educação. A inquietação é um dos fatores que faz parte da fase infantil, pois ela pode proporcionar que o professor, em sala de aula, utilize recursos atrativos para prender a atenção da criança, obtendo assim, resultados satisfatórios na sua aprendizagem.

É relevante trabalhar este tema, pois a fase infantil é uma etapa propicia para trabalhar o imaginário da criança. Utilizar-se dos recursos que compõem o livro em si (imagens, ambiente, personagens...), de forma a atribuí-los ao ambiente em que leitor e ouvinte estão contidos, é o mesmos que assimila-los e introduzi-los ao mundo real por meio da ornamentação do espaço, da utilização de fantasias e de objetos que lembrem os personagens ou momentos marcantes da história, e até mesmo a forma expressiva e as mudanças de entonação do leitor referente às falas dos personagens.

Essa interligação entre o mundo fictício e o real possibilitará que as crianças debrucem-se por meio do seu próprio mundo imaginativo. Quando o professor utilizase dos contos em sala ou quando a criança lê para si. Como diz Bento e Alves (2012), a presença da literatura infantil na escola e no lar apresenta um estimulo forte á aprendizagem da leitura. Silva. Barros e Nascimento (2012).

Será perceptível ao longo dos relatos que a criança habitua-se a lê através do laço familiar (momento pai e filho) e por meio da educação escolar. A contação de historias é um momento propicio a trabalhar os sentimentos abstratos como a emoção, a presença da literatura infantil na escola e no lar apresenta um estimulo forte a aprendizagem da leitura que é o pai como contador e o filho o ouvinte. Pois o espelho da criança é o adulto sob o "modo de ser" a percepção de seus atos faz com que adquira para si, aspectos as quais juga ser correto. Seu pensamento estará sintonizado com o seu pulsar imaginário.

Considerado, Monteiro Lobato, o percursor da literatura infanto juvenil marcou a infância de muitas crianças, e ainda hoje oferece o prazeroso encanto de suas obras. Fazendo o leitor e o ouvinte adentrar em suas obras retirando delas ensinamentos que promovem diálogos construtivos para a vida.

O ato de ler para crianças está além da leitura em si. Pois a necessidade de prender a atenção:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1996, p. 13, apud AURELIA, BENTO, ALVES, 2012, p. 13).

A contagem atrativa de qualquer conto influencia a ornamentação do ambiente que contenha recursos, objetos que possam focar a atenção da criança na história contada. A fase infantil é a base primordial de incentivo a leitura contribuindo assim para a elevação do imaginário que, por consequência, contribui no desenvolvimento do intelecto facilitando a percepção e demonstração de suas emoções.

As ilustrações contidas nas obras literárias são recursos indispensáveis na contagem da historia. O exemplo, da imagem ao lado. O famoso conto da Chapeuzinho Vermelho aborda temas discutidos no meio social que precisa ser trabalhados ainda na infância, como a desobediência. É sabido de fato que a criança não tem a mentalidade igualmente a de um adulto, mais as ilustrações ajudam no dialogo, na interpretação e na interação com o contador, utilizando-se da própria imagem como recurso atrativo da contação.

As histórias do escritor Monteiro Lobato, se faz presente na literatura infantil. Que por sua vez, enfatizou o mundo fantasioso que engloba o personagem imaginário da criança. Como diz: Oliveira (2006) "À personagem Emília já está preenchida em nossa imaginação, como todos os moradores do Sitio do Pica-Pau Amarelo, enfatizando Emília- boneca de pano/tranças/olhos de botão/esperto-curiosa e questionadora das normas sociais." (p. 14).

Quando a criança habitua-se a lê ela se torna questionadora daquilo de que o seu olhar está se debruçando. Assim, utilizando-se das fantasias proporcionadas pelos contos, sua infância estará sujeita a ser marcada pelos encantos que o mundo da fantasia oferece.

A imagem acima é um exemplo do quanto é importante trabalhar a leitura não só dentro da escola, mas também no âmbito familiar. Esse ato fortalece os laços entre

pai e filhos além de ser um prazeroso momento em família. A escola também tem uma forte contribuição, pois é através dela que a criança tem conhecimentos de lições de morais de forma lúdica que a tornará questionadora do seu meio social.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

De acordo com os estudos, percebemos que a literatura infantil conduz à criança a desenvolver dois tipos de sentimentos abstratos: imaginação e emoção. Das quais, conduz o leitor a experimentar sensações diferentes daqueles que a vida pode lhe proporcionar. Quando o professor utiliza-se dos contos em sala ou quando a criança lê para si. A particularidade do entendimento dos leitores mirins é adquirida decorrente de duas maneiras: explicita (a mensagem principal da história) e implícita (compreensão que se adquire para si, como lição de moral.).

Diante disso, a leitura de contos infantis é benéfica para as crianças alfabetizadas, como para as crianças que ainda não sabem ler palavras, mas compreendem e interpretam as ilustrações dos espaços exteriores. A essa exteriorização ver-se necessário citar que um educador busca o imaginário de uma criança que é adquirindo por meio de cantigas e historias narradas. Isso por que o ambiente (exterior) conduz a criança a interpretar as imagens diante de aspectos que se assemelham ao seu cotidiano.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um ser adulto que já foi criança no seu espaço tempo imaginou, desejou, sonhou e consequentemente lembrara desses momentos, por que ficou marcado no seu mundo infantil. Esses momentos só foram e são possíveis através do relacionamento: escola e família que transmitem educação e estimulam a leitura e proporcionaram momentos que só são possíveis nesse período (infância).

Por meio de análises, percebemos que o que marca um adulto é sua fase infantil que lhe faz imaginar a pessoa que quer ser quando crescer. Assim, é indispensável à leitura, porque é por meio dela que se adquiri conhecimento.

Os contos são fortes recursos que contribui no aprendizado gradativo de

qualquer individuo, não é diferente com as crianças que as faz trabalhar sua imaginação conseguindo expor seus sentimentos além de ajudar na interpretação de tudo aquilo que está ao seu olhar. "O conto de fadas tem um efeito terapêutico na medida em que a criança encontra uma solução para suas duvidas através da contemplação do que a historia parece implicar acerca dos conflitos pessoais nesse momento da vida." Além disso, a contribuição dos familiares é cruciais para o estimulo de seu senso critico.

É viável ressaltar que, parte da construção do ser adulto se constrói por meio de recordações que possa ser a base de uma vida estruturada. Isso por que um ser vivo se fortalece diante de obstáculo sabendo que pode haver uma 'quebra', se o sonho não for realizado, mais que poderá ser substituído por meio de uma ideologia construída diante das fases : infantil à adolescência que se antecipa a fase adulta.

#### **REFERÊNCIAS**

GONÇALVES, Zezé; RODRIGUES, Moacir; CAVALCANTI, Moema. **O sítio do Picapau Amarelo: fragmentos do Reinações de Narizinho e d'O Saci / Monteiro Lobato**. 12°ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LOBATO, Monteiro. **A Chave do Tamanho**. 1° ed. São Paulo: Globo Kids, 2012.

SILVA, Maria Auricelia Lima da; BARROS, Rosiane Bento; MOREIRA, Thiago Alves. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. Realize, 2012.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil**: Voz de Criança. 4º ed. Rio de Janeiro: Ática, 2006.

## OS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DE IMAGENS PARA A APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA

Maria Socorro Cavalcante da Silva

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Amanda Fernandes de França

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Célia de Jesus Silva Magalhães

Ex-docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) celia.magalhaes@urca.br

RESUMO: O presente resumo expandido tem o propósito de ressaltar a importância e a contribuição dos livros de imagens como um recurso essencial no processo de aprendizagem da educação infantil em seu processo continua de aprendizagem. É sabido, o quanto é antigo a presença de imagens no nosso meio social, com o passar dos anos tornou-se um recurso essencial do meio educacional. Por tanto, este resumo expandido tratará da relevância de se trabalhar com a leitura de imagens e das suas "n" contribuições na aprendizagem que se dá de forma continua. O objetivo está voltado para o processo de desenvolvimento da narrativa nos livros de imagens como também a importância de se ter escritores voltados para o público infantil. De forma metodológica o devido trabalho será desenvolvido utilizando-se de imagens da obra: A bruxinha atrapalhada, Eva Furnari, descrevendo todo o encadeamento narrativo destacando os aspectos pictográficos contidos nas ilustrações sendo eles responsáveis pela conexão de uma imagem a outra, que convém a facilitar o entendimento do leitor, a devida obra se aproxima de uma anedota por conter traços humorísticos ou engraçados. E, também, através de citações de obras que trabalham temas tais como: a força da amizade, a educação, higiene entre outros, temas de repercussão social que necessitam ser trabalhados na infância. A pesquisa se dará através do método bibliográfico recorrendo também a sites confiáveis. Pois assim como os livros o meio virtual é um forte aliado do pesquisador acadêmico. É essencial a contribuição de escritores que optam por escrever obras voltadas para o meio infanto juvenil, que vem a se tornar recursos didáticos do processo inicial da criança, que vai além da sala de aula. Onde o mediador inicia os primeiros progressos rumo a aprendizagem, da leitura usufruindo da leitura não verbal. Entretanto, o convívio no âmbito escolar reflete assim como no meio familiar, são locais de ensino aprendizagem continuo, pois o ser humano em seu processo de formação de aprendizagem não tem fim.

**Palavras-chave**: Literatura infantil. Monteiro Lobato. Despertar imaginativo.

#### 1 INTRODUÇAO

A pesquisa objetiva, descrever como se dá o processo de desenvolvimento da narrativa nos livros de imagens utilizando-se como base a obra: A bruxinha atrapalhada, Eva Furnari, destacando seu encadeamento simples que facilita a contagem e a interpretação da história; fundamentando-se no livro de Maria Alice Ribeiro que dá ênfase a literatura infantil na escola.

À metodologia dará destaque as imagens de uma das tirinhas que compõem o livro: a bruxinha atrapalhada descrevendo todo o processo de encadeamento que facilita a contagem e a compreensão do leitor. Destacando os aspectos pictográficos que contem nas imagens. E de suma importância trabalhar com imagens da educação infantil, pois são elas que oferecem o mundo da leitura não verbal. Sendo o professor o principal mediador de estimulo a leitura, os benefícios se dão através do trabalhar: imaginativo, sensações e a coletividade entre alunos através de diálogos envolvendo todos os participantes.

A diversidade de obras que o meio literário oferece ajuda o professor a trabalhar temáticas sociais que precisam ser ensinadas ainda na fase infantil, tais como: amor, união, amizade entre outros. São temas vivenciados no âmbito familiar que são reforçados na base da educação escolar. Assim como os livros de linguagem verbal transmitem ensinamentos para aqueles que já se propiciaram a leitura, também tem o poder de transmitir ensinamentos através da linguagem não verbal.

Diante disso é perceptível que a leitura está além das palavras, saber ler não se refere somente a pessoas alfabetizada, pelo contrario as crianças são exemplos vivos de seres que conseguem transmitir seu entendimento através das linguagens não verbais a importância de se ter autores focados tipo de leitura aumentam os matarias de suporte que os professores pedagógicos poderem utiliza-lo. Quando se trabalha com esse método de ensino facilita na aprendizagem da alfabetização, pois não a como em certa fase da aprendizagem não se depara em um único a linguagem verbal e não verbal.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O mediador da leitura deve atentar-se ao nível de complexidade da narrativa, pois

o público é infantil e pertence ao nível: pré-leitores; tento ainda, a preocupação de atraí- los para a contagem da historia. A relação de leitor e imagem se dá através dos aspectos gráficos contidos na obra, que pode ser entendido como uma espécie de convite para adentar à história.

Segundo Faria, a narrativa se dá através de uma situação de equilíbrio que está ligado com o desenvolvimento e desenlace da narrativa. Esses elementos contribuem no entendimento gradativo da história contada, em que o leitor se apropria da história tornando-se uma espécie de segundo autor.

Embasado no pensamento de Faria que o processo de encadeamento de uma imagem à outra da narrativa: A bruxinha atrapalhada que se divide em tirinhas será explicada através de três pontos, tendo como exemplo a tirinha intitulada O chapéu.

Figura 1 – Primeiro ponto – Equilíbrio (equivalente à situação inicial da narrativa)



É notável que a bruxinha esta sentada no banco e ao seu lado esta um gato, dormindo no chão. De inicio aparenta uma situação comum, mas é necessário atentar-se ao rabo do felino fora do retângulo, à varinha que está em cima do banco ao lado direito da bruxinha e um pássaro azul em cima do retângulo.

Figura 2 – Segundo Ponto – Desenvolvimento (refere-se à delineação do problema)



No segundo retângulo, percebe-se a mudança de sena, devido à mudança de posição dos personagens: pássaro – voou e pousa no banco do lado da bruxinha; bruxinha – está segurando a varinha mágica nas mãos, olhando fixamente para o

pássaro aparentando que esta preste a fazer algo. A essa afirmação remete-se aos indicadores gráficos; posição das mãos (juntas segurando a varinha), os olhos pontudos direcionados a ave; o gato acordado com um olhar desconfiado para a bruxinha.

Figura 3 - Terceiro ponto - A execução da mágica



No terceiro retângulo, observa-se a execução da mágica já no final, devido ao desaparecimento do pássaro da cena. Nota-se também, o quanto a bruxinha se esforçou para fazer à mágica. Indicadores gráficos: o esforço da bruxinha remete-se ao aparecimento de sua língua. Isso tudo ocorre sobre o olhar espantoso do gato da bruxinha e o modo de olhar do gato.

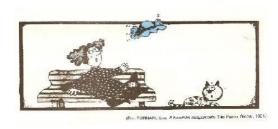
No quarto retângulo, é perceptível a satisfação da bruxinha com sua mágica e o olhar aliviado do gato e ao mesmo tempo desconfiado do gato. Indicadores gráficos: o riso em curva para cima.

Figura 4 – Quarto Ponto - O contentamento da bruxinha



No penúltimo retângulo nota-se o contentamento da bruxinha colocando o chapéu na cabeça; o gato muda de posição e está com o olhar mais aliviado, podendo assim deduzir que a mágica deu certo. Indicadores gráficos: as feições faciais visíveis da bruxinha e o olhar cerrado do gato.

Figura 5 - Quinto ponto – Desenlace (a última página ou fim da narrativa)



No último retângulo observa-se que o contentamento da bruxinha durou pouco tempo, pois o chapéu sai voando. É necessário ressalta que a narrativa se aproxima de mais de uma anedota, devido a uma situação inesperada e problemática, porém engraçada, tanto a bruxinha como o gato demonstram reações de assustados. Indicadores gráficos: o chapéu contem elementos não transformados (as pequenas asas) e sai voando. Tanto o gato como a bruxinha demonstram olhos arregalados e boca em forma de o.

Deve-se dá atenção aos aspectos pictográficos, pois são eles os condutores da leitura que contribuem como facilitadores de compreensão. Além das obras de Eva Furnary, há autores como Marcelo Pacheco a exemplo da obra: O menino, o jabuti e o menino que aborda a força da amizade, Ângela Lago e entre outros que enfatizam temáticas que merecem ser trabalhadas no âmbito escola ainda na infância.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resulta-se através dessa pesquisa que os livros de imagens correspondem mais do que objetos palpáveis, mas sim, como instrumentos essenciais da educação infantil, pois sem eles as crianças não poderiam exercitar seu imaginário e suas interpretações através de conversas e brincadeiras lúdicas. Assim como os livros de linguagem verbal possuem sua importância não é diferente com os livros de imagens, pois leitor não se refere somente aqueles que ler verbalmente, mas sim a tudo que está à frente do olhar. Sendo necessário, nesse caso, que o mediador da leitura trace critérios em relação a escolha do livro, pois há níveis de complexidade diferente necessitando de mais ou menos da atenção do leitor e do ouvinte.

A tirinha O chapéu, Eva Furnary é um exemplo atrativo de história que se dá através de um encadeamento simples que chama a atenção das crianças que aborda mágica e humor ao mesmo tempo. A leitura de imagem ajuda na perda da timidez, pois envolvem todos que participam do momento da história fazendo com que as crianças

absorvam através de momentos prazerosos ensinamentos de amor, amizade e de entre outros temas que necessitam saber desde cedo, pois o aprender vai além da sala de aula

# REFERÊNCIAS

FARIA Maria Alice. **Como usar a literatura Infantil na escola.** 5° ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FURNARI, Eva. Filo e Marieta. **Ilustrações de Eva Furnari.** 5°ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FURNARI, Eva. A bruxinha e o Godofredo. 8° ed. Sao Paulo: Gaia, 2005.

GREGORIN Filho; NICOLAU José. Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Ed. Melhoramento, 2009.

PACHECO, Marcelo. **O jabuti e o menino.** São Paulo: Panda Books, 2008.

# METODOLOGIA E PRÁTICAS DOCENTES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Reijeane Pereira Romão

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Elienai Almeida de Caldas

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Rafael Carvalho de Lacerda

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Roberta Maria Arraias Benício

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO:** O presente artigo tem por finalidade relatar o processo de ensinar e aprender que focaliza no educador e sua formação pedagógica para com seus alunos ou futuros alunos. Discorreremos sobre o processo de estágio provisório e como ele é importante nos cursos de licenciatura, já que para muitos estudantes é o seu primeiro contato com a sala de aula, visando a pratica do ato de lecionar, ou apenas observar. A metodologia utilizada para eventualmente produzir este trabalho foi uma pesquisa de campo de caso avaliativo em que foi realizado no município de Mauriti/CE em uma escola do ensino fundamental. A experiência do estágio supervisionado é um momento único e muito importante para os licenciados. Ele apresenta um conjunto de ferramentas de ensinoaprendizagem didático-pedagógicas que proporcionam ao licenciando a participação em situações reais de vida e trabalho, realizado na comunidade em geral. Partindo dessa concepção temos o estágio como a melhor ferramenta de aproximação, onde os licenciando conseguem desenvolvem diferentes práticas educativas, aliando o conhecimento teórico ao prático, utilizando do estágio supervisionado como um processo instrumental de pesquisa para conhecer a realidade da educação da localidade/comunidade em que está inserido. O estágio representa uma etapa importante no processo de formação inicial do educando, pois a partir do estágio supervisionado é possível vivenciar as experiências adquiridas ao longo desse processo, as quais visam à aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação. Percebemos que o processo de ensino e aprendizagem engloba uma série de questionamentos como a própria definição do que é aprender e ensinar. Por essa causa torna-se necessário que os educadores sejam capazes de compreender as diferenças de cada ação e saber escolher a melhor maneira que irá trabalhar um determinado tema. Os seus métodos devem ser revistos a cada momento, o ato de ensinar não pode ser algo paralisado, mas precisa passar por reformulações constantes para que a aprendizagem

do aluno seja alcançada. Por esse fundamento é preciso não apenas absorver conceitos como pôr em prática, o objetivo do educador deve ser acima de tudo, alcançar o aprendizado do aluno. E o estágio supervisionado é o momento essencial para que os universitários possam fazer acoplamento entre teoria e prática, tornando-se atividade relevante no que diz respeito ao desenvolvimento de competências indispensáveis à atuação pedagógica responsável. Desse modo, o presente relatório trata-se de um relato de experiência de três licenciando do curso de Ciências biológicas, ministrando a disciplina de ciências para adolescentes no ensino fundamental, onde iremos apresentar os aspectos importantes do desenvolvimento do estágio supervisionado. Após as vivências no estágio supervisionado, torna-se mais factível que os futuros educadores da área conheçam e reflitam sobre a atual educação básica.

Palavras-Chave: Ensino. Aprendizagem. Método. Didática. Estágio.

# 1 INTRODUÇÃO

A experiência do estagio supervisionado é um momento único e muito importante para os licenciados. Ele apresenta um conjunto de ferramentas de ensino-aprendizagem e didático-pedagógicas que proporcionam ao licenciando a participação em situações reais de vida.

O estágio representa uma etapa importante no processo de formação inicial do graduando, pois a partir do estagio supervisionado é possível vivenciar momentos e compartilhar experiências adquiridas ao longo desse processo, as quais visam à aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação. Os métodos devem ser revistos a cada momento, o ato de ensinar não pode ser algo monótono e cansativo, precisa passar por reformulações constantes para que a aprendizagem seja alcançada (BARROS, 2011).

Desse modo, o presente relatório trata-se de um relato de experiência de alunos da graduação do de Ciências Biológicas, ao ministrar a disciplina de ciências para adolescentes no ensino fundamental, realizado na Escola CEM – Centro Educacional de Mauriti, com o intuito de apresentar os aspectos importantes do desenvolvimento do estágio supervisionado. Após as vivências no estágio supervisionado, torna-se mais factível que os futuros educadores da área conheçam e reflitam sobre a atual educação básica que temos, despertandonos mesmos o desejo de mudar o cenário da educação atual.

# 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No estágio, o universitário tem a oportunidade de conhecer na prática a experiência da docência e superar suas deficiências através da reflexão de suas próprias praticas desenvolvidas, assim promovendo a contextualização dos temas trabalhados e a formação do pensamento crítico e reflexivo a respeito das questões científicas e sociais (RÚBIA et al, 2017).

Durante o período de observação, percebeu-se que enquanto uma professora era aguardada na porta e relembrada pelas turmas que já não possuíam aula com ela, outra era recebida com suspiros e reclamações, fato esse que possivelmente estava relacionado aos métodos escolhidos pelas professoras. Aulas em que os diálogos eram valorizados, demostravam maior produtividade. Permanecemos no campo de estágio por aproximadamente um mês e neste tempo observamos e auxiliamos.

Ao iniciarmos o período de regência, optamos pelas rodas de conversas, que foi uma importante ferramenta. Através de diálogos informais, observação e também de questionários (etapa 01 do processo), obtivemos várias evidências da importância de se manter um bom relacionamento entre alunos e professores, não apenas para tornar o ambiente escolar um lugar mais agradável, mas também para auxiliar o professor em suas escolhas metodológicas.

O ensino de ciência possibilita trabalhar efetivamente a teoria e prática até mesmo em sala de aula, e assim seguimos ministrando aulas práticas e inovadoras, a etapa 02, nas turmas do 6º ano com o tema Gases, utilizamos matérias de fácil acesso como, por exemplo, uma bexiga, bicarbonato, vinagre, água e vela, que após explicar o conteúdo serviu para analisar a presença do gás carbônico e a a ausência do oxigênio.

Para os alunos, foi algo novo e inovador, pois eles comentaram que "nunca tiveram uma aula com experiências", o que fez com que tivéssemos uma melhor relação durante o estágio. Na etapa 03, utilizamos recurso de mídias para transmitir para os alunos formas de cuidar do meio ambiente. E mais uma vez tivemos todo o envolvimento e participação dos alunos, até mesmo dos estudantes considerados pelos professores como introspectivos e indisciplinado, participaram das aulas de forma afetiva e efetiva, dialogando com os outros alunos e com os estagiários, com perguntas pertinentes ao assunto e relatos do dia a dia.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência do Estágio Supervisionado em Educação Básica realizado na Escola CEM, Centro Educacional de Mauriti, foi algo muito gratificante e de grande importância, de maneira que contribuiu para a nossa formação enquanto alunos de curso de licenciatura, futuros educadores que buscam formar cidadãos críticos e conscientes na sociedade. O estágio supervisionado foi um momento essencial para que possamos fazer acoplamento entre teoria e prática, tornando-se atividade relevante no que diz respeito ao desenvolvimento de competências indispensáveis à atuação pedagógica responsável.

O processo de ensino e aprendizagem engloba uma série de questionamentos como a própria definição do que é aprender e ensinar. Por isso torna-se necessário que os educadores sejam capazes de compreender as diferenças de cada ação e saber escolher a melhor maneira que trabalhará um determinado tema.

# REFERÊNCIAS

ANA. H. C. R. F. G. A Relação Professor/Aluno como Condutora do Sucesso Escolar. Porto, 2015.

BARROS, J. D. S; SILVA, M. F.P; VÁSQUEZ, S. F. A prática docente mediada pelo estágio supervisionado. Campina Grande, 2011.

BRENDA, A. N; SILVAIR, F. S; **A importância da relação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa**. Goiás, 2017.

ELIANE, R. D. A; IDALINA, S. M. B; KLAYTON, S. P. **Estágio supervisionado ciências da natureza na educação do campo**: relato de experiência da escola municipal Rui Barbosa, comunidade do Segredo-Ba, Seminário Gepráxis, Vitória da CONQUISTA – BAHIA – BRASIL, V.6, N. 6, P 973-988, 2017.

RÚBIA. J. B. E.; GISELI, G. S.; RÚBIA, D.; VERÔNICA, P. C.; ADEMAR, A. L. **Estágio supervisionado em ciências**: reflexões da ação docente. Rio grande do Sul, 2017.

# A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO SUPERIOR

Rosa Maria Alves de Souza Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**Arônio Dias Cipriano** Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Josilene Marcelino Ferreira
Docente do Curso de Letras
Universidade Regional do Cariri (URCA)
josymf.mf@gmail.com

**RESUMO:** O artigo foi criado com finalidade de mostrar a grande importância que é a leitura na vida de um acadêmico, não só como curricular mais na sua formação profissional. E destacar a importância do professor durante a formação de bom leitor. Preocupou-se, também, em reforçar o valimento de se mediar a leitura, estimulando os usuários a descobrirem, por meio dela, o prazer do texto, apresentando-o como um lugar legítimo para trocas de experiências literárias de forma prazerosa tendo em vista que o ato de ler, uma vez compartilhado, permite ao leitor interpretar o texto de diversas formas, acolhendo diversa interpretação que este proporciona. Para tanto o estudo será feito através de pesquisa bibliográfica, onde, estudamos autores renomados como base principal Freire (1989) e dentre outros disponíveis na web. Concluímos que o leitor deverá ser capaz de extrair da leitura diferente interpretação do universo escrito, incluindo-se em um contexto reflexivo em que vivências. Palavra chaves: Leitura. Leitor. Formação. A leitura é ponto fundamental para o entendimento e compreensão dos textos escritos, pois é através dela que adquirimos os conhecimentos capazes de nos ajudar no desenvolvimento da nossa imaginação e melhoramos a nossa criatividade. Ler é um hábito poderoso que nos faz conhecer mundos e ideias. Entretanto, os alunos que ingressam no curso superior apresentam grandes dificuldades em relação à leitura, isto é, não conseguem compreender os textos lidos; textos esses que são solicitados pelos professores. Pensando na melhoria dessas dificuldades, objetivamos mostrar aos alunos a importância da leitura e despertar neles, o interesse por essa prática, apresentando o efeito dela na sala de aula e no seu cotidiano. Para começar essa iniciativa mostrar a eles o que temos em nossa volta, aguçando a sua curiosidade e despertando o prazer de ler livros, revistas, e não só, textos determinado pelos professores, facilitando o entendimento, e fazendo com o que o mesmo possa ler e apreciar o mundo a sua volta. O uso da leitura está sempre presente na nossa vida, ela é importante para construirmos conhecimento e também para compreendermos o mundo, já que vivemos em uma sociedade letrada. Uma boa leitura enriquece o nosso vocabulário. O estudo será feito através de pesquisa bibliográfica, que "resume-se à análise e discussão apenas de referencial bibliográfica de outros e literaturas, artigos ou monografias sobre o tema da pesquisa pratica, apenas teórica de material publicado impresso." (CAJUEIRO, 2012, p.17). E tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição cientifica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno. Levantamento bibliográfico será realizado em acervos de banco de dados digitais.

**Palavras-chave**: Leitura. Leitor. Formação.

# 1 INTRODUÇÃO

A leitura é ponto fundamental para o entendimento e compreensão dos textos escritos, pois é através dela que adquirimos os conhecimentos capazes de nos ajudar no desenvolvimento da nossa imaginação e melhoramos a nossa criatividade. Ler é um hábito poderoso que nos faz conhecer mundos e ideias. Entretanto, os alunos que ingressam no curso superior apresentam grandes dificuldades em relação à leitura, isto é, não conseguem compreender os textos lidos; textos esses que são solicitados pelos professores.

Pensando na melhoria dessas dificuldades, objetivamos mostrar aos alunos a importância da leitura e despertar neles, o interesse por essa prática, apresentando o efeito dela na sala de aula e no seu cotidiano. Para começar essa iniciativa mostrar a eles o que temos em nossa volta, aguçando a sua curiosidade e despertando o prazer de ler livros, revistas, e não só, textos determinado pelos professores, facilitando o entendimento, e fazendo com o que o mesmo possa ler e apreciar o mundo a sua volta. O uso da leitura está sempre presente na nossa vida, ela é importante para construirmos conhecimento e também para compreendermos o mundo, já que vivemos em uma sociedade letrada. Uma boa leitura enriquece o nosso vocabulário.

O estudo será feito através de pesquisa bibliográfica, que "resume-se à análise e discussão apenas de referencial bibliográfica de outros e literaturas, artigos ou monografias sobre o tema da pesquisa pratica, apenas teórica de material publicado impresso." (Cajueiro, 2012, p.17). E tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição cientifica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno. Levantamento bibliográfico será realizado em acervos de banco de dados digitais.

# **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A leitura deve ser encarada como ato de prazer, estimulado deste de cedo pelos

pais e professores, levando o ato de ler com naturalidade, satisfação. Mas muitas vezes a estrutura familiar não é preparada para tal e nem os professores do Ensino Fundamental, com isso a dificuldade em relação a leitura é criada e chega no contexto universitário, fazendo com que os alunos não compreendam os textos, e não tenha um discussão critica sobre determinado assunto.

Como se vê, dificuldades existe por parte do aluno, o baixo nível de habilidade de leitura entre os mesmos. Portanto, conhecer o comportamento do aluno é de extrema relevância. E mostrar dimensão da importância da leitura na vida e na formação de um grande profissional. Conforme Santos (2015, p. 78), "Se a dificuldade existe, não adianta reclamar ou atribuir a culpa aos professores do Ensino Básico, esperar que dificuldade desapareça. Como num passe de mágico". É preciso oferecer condições para que aluno tenha oportunidades para sanar suas deficiências, fazer com que, o aprender torne um ponto fundamental na Educação, conduzir o aluno á produção de conhecimento já elaborado. Mostrar aos alunos que eles são capazes, de uma boa leitura, com as ferramenta adequadas, proporcionada pelos mestres do ensino.

Sabe-se que a mediação da leitura ocorre, sem sombra de dúvidas, na escola e pelo professor, que por sua vez, tem a incumbência de formar-se professor leitor e posteriormente, profissional leitor. Para tanto, caberá a ele desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres, usufruindo da prática da leitura, a fim de contribuir com o exercício de uma cidadania crítica e justa. Ao buscar novas práticas leitoras, o professor obterá oportunidades, sempre renovadas, melhorando, significativamente. Santos (2015, p.78) afirmar "Com todas as transformações que estão ocorrendo no mundo, é preciso desenvolver a autonomia nos alunos levando-os a aprender a aprender".

Isso implica oferecer-lhes a condição de refletir, analisar e tomar consciência do que sabe e a muda os conceitos, para transforma conhecimentos adquiridos. É necessário desenvolver técnicas de compreensão para saber interpretar os diferentes gêneros textuais escritos em diferentes formas e modalidades da língua, tais como poemas, contos, dissertações, resumos, críticas, notas, enfim. É preciso dar significados aos símbolos e aos signos dando-lhes sentido e permitindo então, e só assim estabelecer, relações com o texto escrito/lido. Conforme Schwartz (2015, p. 115),

Aprender é reconstruir relações entre o conhecimento prévio do sujeito e a "nova" informação. Para aprender, é preciso pensar e interrogar com o outro e com o objeto do conhecimento, elaborar hipóteses, testá-las. Aprendizagem não se refere apenas a capacidade de memorizar informações.

Para que vivência se transforme em experiência e a informação em conhecimento, é preciso na intenção de que isto aconteça, refletindo sobre o tema, organizando as ideias de acordo com o vivido. A leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, á formação do individuo. Fundamenta nossas interpretações e nos viabiliza a compreensão do outro mundo. Ler é um caminho sem fronteiras por meio do qual descobrimos novos caminhos, novos pensamentos, novos horizontes e obtemos aprendizados possíveis ou impossíveis de serem praticados. Nesse sentido, o hábito da leitura é um favorecedor do saber.

Percebe-se dessa forma quão importante é a habilidade de leitura, que ultrapassa os limites da decodificação, efetivando-se como ação, que prepara leitores capazes de participarem da sociedade na qual estão inseridos e, acima de tudo, exercendo o direito e o dever de transformá-la. Conforme Freire (1981, p. 9) " A leitura do mundo precede a leitura da palavra" Pensando assim, a leitura da palavra não pode deixar de considerar o conhecimento de mundo que cada leitor possui, adquirido em seu contexto, suas vivências sua realidade. Linguagem e realidade se fundem dinamicamente. Sabendo-se que a leitura é um dos mais importantes meios de se chegar ao conhecimento, torna-se necessário aprender a ler, entretanto interessa mais ler com profundidade do que em quantidade, visto que ler é dar sentido às palavras. Assim, saber ler é o ponto de partida para dominar toda a riqueza que um texto, literário ou não, pode transmitir, consequentemente, bom leitor é aquele que faz uma análise do texto lido, aprofundando- se na compreensão dos detalhes a fim de poder construir o seu próprio entendimento daquilo que leu.

O bom leitor tem capacidade de fazer bom resumo sobre determinado livro, lê rapidamente e entende o que se lê, ter curiosidade pelos os livros. Um bom leitor estuda não por mera obrigação ou simplesmente para concluir o que começou. Estuda porque reconhece suas limitações e objetiva superá-las. Comporta-se como um aprendiz em potencial. Não vive imerso em uma ilha, escravizado e limitado em seus desejos interiores. Ele dialoga com o mundo da leitura, com a leitura do mundo, com os desejos de outras pessoas, impressos numa folha de papel ou expressos num simples olharem. O

papel da leitura na vida de leitor não tem limite, são muitas possibilidades e descoberta por diversos ângulos e formas.

O processo de formação de leitores deve sair da teoria e ser aplicado na prática. O assunto "livro" dentro da sala de aula deve ser um hábito, fazendo-o com que o aluno sinta prazer em procura a ler. Pensando dessa forma, o mediador responsável pela aquisição da prática da leitura - o professor - deverá elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva do ler, pois somente quem se relaciona com livros, de maneira preciosa, serão detentor do poder de gerar novos bons leitores. É impreterível que se promova um trabalho produtivo da leitura, a fim de contribuir para a formação do sujeito leitor, de forma que possa identificar-se no texto, ou nas suas leituras plurais, não somente como um consumidor de livros, e sim, um produtor destes à medida que preenche as lacunas existentes na obra lida, mergulhando nos textos e encontrando significados mais profundos nas entrelinhas dos textos.

A leitura é algo muito amplo, não pode apenas ser considerada como uma interpretação dos signos. Produz sentido, ou seja, surge da vivência de cada um, é posta como prática na compreensão do mundo na qual o sujeito está inserido. Tal aprendizagem está ligada ao processo de formação geral de um indivíduo e sua capacitação dentro da sociedade, como por exemplo: a atuação política, econômica e cultural, o convívio com a sociedade, seja dentro da família ou no trabalho. A formação do leitor se dá ao longo da vida, uma vez que o indivíduo, desde que nasce, está em permanente contato com os diversos espaços, linguagens e leituras que vão ajudando a desenvolver a sua pessoalidade e desenvolver os seus sentidos.

Para que isso de fato aconteça, é primordial que a leitura propriamente dita ocorra em ambientes favoráveis à sua aquisição, mas, acima de tudo, seja propicia, respeitando o nível sociocultural do leitor. Para tanto, uma das ferramentas insubstituíveis, que condicionam esse aprender, é o domínio da linguagem, adquirido a partir da leitura e da escrita. Cabe ao professor organizar, criar e adequar, em sua grade curricular, propostas e estratégias efetivas de leitura, favoráveis á formação de leitores competentes.

Conforme Santos (2015, p 82) "Para que o aluno torne-se apto para isso, o professor exerce papel fundamental." Os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação da leitura devem ser bons leitores, professor deve gostar de ler e ler muito. A leitura é um

processo que pode ser aprendido. Ser alfabetizado, e muito bem alfabetizado. É necessário mais do que simplesmente decodificar signos ou códigos linguísticos para a formação de leitores críticos, experientes e proficientes. É fundamental, o aluno compreenda que existe em cada leitura uma relação dialógica entre autor e leitor. Ambos interagem por meio da palavra escrita. Exatamente pelo fato da leitura ser uma atividade dialógica, um mesmo texto pode gerar mil e uma interpretações.

Formar indivíduos com hábito da leitura é benéfico não só para o desenvolvimento do país, que poderá contar com pessoas críticas e que possuem bagagem para oferecer boa análise da realidade em que vivem, mas também para o crescimento pessoal. Leitores, em geral, possuem melhor capacidade de interpretação de texto e de escrita clara e bem elaborada. A literatura, na qual são apresentadas diferentes personalidades, ações e atitudes, auxilia, também, a compreender o outro e a enxergá-lo de maneira mais aprofundada e íntima, sendo isto possível devido ao convívio com personagens – que se transformam em amigos próximos dos leitores.

Percebemos que o domínio da capacidade de ler é condição para se efetivar a aprendizagem e o "aprender a aprender." O aluno que aprende a aprender é aquele que é leitor. Através da leitura com entendimento completo, será possível ao estudante redescobrir seus talentos, despertar suas curiosidades. Com tal entendimento, é necessária a realização de pesquisas que verifiquem o desempenho dos estudantes, quanto ao habito de leitura, sobre a fim de diagnosticar, estimular corrigir e dando possibilidades de prevenir falhas no ato de ler. Uma das circunstancias mais importantes para a motivação para a leitura é a criação de espaços propícios.

Repensar o ensino superior a partir do trabalho com leitura significa primeiro definir a clientela a quem se destina, implica considerar os conhecimentos que os alunos já possuem e as suas dificuldades. Realizar um trabalho que desenvolva no aluno a capacidade de aprender lendo, compreendendo e interpretando é um grande desafio, porém constitui-se num dever do professor. O que é novo hoje pode estar superado amanhã, portanto há a necessidade de se criar e inovar sempre. A sociedade atual requer um pesquisar e construir constantes. E a leitura tem sua parcela decisiva de contribuição, é ela que nos permite buscar novos conhecimentos.

Ler para quê? Ler para despertar o desejo de ler mais, abrindo assim um canal de superação pessoal da mente e do espírito. Ler para se tornar melhor, mais completo, mais

tolerante, mais capaz de lidar com a diversidade no complexo mundo contemporâneo. Para se descobrir como "ser de abertura", sempre em busca de novas formas de compreensão de si mesmo e do mundo. Eis algumas razões para acreditar que o caminho da leitura possa ser percussor do processo de construção do ser autônomo e, como consequência, responsável pelo nascimento de sua cidadania plena.

Como criar o habito de ler? Comece por assunto que te agrade. Há sites, livros e revistas sobre tudo, basta procura, que ira encontra publicação que te agradar. Reserve um horário todos os dias pra ler, de preferência antes de dormir, pois te fará ter um sono mais tranquilo, além de promover uma melhor fixação da memória durante o sono.

Podemos dizer que a leitura é algo crucial pra a aprendizagem do universitário, pois é através dela que enriquecer o seu vocabulário, obtém conhecimento, como capacidade de forma grandes leitores e críticos.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que se coloca atualmente como objetivos e finalidades do ensino superior, a importância do domínio do ato ler posição de destaque, pois estabelece uma relação direta com a aprendizagem. O leitor deverá ser capaz de extrair da leitura diferente interpretação do universo escrito, incluindo-se em um contexto reflexivo em que vivências.

Não temos duvida que leitura seja de grande influencia na construção de aluno que busca nela novos horizontes. Ler e escrever, portanto, implicam redimensionar as nossas práticas. A formação de cidadãos para um mundo em permanente mudança nas suas escritas, e cada vez mais exigente quanto à qualidade da leitura. Somos todos leitores em processo. Não se esquecendo de colocar em prática estratégias que deixe você mais habito a ler, não deixe de considerar a importância de interagir com o autor, mediante a palavra escrita, questionar o que é lido e reler os textos quantas vezes se fizer necessário. Aprimore suas habilidades leitoras mediante a prática diária de leituras, as que fazem parte da academia e as que você realiza por iniciativa própria. Sua dedicação, autonomia e iniciativa nas leituras que realiza serão sempre fundamentais para seu sucesso!

Por fim, lembre-se de que a leitura é o ponto de partida para que você tenha condições de produzir textos acadêmicos com conteúdo significativo porque na leitura você encontra a matéria-prima para a escrita, por meio de um estilo peculiar e atraente visto que a leitura é a constituição de modelos para a escrita. Ler bem é, portanto, um dos

caminhos para se escrever bem. Mas, atenção! É apenas um caminho! Não é uma regra ou uma condição única e absoluta. Isto significa que, além das competências leitoras para se realizar leituras qualitativas, para redigir bons textos é preciso aperfeiçoar habilidades específicas da escrita.

# REFERÊNCIAS

CUNHA, Jaqueline Rosa. **Incentivo à formação do leitor** – Disponivel em: Revistas da PUCRS< WWW.ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/.../Jaqueline- Rosa- da-Cunha.pdf>. Acesso: 19/02/17.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / São Paulo: Autores Associados: Editora Cortez, 1989. Coleção polêmicas do nosso tempo; 4.

SANTOS, Silmara de Jesus Bignardi. **A importância da leitura no ensino superior.** Disponível em:< www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/download/2172. > Acesso em: 10 dez 2016.

SCHWARTZ, Suzana. **Estratégias de Leitura no ensino superior.** Disponível em:https://www.seer.furg.br/momento/article/download/5540/3845. Acesso em:21 jan 2017.

# REFLEXÕES SOBRE A MONITORIA UNIVERSITÁRIA: COMO FAZEMOS O ENSINO UNIVERSITÁRIO?

Francisco Heitor Pimenta Patrício

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) heitor2014@hotmail.com

Giane Taeko Mori Rodella

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) gianetaeko@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre como a prática da Monitoria Universitária (MU) auxilia os alunos novatos a entenderem o que é a cultura universitária e como ela atinge os alunos e professores no processo de adaptação a nova realidade na qual o aluno está inserido, já que este vem de uma realidade totalmente diferente da vivenciada na universidade. Para tanto, faz-se necessário entender como os monitores podem auxiliar os alunos ingressos na universidade a assimilarem essa cultura, já que estes estão em constante contado com os professores e com os outros alunos, além de já estarem inseridos na cultura universitária por mais tempo conhecendo os meios para adentrar e se adaptar a ela. Além disso, entendendo a monitoria como um recurso de extensão para o universitário treinar sua prática acadêmica, já que na maioria das universidades o aluno não passa por um processo de apoio ou incentivo para seguir no caminho da docência, propomos uma breve explanação dos resultados da Monitoria Universitária aplicada em 2018, para explicarmos como se deu esse processo na nossa realidade. Desse modo, as reflexões foram organizadas a partir da divisão do tema nessas três partes. Para este fim, utilizaremos o livro A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias (2007), organizado por Mirza Medeiros dos Santos e Nostradamos de Medeiros Lins, que reúne trabalhos sobre a monitoria universitária e seus efeitos, ainda usamos o livro Aula de Português: encontro & interação" de Irandé Antunes (2003), como apoio as discussões a respeito das práticas na sala de aula, iremos também utilizar os resultados de uma pesquisa online feita com os alunos do Curso de Letras, da Universidade Regional do Cariri, que participaram enquanto estavam no II Semestre da Monitoria Universitária de Linguística II: Fonética e Fonologia. Com isso, exemplificaremos como a teoria pode ser aplicada à prática, trazendo para o debate científico não só a teoria, como também a prática.

Palavras-chave: Monitoria universitária. Práticas docentes. Ensino universitário

# 1 INTRODUÇÃO

A Monitoria Universitária (MU) tem como objetivo principal iniciar o aluno

monitor à docência, além de propor uma reflexão crítico-metodológica a respeito dos processos de ensino nas universidades. Nesse sentido, é essencial que o monitor, assim como o professor orientador, estabeleça um diálogo, através do qual possam debater sobre estratégias de ensino preocupadas com o estabelecimento de relações tanto com o contexto em que ocorrem quanto na relação entre os envolvidos: aluno, professor, monitor.

A legislação prevê que a monitoria deve, além de preparar o aluno para a docência, melhorar a qualidade de ensino. Isso implica dizer que a monitoria deve ser medida pela qualidade. Entendemos assim, que essa atividade deve comprometer-se a acompanhar as exigências de ensino da universidade, além auxiliar aos alunos novatos a se adaptarem às mudanças sociais do início de um curso superior. Assim, podemos pensar a monitoria como um espaço de crescimento de contribuição coletiva, o qual envolve todos os que dela participam.

Dessa forma, ao pensarmos mais estritamente nessas relações, surgem algumas reflexões que propomos responder nesse trabalho: primeiro, a importância da MU no processo de aprendizado e iniciação a docência na universidade, visto que inúmeras vezes as universidades estão cheias de profissionais sem preparo sob a ótica da prática docente, usando métodos de ensino aleatórios, sem nenhum estudo prévio, apenas colaborando com a política do "publique ou pereça". Em outras palavras, há mais ênfase na publicação de artigos do que propostas viáveis para o exercício da docência. O número de publicações exigidas por ano para que os docentes pontuem no "Currículo Lattes" e alcancem níveis de classificação nos editais de bolsas remuneradas é um exemplo disso. Assim, os universitários são igualmente colocados nesse eixo do "publique ou pereça" e que, independente do seu esforço, nunca parecerá suficiente para a própria comunidade acadêmica.

Outro ponto a ser destacado nessa mesma linha de pensamento é a falta de preparo do próprio acadêmico para a vida acadêmica, a ausência de consciência do seu papel enquanto futuro profissional e as dificuldades de se ambientar à nova linguagem que lhe é apresentada. Pensando desse ponto de vista, chegamos também à questão do papel do professor e do monitor nesse processo. Por muito tempo, o professor foi visto como detentor de todo o conhecimento e o aluno, por outro lado, era apenas o receptor das informações pelo professor professadas. O ensino não era feito de modo crítico-

reflexivo, mas sim como uma projeção de dogmas. De certa forma esse mesmo pensamento foi transplantado para a MU. Logo no início do uso do programa pelas universidades brasileiras, o monitor era visto apenas como um assistente do professor, enquanto este tomava todas as decisões a respeito das atividades realizadas em sala, conteúdos a serem apresentados, entre outros. Esse processo, além de desgastar a relação entre os dois, que deve ser de parceria mútua no processo de melhorar o aprendizado, não se fazia cumprir os objetivos do projeto de monitoria. O monitor era quase desperdiçado, já que ele, por estar perto dos alunos, convivendo mais de perto com eles, conseguia perceber por um ponto de vista diferente do professor, alguns problemas pontuais, os quais poderiam ser apontados para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

A terceira e última reflexão a ser trabalhada aqui ocorre a partir de um pequeno relato de experiência sobre o efeito da MU na vida dos estudantes universitários, já que até então trabalhamos a teoria desse projeto. Mais especificamente, analisaremos os resultados obtidos na média final dos alunos do II Semestre do Curso de Letras, da disciplina de Linguística I: Fonética e fonologia, que participaram da UM, que ocorreu no ano de 2018, na Universidade Regional do Cariri – Unidade de Missão Velha. Com esses dados, estabeleceremos uma relação entre o que tínhamos em mente a respeito da relação: professor e monitor, na perspectiva do aprendizado dos acadêmicos, o tipo de método de ensino usado, por exemplo, e o resultado desses acadêmicos nas avaliações, além da adaptação deles com o meio universitário.

Para estes fins, nos apoiaremos no trabalho de Santos e Lins (2007) como organizadoras do livro "A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias", no qual reúnem trabalhos críticos a respeito da monitoria, assim como do próprio ensino nas universidades públicas brasileiras. Fez-se necessário também a consulta das diretrizes da monitoria universitária na legislação brasileira, além de utilizar o livro "Aula de Português: encontro & interação" de Irandé Antunes (2003) buscando uma autorreflexão sobre os processos de ensino na MU.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Percebemos com a MU que para chegarmos a fundo na reflexão sobre a

importância da MU no âmbito acadêmico, é necessário sair da teoria e pensar sobre essa realidade na prática. Já que, como defendemos antes, a prática docente se faz pelo trabalho de reflexão e ação. Dessa forma, propomos sair um pouco da tradição cientificista, que exige produção acadêmica mais voltada para a teoria, limitando a prática de docência do professor e pretendemos trabalhar com experiências mais concretas da sala de aula. Sabemos que parte do trabalho do docente, e aqui está incluso também o monitor, se faz com o auxílio de material científico, entretanto, é o "como se utiliza" esse material que diferencia as práticas docentes. A sala de aula e os demais ambientes de aprendizado mútuo é um terreno complexo e cheio de incertezas, portanto, não é possível a existência de um conhecimento científico que ensine a lidar com todas essas questões, temos que levar em consideração a vivência de cada pessoa que está sendo atingida pelos processos de ensino do professor ou do monitor. Schön (apud NUNES E LINS, 2007) faz referência à "reflexão na ação", que é justamente a capacidade do docente de entender a sua sala de aula além da teoria. Além desse, o autor também trabalha com o "conhecimento da ação" que diz respeito a capacidade de autocrítica do docente sobre seus métodos. Como diz o autor

A reflexão sobre a ação e sobre a própria reflexão na ação representam oportunidades para se avaliar as ações implementadas e os caminhos percorridos, contribuindo não apenas com a avaliação do professor, mas da própria disciplina. O monitor, como partícipe do desenvolvimento da disciplina e elo entre o professor orientador e os alunos, pode representar um suporte a mais nesse processo. (SANTOS; LINS, 2007, p. 55).

Dessa forma, inserindo a MU nessa categoria de docente, ou de um futuro docente, podemos refletir sobre suas práticas com os outros alunos no momento da monitoria, investigando sua capacidade de refletir na ação e conhecer a ação, no sentido de suas metodologias, articulação de horários e resultados obtidos.

A MU que iremos utilizar para tratar da reflexão sobre a ação docente ocorreu no ano de 2018, na Universidade Regional do Cariri – URCA, na disciplina de Fonética e Fonologia, com os alunos do II Semestre do Curso de Letras. Para a discussão ser completa, utilizaremos dados coletados por meio de uma pesquisa *online* realizada com os alunos, os quais, cientes de que o material comporia o corpus da nossa pesquisa, responderam a um pequeno questionário. De modo geral, as respostas dos alunos foram opinativas a respeito do horário escolhido para o oferecimento da MU e, principalmente,

sobre o método usado nessa prática discente e o quanto a monitoria os ajudou na aprendizagem da disciplina.

Entendeu-se, logo no início da MU, que os planos de horário montados pelos monitores não iriam se encaixar na rotina dos alunos. Para resolver esse problema, os acadêmicos, junto com os monitores, montaram um novo horário de funcionamento para as aulas. Quanto ao método, desde o começo preocupou-se com trabalhar não só a teoria da disciplina e a prática, mas também a oralidade e a escrita dos alunos, visto que muitos ainda passavam por muitas dificuldades desse tipo. Trabalhamos primeiramente com a criação de textos reflexivos a respeito do conteúdo da MU do dia. Em seguida, os textos eram levados para casa, onde os monitores corrigiam e, no encontro seguinte, trabalhavam os erros mais frequentes com todos. Entretanto, notamos que os alunos ainda tinham muitas dúvidas, não só sobre o tema do texto, mas também sobre a forma como deveriam ter estruturado seus textos. Procurando resolução para esse problema, começamos a dividir a turma em duas equipes e trabalhar as correções com um número menor de discentes. Logo após, trabalhávamos os casos mais "graves" particularmente, como os casos de analfabetismo funcional. Isso mudou a dinâmica das aulas já que as atividades em grupo nos aproximavam mais dos alunos. Dessa forma, conseguimos também que eles se adequassem melhor aos nossos métodos. Ao serem questionados sobre isso 90,9% dos alunos achou satisfatório o modo como o conteúdo foi abordado na UM. Apenas 18,2% dos alunos teve alguma ressalva sobre como o conteúdo foi aproveitado e explorado. Os acadêmicos também foram questionados sobre as atividades propostas pelos monitores, e como essas atividades auxiliaram na aprendizagem, 81,8% desses alunos considerou as atividades de grande ajuda para o aprendizado. Quanto ao resultado final da avaliação da disciplina, 63,6% atribuiu o seu resultado à participação nos encontros da MU.

Nessa perspectiva, vê-se que a MU teve grande impacto na vida dos estudantes, contribuindo substancialmente para o seu processo de aprendizagem e para a internalização da cultura universitária. Também é notório que com a MU, os próprios monitores conseguiram entender melhor as reflexões necessárias para lidar com os problemas do ensino que surgem na sala de aula, saindo assim do universo da teoria e podendo ir para a prática. Isso notoriamente com o auxilio e orientação da professora orientadora que, longe de se encaixar no perfil de individualista que traçamos no início

deste trabalho, sempre estava aberta às perguntas e sugestões.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

São inúmeros os desafios pelos quais os estudantes e os professores passam no Ensino Superior. Dentre esses, a adequação à universidade e a elaboração de um método de aula que possibilite o aprendizado aos alunos. Dessa forma, percebemos uma grande necessidade de mudança nessa instância da universidade. Para isso, acreditamos que são necessárias mais pesquisas relacionadas aos processos de práticas docentes, além de uma maior valorização a esses processos. Acreditamos que a MU é uma das estratégias possíveis e eficazes para a valorização do ensino, assim como para a entrada de novos profissionais conscientes na universidade. Ainda sobre a MU, consideramos ser de extrema importância para a assimilação da cultura universitária pelo aluno, já que esta é um dos maiores problemas enfrentados pelos universitários. Percebemos que a experiência com a MU subsidia o aluno monitor a entrar na vida da docência e, se for o caso, se nortear para seguir na profissão. A monitoria também é vista como um exercício para o professor sair da posição de "intocável", na qual muitos se colocam, quando não permitem uma interação de "ação-reflexão-ação" com seus alunos. O mesmo exercício também facilita a interação do monitor com o professor e com os alunos.

A MU, como ficou conhecida através da pesquisa aqui apresentada, ajuda de maneira substancial o aprendizado dos acadêmicos, sobretudo aos novatos. Pois contribui para o resultado final da disciplina. Portanto acreditamos principalmente que o papel do monitor precisa ser valorizado e expandido também para a pesquisa, juntamente com o ensino, só assim o monitor será inserido totalmente no universo da docência e da pesquisa, e conseguirá junto com o professor, entender as necessidades dos alunos.

# REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português:* encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANTOS, Mirza Medeiros e LINS, Nostradamos de Medeiros. (Orgs.). **A monitoria como espaço de iniciação à docência:** possibilidades e trajetórias. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007. Disponível em:

<arquivos.info.ufrn.br 20110691428837665261ac9a0128cd2d="" arquivos="" monitoria.pd<="" th=""></arquivos.info.ufrn.br>
f>. Acesso em: 07 jan. 2018.
BRASIL. Senado Federal, <i>Lei Federal n.º</i> 5540, de 28 de novembro de 1968. Disponível em: <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm</a> . Acesso em: 07 de Janeiro de 2018.

# CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR E A BNCC: REPÓRTERES POR UM DIA

**Edson Benedito Silva Sousa** 

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**Leandro Lopes Soares** 

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO:** O presente estudo versa sobre uma experiência de atividade numa turma de ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal do município de Barbalha, Ceará. A referida atividade compôs práticas pedagógicas multimodais, pois houve o incentivo a utilização de múltiplos modos para se transmitir a mensagem, ou seja, as repostas dos entrevistados, além da linguagem escrita, centradas nos eixos da oralidade e produção textual presentes na BNCC. Objetivamos, com isso, apresentar os resultados de uma atividade de incentivo a produção textual voltada para a multimodalidade na qual os alunos foram repórteres por um dia em sua comunidade. Nossa metodologia constou de revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Entre os autores consultados destacamos Prediger e Kersch (2013) e Oliveira (2015). Pontuamos como principal resultado a produção de vídeos que superaram nossas expectativas, comprovando assim a capacidade criativa dos alunos quando incentivados a utilizar diferentes ferramentas presentes em seu contexto local. As práticas pedagógicas nacionais estão passando por várias mudanças para se adequar aos novos grupos sociais, às novas tecnologias e aos novos costumes e comportamentos possíveis na contemporaneidade. Essas transformações se devem ao fato de que nossos alunos não são mais os mesmos de dez anos atrás, em virtude da globalização e da tecnologia que adentram seus universos diariamente e com uma grande quantidade de informações. Desse modo, o conhecimento está acessível e a distância de um toque na tela do celular, o que não significa dizer que ele está organizado e estruturado de forma construtiva e coerente. Nós, enquanto professores, sabemos que o conhecimento só tem significação para o aluno se estiver contextualizado. Pensando nisso e levando em consideração a sociedade tecnológica que nosso aluno se encontra inserido nos dias de hoje, profissionais da educação de todo o Brasil pensaram em um novo documento normativo que deverá servir de norteador em novas práticas pedagógicas e orientará o professor nessa nova era, direcionando-o a criar metodologias e práticas que levem o aluno a pensar e que possibilitem que o mesmo encontre sentido no conteúdo que está sendo ensinado pelo professor. Em se tratando das aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente no que tange a leitura e produção textual, faz-se necessário um olhar atento para todos os elementos contidos no texto, além da linguagem escrita, pois "aqueles que se utilizam de mais de um código semiótico, como, por exemplo, os que combinam o código visual e o verbal" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 1831 apud AZEVEDO, 2015, p. 15) são chamados de textos multimodais.

**Palavras-chave**: Entrevista. Multimodalidade. Produção Textual. BNCC.

# 1 INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas nacionais estão passando por várias mudanças para se adequar aos novos grupos sociais, às novas tecnologias e aos novos costumes e comportamentos possíveis na contemporaneidade. Essas transformações se devem ao fato de que nossos alunos não são mais os mesmos de dez anos atrás, em virtude da globalização e da tecnologia que adentram seus universos diariamente e com uma grande quantidade de informações. Desse modo, o conhecimento está acessível e a distância de um toque na tela do celular, o que não significa dizer que ele está organizado e estruturado de forma construtiva e coerente. Nós, enquanto professores, sabemos que o conhecimento só tem significação para o aluno se estiver contextualizado.

Pensando nisso e levando em consideração a sociedade tecnológica que nosso aluno se encontra inserido nos dias de hoje, profissionais da educação de todo o Brasil pensaram em um novo documento normativo que deverá servir de norteador em novas práticas pedagógicas e orientará o professor nessa nova era, direcionando-o a criar metodologias e práticas que levem o aluno a pensar e que possibilitem que o mesmo encontre sentido no conteúdo que está sendo ensinado pelo professor. Em se tratando das aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente no que tange a leitura e produção textual, faz-se necessário um olhar atento para todos os elementos contidos no texto, além da linguagem escrita, pois "aqueles que se utilizam de mais de um código semiótico, como, por exemplo, os que combinam o código visual e o verbal" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 183¹ apud AZEVEDO, 2015, p. 15) são chamados de textos multimodais.

Pensando nessas novas perspectivas da educação, o presente trabalho aborda uma metodologia de ensino contextualizada no campo de atuação jornalístico-midiático da BNCC e está centrada nos eixos temáticos da oralidade e produção textual. Essa prática parte da elaboração e apresentação de uma reportagem/entrevista, partindo de

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. 2. ed. Londres; Nova York: Routledge, 2006.

notícias e acontecimentos locais da própria comunidade que o aluno está inserido. Objetivamos apresentar os resultados de uma experiência em sala de aula de incentivo a produção textual, utilizando recursos multimodais, desenvolvida com uma turma do 9º ano deuma escola da rede pública do município de Barbalha, Ceará. Além disso, propor a inserção dos aparatos tecnológicos utilizados pelo discente em benefício da educação e do conhecimento em sala de aula.

# **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi elaborada partindo das leis da LDB (Lei de Diretrizes e Bases), dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e do CP (Currículos Pedagógicos), além de levar em conta as matrizes de referência de avaliações externas, como por exemplo, o SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica). A BNCC foi aprovada no final de 2017 e deverá ser aplicado com efetividade a partir deste ano (2019); é um documento que servirá de referência para as escolas elaborarem seus Currículos e para que os professores elaborem suas aulas com práticas voltadas às situações da vida social, proporcionando, assim, o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam ao aluno agir eficazmente em uma situação específica da vida cotidiana, desde que perpasse um dos campos de atuação social, também estabelecido pela BNCC.

A ideia para esta atividade didática surgiu a partir do conteúdo proposto no livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano: Português Linguagens, de William Cereja e Thereza Cochar, adotado pelo município no período de 2017 a 2019, e pelas propostas dadas pela BNCC que orienta o professor na contextualização efetiva do conteúdo. O trabalho foi proposto com a finalidade de expor um problema, um acontecimento importante ou uma atividade cultural que merecesse destaque na comunidade. Os discentes foram orientados a se imaginarem como repórteres juvenis de um programa parecido com o Profissão Repórter, da emissora de televisão Rede Globo. Eles precisariam elaborar um pequeno questionário sobre o tema de sua reportagem e uma introdução, para situar o leitor/telespectador no fato apresentado, levando em consideração que sua reportagem poderá ser assistida por todo o Brasil ou apenas para a sua comunidade. Isso implica uma linguagem que se aproxime do público formal e informal ao mesmo tempo,

ou seja, simples e objetiva. Essa estratégia está em consonância com a habilidade EF89LP12 proposta pela BNCC que diz:

Planejar entrevistas orais com pessoas ligadas ao fato noticiado, especialistas etc., como forma de obter dados e informações sobre os fatos cobertos sobre o tema ou questão discutida ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, realizar entrevista e fazer edição em áudio ou vídeo, incluindo uma contextualização inicial e uma fala de encerramento para publicação da entrevista isoladamente ou como parte integrante de reportagem multimidiática, adequando-a a seu contexto de publicação e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática (BRASIL, 2017, p. 179).

A escola em que esta prática foi desenvolvida está localizada no Sítio Brejinho, pertencente ao município de Barbalha. Conta com os três níveis da educação básica (Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II e EJA). A escola tem um público discente de aproximadamente 300 alunos. Possui 10 salas, além de um anexo construído ao lado da escola e funciona nos três períodos (matutino, vespertino e noturno). A turma escolhida para desenvolver o trabalho da reportagem/entrevista foi do 9º ano, com 21 alunos, 9 meninos e 12 meninas. O Sítio Brejinho é um lugar simples, que faz divisa com o município de Missão Velha. Seus habitantes são, em sua maioria, crediaristas e pequenos agricultores.

O trabalho foi proposto como requisito para obtenção de nota parcial do 2º bimestre do ano letivo de 2018. Os alunos foram divididos em grupos de 3, totalizando 7 grupos. Os temas das reportagens partiram dos seguintes campos: um problema na comunidade, um acontecimento importante ou uma atividade cultural. Sendo assim, os sete temas foram: 1) a falta de água na comunidade, 2) a falta de medicamento nos postos de saúde, 3) a visita de um coreografo na comunidade, 4) a quadrilha, 5) o pau da bandeira, 6) os casos de violência e 7) boatos de uso e venda de drogas na comunidade.

O trabalho contaria com três etapas: no primeiro momento (a escrita), pesquisa, produção textual de uma reportagem e elaboração de um questionário sobre o tema; no segundo momento (a oralidade), entrevista oral e filmada com o entrevistado escolhido pelo grupo; no terceiro momento (a edição do vídeo), criação do nome de um jornal fictício, edição do vídeo da entrevista e envio do vídeo para o professor. Como pode ser

percebido, a atividade mescla diferentes elementos textuais e dialoga com os fatores apontados por Prediger e Kersch (2013) para a produção de textos multimodais. Segundo as autoras:

A escolha das linguagens ocorre dentro do propósito comunicativo, dos objetivos de comunicação, do tipo de público alvo e do gênero. Esses são fatores imprescindíveis e determinantes para as escolhas que serão feitas na produção do texto. São eles que motivam, guiam e dão sentido a qualquer escolha de composição do texto multimodal (PREDIGGER e KERSCH, 2013, p. 213).

Em consonância com as ideias das autoras que, além das já citadas no excerto, também atentam para o fato de que os meios que os alunos dispõem para a produção de seu texto e seu gosto particular influenciam no resultado final, pensamos em uma atividade em que os materiais necessários para sua realização estivessem ao alcance dos discentes. Desta feita, dando continuidade, os temas foram sorteados entre os grupos. Em seguida, cada grupo escolheria um morador da comunidade que julgassem ter informações ou argumentos sobre o tema da entrevista. Durante a semana, nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos fizeram pesquisas sobre seus temas, elaboraram uma introdução de contextualização do tema em forma de reportagem, esse texto deveria ser entregue ao professor como parte da atividade voltada para produção textual. Como atividade de casa, elaboraram um questionário para o entrevistado com quantidade de perguntas determinadas pelos próprios alunos.

No segundo momento, os alunos escolheram um lugar apropriado para a entrevista, conversaram e explicaram ao entrevistado como seria o procedimento, além de informá-los que se tratava de um trabalho da escola. Entre eles, as tarefas foram divididas e cada um ficou responsável por uma função no trabalho. Por fim, no terceiro momento, cada grupo procurou programas para edição de vídeo, alguns criaram uma vinheta de abertura, com cenas de créditos, etc. e nos mandaram o vídeo através do aplicativo *WhatsApp*. Com isso, torna-se perceptível que a tecnologia pode render bons resultados se aplicada de forma contextualizada em sala de aula e que "essas características têm se refletido nos textos, que se tornaram cada vez mais multissemióticos, ou seja, formados por linguagens variadas, constituídos por palavras, imagens, cores, sons, gestos, entre outros, que se integram na constituição do sentido" (OLIVEIRA, 2015, p. 146). Leiamos o texto como um todo.

Após a avaliação percebemos que um dos grupos havia mudado um dos temas e que agora estavam abordando o tema política. Isso nos deixou muito satisfeitos, pois os alunos estavam pensando além de sua comunidade e que eles estavam desenvolvendo autonomia. Constatamos que os alunos estavam empolgados na atividade, por estarem desempenhando a profissão de repórter. Além disso, os alunos se sentiram motivados a expor as dificuldades e os problemas que sua comunidade enfrenta. Sendo assim, a preocupação que a BNCC apresenta com a contextualização do conteúdo se mostra eficaz em práticas pedagógicas.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos, nesse breve estudo, apresentar uma atividade de produção textual voltada para o ensino de Língua Portuguesa, envolvendo diferentes maneiras de se transmitir uma mensagem e de produzir sentidos alinhada aos ditames da BNCC e considerando a realidade local dos alunos. Diante do que foi exposto, os objetivos propostos foram alcançados, pois a atividade de produção de textos multimodais foi além do esperado, o que comprova um maior envolvimento do aluno em trabalhos dinâmicos e contextualizados em sua realidade. Por fim, destacamos a inserção da tecnologia, principalmente aquelas que os discentes têm contato, como um recurso eficaz para o ensino e para o conhecimento em sala de aula.

# REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Paula Bezerra Matos de. **Multimodalidade na sala de aula**: estratégias textual-discursivas para leitura de imagens e produção de sentidos. 2015. 202 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018.

OLIVEIRA, Marcos Nonato de. Multimodalidade e leitura crítica: novas perspectivas para o ensino de língua portuguesa. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 6, p. 145- 162, jan./jun. 2015.

PREDIGER, Angélica; KERSCH, Dorotea Frank. Uso e desafios da multimodalidade no ensino de línguas. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 2019-227, jan./jun. 2013.

# LITERATURA ERÓTICA: FACE PEDAGÓGICA DE ERO

Tayla Maria Leoncio Ferreira Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO**: O presente estudo trata-se de uma discussão e um projeto a nível de desenvolvimento, sendo que pressupomos sua efetivação na prática docente, quando a proposta poderá ser realizada. O projeto pretende utilizar textos literários, especificadamente poemas considerados pertencentes à literatura erótica, para a discussão e promoção da leitura como mecanismo de humanização, criticidade e desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo, em turmas finais do ensino médio. Nesse contexto, entendemos a educação como ato revolucionário, partindo do pensamento de Paulo Freire (2018), para o qual a autonomia é um dos grandes objetivos da prática educativa. Dessa maneira, pautamos nossos estudos na revisão bibliográfica de Paulo Freire (2018), Antônio Cândido (1998), e Regina Zilberman (1988). O poeta Mário Quintana diz que a poesia abre janelas, salva um afogado. A poesia se coloca a serviço do eu, num processo de desenvolvimento da subjetividade tanto do autor quanto do leitor. É a voz da alma que chega profundamente ao nosso ser. Infinitudes e impossibilidades estão conectadas na poesia, pois é palavra articulada, eficaz, produtiva, portadoras de vários significados. A poesia é um campo de reflexão, em que a mente trabalha para processar ideias, construir sentidos, ampliar e diversificar leituras. Drummond também fala que o verso é duro de sair, no entanto a poesia inunda toda a sua vida. Afinal, cada lugar é capaz por si só de ser também poesia. Se todo canto é casa para moradia poética, a sala de aula se faz lugar mais que possível, necessário, Antônio Cândido afirma que "os professores de literatura sabem que cada abordagem de um texto poético pode alterar a maneira de entendê-lo; mas sabem também que o nosso ofício obriga a apresentá-las, por mais insatisfatórias que sejam" (CÂNDIDO, 1989, p. 6). No entanto, Averbuck (1982) explica que, muitos professores desconhecem as possibilidades de exploração da poesia e a própria função da arte na construção da personalidade humana. Além de que, em tempos de cerceação da liberdade, falar de erotismo ou até mesmo de literatura como um direito inalienável tem se tornado uma luta cada vez mais difícil. O que fazer perante essa realidade que nos é posta? É diante dessa indagação que decidimos desenvolver este texto, pois ele nos fará refletir sobre as relações entre erotismo e poesia, visto que aqui, iremos considerar que a poesia erótica é um recurso que pode e deve ser usado em sala de aula, a fim de se explorar as capacidades leitoras dos alunos, além de poder trazer à tona questões consideradas tabus, como sexo, gênero, raça, prazer, e sexualidade.

**Palavras-chave**: Eros. Erotismo. Literatura erótica.

# 1 INTRODUÇÃO

O poeta Mário Quintana diz que a poesia abre janelas, salva um afogado. A poesia

se coloca a serviço do eu, num processo de desenvolvimento da subjetividade tanto do autor quanto do leitor. É a voz da alma que chega profundamente ao nosso ser. Infinitudes e impossibilidades estão conectadas na poesia, pois é palavra articulada, eficaz, produtiva, portadoras de vários significados. A poesia é um campo de reflexão, em que a mente trabalha para processar ideias, construir sentidos, ampliar e diversificar leituras. Drummond também fala que o verso é duro de sair, no entanto a poesia inunda toda a sua vida. Afinal, cada lugar é capaz por si só de ser também poesia.

Se todo canto é casa para moradia poética, a sala de aula se faz lugar mais que possível, necessário, Antônio Cândido afirma que "os professores de literatura sabem que cada abordagem de um texto poético pode alterar a maneira de entendê-lo; mas sabem também que o nosso ofício obriga a apresentá-las, por mais insatisfatórias que sejam" (CÂNDIDO, 1989, p. 6). No entanto, Averbuck (1982) explica que, muitos professores desconhecem as possibilidades de exploração da poesia e a própria função da arte na construção da personalidade humana. Além de que, em tempos de cerceação da liberdade, falar de erotismo ou até mesmo de literatura como um direito inalienável tem se tornado uma luta cada vez mais difícil. O que fazer perante essa realidade que nos é posta? É diante dessa indagação que decidimos desenvolver este texto, pois ele nos fará refletir sobre as relações entre erotismo e poesia, visto que aqui, iremos considerar que a poesia erótica é um recurso que pode e deve ser usado em sala de aula, a fim de se explorar as capacidades leitoras dos alunos, além de poder trazer à tona questões consideradas tabus, como sexo, gênero, raça, prazer, e sexualidade.

Consideramos que o erotismo é uma dimensão fundante da nossa humanidade e nos implica a todos, sem exceção. Queiramos ou não, ele nos coloca diante do mistério da origem, da própria existência. É algo grande, incomensurável, maior que nós e por isso mesmo precipita sentimentos paradoxais dentro de nós. Atrai e gera repulsa. Provoca medo e júbilo. Daí que venha a mobilizar todo tipo de discurso, do mais sublime ao mais chulo, do mais poético ao mais estereotipado. Dessa forma, esse trabalho pretende refletir acerca da linguagem poética, linguagem erótica, da presença de Eros na literatura, assim como da relevância de se utilizar poemas eróticos em sala de aula, refletindo também sobre a necessidade de se discutir o erotismo na literatura frente a dificuldade de lidar com os indertitos, em contraponto com a imprescindibilidade de transgredir.

Na organização textual desse trabalho, o dividimos em quatro partes. A primeira,

intitulada *Eros: sua dimensão pedagógica*, em que procuramos questionar e discutir a natureza da noção da pedagogia em Eros, através do caminho que o seu nome e mito percorre. A segunda parte se chama *No rastro da poesia*, em que ressaltamos o caráter transgressor da poesia e suas potencialidades. Na terceira parte, *No rastro de Eros*, procuramos atender às mesmas exigências quanto aos objetivos da segunda parte, mas desta vez pensando no potencial da literatura erótica. Por fim, na parte denominada *O encontro*, redigimos uma proposta de intervenção em sala de aula em que se pensou a utilização de diversos poemas de autores brasileiros e mecanismos que ajudem na leitura, discussão e apreensão dos textos, de forma a ajudar no desenvolvimento autônomo dos alunos.

## 2 PERSEGUINDO EROS: DESCOBRIR A POESIA ALADA

O ofício de ser e fazer-se professor é por si próprio um ato performático de Eros, pois faz uma retomada ao mito de Eros e Psiquê. Lembramos aqui da passagem do mito em que Psiquê teve que separar milhares de grãos que estavam misturados um ao outro. Assim como Psiquê, o professor passa também por esse ato de discriminação, separação, ao ter que exercitar sua habilidade de coletar o material que será utilizado na sala de aula, além da preocupação de coletar a melhor maneira de trazer esse material para aula, isto é, a forma que ele conduzirá seu trabalho.

Além disso, a figura do cupido nos é imposta numa espécie de sina, como afirma Marlene Dozol (2007, p. 314): "A de viver a festa de uma fome saciada, de uma falta suprida". Nesse plano, Eros não se torna apenas um deus, mas uma força, uma energia insatisfeita e inquieta, que vive sempre a procura. Assim também é a energia da busca pela aprendizagem, força que impulsiona tanto o aluno como o professor a estarem sempre em busca do saber, fome que nunca cessa, que se traduz em libido pedagógica.

Na prática, o sexo é, na sala de aula, ainda uma temática delicada. Em tempos de disseminação gratuita (e autorizada) de pensamentos fascistas, de programas como o Escola Sem Partido, da dificuldade de se discutir gênero (situação que só evidencia o quanto a nossa sociedade vem escarnecendo a democracia) é sempre um desafio tratar de um tema tanto libertador quanto a literatura, e tanto quanto mais libertador ainda, da literatura erótica. Ainda assim, pudemos encontrar o seguinte trecho nos Parâmetros

### Curriculares Nacionais:

Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado. (BRASIL, 1998, p. 6)

Se o sexo faz parte de nossa cultura, como afirma os PCNs, por que ele ainda tem sido tratado como algo secreto, proibido, silencioso? A questão sobre quem somos é inseparável da matriz sexual. O Ocidente, desde os gregos até hoje, nos têm colocado "sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo" (FOUCAULT, 1988, p. 80). A matriz do sexo é também, matriz da vida. Continuamos a questionar: como trazer a literatura erótica para a sala de aula sem sermos ameaçados pelos interditos que nos cessam? De que forma os poemas podem beneficiar a promoção da leitura e da capacidade de autonomia dos alunos? É através desses questionamentos que buscamos desenvolver esse trabalho.

Erixímaco, no seu discurso em *O banquete*, considera Eros um todo único, "Eros não se limita a ser um impulso das almas humanas para a beleza humana, sendo sim a atração de todos os seres vivos para uma multiplicidade de coisas" (PLATÃO, 2010, p. 53). Nessa multiplicidade de coisas a linguagem exerce uma posição particularmente nobre, se considerarmos que o próprios Eros é também, linguagem. A literatura atua como um elemento de transgressão ao poder da língua no tocante a construção e reconstrução da linguagem, mas também opera como uma forma de subversão às esferas do poder institucionalizado. No primeiro caso por romper as regras linguísticas e atingir a subjetividade do leitor gerando a produção de novos sentidos. No segundo por figurar como um espaço de denúncia contra o próprio regimento de leis e interditos.

A arte e a literatura são subversivas porque nos ajudam a ver o mundo, a sairmos do lugar-comum, pois através delas exercitamos a liberdade e a subjetividade, numa atitude de contra poder. E por isso Eros "consegue estar em toda parte, camuflado sob vários disfarces, máscaras sociais que lhe garantem o livre trânsito, mesmo nos regimes mais autoritários. Nessas situações, ele sabe fazer-se ouvir de maneira cifrada, através de

seus signos múltiplos" (BRANCO, 1955, p. 67).

Eis a seguir os versos de Manuel Bandeira na coletânea Antologia da Poesia Erótica Brasileira (2017, p. 281) que evidenciam essa afirmativa:

> Mas a noite é nua, E nua na noite. Palpitam teus mundos E os mundos da noite.

Brilham teus joelhos, Brilha o teu umbigo Brilha toda a tua Lira abdominal.

No poema de Bandeira, temos Eros acionado à própria composição poética: lírica corporal. Poesia e erotismo se fundem também no poema *Parrede*, de Manoel de Barros. Vejamos:

> Quando eu estudava no colégio, interno, Eu fazia pecado solitário. Um padre me pegou fazendo.

- Corrumbá, no parrrede!

Meu castigo era ficar em pé defronte a uma parede e decorar 50 linhas de um livro.

O padre me deu pra decorar o Sermão da Sexagésima de Vieira.

- Decorrrar 50 linhas, o padre repetiu.

O que eu lera por antes naquele colégio eram romances de aventura, mal traduzidos e que me davam tédio.

Ao ler e decorar 50 linhas da Sexagésima fiquei embevecido.

E li o Sermão inteiro.

Meu Deus, agora eu precisava fazer mais pecado solitário! E fiz de montão.

- Corumbá, no parrrede! Era a glória.

Eu ia fascinado pra parede.

Desta vez o padre me deu o Sermão do Mandato.

Decorei e li o livro alcandorado.

Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases. Gostar quase até do cheiro das letras.

Fiquei fraco de tanto cometer pecado solitário.

Ficar no parrrede era uma glória.

Tomei um vidro de fortificante e fiquei bom.

A esse tempo também eu aprendi a escutar o silêncio das paredes.

(BARROS, 2008, p. 57)

Percebemos que o eu-lírico desse poema é inserido num contexto de sedução por

duas vias que se encontram: a poesia e o erotismo. Cometer "pecado solitário" era poder estar de encontro com a literatura. A única forma da linguagem capaz de obedecer às "desordens" do poeta e ao imaginário criador é através da literatura, o meio pelo qual a poesia alcança e tem relação íntima com a liberdade das palavras. Ainda, segundo Barthes (1978, p. 15): "Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente. Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também sobretudo a de não submeter a ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem". Fazer literatura, poetar, não é apenas ir além da linguagem, mas, é ir fora dela, é preciso sair da linguagem comum para se fazer literatura. Leyla Perrone-Moisés, em Flores da Escrivaninha, afirma que:

O próprio das palavras é desviar-nos do caminho reto do sentido. Supõe-se que o objetivo da fala seja dizer ao mundo ou agir sobre ele. Mas, se prestarmos ouvidos às palavras elas mesmas – isoladas (amavios, sultana) ou unidas em blocos que por si só não constituem uma significação (descrevem a tão atraentes cores) - encantamo-nos, distraímo-nos, e não chegamos a nada de prático. O extremo desse desvio (ou sedução) se chama poesia. (MOISÉS, 1990, p. 14).

A crítica literária brasileira diz que a poesia não é apenas "o desvio do caminho reto do sentido", mas é o extremo desse caminho, ou seja, o ápice desse trajeto. Ao comparar tal desvio com uma sedução, a autora faz uma reflexão sobre a sedução das palavras em seu uso poético. Esse desvio, essa trapaça atraente da palavra, presente na poesia, é o que torna o leitor seduzido pela linguagem literária e passe também por uma experiência de sedução, que, o próprio escritor, ao escrever seu poema, também tenha passado. Embora, cada um, autor e leitor, absorva de forma diferente a experiência da sedução da palavra.

É na linguagem, segundo Perrone-Moisés (1990, p. 20), que: "os processos substitutivos são infinitos e o jogo erótico pode circular em permanência". Em outras palavras, a linguagem literária é um processo infinito e sedutor, pois à medida que o leitor percebe os artifícios poéticos ou a construção poética do autor, formando um universo singular, eles fazem um pacto em torno da escrita literária e aceitam aquele mundo ficcional proporcionado pela poesia.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O professor, por meio da linguagem, mostra ou envia sinais para que o aluno, por si próprio, transforme potência em ato. Esse Eros ensinante nos fornece pistas das possibilidades de um homem ensinar outro. Em termos de formação humana, nossos sentidos são assediados constantemente, ensinar tem sido uma prática revolucionária. O professor faz revolução, portanto, todos os dias, ao enfrentar as violências de discursos voltados para os destinos coletivos - no âmbito da política, do mercado, da religião, e dos valores culturais de um modo geral.

De acordo com Rollo May, "Eros assume as asas da imaginação humana e transcende todas as técnicas, zombando dos livros de orientação, entrando em órbita acima de nossas regras mecânicas, amando em vez de manipular órgãos. Pois Eros é a forca que nos atrai" (1973, p. 81). Por intermédio de Eros, os seres buscam uns nos outros uma união que não se restringe ao ato sexual, mas que vai bem além: Eros excita a ânsia do conhecimento, a transcendência no mundo interpessoal e da natureza que nos rodeia, levando o homem a dedicar-se à própria busca em si. Mais que uma tentativa de sucesso, mais a jornada que o destino, é o que interessa. A jornada é aprender uma atenção apaixonada que nos abre para as vidas dos seres amados, ou se não, para a própria vida. Nesse processo, poderíamos chegar nós mesmos à fruição do pensamento platônico de uma maneira a "gerar nós mesmos", pois é Eros a força que nos impele para o todo, impulso que dá sentido a forma da nossa dissemelhança, molda a nossa debilitante deformidade e nos leva a sua incessante e eterna procura.

Dessa maneira, percebemos ao longo do percurso de realização desse trabalho que a sedução da palavra sempre implicará no rapto da alma. Discutir o erotismo é discutir o que somos. Percebemos que Eros, nesse contexto pedagógico, exerce triunfante papel, pois cria o impulso apaixonado da alma pelo conhecimento. E não há espaço melhor de se refletir sobre o código erótico do que na poesia, como ressalta o escritor Ítalo Calvino: "Hoje, já que as imagens e as palavras do 'erotismo' estão desgastadas e inúteis, resta à expressão poética a infinita liberdade das translações" (1961, p. 21). O rastro de Eros percorre até mesmo as terras movediças das sociedades controladas pelas leis e suscetíveis à repressão, pois os impulsos de Eros abrangem visões diversas, desde místicos a poetas, como fenômeno que representa o corpo e se insere na cultura. Logo, mostra-se como linguagem e discurso que, antes de tudo, pretende comunicar sua vontade

de continuidade e transgressão.

# REFERÊNCIAS

AVERBUCK, L. M. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BRANCO, Lúcia Castello. O que é erotismo. In: **O que é: amor, erotismo, pornografia**. (Coleção Primeiros Passos, 11). São Paulo: Círculo do livro, 1984.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Orientação Sexual Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <a href="http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf">http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf</a>. Acesso em 12 out. 2018.

CALI, Eduardo. Poesia na escola in: CARVALHO, Maria Angélica de Carvalho.

MENDONÇA, Rosa Helena. (orgs.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CALVINO, Ítalo. Sull' erotismo in letteratur. In: **Nuovi Argomenti** (n. 51-52), revista organizada por Alberto Moraiva e Alberto Carocci. Roma, 1961, p. 21-24.

CÂNDIDO, Antônio. **Na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. O direito à Literatura. In:\_\_\_\_\_. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. [1998].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MAY, Rollo. **Eros e repressão**: amor e vontade. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1973.

MOISÉS, Leyla Perrone-. **Flores da Escrivaninha**: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MORAES, Eliane Robert. (org). **Antologia da Poesia Erótica Brasileira**. Lisboa: Tinta da china, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura e o ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

# UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA: DESTACANDO A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA E DA LEITURA ATRAVÉS DE TEXTOS REFLEXIVOS

**Arônio Dias Cipriano** 

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

## Rosa Maria Alves de Souza

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

# Iosilene Marcelino Ferreira

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) josymf.mf@gmail.com

# **Ruth Rodrigues Santos**

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) rodriguesruth.s@gmail.com

**RESUMO:** O referente artigo descreve o resultado de um projeto desenvolvido na Escola de Ensino fundamental e Médio Adauto Leite no município de Mauriti-CE. Como futuros professores a meta é fazer com que os alunos se aprendam, e incentivar os alunos a lerem textos que transmitem ensinamentos e que trabalhe a oralidade e a interpretação. Assim observamos as turmas dos 3º anos do ensino médio, pois, ao analisar esses alunos o professor irá fazer parte da rotina deles e ajudará no enriquecimento profissional. Nessa perspectiva a didática além de ser fundamental, ela favorece uma aprendizagem qualitativa, tendo em vista, buscar o melhor para os alunos e o melhor para o professor, tornando suas ações seguras e precisas, e, além disso, para que o professor possa estar sempre buscando novas formas de ensino, valorizando- se enquanto educador, onde a realização desse projeto foi um grande desafio, foi algo novo, que tanto nos fortaleceu, quanto ajudou os alunos a refletirem sobre as fábulas apresentadas. A didática vem abrindo novos horizontes, pois ela tanto trabalha o papel do professor em sala de aula, quando o papel do aluno, e isso vem sendo de suma importância para todos. Entende-se que a didática além de ser de suma importância para a atuação do docente, ela é vista como um conjunto de atividades organizadas pelo docente, que visa o favorecimento e a construção de conhecimentos nos estudante. Este trabalho é baseado em referência de autores renomados, como Fávero (2000), Freire (1998 e 2001), Vasconcellos (2011) e dentre outros. Assim, concluímos a partir das atividades desenvolvidas e percebemos que a didática do professor é de suma importância na vida do aluno, para que ele participe da aula e possa interagir, dialogar e compreender, e que o estudante tem que entender que a capacidade de ler significa, sobretudo, a condição de compreender um mundo que vai se mostrando cada vez maior e mais surpreendente, e o professor deve buscar meios de incluir o aluno nas atividades, mudando a sua metodologia de ensino, fazendo com que ele sintam-se motivados a participar. O professor é à base do crescimento e do aprendizado do aluno, e o seu papel é de suma importância para a formação crítica e reflexiva em sala de aula. Onde o educador além de compartilhar conhecimentos ele é responsável pelo o aprendizado do aluno.

Palavras-chave: Leitura Reflexiva. Didática. Formação docente. Processo de leitura.

### 1 INTRODUÇÃO

O professor é à base do crescimento e do aprendizado do aluno, e o seu papel é de suma importância para a formação crítica e reflexiva em sala de aula. Onde o educador compartilha conhecimentos e é responsável pelo o aprendizado do aluno. O referente artigo descreve o resultado de um projeto desenvolvido na Escola de Ensino fundamental e Médio Adauto Leite no município de Mauriti-CE. Como futuros professores a meta é fazer com que os alunos se aprendam, e incentivar os alunos a lerem textos que transmitem ensinamentos e que trabalhe a oralidade e a interpretação. Assim observamos as turmas dos 3º anos do ensino médio, pois, ao analisar esses alunos o professor irá fazer parte da rotina deles e ajudará no enriquecimento profissional.

Nessa perspectiva a didática é fundamental, e ela favorece uma aprendizagem qualitativa, tendo em vista, buscar o melhor para os alunos e o melhor para o professor, tornando suas ações seguras e precisas, e, ademais, para que o professor possa estar sempre buscando novas formas de ensino, valorizando-se enquanto educador, onde a realização desse projeto foi um grande desafio, foi algo novo, que tanto nos fortaleceu, quanto ajudou os alunos a refletirem sobre as fábulas apresentadas.

A didática vem abrindo novos horizontes, pois ela tanto trabalha o papel do professor em sala de aula, quando o papel do aluno, e isso vem sendo de suma importância para todos. Entende-se que a didática é de suma importância para a atuação do docente, e ela é vista como um conjunto de atividades organizadas pelo docente, que visa o favorecimento e a construção de conhecimentos nos estudantes.

Trabalhar textos reflexivos, que no caso foram fábulas incentivadoras, contendo a moral, cuja estrutura se presta por natureza à expressão da opinião de cada um. Trabalhar textos que motive os alunos é de suma importância, pois é necessário que eles aprendam a analisar e a refletirem sobre os textos, buscando identificar erros, pontuação

e vírgulas, pois é através da leitura que o aluno desenvolve a sua capacidade de pensar e de escrever. Assim afirma Freire (1996, p. 46) "a leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo".

Nesse sentido, foi de grande relevância trabalhar fábulas reflexivas na sala de aula, onde abordarmos o tema para estimular os alunos a desenvolverem suas habilidades em relação ao que os textos transmitem, e a perceberem o quanto a leitura é importante para o seu desenvolvimento intelectual e crítico.

Assim, este artigo tem como objetivo, mostrar como se dá o aprendizado dos alunos através de textos reflexivos e abordar a importância da Didática do professor. Onde a falta de leitura provoca problemas graves na formação da escrita, pois é através da leitura que o aluno desenvolve a sua capacidade de pensar e de escrever, utilizando fábulas reflexivas abrindo oportunidades para uma boa reflexão, fazendo com que os alunos se envolvam na participação e procurem uma melhor forma de fazer com que seus colegas entendam o que as fábulas vêm transmitir, tanto para a vida pessoal como profissional.

Envolver os alunos na interpretação de textos é de suma importância, e para tanto, realização do projeto levou os alunos a se expressarem e a identificarem os erros, fazendo com que todos se envolvessem e expusessem suas opiniões.

Para tanto, utilizamos de uma pesquisa de natureza qualitativa, onde realizamos um estudo bibliográficos de alguns autores, como, Fávero (2000), Freire (1998 e 2001), Vasconcellos (2011) e dentre outros, para compreender, analisar e mostrar as dificuldades que os professores enfrentam em sala de aula, implicando formas de ensino e aprendizagem. Assim, a Didática, a pedagogia e suas contribuições para a prática educativa é de grande importância.

### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O papel da didática vem sendo muito importante para a formação docente, pois, a partir do momento que o professor muda sua forma de ensino, sua metodologia, o aluno passará a se interessar mais pelo o assunto. Vasconcellos, em uma de suas colocações diz

que:

A Didática é um dos campos teóricos (ou teórico-metodológicos) mais específicos da função docente, pois dominar bem uma área de conhecimento não nos faz professores, mas especialistas naquela área; se adicionarmos saberes éticos e de cultura geral, passamos a ser pessoas interessantes especialistas em determinada área de conhecimento. Mas para que nos tornemos professores, educadores de profissão, devemos dominar ainda os saberes pedagógicos, que têm na Didática seu eixo articulador. (VASCONCELLOS, 2011, p. 33).

Além de alimentar esses saberes pedagógicos, a didática é uma fonte enriquecedora para o desenvolvimento de habilidades e cabe aos profissionais que lidam dia a dia com esse grandemeio cultural, compreender essa nova realidade e utilizar seus conhecimentos para potencializar os pontos positivos de sua turma de alunos, e ajudálos a corrigir seus pontos a serem melhorados. Sabe-se, porém, que na prática é muito difícildar atenção especial a todos os alunos, o tempo todo. Por isso cabe ao professor realizar um planejamento de aula assim como diz Assis:

[...] o planejamento se faz importante tanto para o professor quanto para os alunos, já que direciona o caminho a ser percorrido, pois necessitamos planejar o que queremos realizar. Na área escolar isso é fundamental, pois o planejamento proporcionará realizar as previsões e conseguir executá-las, para atingirmos os objetivos e finalidades traçadas. (ASSIS, 2008, p. 07).

O professor ensinar e aprende cada vez que explica algo. Freire (1996) afirma que "quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender". O professor como exemplo é responsável pelo construtor do conhecimento, ora vem destacar o papel do aluno como sujeito.

Para isso deve possibilitar aos docentesa compreensão de sua capacidade de atuação profissional em ambientes que extrapolem as unidades escolares e aumentar suas áreas de atuação.

Os professores têm buscado contribuições nas novas concepções sobre a educação, nas teorias mais atuais de desenvolvimento e aprendizagem. O impacto da tecnologia da informação e das comunicações sobre os processos de ensino e de aprendizagem também tem contribuído para esse repensar. A necessidade de novas

metodologias, técnicas e materiais de apoio são, do mesmo modo, um desafio na trajetória do profissional docente.

Ao professor cabe o papel de acompanhar os alunos auxiliando-os em seu próprio processo de aprendizagem. O eixo do trabalho pedagógico desloca-se da compreensão intelectual para a atividade prática, do aspecto lógico para o psicológico, dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos de aprendizagem. (SAVIANI 2007, p. 104).

A educação expressa à forma do desenvolvimento humano em contexto cultural; o docente, então é o que facilita a transformação da informação em saber por meio de uma prática relacional e organizando situações pedagógicas para o aprendiz, formas de comunicação que favoreçam a aprendizagem dos alunos. E a didática trata da estruturação do saber e gestão dos conteúdos pelo professor e de sua apropriação pelo aluno.

A educação e aprendizagem começaram a ser valorizadas pela sociedade, onde a pedagogia ganhou grande ênfase com o surgimento da escola como instituição de ensino organizada e principalmente, como meio de práticas para crianças e jovens.

Entende-se que para termos a educação como fonte transformadora do ser humano e da sociedade é preciso que o professor se coloque como protagonista e em contínuo processo de formação, e essa não é uma tarefa fácil. Para ver coisas novas é necessário renovar o olhar e desprender-se das antigas idéias. Assim, desenvolvemos um projeto em sala, e buscamos trabalhar formas que não deixassem a aula monótona, buscando uma metodologia que comportassem aos alunos.

Na execução do projeto, foram distribuídas as fábulas para os alunos fazerem a correção, identificarem os erros, e transcreverem corretamente, e a forma que eles iriam apresentar as fábulas na sala. A ideia do projeto era fazer com que eles entendessem os diversos sentidos que as palavras têm, buscando corrigir as palavras e que percam o nervosismo e reflitam sobre o que as fábulas vêm transmitir em suas vidas, para que todos aprendam os textos de forma divertida e que refletem sobre a moral de cada fábula.

A execução do projeto aconteceu de forma positiva, os alunos apresentaram as fábulas de forma simples, porém interativa. Para que acontecesse era necessário a interpretação para poderem passar a mensagem de forma clara e explicativa para os colegas, pois era justamente essa proposta que o projeto abordou, o envolvimento dos alunos no estudo do texto.

Na fase de execução do projeto, a sala foi dividida em 10 equipes, cada equipe ficou com uma fábula. Foram trabalhadas na sala de aula 10 fábulas do Esopo, com erros ortográficos.

Essas fábulas são fontes enriquecedoras para os alunos, além de ajudar a refletir elas trazem grandes ensinamentos para os dias futuros.

Esses textos foram distribuídos para as equipes e pedimos que eles lessem as fábulas, identificassem os erros, fazendo o uso do dicionário e no dia seguinte apresentassem os textos em sala compartilhando o que as fabulas queriam transmitir, fazendo uma breve reflexão.

Foram dois dias de apresentação, eles simplesmente compreenderam, identificaram os erros, transcreveram corretamente e o que mais surpreendeu foi à interpretação das fábulas. Como todas as fábulas tinham uma moral, isso os ajudou a se expressarem e refletirem com toda clareza e firmeza, até aqueles alunos que não gostam de se apresentarem a frente de todos foram os que mais se envolveram.

As fábulas trabalhadas tanto são reflexivas, como deixaram ensinamentos para cada um, para que nunca desistem dos seus sonhos e que possam seguirem firmes na longa caminhada da vida.

Tivemos grandes resultados, pois percebemos que os alunos se sentiram motivados a analisar os textos e a apresentarem, para mais, eles puderam apresentar o que as fábulas queriam transmitir, através de gestos, brincadeiras e usando a oralidade. Para os alunos foi algonovo, e isso desperta um grande interesse, pois é algo que gera curiosidade. O envolvimento de todos foi muito importante, até os que não participavam das aulas se sentiram motivados a participar. A reflexão fez com que eles abrem os olhos para novos horizontes.

No entanto, a partir das atividades desenvolvidas, pudemos perceber que a didática do professor é de suma importância na vida do aluno, para que ele participe da aula e possa interagir, dialogar e compreender, e que o estudante tem que entender que

a capacidade de ler significa, sobretudo, a condição de compreender um mundo que vai se mostrando cada vez maior e mais surpreendente, e o professor deve buscar meios de incluir o aluno nas atividades, mudando a sua metodologia de ensino, fazendo com que ele sintam-se motivados a participar.

Essa foi uma grande experiência, o projeto realizado foi de suma importância para atuarmos na sala de aula, pois nos fortaleceu e nos mostrou como trabalhar atividades e como desenvolver métodos de ensino.

Conforme com o que foi realizado na sala de aula, o que pudemos perceber é que a didática do professor é de suma importância na vida do aluno, para que ele participe da aula e possa interagir, dialogar e compreender. Para que aja uma aula bem sucedida, o professor deve buscar meios de enquadrar o aluno, mudando a sua metodologia de ensino, fazendo com que ele se sinta motivado a participar.

Percebemos ao realizarmos o projeto, que os alunos interpretaram muito bem as fábulas, e os que menos participavam das aulas, os que mais conversavam, foram osque mais participaram e se envolveram nas interpretações e dinâmicas. A reflexão fez com que eles abrissem os olhos para novos horizontes.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluímos que o projeto realizado em sala de aula foi muito importante para o envolvimento dos alunos, na identificação dos erros encontrados nos textos reflexivos, a forma como apresentaram e interpretaram a moral de cada fábula, onde eles se motivaram e expuseram seu ponto de vista.

Por isso podemos identificar a importância da disciplina de Didática, principalmente em um curso de Licenciatura, e o papel da nossa professora que nos fortaleceu para a realização do projeto.

Com as aulas e os estudos teóricos, fizemos o planejamento e pensamos na melhor forma possível para desenvolvermos o projeto. Através do que aprendemos em sala de aula, podemos enfatizar que houve a oportunidade de aprender muito mais como futuros professores numa determinada disciplina, utilizemos uma linguagem mais científica e menos "pessoalizada", pois é através dessa disciplina que aprendemos a sermos bons professores, a planejar uma boa aula, desenvolvendo novos métodos de

ensino, buscando com que os alunos se interagem e participem da aula.

### REFERÊNCIAS

ASSIS, Renata Machado; BARROS, Marcos Oliveira e CARDOSO, Natália Santos. **Planejamento de ensino**: algumas sistematizações. Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia Campus Jataí da Universidade Federal de Goiás, [Vol. I - n.4 ] [jan/jul] [ 2008]. ISSN: 1807-9342.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna/ Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira Andrade, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. Ed. São Paulo: Cortez. 2011.

FREIRE, Paulo. Ensinar é uma especificidade humana. In: **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAVIANI, D. **Pedagogia: o espaço da educação na universidade**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, p. 99-134, jan./abr. 2007.

VASCONCELLOS, C. S. **Formação didática do educador contemporâneo: desafios e perspectivas.** In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de Formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 33-58, v. 9.

# OS PROCESSOS DE ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ENQUANTO SUJEITOS SOCIAIS

Ellem Ellyzabeth Barbosa Quirino

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) ellem.ellyzabeth@gmail.com

Cícera Janaína Rodrigues Lima

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) ianainarodrigueslima@live.com

**RESUMO:** A escrita tem importância fundamental na vida do ser humano, mas para que ele domine esta prática é preciso que tenha conhecimento das suas técnicas e os diversos gêneros textuais, e isso se dá através do ensino e da prática da escrita em sala de aula, esse processo ocorre a partir do momento em que o aluno entende que "produzir e entender textos não é uma simples atividade de codificação e decodificação" (MARCUSCHI, 2008, p. 99). Assim, entendemos que para escrever é necessário um conhecimento linguístico, enciclopédico, contextual e cognitivo e não apenas conhecer, mas saber usar esses conhecimentos para transformar aquilo que se quer dizer, pois o texto não é apenas decodificar símbolos ou um fenômeno linguístico, mas é uma forma de interação social em que os sujeitos interagem a partir do que se está sendo estudado e/ou falado. Esse trabalho tem como objeto de estudo o foco nas dificuldades em relação à escrita apresentadas pelos alunos de Ensino Médio, que muitas das vezes escrevem não por prazer, mas por ser uma obrigação, algo que os fará receber a nota no fim do ano. Para isso nosso objetivo é compreender a escrita enquanto objeto de interação social na formação dos sujeitos envolvidos no processo e como os alunos lidam com essa prática em sala de aula. Usamos como aporte teórico as definições sobre escrita de Queiroz (2005), das análises de gênero e produção textual realizadas por Marcuschi (2008), as experiências de práticas de ensino e de correção de textos descritas por Passarelli (2012), os estudos do texto como instrumento de interação social realizados por Cavalcante (2016) e os estudos de gênero no contexto brasileiro de Bezerra (2017). Com isso, podemos entender que a escrita é uma atividade essencial na vida dos sujeitos enquanto construtores da sua própria identidade e vemos que ela tem fundamental importância como uma prática de interação social. Dessa maneira, destacamos como é de grande importância o desenvolvimento de estudos em relação à atividade de escrita, pois o que vemos muito hoje é a falta da qualidade da escrita dos estudantes, isso não se dá apenas pela falta de desinteresse destes, mas também pela falta de diálogo com sujeitos envolvidos no processo de escrita e atividade sistemática relacionada à escrita, que quando ensinam produção textual mostram apenas alguns gêneros textuais.

Palavras-chave: Escrita. Gêneros. Interação social.

### 1 INTRODUÇÃO

A escrita é algo de fundamental importância na vida de um estudante e para que ele domine esta prática é preciso que tenha conhecimento das suas técnicas e os diversos gêneros textuais, e isso se dá através do ensino e da prática da escrita em sala de aula, esse processo ocorre a partir do momento em que o aluno entende que "produzir e entender textos não é uma simples atividade de codificação e decodificação" (MARCUSCHI, 2008, p. 99).

Assim, entendemos que para escrever é necessário um conhecimento linguístico, enciclopédico, contextual e cognitivo e não apenas conhecer, mas saber usar esses conhecimentos para transformar aquilo que se quer dizer, pois o texto não é apenas decodificar símbolos ou um fenômeno linguístico, mas é uma forma de interação social em que os sujeitos interagem a partir do que se está sendo estudado e/ou falado.

Dessa maneira, destacamos como é de grande importância o desenvolvimento de estudos em relação à atividade de escrita, pois o que vemos muito hoje é a falta da qualidade da escrita dos estudantes, isso não se dá apenas pela falta de desinteresse destes, mas também pela falta de diálogo com sujeitos envolvidos no processo de escrita e atividade sistemática relacionada à escrita, que quando ensinam produção textual mostram apenas alguns gêneros textuais e cobram apenas aquele que será cobrado em avaliações.

Seguindo essa linha de pensamento, Passarelli (2012, p. 40) afirma que "a própria escola contribui para o desgosto dos estudantes em relação à escrita", pois os professores cobram, na maioria das vezes, apenas um tipo de gênero textual, e não para que o aluno escreva por ter prazer na atividade escrita, mas porque é necessário para que ele consiga realizar as atividades externas a que são submetidos.

Deste modo, este trabalho foca-se nas dificuldades em relação à escrita apresentadas pelos alunos de Ensino Médio, que escrevem não por prazer, mas por ser uma obrigação, algo que os fará receber a nota no fim do ano, isso nos traz a seguinte reflexão: como acontecem os processos de escrita no Ensino Médio e como os alunos veem a escrita na construção de sua identidade enquanto sujeito social? Diante do questionamento, pretendemos compreender a escrita enquanto objeto de interação social na formação dos sujeitos envolvidos no processo, e como os alunos lidam com essa

prática, visto que escrever requer dedicação e tempo e que é preciso mostrar aos nossos alunos a importância que a escrita apresenta social e culturalmente.

Portanto, entendemos a relevância da pesquisa para o ensino de diversas práticas e gêneros textuais em sala de aula, pois ao saírem do Ensino Médio muitos alunos ingressarão no Ensino Superior, o que acarretará graves dificuldades quando eles precisarem lidar com gêneros acadêmicos e outros gêneros textuais até então desconhecidos devido a falta de ensino nas escolas.

Em síntese, para a realização desse trabalho será feita uma revisão bibliográfica a partir das definições sobre escrita de Queiroz (2005), das análises de gênero e produção textual realizadas por Marcuschi (2008), as experiências de práticas de ensino e de correção de textos descritas por Passarelli (2012), os estudos do texto como instrumento de interação social realizados por Cavalcante (2016) e os estudos de gênero no contexto brasileiro de Bezerra (2017).

### 2 OS PROCESSOS DA ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Para estudarmos o processo de escrita é preciso entendermos a sua importância para a convivência com a sociedade, pois é um processo interacional, as pessoas se comunicam umas com as outras também através da escrita, e um texto publicado hoje pode afetar pessoas daqui a 100 (cem) anos, por exemplo, por isso a sua importância, pois a escrita "é a fixação da linguagem falada numa forma permanente ou semipermanente" (QUEIROZ, 2005, p. 2).

Quando o aluno vai escrever é necessário que haja o entendimento de que para escrever um texto ele não apenas precisa ter o conhecimento teórico, mas que escrever é, também, uma prática de interação social, por isso é preciso que ele saiba que a língua é um objeto social, ela está ligada à sociedade a que está inserida, como nos afirma Marcuschi (2008, p. 52) "a língua não é estanque e varia ao longo do tempo, inclusive na escrita", assim entendemos que ela pode mudar de acordo com o tempo.

Outro fator importante a ser entendido é que para escrever é preciso que haja um conhecimento dos gêneros textuais, um texto não pode ser reduzido apenas nos aspectos coesivos e para entender os aspectos discursivos é preciso que haja a compreensão de que há uma variedade de gêneros que se configuram a partir de um

propósito comunicativo, assim entendemos que "os gêneros se diversificam de acordo com a situação imediata de comunicação" (CAVALCANTE, 2016, p. 46) e são eles que tornam um discurso legítimo.

Para escrever qualquer texto é preciso haja a compreensão do que estamos escrevendo, o que são gêneros textuais e que entendamos as diferenças entre tipo e gênero textual, pois é bastante comum virmos pessoas com dificuldades de diferenciarem o tipo textual do gênero textual.

Com a definição de gênero e tipo textual podemos perceber que há, muitas das vezes, um equívoco quanto à sua diferenciação, pois "o gênero é reduzido a uma sequência ou tipo textual" (BEZERRA, 2017, p. 43), pois é comum virmos alunos caracterizando seus textos como Gênero Dissertativo, por exemplo, e esse equívoco se dá, grande parte das vezes, pela falta de compreensão da diferença entre o que é o gênero e o que é o tipo textual.

Os tipos textuais, segundo a definição de Marcuschi (2008, p. 154), são caracterizados "muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados", os tipos são modos textuais e se limitam aos já existentes, nós apenas vemos os mesmos tipos textuais, são eles: narrativo, injuntivo, descritivo, dissertativo e expositivo. Enquanto os gêneros textuais são, segundo Marcuschi (2008), textos que encontramos no nosso dia a dia. Os gêneros são ilimitados e apresentam-se de diferentes formas. Também não são estáticos, como os tipos textuais que são somente os 5 (cinco) tipos, mas podem surgir novos de acordo com a necessidade social.

Apesar de tratarmos e percebermos as diferenças entre esses dois, não podemos dizer que eles são dicotômicos, mas é importante a visão de que eles "não subsistem isolados nem alheios um ao outro", (MARCUSCHI, 2008, p. 156), mas que eles são integrados um ao outro, pois ao recorrermos aos gêneros textuais, para escrevemos, por exemplo, uma reportagem jornalística, ao descrevermos o local, ao situarmos tempo e espaço, tudo isso são tipos textuais que estaremos usando, por isso dizemos que eles se complementam e são integrados.

Marcuschi (2008, p. 156) afirma que os gêneros "nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias", mas que de alguma forma eles fazem com que a nossa escrita seja limitada, mas que é preciso que compreendamos que eles não são isolados, eles apresentam-se de forma dinâmica e mesmo que nos imponha

a alguns padrões a serem seguidos, eles nos dão a liberdade de escolha, criatividade, para a produção do nosso texto.

Partindo do estudo de análise e compreensão dos gêneros textuais, podemos levar em consideração o que nos afirma Marcuschi (2008, p. 156) que esses "são formas constitutivas do texto em funcionamento", se entendermos essa afirmação, podemos perceber que a grande dificuldade no ensino de produção textual, hoje, é exatamente a falta de compreensão dos gêneros textuais, e a delimitação da correção de um texto apenas pelos seus aspectos gramaticais e ortográficos, fugindo da análise de se o aluno se adequa ao que foi proposto e os mecanismos de interação social usados por ele para convencer o público leitor da sua opinião.

Desta forma entendemos que "o texto não é apenas um sistema formal e sim uma realização linguística a que chamamos de evento comunicativo e que preenche condições não meramente formais", Marcuschi (2008, p. 94), assim, vemos que o texto é uma forma de interação social, por isso é importante que a sua correção seja feita também com base nos argumentos produzidos e não apenas reduzi-lo a uma construção gramatical.

Seguindo esse pensamento entendemos que a escrita é um processo construtivo do ser humano que vai se construindo a partir do seu contato com a leitura e outras atividades envolvidas nesse processo, escrever não é apenas desenhar letras sobre um papel, mas requer conhecimento e dedicação. Para isso, Passarelli (2012, p. 44) nos diz que "escrever não é tanto uma questão de inspiração, mas de transpiração", pois é preciso um esforço para que haja o desenvolvimento da escrita.

Nesta perspectiva compreendemos que a grande dificuldade de muitos estudantes é a falta da prática da escrita, pois muitos apenas querem usar textos prontos e não se dedicam a aperfeiçoarem essa prática, seja por falta de interesse, falta de incentivo ou até mesmo pelo desgosto em relação à escrita devido o mau ensino e a má correção dos textos escritos por eles.

A falta de correção dos textos escolares ou até mesmo a má correção desses textos é um fator extremamente responsável para a falta de interesse dos alunos em escrever, pois na hora da correção dos textos os professores focam apenas nos aspectos coesivos e esquecem-se que "a coesão não é nem necessária nem suficiente, ou seja, sua presença não garante a textualidade e sua ausência não impede a textualidade" (MARCUSCHI,

2008, p. 104), pois o texto não é formado apenas de aspectos coesivos, e a observação apenas desses aspectos faz com que muitos alunos tirem notas baixas nos seus textos e não tenham vontade de escrever.

Outro fator que é bastante responsável pela falta de interesse dos alunos na escrita são os temas que, muitas das vezes são propostos, como afirma Passarelli (2012, p. 60), um dos motivos para que os alunos não queiram escrever "é que, em geral, os temas propostos para as redações estão distantes da realidade dos alunos", pois torna para eles uma dificuldade, escreverem textos de temas que eles não têm no seu cotidiano e que não estão nem próximos de sua realidade.

Desta forma, entendemos a escrita como uma atividade essencial na vida dos sujeitos enquanto construtores da sua própria identidade e vemos a sua importância como uma a prática de interação social, levando em consideração que "o texto é uma (re)construção do mundo" (MARCUSCHI, 2008, p. 72) e por isso envolve não somente aspectos linguísticos, mas aspectos cognitivos e sociais.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nesses estudos, podemos perceber que a escrita tem uma importância fundamental na vida do homem, pois quando falamos é necessário que haja uma comunicação simultânea, pois enquanto a boca fala é preciso ouvidos que ouçam, isso não acontece com a escrita, porque "o discurso escrito transcende o espaço e a duração" (QUEIROZ, 2005, p. 3), o texto escrito não pode ser facilmente retido e para atingir um leitor não é preciso a presença de quem escreveu ou que esse processo se dê simultaneamente, como a língua falada.

Portanto, podemos entender o quanto a escrita é fundamental, pois ela sendo um objeto social, cria práticas de interação social entre os sujeitos, de modo que quem está escrevendo possa se compreender enquanto construtor da sua própria identidade, levando em conta todos os aspectos cognitivos e sociais que nela estão inseridos.

### **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão.

São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

QUEIROZ, Rita Cássia Ribeiro de. **A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual**. In: VI CINFORM - Encontro Nacional de Ciência da Informação, 2005, Salvador. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a\_info\_escrita.pdf> Acesso em 06/02/2018.

### DESENHO: UMA NOVA ESTRATÉGIA INOVADORA NAS AULAS DE ANATOMIA HUMANA

### Maria Gleiciane da Silva

Graduanda em Ciências Biológicas Universidade Regional do Cariri (URCA) mariagleiciane455@gmail.com

### Thais Faustino Bezerra

Graduanda em Ciências Biológicas Universidade Regional do Cariri (URCA) thaisfaustino00@gmail.com

### Rosa Carolline de Alencar

Docente do Curso de Ciências Biológicas Universidade Regional do Cariri (URCA) rosacarolline@hotmail.com

**RESUMO:** Atualmente, a Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE, não tem laboratório de biologia e com isso, os professores de biologia vêm criando novas estratégias pedagógicas para tentar estimular os discentes no ensinoaprendizagem, pois muitas vezes, eles se sentem desmotivados por não ter um laboratório na unidade. Os professores de biologia mostram que são capazes de ensinar sem laboratório, pois os recursos didáticos que utilizam são eficientes. De acordo com Souza (2007), utilizar recursos didáticos no processo de ensino- aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser utilizados pelo professor na aplicação de suas aulas (SOUZA, 2007). É importante a utilização desses recursos pedagógicos, por exemplo, o desenho, ele é um importante recurso de aquisição de conhecimento, pois é através dele que os discentes da universidade estão aprendendo o conteúdo da disciplina de Anatomia Humana, para que todos os alunos possam assimilar o conteúdo de uma forma mais fácil para seu entendimento, pois muitos conteúdos na biologia é necessário que se tenha a teoria e a prática para o melhor entendimento. Vendo essas necessidades, os professores da unidade procuram diariamente inovar dentro de sala de aula e o desenho é uma dessas maneiras. A professora de Anatomia Humana teve a ideia de utilizar os desenhos como um mediador ensino e aprendizagem. Os desenhos foram considerados por todos discentes, como uma ótima iniciativa pela professora da disciplina, pois os alunos conseguiram aprender e compreender o assunto abordado na sala de aula. Essa nova estratégia inovadora quebra qualquer barreira existe em relação às aulas práticas no curso de biologia, pois mostra que é possível que se tenha uma aula sem laboratório de biologia na universidade.

Palavras-chave: Aulas Práticas. Desenhos. Inovação.

### 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha- CE, não tem laboratório de biologia e com isso, os professores de biologia vêm criando novas estratégias pedagógicas, para tentar estimular os discentes no ensino- aprendizagem, pois muitas vezes, eles se sentem desmotivados por não ter um laboratório na unidade. Os professores de biologia mostram que é capaz de ensinar sem laboratório, pois os recursos didáticos que utilizam são eficientes.

De acordo com Souza (2007),

Utilizar recursos didáticos no processo de ensino- aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser utilizados pelo professor na aplicação de suas aulas (SOUZA, 2007, p. 112-113).

É importantíssimo a utilização desses recursos pedagógicos, por exemplo, o desenho, ele é um importante recurso de aquisição de conhecimento, pois é através dele que os discentes da universidade, estão aprendendo o conteúdo da disciplina de Anatomia Humana, para que todos os alunos possam assimilar o conteúdo de uma forma mais fácil para seu entendimento, pois muitos conteúdos na biologia é necessário que tenha a teoria e a prática para o melhor entendimento. Vendo essas necessidades os professores da unidade, procuram diariamente inovar dentro de sala de aula e o desenho é uma dessas maneiras.

Segundo FONTANA,

Elemento capaz de proporcionar a livre expressão e a criatividade, o desenho se faz presente na escola como exercício de coordenação motora ou treino de habilidades manuais, como ilustração ou apoio para a compreensão de determinados conteúdos ou, ainda, como recurso para a mera ocupação do tempo quando a programação do dia já foi cumprida (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 145).

O desenho é um elemento essencial para expressar a criatividade e adquirir novos conhecimentos, porque os discentes iram desenvolver suas habilidades através dos desenhos e com isso poderá facilitar aprendizagem de determinado conteúdo que é necessário para aula em laboratório de biologia. Ao desenhar o aluno tem uma maior

facilidade de assimilação de conteúdo, desta forma irá apresentar uma de fato conhecimentos específicos dos conteúdos ligados a anatomia. Ao desenhar partes do corpo humano em papel o aluno ira apreender de forma dinâmica, e divertida.

De acordo com Fassina,

O desenho antecede, organiza e estrutura o pensamento narrativo. Serve como ponte (zona proximal) entre o desenvolvimento real e o potencial, ou seja, serve como auxiliar de significação do texto verbal e escrito num primeiro momento de aprendizagem da língua escrita. (FASSINA, 2007, p. 3)

Por meio dos desenhos, os discentes poderão aprender o conteúdo das aulas sem nenhum problema, de modo que os desenhos servem com auxiliar na aquisição de novos conhecimentos para o ensino e aprendizagem dos discentes, em razão que biologia é um curso que é totalmente necessário que haja aulas práticas. Em uma aula de anatomia é muito complicado se trabalhar uma pratica se a instituição não ofertar de um laboratório próprio para aula. Então o docente pode optar por levar partes de bonecos específicos da anatomia humana ou animal e pedir para que o discentes reconheçam, as partes constituintes e desenvolvam no papel, como forma de memorização do assunto, ou até mesmo pelo fato de desenvolver o caderno de desenho para sempre que houver duvidas em conteúdos ligados a anatomia, tenham o livro de desenhos como suporte.

O conhecimento científico vive em busca constante de explicações diferentes para um determinado fenômeno, no sentido de "quebrar" paradigmas e a partir daí avançar. O conhecimento cotidiano procura compatibilizar os possíveis conflitos, já que não incomoda a coletividade (Bizzo, 2002). A busca por novos conhecimentos deve ser sempre de forma continuada, e constante para maior conhecimento dos assuntos estudados.

### 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A professora da disciplina de Anatomia Humana buscou novas estratégias para administrar suas aulas, possibilitando e facilitando a aprendizagem e uma melhor compreensão da sua disciplina para os discentes. Essa disciplina não pode ser repassada dentro de sala sem prática, é essencial que se tenha uma melhor assimilação do conteúdo.

A didática utilizada pela professora foi colocar os discentes do 5° semestre de biologia, para desenhar, chamar a atenção e aprimorar seus conhecimentos sobre o sistema esquelético humano, pois é uma parte da anatomia que precisa de prática e a unidade não se tem laboratório de biologia, e se não tivesse pratica a professora pensou que poderia trazer alguns problemas em ralação a assimilação do conteúdo, pois não é muito fácil de se aprender. A professora passou exemplos de desenhos do sistema esquelético, os desenhos eram para colocar o nome de cada osso e suas delimitações, explicou como era pra ser feito e estipulou um prazo de 15 dias para entregar o caderno de desenho. Desta forma todos os discentes realizaram os desenhos até formar um caderno de desenhos no qual desenharam partes do esqueleto humano, nomearam e cada aluno fez de forma bem dinâmica suas pinturas nos desenhos. Em depoimentos sobre estratégias de como foi o método de desenhos os discentes ressaltaram o qual foi proveitoso o método de desenhos na aula de anatomia e divertido ao mesmo tempo. De acordo com Edwards (2005), o processo de desenhar está interligado com a capacidade de "ver" (percepção). E este está relacionado ao desenvolvimento das cinco habilidades básicas necessárias à capacidade de percepção: desenhos, e uma forma de revelar seus conhecimentos de forma eficaz e aprendizagem significativa.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando-se em consideração os aspectos apresentado no presente artigo, concluise que a iniciativa da professora de Anatomia Humana, em relação aos desenhos é benéfica para o ensino, aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos, para os discentes que possam ajuda-lhos futuramente. Os desenhos foram considerados por todos discentes, como uma ótima iniciativa pela professora da disciplina, pois os alunos conseguiram aprender e compreender o assunto abordado dentro de sala de aula.

Essa nova estratégia inovadora quebra qualquer barreira existe em relação às aulas práticas no curso de biologia, pois mostra que é possível que se tenha uma aula sem laboratório de biologia na universidade. Por meio da pesquisa e busca por novos métodos de aprendizagem o docente tem uma capacidade gigante de desenvolver novos métodos de ensino aos seus alunos.

### REFERÊNCIAS

BIZZO, N. Ciências: fácil ou difícil? São Paulo: Ática, 2002.

FASSINA, Marice Kincheski. **Desenhação um estudo sobre o desenho infantil como fonte de múltiplas possibilidades no Ensino Fundamental**. Disponível em: http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo3/anais/Marice%20Fassina.pdf. Acesso em: Acesso em: 01 set. 2017.

FONTANA, Roseli. CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.

LUQUET, Georges Henri. **O desenho infantil.** Tradução de Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Editora Livraria Civilização, 1969.

SOUZA, Salete Eduardo. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇAO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: "INFANCIA EPRATICAS EDUCATIVAS". Maringá, PR, 2007.

# Discurso e Representações Sociais

### BREVES PERCEPÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA BRASILEIRA: RELENDO SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR

### Cícera Bruna Santos Augustinho

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) bruna live1046@hotmail.com

### Andressa Almeida dos Santos

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) as27807@gmail.com

### Antônia Eudivânia de Oliveira Silva

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) eudivaniasilva@gmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho é resultado do grupo de estudos: gênero e sexualidade na literatura brasileira (GESLIB) e tem como objetivo refletir acerca dos lugares sociais reservados a mulher no século XIX a partir da obra senhora, de José de Alencar. Partindo da premissa que obras fictícias se relacionam com o senso comum vigente, colaboram para efetivação de uma consciência coletiva. Trazemos como base para reflexão do texto literário em questão uma discussão acerca dos lugares sociais cristalizados na cultura nacional, utilizando para isso os estudos de gênero. A metodologia adotada para o desenvolvimento do nosso trabalho se deu através de pesquisas de cunho bibliográfico. Para isso fizemos uso do aparato teórico de autores (as) nos estudos feministas e de gênero: Joan Scott (gênero categoria útil de análise histórica, 1995), June E. Hahner (Nova História das mulheres, 2012), Pierre Bourdieu (Dominação Masculina, 1992), Perrot (Minha história das mulheres, 2007). Serão apresentadas fundamentações teóricas sobre os estudos de gênero e sexualidade que se relacionam com a temática da obra, além de teorias sobre os estudos feministas que abarcam discussões sobre o lugar das mulheres na sociedade no passado e nos dias atuais, além de estabelecer se perpetuam na contemporaneidade. A obra do autor romancista ambientada na capital fluminense no período do advento da República e da consolidação do regime democrático traz como enredo principal a conturbada história de amor de Aurélia Camargo, uma das maiores figuras dos salões cariocas e da alta sociedade e de Fernando Seixas, um jovem de origem humilde que aspira uma ascensão social, onde o matrimônio não se dá maneira convencional segundo as tradições que regem essa instituição já que a protagonista casa-se por um desejo incumbido de vingança contra esse que detém seu amor e sua mágoa por um passado onde as ambições de Seixas fizeram com que ele abrisse mão de seu amor pela heroína dessa história em troca de um casamento financeiramente promissor. Agora afortunada, depois de receber uma herança gigantesca de seu avô paterno, Aurélia pretende com essa comunhão desaguar no rapaz todos os tipos de humilhações possíveis sem nenhuma pretensão nobre além do bel prazer de ver seu marido sentindo exatamente o que ele a fez sentir. Indo além disso, a obra apresenta outras perspectivas de personagens que também ajudam a construir o enredo pensando nas diferentes formas que a categoria mulher assume com relação às convenções sociais.

Palavras-chave: Mulheres. Literatura. Estudos de gênero. José de Alencar.

### 1 INTRODUÇÃO

José de Alencar (1829-1877) é reconhecido como um dos principais romancistas brasileiros e, com toda certeza, um dos nomes mais relevantes de toda a literatura nacional. Considerado o precursor do romantismo no Brasil, sua obra foi marcada por uma Linguagem nacional, que evidenciava a língua falada no pais. Como resultado, a obra do cearense passeia por culturas populares, histórias e regiões brasileiras, com enredos, contextos e linguagem inovadoras nos seus dias.

Nesse texto, faremos uso de uma de suas obras urbanas, *Senhora*, publicada originalmente em 1875, para refletir acerca dos lugares sociais reservados a mulher no século XIX, nossa proposta é trazer como base para reflexão do texto literário, os estudos de gênero que tencionam lugares e papéis sociais cristalizados na cultura nacional.

Para tanto, usaremos um dos textos mais importantes para os estudos de gênero, de Joan Scott, Gênero; uma categoria útil de análise histórica (1995), Nele Scott reifica não ser o suficiente provar que as mulheres tiveram uma história, ou que as mulheres participaram das principais transformações políticas e sociais da civilização ocidental. Era preciso mudar a forma como se olhava a história e as sociedades humanas, era preciso partir de outros constructos teóricos e para tanto, Scott, sugere gênero como sendo uma categoria analítica. Para ela, "(1) Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (1995: 86).

Assim sendo, nosso artigo traz a seguir um breve resumo da obra Senhora (publicações de 1875), de José de Alencar, apresentando os perfis femininos do enredo, para em seguida fazermos uma análise das personagens com base em estudos e

constructos de gênero. Para tanto, nosso trabalho de pesquisa se deu a partir de revisões bibliográficas não só da obra Senhora, como de comentadores de José de Alencar, bem como, por aproximações com textos clássicos dos estudos feministas e de gênero.

O romance "Senhora", de José de Alencar (1829-1877), pertencente ao romantismo brasileiro está estruturado em quatro partes - "O preço", "A quitação", "A posse" e o "O resgate". Ambientada no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, a obra contará conturbada história de amor entre Aurélia e Fernando. Onde abordará a temática do casamento como forma de ascensão social.

Aurélia, moça pobre e bela que atraía muitos admiradores, dentre eles, Fernando, por quem acaba se apaixonando. Ele decide pedir sua mão em casamento, todavia, mudou de ideia, pois sabia que casando com ela teria uma vida pobre e perderia sua liberdade. Assim, Fernando decide se casar com Adelaide Amaral, uma moça rica que o proporcionaria um futuro mais promissor.

O tempo passa e Aurélia agora órfã de pai e mãe recebe uma enorme herança do avô. Sua tutela foi entregue a seu tio Lemos e ela passa a viver em uma casa com D. Firmina Mascarenhas, viúva que a tinha amparado quando ficara sozinha no mundo. Com a fortuna adquirida, a moça ascende socialmente e passa ser muito cobiçada no ramo do mercado matrimonial.

Em uma reviravolta o noivado de Fernando e Adelaide é rompido. Ao saber que seu antigo pretendente estava solteiro, Aurélia resolve se vingar. Sr. Lemos propõe a Seixas casar-se com uma moça em troca de um dote de cem mil contos de réis, sem saber que se tratava de Aurélia, Fernando aceita a proposta e pega como adiantamento vinte contos de réis. Fernando e Aurélia se casam.

Após o casamento Fernando se declara para Aurélia e ela entrega-lhe o resto dote e confessa que acabou de comprá-lo e que a partir daquele momento viveriam em um casamento falso tendo que dormir em quarto separados. O sarcasmo e a ironia estão sempre presente na relação dos dois. Seixas volta trabalhar como servidor público e devolve o dinheiro do dote para Aurélia. Essa entende a atitude de Seixas como um ato de remissão por todo sofrimento que ele lhe causou. Nesse momento Aurélia confessa todo o amor que tinha por Fernando e que agora passariam a viver esse "amor conjugal", os

dois se reconciliam e Aurélia apresenta a Fernando testamento no qual ele era seu único herdeiro. Com chegada da corte da corte portuguesa ao Brasil e ascensão da classe burguesa, Senhora faz dura crítica aos casamentos por conveniência e a forma como este é usado como degrau para a elevação de status social. As quatro partes em que o romance se divide ("O preço", "A quitação", "A posse" e o "O resgate") mostra como Aurélia, depois de um dote avantajado consegue "comprar" um marido já que estes termos fazem alusão a uma transação comercial.

Deste modo, focaremos a nossa análise em quatro personagens específicas que nos permitirão pensar o casamento e em como ele se aplica às mulheres de diferentes classes sociais: Aurélia Camargo, a personagem central do romance que passa de uma moça pobre, ingênua e apaixonada a uma mulher rica, fria e calculista, D. Firmina Mascarenhas, fiel acompanhante de Aurélia, uma senhora viúva que lhe serve como "Mãe de encomenda". E por fim Nicota e Mariquinhas, irmãs de Fernando, que são uma preocupação constante para a mãe D. Camila, enquanto Nicota ainda está à espera de um casamento Mariquinha já passa da idade de casar. Aurélia Camargo nos é apresentada como "a rainha os salões, deusa dos bailes, rainha dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade" (ALENCAR, 2002: 11) a moça no auge dos seus 18 anos é a estrela dos salões fluminenses. Dona de uma beleza incontestável e uma personalidade forte, Aurélia desviava-se do comportamento habitual esperado das mulheres da época, sobretudo de moças solteiras, No entanto, mesmo tendo vivido dezoito anos "na extrema pobreza e um no seio da riqueza" Aurélia possuía a mesma educação das moças que nasceram em famílias abastadas. Sendo uma rica e órfã Aurélia precisava de um marido que a seu ver era "um traste indispensável às mulheres honestas" (ALENCAR, 2002: 88) ao contrário acabaria como as moças pobres que não possuíam dinheiro para um dote e estaria condenada "a mesquinha sorte do aleijão social que se chama celibato" (ALENCAR, 2002: 44).

D. Firmina, Mascarenhas, viúva bondosa que a acolheu quando ela ficou sozinha no mundo. Por vezes ocupava o lugar de "mãe de encomenda", aconselhando e auxiliando a jovem nas situações onde se exigia uma presença feminina experiente.

Em contraposto à Aurélia, que era possuidora de um bom dote fazendo com que

ficasse mais fácil conseguir um casamento e cumprir com o destino social reservado e imposto às mulheres da época temos Nicota e Mariquinhas, irmãs de Fernando. Que desde cedo foram educadas para o casamento.

Entre as irmãs, Nicota sendo "a mais moça e também mais linda" (ALENCAR, 2002: 44) era a que tinha maior possibilidade de se casar amenizando um pouco mais as preocupações de D. Camila, que temia para Nicota o mesmo destino de Mariquinhas que "vira escoarem-se os anos da mocidade, com serena resignação." (ALENCAR 2002: 43).

"Senhora", uma das últimas obras de José de Alencar, temos uma crítica à sociedade brasileira da época, principalmente no que diz respeito ao papel das mulheres dentro do casamento. Durante boa parte da obra Aurélia atua como transgressora desses papéis quando ocupa o lugar de esposa submissa às vontades do marido.

### 2 MULHERES EM SENHORA E SEUS LUGARES PRÉ-ESTABELECIDOS

O conjunto de obras passadas no cenário urbano de José de Alencar é um convite a análise de comportamento de homens e mulheres no século XIX.

Senhora (1875) surge a partir de uma tentativa do autor de se aproximar do leitor, alicerçado a uma narrativa que aponta para a verossimilhança, notamos isso na dedicatória: "A história é verdadeira; e a narração vem de pessoa que recebeu diretamente, e em circunstância que ignoro, a confidência dos principais atores deste drama curioso" (ALENCAR, 1992: 15).

Esse artifício aproxima demasiadamente os personagens e o seu público alvo, fazendo com que Aurélia e os demais personagens sirvam de espelho para o que era esperado de mulheres e homens, sem deixar de levar em consideração o fato de que José de Alencar tinha concepções políticas bem definidas e fazia da sua literatura um relato um tanto histórico.

Como ponto de partida o autor nos apresenta Aurélia Camargo, a quem o crítico literário João Luiz Lafetá (1946- 1996) batiza em sua crítica "Às Imagens do Desejo" de "Majestade divina", a protagonista leva consigo todas as tramas e desdobramentos da narrativa, a começar por sua grande fortuna herdada de um avô que não exerce muita

função no romance, apenas serve de gancho para justificar a riqueza da moça, assim sendo, Aurélia entra para o rol exclusivo de poucas mulheres que herdaram diretamente alguma fortuna naquele período, como aponta June E. Hahner em "Nova História das Mulheres (2012)": "No fim do século XIX, já é possível encontrar mulheres, cujos os pais haviam morrido, com permissão legal para administrar pessoalmente sua herança e, consequentemente, gozando de uma vida mais independente" (E. HAHNER, 2012: 50).

Ainda que independente financeiramente, Aurélia carrega consigo uma pressão muito presente no ideal feminino nutrido desmedidamente pela esfera social, que é o matrimônio, o qual a crítica feminista chama de "instituição criada para ser irreparavelmente injusta". Essa concepção traça linhas na narrativa e é a partir desse ideal que Aurélia deixa de ser um referencial de emancipação feminina e passa a ser fruto das relações de dominação masculina na sociedade, dominação essa que é naturalizada a partir de um poder simbólico, muito bem pontuado por Pierre Bourdieu (1930-2002) em sua obra "A Dominação Masculina" (1992), esse poder, que nasce junto com nossa determinação biológica e transcende a mesma a partir da nossa socialização, coloca a frente da criação feminina valores voltados a instituição família e a esfera privada. Intencionalmente Alencar constrói recortes de narrativa que leva a personagem a caminhar cada vez mais para essa condição, mesmo que sem construí-la romanticamente. Fundado nisso, D. Firmina Mascarenhas, uma senhora viúva e dama de companhia de Aurélia, serve como braço de apoio, pois exerce sobretudo, a função de maior idealizadora do matrimônio da protagonista e sua conselheira, como o próprio autor aponta:

Aurélia era órfã; tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina (ALENCAR. 1992: 17).

A personagem é também uma figura um tanto curiosa, pois traz consigo fragmentos que determinam o lugar de outro tipo de mulher: as viúvas. Numa sociedade estruturalmente patriarcal a posição das mulheres se configurou durante muito tempo e de certo modo se configura até hoje a partir de um leque muito limitado de

possibilidades, se não é filha, é esposa, ou mãe, ou a viúva de um fulano, as mulheres não têm sobrenome, segundo Michelle Perrot (2007: 17), existem a partir de outros seres existentes, são intituladas a partir do seu cuidado com o outro (pelo menos é assim que é ensinado) e reduzidas ao seu sexo que marca seu lugar na sociedade. Assim, D. Firmina surge no romance especialmente para servir de espelho e abrir os olhos de Aurélia a partir do que é esperado da personagem dentro do romance e da mulher dentro da sociedade. Como toda narrativa, o enredo apresenta alguns empecilhos e todos eles se devem a personalidade difícil dessa personagem peculiar que é "poesia que brilha e deslumbra!" (ALENCAR, 1992: 22). Aurélia é sobretudo uma cabeça pensante, dona de uma inteligência incomum que chama mais atenção do que sua beleza, que é fria e indiferente, que põe a razão frente às emoções, que abandona "seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem" (ALENCAR, 1992: 28), que é boa negociadora, administradora e oradora, características incomuns dadas às mulheres na Literatura do século XIX, principalmente se levarmos em consideração que a sociedade nunca criou mulheres para possuir saberes que vão além do necessário para ser boa mãe e esposa, pois o saber é "contrário a feminilidade" (PERROT, 2007: 91). Essa concepção foi adotada por grandes pensadores, por isso Rousseau diz:

Toda educação das mulheres deve ser relativa a dos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos e que se deve ensinar-lhes desde a infância. (Rousseau apud Perrot. 2007: 92).

Por conseguinte, até os dias de hoje vemos essa percepção ganhar forma, ainda que estabelecida por fatores muito mais sutis, como um brinquedo que não oferece nocividade nenhuma, mas que delimita a que veio as mulheres dentro dessa estrutura social e outros fatores como obrigações e deveres pré-definidos.

Isto posto, Aurélia Camargo se apresenta em Senhora com a perspicácia de alguém racional demais para se render aos clichês românticos e as convenções idealizados pelo senso comum e é por isso que ainda que tido como um destino natural

feminino, seu casamento se consolida em um viés nada convencional; nutrida pela razão, Aurélia utiliza como desígnio para o matrimônio a vingança, e é nesse ponto que Fernando, a figura masculina de maior presença na história, se solidifica, como uma figura menor diante da grandeza da protagonista, mas que ainda assim exerce sobre ela um poder vital. Seixas é uma figura expressivamente singular, como sua amada, porém deixamos a análise de sua personalidade e de seu comportamento para um outro momento, vamos nos atenuar a outras figuras dessa história que se estabelecem como femininas. Vou tomar a liberdade de usar Seixas como abertura para falar das mulheres de sua família, são elas: D. Camila, sua mãe, Nicota e Mariquinhas, suas duas irmãs.

D. Camila é o outro lado da moeda de D. Firmina, a viuvez quando se tem filhos é de certo diferente, pois se ainda há dependentes, ainda há trabalho para as mulheres. Nicota é uma figura indolente na história, entretanto, diferentemente da irmã Mariquinhas conseguiu um pretendente antes de atingir a idade de ser considerada pejorativamente "titia".

Essa figura é incrivelmente popular e é uma categoria a qual nenhuma mulher nunca quis se enquadrar, visto que isso significa que há algo errado, que elas não possuem atrativos suficientes para chamar a atenção de um homem, já que a maior realização do imaginário feminino é ser vista e escolhido por alguém. Essa tendência é sobretudo efeito das relações de dominação, o "ser mulher" nunca foi permitido olhar a si mesmo sem as lentes do patriarcado, por isso todo o valor de sua existência é reduzido a buscar a aprovação de um ser que mesmo que biologicamente diferente ainda sim partilha com ela as mesmas faculdades intelectuais, todavia a transformação do biológico em cultural estabeleceu e naturalizou essa condição.

Visto isso, as mulheres em Senhora, mesmo as que servem apenas de complemento no enredo, nos ajudam a pensar a condição da mulher na sociedade e seus lugares préestabelecidos a partir de fragmentos muito bem pontuados que nos abre um grande leque de interpretação a partir das teorias concebidas no campo dos estudos de gênero e nos ajuda a pensar o quão duradouro é o efeito que a ordem social exerce nas mulheres, tendo em vista que, muitas ideologias de dois séculos atrás ainda se perpetuam na sociedade contemporânea, nos corpos e no imaginário feminino (e

masculino), a partir de um processo culturalmente natural, que adquire novas formas com o passar do tempo, mas que muda a passos lentos. Positivamente, com a emancipação feminina e o advento do movimento feminista podemos enxergar a partir de lentes que nos fazem olhar além das estruturas patriarcais e a questionar o valor da ordem tal qual como ela é.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final desse texto, se faz importante evidenciarmos que estamos ainda dando os primeiros passos, quanto a pesquisa acerca desse tema. Podemos retificar por enquanto, o fato de a literatura conversar diretamente com o senso comum das sociedades vigentes, e sobretudo, quando tratamos de temas como Gênero e sexualidade, ela pode se tornar um campo vasto de empreendimentos metodológicos para entendermos como foi e é pensado essa temática à nível cultural. As obras de José de Alencar são ricas em personagens que refletem contextos e momentos históricos específicos do passado nacional e por isso, foi escolhido por nós como lócus de estudo. No entanto, estamos apenas iniciando nosso percurso de descobertas pela literatura brasileira e esperamos em breve, poder evidenciar mais o que ela nos ensina sobre os Gêneros.

### REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. Senhora. Ática, São Paulo, 1992.

ALENCAR, José. **Senhora**. Martin Claret, São Paulo, 2002.

HEHDAR, June. Nova História das mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto; 2012.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo, Contexto: 2007.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 1999.

MIGUEL, Luiz Felipe; BIROLI, Flávia. Feminismo e Política. São Paulo, Boitempo: 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, 1990.

# Inclusão escolar: formação docente e desafios para implementação

# GÊNERO RECEITA: RELAÇÕES ENTRE BILINGUISMO E MULTIMODALIDADE NA CLASSE REGULAR

### Adriana Moreira de Souza Corrêa

Universidade Federal de Campina Grande e-mail: adriana.korrea@gmail.com

### Cícera Janaína Rodrigues Lima

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte e-mail:janainarodrigueslima@live.com

### **RESUMO**

O desafio da educação inclusiva consiste em compreender as diferentes formas de aprender dos indivíduos, considerando-os como serem com potencialidades, que podem ser desenvolvidas desde que esses estudantes interajam com recursos que possibilitem a interação e a participação nas atividades propostas pela escola. Diante disso, identificar os materiais e conhecer formas de utilizá-los me sala de aula correspondem a uma forma de contribuir para que o docente que atende esses alunos possa conhecer as possibilidades disponíveis, gratuitamente, medeiem o aprendizado desses educandos. Corroborando com este paradigma educacional, o trabalho em tela visa discutir o uso pedagógico de recursos didáticos que envolvem o ensino do gênero receita produzido na perspectiva do uso simultâneo da Língua de Sinais, da Língua Portuguesa e de outras linguagens, em uma perspectiva multimodal e multissemiótica, utilizando como suporte o meio digital. A investigação tem como objetivo apresentar e discutir o uso de um canal cadastrado site Youtube denominado "Chef Cenoura: cozinhar é dar amor" e uma apostila com Libras, no formato de receita que podem viabilizar o ensino contextualizado desse gênero, na classe inclusiva. A pesquisa é de cunho bibliográfica, do tipo descritiva e os dados serão analisados a partir de uma abordagem qualitativa. Para tanto, nos pautaremos nos conceitos de educação inclusiva proposto por Mantoan (2015), nas diretrizes da educação bilíngue para surdos presente na legislação brasileira (BRASIL, 2002; 2005) e na teoria da multimodalidade apresentada por Rojo (2012). Como principais contribuições identificamos que esses materiais apresentam amplo potencial educativo à medida que possibilitam o trabalho dos conteúdos em uma perspectiva inclusiva, incentivando o aprendizado da Libras pelos ouvintes, bem como da Língua Portuguesa pelos surdos. A proposta contribui ainda para favorecer a interação de toda a classe, além de inserir ambos os grupos em uma leitura pautada nos multiletramentos.

Palavras-chave: Gênero Receita. Multiletramentos. Bilinguismo. Inclusão.

### 1 INTRODUÇÃO

A inclusão prescinde a inserção plena da pessoa com deficiência no âmbito escolar (MANTOAN, 2015). Tratando-se da pessoa surda, usuária de um sistema de comunicação visual-gestual, o trabalho nessa perspectiva implica no uso da Língua Brasileira de Sinais –

Libras e da Língua Portuguesa - LP como línguas de instrução, ou seja, uma abordagem bilíngue (BRASIL, 2005).

Sabendo que a maioria dos alunos que compõem a turma inclusiva se constitui de ouvintes usuários da LP, torna-se importante pesquisar e divulgar recursos didáticos bilíngues e multimodais que podem ser proveitosos para mediar o conteúdo, em especial para favorecer a prática pedagógica do docente ouvinte não usuário da Libras. Isso porque, na escola regular, poucos recursos didáticos disponibilizados incluem a Língua de Sinais que, na maioria dos casos se restringem aos livros da coleção Pitanguá e Porta Aberta, acessíveis em Libras e aos dicionários trilíngues (Libras, Português e Inglês) descritos na Nota Técnica nº 05/2011 e os dicionários temáticos denominados Deit-Libras que tiveram a distribuição prevista no mesmo documento (BRASIL, 2011).

Desse modo, investigação em tela, fruto de uma pesquisa bibliográfica, do tipo descritiva e com abordagem qualitativa é relevante por apresentar possibilidades didáticas para o docente que atua com esses grupos. Assim, empreendemos uma investigação no meio digital com o objetivo de identificar e selecionar materiais didáticos bilíngues e multimodais disponibilizados gratuitamente para o ensino do gênero receita, possíveis de serem utilizados em classes inclusivas. Para a análise desses recursos, nos fundamentaremos nas pesquisas sobre a multimodalidade de Rojo (2012), na concepção de Educação Inclusiva de Mantoan (2015) e na legislação sobre a Libras (BRASIL, 2005).

Dentre os vídeos e materiais analisados, discorremos a seguir sobre um canal de receitas em vídeo e uma apostila e a discussão será dividida em 3 tópicos: gêneros textuais e educação; recursos e estratégias para o trabalho com o gênero receita em uma perspectiva bilíngue e multissemiótica; e recursos didáticos para o ensino do gênero receita em classes inclusivas com surdos.

### 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atualidade, cada vez mais os recursos digitais se fazem presentes no cotidiano, desse modo, utilizar *sites* da *internet* como mediador de aprendizado implica em ampliar os espaços digitais de pesquisa, incentivando a investigação em meios utilizados, usualmente, para a comunicação e diversão. Com isso, o professor que busca inserir recursos digitais em suas aulas, além demostrar o potencial educativo presente no meio

digital, contribui para o uso sustentável de recursos que, até poucas décadas necessitavam ser veiculados em recursos físicos para serem divulgados. Hoje, uma infinidade de materiais pode ser acessado de qualquer lugar, desde que o estudante esteja diante de um *smartphone, tablet* ou computador, ampliando o número de recursos e manifestações de determinado gênero no qual o estudante mantém contato.

### 2.1 Gêneros textuais e educação

Para Marcuschi (2008), nos comunicamos por meio de gêneros discursivos e à medida que os comportamentos sociais vão mudando a forma de interação tende a ser atualizada para atender as novas demandas que os comportamentos humanos vão exigindo (BAKTHIN, 2015).

Desse modo, no meio digital, os textos podem ser relacionados as mais diversas semioses e com elas ampliar a interação entre os interlocutores. Isso ocorre por meio dos gêneros discursivos que devem ser comunicados de modo pertinente a cada realidade de comunicação. Para o autor, os gêneros discursivos podem ser expressos na forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos. Esses enunciados são construídos em função da esfera social e do objetivo de comunicação, concretizando-se em tipos relativamente instáveis de enunciados. Isso porque, cada enunciado apresenta uma forma característica em função dos interlocutores e do conteúdo a expressar. Na receita, por exemplo, a ordem de apresentação (ingredientes e modos de fazer) são característicos do gênero e se concretizam em etapas relevantes para a compreensão da mensagem final.

# 2.2 Recursos e estratégias para o trabalho com o gênero Receita em uma perspectiva bilíngue e multissemiótica

O gênero receita com função instrutiva que se caracteriza por apresentar duas partes definidas: os ingredientes e o modo de preparo e tem como finalidade ensinar e orientar a produção de uma receita culinária (FERREIRA, 2012).

Característico do uso no ambiente familiar, configura-se em um texto curto, com partes delimitadas que, atualmente, podem ser encontradas na modalidade escrita (em livros e páginas da *internet*) bem como em vídeos, disponibilizados em *sites*, *blogs* e outros

espaços. Trata-se de um texto caracterizado como injuntivo porque visa favorecer ao interlocutor compreender o modo de fazer e, se tratando da receita, o objeto é o alimento.

A compreensão deste texto envolve diferentes conhecimentos prévios, tais como o sistema de medidas e os instrumentos utilizados para a produção da receita, os nomes dos alimentos e dos instrumentos necessários para a sua realização. Assim, além de ampliar o vocabulário no que se refere aos substantivos, o texto incentiva o estudo do modo imperativo, ampliando o repertório de verbos e a compreensão da sua flexão em função do contexto utilizado.

Essa facilidade de acesso favorece o ensino de línguas, ao passo que permite ao docente utilizar-se de diferentes textos, orais ou escritos, compostos de diferentes representações, sejam elas referentes à língua e às diferentes linguagens que compõem o texto. Diante disso, na sequência, apresentaremos 2 recursos que podem ser utilizados para mediar o ensino do gênero receita na classe inclusiva com surdos.

## 2.3 Recursos didáticos para o ensino do gênero receita em classes inclusivas com surdos

As classes inclusivas são espaços da educação regular no qual pessoas com e sem deficiência compartilham experiências de aprendizagem. Tratando-se das pessoas surdas, o Decreto nº 5.626/2005 que regulamenta a Lei da Libras, no Art 14, no Inciso III assegura aos alunos surdos a presença do instrutor ou professor de Libras; do intérprete da Libras (profissional que realiza a tradução/interpretação das comunicações no par linguístico Libras/LP; professor de LP como segunda língua para surdos e professor regente que conheça a singularidade linguística do surdo. Nesse sentido, ao conhecer a necessidade de significação do conteúdo pelo surdo na sua primeira língua – L1, o professor precisa se utilizar de instrumentos que permitam o acesso equânime de surdos e ouvintes ao conteúdo.

Ressaltamos que estes recursos devem ser utilizados, inicialmente, para que o estudante possa identificar o contexto de uso do gênero receita, sua função considerando as partes necessárias para que o interlocutor compreenda a instrução. Em um segundo momento, após compreendida as particularidades do texto, o docente pode utilizar este recurso como mediador do desenvolvimento da habilidade da escrita, da reescrita e/ou

retextualização.

Nesse sentido, é importante diferenciar o que retextualização e reescrita, a primeira se refere, de acordo com Dell'Isola (2007), ao processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, compreende um processo no qual um texto é reformulado em outro gênero e, para isso, passa pelos processos de refracção e uma nova reescrita. Já a reescrita, conforme apresenta Passarelli (2012) é escrever novamente, considerando o mesmo gênero, dentro da mesma estrutura social e mudando apenas alguns aspectos discursivos.

Levando em consideração esses dois conceitos podemos evidenciar que o trabalho com a receita a receita pode ser proposto na perspectiva tanto do processo de reescrita quanto de retextualização. Assim, é possível a receita passar pelo processo de reescrita uma vez que sofre adaptações dentro do próprio gênero, bem como, pode passar da oralidade para escrita ocorrendo o processo de retextualização.

Entre os materiais que envolvem o gênero receita, selecionamos um canal cadastrado no *site* de compartilhamento de vídeos, o *Youtube*; e um livro de receitas produzido de forma multissemiótica. Para Rojo e Barbosa (2015), a multissemiose é um aspecto que relaciona tanto à escrita, quanto à outras linguagens que podem estar envolvidas na composição do gênero como, por exemplo: imagens, sons, escrita, cores, formatos etc. Podemos afirmar que se refere à junção de vários signos que possibilitam uma maior interação no que se refere aos gêneros que são compostos para os novos suportes tecnológicos.

O "Chef cenoura: cozinhar é dar amor" é um canal do *Youtube* (criado em 2015) que disponibiliza 43 receitas² apresentadas LP (oral), com interpretação simultânea para a Libras e palavras na LP (escrita). A apresentação em vídeo é realizada em uma cozinha na qual dois ouvintes, um homem e uma mulher, (figura 1) ensinam a fazer receitas rápidas. Ao passo que um dos apresentadores comunica a receita na modalidade oral da LP, o segundo sinaliza, simultaneamente, a receita em Libras. Os instrumentos e ingredientes necessários à preparação são mostrados por meio de imagens e associados à palavra em LP. O vídeo divide-se, predominantemente, em 4 momentos: apresentação do canal, nome da receita (figura 2), ingredientes (figura 3), modo de preparo, ou seja, elementos que

\_

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Dados coletados em 08/02/2019.

compõem o gênero.

Por meio desse recurso, surdos e ouvintes podem compreender a estrutura da receita e vivenciar o uso social deste texto no momento do programa, isso porque pode ver a produção da receita em um espaço social conhecido pelo aluno.

Figura 1 - Apresentadores



Fonte: Dable e Dable (2016)

Figura 2 - Nome da receita



Fonte: Dable e Dable (2016)

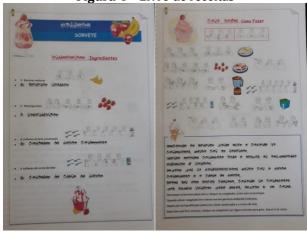
Figura 3 - Ingredientes



Fonte: Dable e Dable (2016)

O segundo recurso é uma apostila que se apresenta em um formato de livro de receitas. O material é disponibilizado no meio digital, mas pode ser baixado e utilizado de modo impresso. Neste recurso, a receita é apresentada através da junção de diferentes semioses, em uma abordagem multissemiótica composta de imagens dos alimentos, do sinal em Libras e o texto em LP. As quantidades são representadas em Libras e associadas à repetição da imagem, com em 3 bananas, que é apresentado pelo desenho repetido a quantidade de vezes que corresponde às unidades do produto necessárias para a realização da receita.

Figura 4 – Livro de receitas



Fonte: Zogby (2019).

Na parte superior da figura 4, vemos o nome da receita em datilologia, que é a

representação, em Libras, das letras do alfabeto que compõem as palavras (CHOI et al., 2013) logo abaixo, a escrita em LP. Os ingredientes aparecem em datilologia, na LP escrita, na representação dos sinais em Libras e por meio da imagem. Na seção, como fazer, predomina a gravura representando sinais e a figura dos instrumentos e ingredientes. Para finalizar, a receita é resumida em datilologia e, na sequência, transcrita para a LP escrita.

Os 2 recursos são construídos na perspectiva da multimodalidade pois diferentes linguagens são utilizadas para a compreensão do texto (ROJO, 2012). Além disso, são bilíngues, favorecendo a compreensão por surdos e ouvintes.

Para a produção textual em LP, várias atividades podem ser propostas, sendo elas realizadas de maneira individual ou em grupo. É interessante a participação de surdos e ouvintes nos grupos para que estes desenvolvam estratégias de comunicação e percebam que cada um pode colaborar para a produção do trabalho.

O professor pode sugerir a construção de livros de receitas, na perspectiva da multimodalidade; solicitar pesquisas sobre receitas especiais características de cada família; pode sugerir que os alunos, junto aos familiares, produzam uma receita, registrem e promovam a degustação em classe, entre outras atividades. Essas receitas podem ainda gerar um livro que será produção de toda a turma.

No meio digital, podem ser construídos vídeos sobre receitas e postadas em um canal de um *site* de compartilhamento que não é necessário pagar a hospedagem do vídeo, como o *YouTube*. Nele, surdos e ouvintes participam da apresentação do vídeo que se torna acessível em Libras e LP. Nesta atividade, que pode ser realizada em grupo, cada aluno pode contribuir com as diferentes etapas de elaboração, compreendendo o processo de retextualização da escrita para o oral/sinalizado.

Diferentemente do texto escrito, o vídeo necessitará de um roteiro, dos apresentadores, cinegrafista (que manuseará a câmera), assistente de filmagem (responsável pela organização do espaço, material, bem como auxiliar para solucionar os imprevistos), roteiristas, diretores (que orientação das tomadas de cena, closes etc) e editores (que realizarão os ajustes gráficos para a produção final). Neste processo, um aluno pode assumir mais de uma atividade, desde que não ocorra de modo simultâneo e/ou atrapalhe o desenvolvimento de uma das tarefas. Para tanto, o professor deve estar atento para que todo se sintam incluídos na atividade.

Habilidades como a expressão oral, o respeito à norma ortográfica, a criatividade, a

liderança, a socialização, organização do trabalho em equipe são habilidades trabalhadas nesta proposta. Além disso, permite o contato e a compreensão do sistema de medidas, permitindo, ainda que este seja um trabalho interdisciplinar. A interdisciplinaridade trabalha com a perspectiva de relacionar as mais variadas áreas do conhecimento.

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos (BRASIL, 2000, p. 75).

Podemos, portanto, apontar que a interdisciplinaridade é uma relação entre as mais diversas áreas e por esse motivo é necessário inter-relacionar os conhecimentos para a construção de um aprendizado mais significativo e adequado a realidade de cada indivíduo.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho inclusivo pode ser mediado com recursos de baixo custo disponíveis no meio digital, que além de agregarem diferentes semioses, são atrativos para os alunos. Essas línguas e linguagens presentes no texto devem ser lidas e compreendidas como integrantes do processo comunicativo, compreendendo que a disposição e integração das informações verbais e não verbais são essenciais para a interpretação da mensagem presente no texto.

Além de aspectos referentes à produção do texto, as atividades oriundas dos materiais permitem a associação às outras áreas do conhecimento, como a matemática, como também às habilidades de trabalho em grupo, essencial para a vida em sociedade.

O trabalho nesta perspectiva, favorece ainda que o estudante compreenda que os gêneros discursivos são instituições que possibilitam uma articulação social direita, tendo em vista que várias atividades são construídas e instituídas através dos gêneros. Por essa razão, compreender as relações entre o tipo e o gênero são determinantes para o sucesso na comunicação e na construção de um significado pertinente a realidade social.

Desse modo, utilizar-se desses materiais para o ensino do gênero receita em classes inclusivas possibilita uma comunicação não só através da modalidade oral e escrita da língua, como comumente vemos, mas abre a possibilidade de proporcionar interações por

meio da Libras, bem como de diferentes meios de mídias eletrônicas, ampliando as capacidades comunicativas dos indivíduos.

#### REFERÊNCIAS

BAKTHIN, M. M. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**: bases legais. Brasília: MEC, 2000. Disponível em:<a href="http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\_24.pdf">http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\_24.pdf</a>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

\_\_\_\_. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: < <a href="http://www.planalto.gov.br">http://www.planalto.gov.br</a> /ccivil\_03/\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 14 set. 2018.

\_\_\_\_. **Nota Técnica nº 05**, de 19 de maio de 2011. Assunto: Implementação da Educação Bilíngue. Disponível em: < https://inclusaoja.com.br/2011/06/02/implementacao-da-educacao-bilingue-nota-tecnica-052011-mecsecadigab/>. Acesso em: 14 set. 2018.

CHOI, D. **Libras**: conhecimento além dos sinais. PEREIRA, M. C. da C. (org.) São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2013.

DABLE, D.; DABLE, F. **Panqueca fácil**: cozinha inclusiva/ receitas em Libras. 2016. (2min 2s). Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=YiwRPhAd-0s>. Acesso em: 08 jan. 2019.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FERREIRA, D. **Gênero**: receita culinária. 2012. Disponível em: < https://www.soescola.com/2012/08/genero-receita-culinaria-2.html>. Acesso em: 08 jan. 2019.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PASSARELLI, L. M. G.. Ensino e correção de textos escolares. 1. ed., São Paulo: Telos, 2012.

ROJO, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros do discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ZOGBY. S. **Receitas em Libras**. Disponível em:< https://www.passeidireto.com/arquivo/52841957/receitas-em-libras>. Acesso em: 08 jan. 2019.

## ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR

Ana Maria Alves Neta Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Marta Janoca de Araújo Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Célia de Jesus Silva Magalhães Ex-docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) celia.magalhaes@urca.br

**RESUMO:** Este trabalho tem como objeto de estudo a aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e tem como principal objetivo analisar metodologias de ensino- aprendizagem voltada para crianças com TEA, descrito pela literatura, tendo como teóricos, Orrú, S. E. (2012), Mantoan (2015), Oliveira (2016), Vale E. A. S.; Monteiro, J. H. S.; Lira, M. V. (2018), dentre outros. Dessa maneira, espera-se analisar as ferramentas que proporcionam apoio didático aos educadores que contemplem pessoas com TEA, além de analisar como se encontra a realidade de ensino voltada para estudantes com esse perfil mediante a percepção de seus educadores. A aprendizagem das crianças com TEA apresenta limitações, principalmente, devido à falta de formação de professores e de ferramentas de aprendizagem que sirvam de recursos pedagógicos para facilitar o ensino-aprendizagem. Como vimos, ao estudarmos os teóricos, os professores sentem-se despreparados para atuar como professor nas salas que tem matrícula de alunos com deficiência, principalmente de alunos com TEA. Um agravante na aprendizagem do aluno com TEA, é o próprio contexto escolar em que o aluno está inserido, que além de faltar as adaptações necessárias de acessibilidade, a comunidade escolar não tem o conhecimento necessário para que o aluno se sinta parte da escola, até porque ele vai transitar em todos os espaços da escola e não apenas na sala de aula. Desta forma todos os funcionários e professores precisam ter conhecimento de como lidar com aquela criança que apresenta determinada deficiência. A aprendizagem do aluno com TEA precisa de uma atenção maior e as atividades precisam de adaptações, tendo em vista que os livros didáticos utilizados nas escolas ainda não têm esse recurso. A escola precisa repensar formas eficientes que acolham e facilitem o processo de ensino aprendizagem das crianças com TEA, e o professor é o principal protagonista da melhoria na aprendizagem do aluno, pois é ele que vai desenvolver trabalhos diferenciados, mesmo que por vezes lhes falte capacitações e recursos. Vale ressaltar que o mediador na sala de aula para facilitar o uso das atividades adaptadas para crianças com TEA é muito importante, para complementar o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Ensino. Metodologia didática.

#### 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está relacionado ao déficit no desenvolvimento das habilidades de comunicação social, contemplando as dificuldades da criança diante dos processos interativos sociais. Esse transtorno denominado como síndrome, apresenta em seu diagnóstico três principais marcadores: dificuldade de interagir através da linguagem e o uso da imaginação para lidar com jogos através de símbolos; dificuldade de interação com outras pessoas; e presença de gestos repetitivos, acompanhados por comportamentos restritivos.

Apesar das complicações pelos comportamentos que repercutem nos meios de interação social, os indivíduos com TEA têm direito a equidade de ensino, e garantia da qualidade na educação. As dificuldades de alunos com TEA matriculados no ensino regular é constante, contudo é preciso permitir o acolhimento pela escola e educadores através de ações capazes de realizar a inclusão desses alunos.

Além das dificuldades impostas pelo autismo, a relação aluno-educador sofre interferências quanto ao processo de capacitação do professor e do próprio ambiente escolar. Não é incomum à realidade nacional apresentar escolas despreparadas para acolhimento de pessoas com deficiência, caracterizando-as com reduzida motivação à busca de capacitações de seus profissionais voltadas à educação especial.

Dessa forma, ao analisar esse contexto surge indagações necessárias de serem estudadas e exploradas: existem ferramentas metodológicas que aprimoram os processos de ensino voltadas a estudantes com déficits de aprendizagem, em especial às crianças com TEA? Como os professores e a própria escola acolhe e ensina os alunos autistas? Estes estão preparados para o ensino inclusivo?

Este trabalho tem como objetivo conhecer as metodologias do ensinoaprendizagem voltadas para os discentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), assim como analisar o comportamento da escola e do educador mediante a aplicação de suas metodologias de ensino direcionadas a estudantes com esse perfil.

A escolha dessa pesquisa deu-se pela curiosidade e interesse em analisar a

atuação didática de professores frente a alunos com TEA, ao encontro da observação das possíveis ferramentas de inclusão utilizadas pela escola, assim como a descrição dos aspectos que contribuem ou interferem no ensino.

Essa pesquisa apresentará metodologia de valor qualitativo. Haverá dois momentos: primeiro momento será realizado através do levantamento bibliográfico, focalizando as práticas pedagógicas direcionadas a discentes com TEA; o segundo momento será através da aplicação de entrevistas a educadores, a fim de identificar seus métodos de inclusão voltados ao aluno autista para o ensino regular; além de identificar quais são os meios que a instituição de ensino disponibiliza ao educador para desenvolvimento de didáticas inclusivas. A pesquisa de campo está em andamento, portanto, neste trabalho vamos expor apenas a pesquisa bibliográfica.

O processo metodológico envolverá o cruzamento dos descritores: transtorno do espectro autista (TEA) e metodologias de ensino inclusivas no contexto escolar, aplicando-os nas bibliotecas virtuais para busca de artigos; como também a seleção de livros que compreendam os objetivos da temática.

Os critérios de inclusão serão educadores de instituições de ensino regular da cidade de Missão Velha, CE, da rede pública e privada, das zonas rural e urbana, em que dentre seus contingentes de alunos apresentem pessoas com TEA.

Os critérios de exclusão serão: educadores que se recusem a assinar os termos de consentimento livre esclarecido e pós-esclarecidos; assim como instituições de ensino não regular.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Segundo Sertié e Oliveira (2017) o Transtorno de Espectro Autista (TEA) é uma síndrome que afeta extensões do encéfalo, onde prejudica o desenvolvimento da fala e a interação social, trata-se de uma doença genética heterogenia, com ocorrência maior em homens que em mulheres. A criança não tem interesse para interagir com as outras pessoas, apresenta dificuldades na aprendizagem, entre outras tarefas diárias; dessa maneira a criança com TEA apresenta como uma das características o isolamento social (VALE et al. 2018).

Apesar das dificuldades enfrentadas por pessoas que apresentam TEA, estes possuem capacidade para aprender e desenvolver atividades comuns a pessoas sem

deficiências (Orrú, 2012). Kenner, citado por Orrú (2012), analisou onze crianças com autismo extremo, na qual elas apresentavam inteligência e possuíam habilidades especiais, além de uma boa memória. Portanto, é possível manter a relação de ensino e aprendizagem, usando-se das ferramentas corretas para atrair a atenção desse público.

A lei nº 12.764 de dezembro de 2012, conhecida como a "Lei Berenice Piana", diz respeito aos direitos da pessoa com TEA, onde estabelece que a pessoa autista tem o direito a educação comum a todos os cidadãos, devendo-se usufruir de metodologias que ofereçam equidade de ensino (VALE, 2018).

A inclusão para Mantoan (2015), trata-se da não exclusão de indivíduos da sociedade mediante a suas dificuldades em adaptar-se, mas assegurando-lhes espaços que lhes darão acessibilidade para o convívio social, e assim o ambiente escolar é forte incentivador para o processo de acolhimento, utilizando-se de instrumentos que garantirão o aprendizado a pessoa com deficiência. Ainda afirma que, a inclusão no Brasil apresentou melhoras, uma vez que pessoas com TEA frequentam o ensino regular.

Apesar de no Brasil crianças com TEA frequentarem o ensino regular, é preciso atentar-se se é efetivo o processo de ensino e aprendizagem. Para Allison et al. (2009), a inclusão refere-se à participação ativa em atividades escolares que a rede de ensino proporciona. O projeto TEACHH (Treatment and Education of Austistic and other Communicatively handicapped Children), criado em 1960 por Eric Schopler é o primeiro programa criado pelo governo estadual de Carolina do Norte com objetivo de focar nas dificuldades das crianças com TEA, elaborando atividades em cima das habilidades apresentadas pelo aluno, levando-lhes a adaptação e consequente independência (ALLISON, 2009).

O projeto utiliza-se de ferramentas simples, como por exemplo materiais visuais que chamem atenção e facilitem para marcar a hora de início de uma determinada atividade e a finalização da mesma. A separação de cada espaço na sala de aula para executar cada atividade faz com que o estudante teste as suas habilidades fazendo com que cada um desenvolva as suas faculdades (ALLISON, 2009).

Segundo Sousa (2015), os professores ao relatarem sobre o tema inclusão sentem- se despreparados em suas vivências frente ao aluno que apresentam necessidades especiais. Apresentam dificuldades ao lidar com alunos autistas, pela falta de suporte para compreensão dos mecanismos que rodeiam essa deficiência. Essa

situação de despreparo priva o aluno autista do aprendizado, falhando na oferta do conhecimento, podendo ser considerados como "invisíveis" em sala de aula, uma vez que não existem recursos para envolvê-los aos conteúdos, perdendo assim o conceito de inclusão.

O mesmo autor, citado no parágrafo anterior, declara que as dificuldades dos professores ocorrem pela falta de treinamento, não disponibilizado pelo governo, nem escolas preparadas para suportar uma educação inclusiva, diante de todos aspectos da acessibilidade. Assim, as autoridades governamentais em educação devem atentar-se para o processo de construção de métodos inclusivos nas escolas, iniciando por capacitações de educadores, melhorar a estrutura de ensino, com oferta de matérias didáticos que façam parte da pedagogia de ensino.

Segundo Silva e Arruda (2014) algumas escolas creem e focalizam apenas no objetivo de cuidar por uma boa alimentação, e que mantenham em segurança os que ali convivem, tornando o papel da escola semelhante ao papel da mãe, fazendo do professor e aluno ligações afetivas. Contudo, é preciso ir além dessa visão, transformar o ambiente escolar em referência para o processo inclusivo, atendendo ao acolhimento das dificuldades dos alunos e levando-lhes respostas e caminhos para integração ao meio social (SILVA, 2014).

Silva (2014) defende o trabalho diferenciado onde foque na construção da autonomia e segurança do indivíduo. Com isso o professor deve estar sempre atento as informações obtidas dos seus alunos, dos familiares próximos, para a compreensão do TEA e assim entender o comportamento de cada aluno autista. Ao se planejar para as suas aulas o professor deve fazer uma reflexão no que tem domínio e de como transmitirá esse conhecimento, ao entender o mundo que rodeia o autista, a interação professor-aluno será mais vantajosa à medida que o professor utilizar ferramentas que facilitem a sua entrada ao espaço criando pelo estudante.

Silva (2014) ainda afirma que a escola precisa repensar em formas que acolham e facilitem o processo de inclusão para esses indivíduos com TEA, porém é necessário observar o profissional, visto que dependerá bastante dele o processo de inclusão, pois é o educadorque procura desenvolver trabalhos diferenciados, mesmo que por vezes lhes falte capacitações e recursos. Afirma ainda que, a capacitação de educadores, proporcionem mudanças positivas para a inclusão, assegurando a equidade de ensino.

As ferramentas utilizadas para a entrevista serão: gravador, papel, caneta, prancheta.

Os resultados da pesquisa de campo estão em andamento, tendo em vista que os dados não foram consolidados, porém, esta pesquisa nos trouxe uma importante reflexão sobre a aprendizagem das crianças com TEA, que dependem muito da formação do professor e dos recursos didáticos utilizados, que ainda se apresentam de forma limitada, mas que precisam de inovações e estudo para as necessárias adaptações das atividades.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aprendizagem das crianças com TEA apresenta limitações, principalmente, devido à falta de formação de professores e de ferramentas de aprendizagem que sirvam de recursos pedagógicos para facilitar o ensino-aprendizagem. Como vimos, ao estudarmos os teóricos, os professores sentem-se despreparados para atuar como professor nas salas que tem matrícula de alunos com deficiência, principalmente de alunos com TEA.

Um agravante na aprendizagem do aluno com TEA, é o próprio contexto escolar em que o aluno está inserido, que além de faltar as adaptações necessárias de acessibilidade, a comunidade escolar não tem o conhecimento necessário para que o aluno se sinta parte da escola, até porque ele vai transitar em todos os espaços da escola e não apenas na sala de aula. Desta forma todos os funcionários e professores precisam ter conhecimento de como lidar com aquela criança que apresenta determinada deficiência.

A aprendizagem do aluno com TEA precisa de uma atenção maior e as atividades precisam de adaptações, tendo em vista que os livros didáticos utilizados nas escolas ainda não têm esse recurso.

A escola precisa repensar formas eficientes que acolham e facilitem o processo de ensino aprendizagem das crianças com TEA, e o professor é o principal protagonista da melhoria na aprendizagem do aluno, pois é ele que vai desenvolver trabalhos diferenciados, mesmo que por vezes lhes falte capacitações e recursos. Vale ressaltar que o mediador na sala de aula para facilitar o uso das atividades adaptadas para crianças com TEA é muito importante, para complementar o processo de aprendizagem.

#### REFERÊNCIAS

ALLISON, S. E.; BALL, S. A.; BALON, R. et al. **Tratamento dos Transtorno Psiquiátricos.** 4 ed. São Paulo: AGE – Assessoria Gráfica e Editoral. 2009.

BRASIL. LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. Regulamento. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União.** Brasília, 27 de dezembro de 2012; 191<sup>o</sup> da Independência e 124<sup>o</sup> da República.

MANTOAN, M. T. G. O que é? Por quê? Como Fazer?. 1 ed. São Paulo: Summus, 2015.

OLIVEIRA, K. G.; SERTIÉ, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **rev. einstein.** v. 15. n. 2. p. 233-8. 2017.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

SILVA, A. P. M.; ARRUDA, A. L. M. M. O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v 5, n. 1, 2014.

SOUSA, M. J. S. Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade.

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED. **Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS**. 2015.

VALE, E. A. S.; MONTEIRO, J. H. S.; LIRA, M. V. **Guia de Informações sobre Transtorno do Espectro Autista.** 1 ed. Fortaleza-CE: INESP, 2018.

## ANÁLISE E CONVÍVIO: OBSTÁCULOS ENCONTRADOS NA FORMAÇÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS NA TRAJETÓRIA DA VIDA

Arônio Dias Cipriano Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Célia de Jesus Silva Magalhães

Ex-docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) celia.magalhaes@urca.br

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar as dificuldades das criancas e as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual, os métodos utilizados para mediar à aprendizagem, a caracterização de como se dar os processos de leitura e de ensino para os deficientes visuais, investigando o papel dos professores e a forma que auxiliam os alunos nas suas produções textuais. O trabalho surgiu de um projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina de Laboratório de Produção Textual II, na universidade Regional do Cariri (URCA) Campus - Missão Velha e como instrumento de coleta de dados, fizemos uma entrevista semiestruturada com a (ADC), que foi a principal protagonista deste trabalho. Para a elaboração do projeto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, baseada nos argumentos de Kastrup (2007), Masini (1993) e Freitas (2008). Concluímos que, para que ocorra a inclusão de fato do aluno com deficiência visual, indo muito além de uma simples matrícula é preciso que professores a equipe pedagógica e gestora da escola e funcionários, aceitem o aluno deficiente, com normalidade e igualdade, buscando conhecer suas necessidades e suas potencialidades. O trabalho surgiu de um projeto de pesquisa que tem o propósito de investigar os caminhos perceptuais do portador de deficiência visual e analisar as dificuldades das crianças e as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual e quais métodos utilizados. Estudos mostram que o diagnóstico da cegueira pode não ser imediato, a diferença mais significativa não é entre cegos congênitos e precoces, mas entre precoces e tardios, em função da existência, nos últimos, de referências visuais e coordenações neurais entre as modalidades sensoriais, que ocorrem, em média, até os três anos de idade. Sabemos que a deficiência visual pode ser de origem hereditária (catarata congênita, glaucoma etc.) ou adquirida (acidentes, doenças, deficiência de vitamina A, entre outros) em alguns casos podendo ser controladas. Esse projeto vem relatar a deficiência visual congênita, ou seja, de pessoas que nunca viram nada e se insere na história de vida de (ADC), relacionada as suas principais dificuldades na vida e na escola, devido a sua deficiência. A deficiência visual é vista como uma impossibilidade de um indivíduo interagir com o meio social, acreditar nessa assertiva é uma forma de marginalização. Apesar da sociedade criar meios, estruturas, ambientes como escolas, locais de trabalho e urbanização para facilitar o acesso desses portadores da deficiência, essas atitudes ainda se caracterizam por inadequadas e ineficientes, pois ainda são limitadas tanto nos centros urbanos como nas instituições.

**Palavras-chave**: Inclusão. Deficiência Visual. Igualdade Social. Direitos.

#### 1 INTRODUÇÃO

O trabalho surgiu de um projeto de pesquisa que tem o propósito de investigar os caminhos perceptuais do portador de deficiência visual e analisar as dificuldades das crianças e as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual e quais métodos utilizados.

Estudos mostram que o diagnóstico da cegueira pode não ser imediato, a diferença mais significativa não é entre cegos congênitos e precoces, mas entre precoces e tardios, em função da existência, nos últimos, de referências visuais e coordenações neurais entre as modalidades sensoriais, que ocorrem, em média, até os três anos de idade.

Sabemos que a deficiência visual pode ser de origem hereditária (catarata congênita, glaucoma etc.) ou adquirida (acidentes, doenças, deficiência de vitamina A, entre outros) em alguns casos podendo ser controladas. Esse projeto vem relatar a deficiência visual congênita, ou seja, de pessoas que nunca viram nada e se insere na história de vida de (ADC), relacionada as suas principais dificuldades na vida e na escola, devido a sua deficiência.

A deficiência visual é vista como uma impossibilidade do indivíduo interagir com o meio social, acreditar nessa assertiva é uma forma de marginalização. Apesar da sociedade criar meios, estruturas, ambientes como escolas, locais de trabalho e urbanização para facilitar o acesso desses portadores da deficiência, essas atitudes ainda se caracterizam por inadequadas e ineficientes, pois ainda são limitadas tanto nos centros urbanos como nas instituições.

Incluir na educação básica a pessoa com deficiência visual merece um olhar mais atento, mais minucioso, em face da possível rejeição do grupo para com essa pessoa, e assim, não podemos imaginar uma inclusão meramente ilusória, isso é, apenas colocar essa pessoa em meio aos outros, e deixar fluir naturalmente sua interação, sem oferecer as condições dignas para uma vida com dignidade e direitos.

O objetivo do trabalho é analisar as dificuldades das crianças e as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual e quais métodos utilizados para mediar à aprendizagem, e caracterizar como acontecem os processos de leitura e de ensino para os

deficientes visuais, e como se dá o processo de ensino e aprendizagem do deficiente visual, investigando como os professores auxiliam os alunos nas suas produções textuais.

O que levou a realizar esse projeto foi o convívio com (ADC) que possui deficiência visual, tem me mostrado força e desejo para colaborar com esse projeto com o intuito de apontar as dificuldades e os desafios encontrados na trajetória da vida, desde o nascimento até os dias atuais.

Para a elaboração do projeto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, baseada nos argumentos de KASTRUP (2007) que fala da invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual, MASINI (1993) onde aborda sobre a educação do portador de deficiência visual – as perspectivas do vidente e do não vidente, e FREITAS (2008) que mostra as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual. Como instrumento de coleta de dados, faremos uma entrevista semi estruturada com a (ADC), que será a principal protagonista deste trabalho. Essa entrevista tem como objetivos coletar os relatos e desafios encontrados durante a trajetória da minha irmã, portadora de deficiência visual, para que possamos detectar e elencar as dificuldades apresentadas por ela, principalmente com relação ao seu acesso, permanência e aprendizagem na escola. Seguindo a mesma linha metodológica, aplicação de um questionário com 10 professores da rede municipal da cidade de Mauriti – CE com relação às dificuldades em ensinar a um aluno com deficiência visual e se eles já tiveram alguma formação na área de inclusão.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O processo de inclusão é uma necessidade para que todo portador de necessidades educativas especiais seja incorporado à sociedade, como um ser humano, possuidor de direitos e oportunidades. A inclusão escolar faz parte desse processo, como uma possibilidade de ampliar habilidades sociais e de oferecimento de meios de inserção social, sendo para além de um espaço de convivência, também um momento de aprendizagem de conteúdos socialmente definidos como relevantes. Muitas habilidades sociais são, teoricamente, mais facilmente aprendidas por crianças videntes, pois estas se valem, principalmente, da observação visual do comportamento dos pais e dos colegas para aprenderem novas habilidades.

MASINI (1993, p.71) diz que "é importante saber da acuidade visual para perto e

para longe, pois a primeira é utilizada na situação escolar e a segunda relaciona- se com a possibilidade de locomover-se e relacionar-se nesse ambiente". A inclusão escolar de deficientes visuais, em rede regular de ensino, solicita dentro da especialidade desta deficiência, estudos que se comprometam a melhorar cada vez mais tal realidade corrente, posto que a ausência de visão acarrete diferenciação da forma de apropriação do conhecimento, e conseqüentemente, dificuldades, se mantidos os padrões de ensinos comumente utilizados.

A cegueira e a baixa visão possuem várias causas e podem afetar o indivíduo em qualquer fase ou idade da vida, podendo ser repentina, como em um acidente, ou gradativa, como uma doença. A nova realidade passa a interferir em diferentes habilidades e atividades diárias, mas isso não significará impossibilidade de uma vida independente e plena, basta um atendimento educacional apropriado e o acesso a programas e serviços de reabilitação.

Algumas das transformações cognitivas da deficiência visual adquirida estão diretamente relacionadas à redução da eficiência de habilidades e hábitos anteriores, ou seja, de comportamentos caracterizados pelo automatismo, como verter água num copo, colocar pasta na escova de dente ou caminhar pela rua. (KASTRUP, 2007, p. 70).

Destaca-se que o comportamento automático é um comportamento sem atenção. Sua utilidade na vida prática é justamente liberar a atenção para outras atividades. Assim, quando um vidente caminha para o trabalho, seguindo seu percurso habitual, libera a atenção para pensar em algo que está lhe preocupando, em um compromisso que terá no final da tarde, ou tentar lembrar-se de algo que aconteceu no dia anterior.

FREITAS (2008, p. 3) relata que:

em outras palavras, pessoas cegas não possuem necessariamente deficiências nas funções de linguagem. Há diferenças sutis na forma com a qual a linguagem se desenvolve na criança. Em algumas crianças com deficiência visual suas primeiras palavras tendem a demorar a aparecer, mas, ao começarem a produzir palavras, seu vocabulário se expande rapidamente e uma vez adquirida à linguagem, esta se torna fluente.

O deficiente visual percebe o mundo por outros "olhos", sendo o tato e a audição as suas maiores riquezas, e frente às diferenças apresentadas, a inclusão escolar requer necessárias adaptações, através da utilização de estratégias de ensino com a utilização

dos sentidos remanescentes. Considerando indivíduos com deficiência visual como pertencentes a uma subcultura especifica, o presente estudo defende a importância de pesquisas sobre as habilidades sociais destes grupos populacionais. Tal investigação poderia gerar dados importantes da peculiaridade das habilidades sociais nesta população, fornecendo subsídios para programas educativos nessa área e em outras.

Desta forma, é necessário o uso de estratégias e recursos tecnológicos apropriados. Recurso importante é a aprendizagem do sistema Braille de leitura e escrita. O uso do livro didático ilustrado com desenhos, gráficos, cores, diagramas, fotos e outros recursos são inacessíveis para os alunos com deficiência visual e a sua transcrição ao Braille se torna indispensável devendo ser fiel ao conteúdo e respeitar normas e critérios estabelecidos pela Comissão Brasileira do Braille. Já o uso do livro didático adaptado para alunos com baixa visão, é relevante se ter conhecimento de como esse aluno vê.

O que levou a realizar esse projeto foi o convívio com minha irmã (ADC) que possui deficiência visual, tem me mostrado força e desejo para colaborar com esse projeto com o intuito de apontar as dificuldades e os desafios encontrados na trajetória da vida, desde o nascimento até os dias atuais.

A deficiência visual está inserida entre as necessidades especiais. Essa deficiência se refere à situação irreversível de diminuição de resposta visual em virtude de causas hereditárias e pode ser classificada como leve, moderada, severa e profunda (cegueira). No Caso da minha irmã, foi à cegueira profunda. Ela é considerada cega congênita, ou seja, que nunca viu, e seu sistema cognitivo é, desde o nascimento, constituídos com base nos demais sentidos e sem referência a elementos visuais.

O que mais impressiona são a habilidade e inteligência que a minha irmã possui, pois sempre buscou aprender mais, mesmo sem enxergar, com essa limitação ela enxerga além da imaginação. Com o intuito também de conhecer o Braile (é um sistema de escrita tátil utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão) nos dias de hoje e vêm ajudando no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas cegas. O que mais dificulta é que muitos professores não estão preparados para ensinar aos deficientes visuais, isso também me motivou a investigar a necessidade do governo investir na formação de professores, na perspectiva de possibilitar um ensino adequado as pessoas com deficiência visual.

O apoio da família tem ajudado muito a encarar a realidade com determinação e persistência, pois, os obstáculos eram muitos, e as condições poucas, onde tudo era difícil,

até para ir à escola, só depois de muitas lutas ela conseguiu ingressar na escola tendo a ajuda de uma professora de Braille, que corrige todos os trabalhos, atividades e avaliações.

Desde criança ela canta e compõe, começou com onze anos de idade, já gravou dois CDs, músicas de sua autoria e hoje esta registrada em cartório e no Clube dos Compositores do Brasil.

O intuito desse projeto é mostrar que apesar dos desafios enfrentados na vida, nunca é tarde para estudar e para aprimorar o conhecimento. São inúmeros deles durante todo o percurso, desde o nascimento até os dias atuais, e o convívio com as pessoas e o apoio ajuda a não se sentir excluído da sociedade e valorizado por todos.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ainda evidencia-se o papel das tecnologias assertivas para a inclusão dos deficientes visuais. O seu uso faz com que essa pessoa tenha um ganho em independência, qualidade de vida e inclusão. Envolve todo e qualquer artefato utilizado como auxílio, por exemplo, computadores, calculadora sonora, balança sonora, termômetro sonoro e identificador de chamada telefônico sonoro,

Para que ocorra a inclusão de fato do aluno com deficiência visual, indo muito além de uma simples matrícula é preciso que professores a equipe pedagógica e gestora da escola e funcionários, aceitem o aluno deficiente, com normalidade e igualdade, buscando conhecer suas necessidades e suas potencialidades. Relevante também é ser promovida uma sensibilização e conscientização da comunidade escolar podendo ser através de palestras, reuniões, material escrito, para que o ingresso e permanência do aluno deficiente visual sejam facilitados pelo conhecimento de todos da sua realidade.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, **Acessibilidade**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

FREITAS, Lucas Cordeiro. **Habilidades sociais de pessoas com deficiência visual.** Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 2008, v. 4, n. 1.

KASTRUP, Virgínia. A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 69-90, jun.2007.

MASINI, Elcie F. Salzano; perspectivas do vidente e da 1993.	<b>Aeducação do</b> lo não vidente. En	<b>portador de de</b> 1 Aberto, Brasília,	eficiência visual ano 13, n. 60, ou	l – as ıt./dez.

# O PROFESSOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DISLÉXICOS

#### Thais Faustino Bezerra

Graduanda em Ciências Biológicas Universidade Regional do Cariri (URCA) thaisfaustino00@gmail.com

#### Maria Gleiciane da Silva

Graduanda em Ciências Biológias Universidade Regional do Cariri (URCA) mariagleiciane455@gmail.com

#### Rosa Carolline de Alencar

Docente do Curso de em Ciências Biológias Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO:** Este presente trabalho começa com a seguinte pergunta: É possível ensinar alunos com dislexia? Eles são considerados desleixados, doentes, indiferentes, sem capacidade de frequentar uma sala de aula, interagir com seus colegas, professores, de aprender e adquirir conhecimento. Os discentes têm dificuldade na aprendizagem, ou seja, no processamento de informações, porque este distúrbio interfere diretamente na compreensão da letra, escrita, leitura, por exemplo, enquanto um aluno considerado totalmente normal terá mais facilidade no processo de aprendizagem, vale ressaltar que cada criança tem um meio de aprender. A escola deve procurar trabalhar as habilidades desta criança, pois o setor escolar pode abrir novas oportunidades por meio de propostas educativas viáveis, sendo que muitas vezes, os pais não têm condições de pagarem profissionais capacitados. A pesquisa é caracterizada como um levantamento bibliográfico, analisando conceitos relevantes para a colaboração da nossa ideia, tendo como objetivo questionar se é possível ensinar alunos com dislexia e realizar uma proposta de um método bastante importante, por exemplo, jogo educativo, ele pode ser usado pelo professor como uma metodologia de aprendizagem inclusiva e colaborativa para todos os envolvidos neste processo. É necessário modificar a maneira de transmitir o conteúdo, fazendo mudanças que possam tornar em grandes frutos para essas crianças, a prática do jogo é mostrar uma nova abordagem de ensino, sendo o docente apenas um mediador de uma forma mais adequada e realizando oportunidades inclusivas ao disléxico. Em virtudes dos fatos mencionados sobre a dislexia, ela não pode ser considerada um empecilho no processo de aprendizagem, o professor pode mudar totalmente isso através do jogo como ferramenta pedagógica no contexto sala de aula. O jogo abre uma nova porta de conhecimento para os alunos, tornando eles capazes de aprender e transmitir seus saberes para a sociedade geral, quanto mais cedo uma metodologia pelo jogo, mais cedo eles poderão desenvolver suas habilidades de escrita e leitura, reformulando as teorias impostas pela sociedade dizendo que eles não podem aprender nada e conviver no ambiente escolar.

Palavras-chave: Aluno. Aprendizagem. Dislexia. Jogos. Professor

#### 1 INTRODUÇÃO

Este presente trabalho começa com a seguinte pergunta: É possível ensinar alunos com dislexia? Eles são considerados desleixados, doentes, indiferentes, sem capacidade de frequentar uma sala de aula, interagir com seus colegas, professores, de aprender e adquirir conhecimento.

De acordo com Cruz (1999: 34), "a dislexia é considerada como uma perturbação da linguagem que se manifesta na dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita", para colaborar com essa definição citamos Mousinho (2003, p.23) define a dislexia como "um transtorno específico de leitura que prejudica a precisão e a fluência de leitura, podendo prejudicar a compreensão do material lido, o que repercute em todas as áreas do conhecimento".

Os discentes têm dificuldade na aprendizagem, ou seja, no processamento de informações, porque este distúrbio interfere diretamente na compreensão da letra, escrita, leitura, por exemplo, enquanto um aluno considerado totalmente normal terá mais facilidade no processo de aprendizagem, vale ressaltar que cada criança tem um meio de aprender.

Segundo Monserrat (2004, p. 320) "cada escola deve respeitar essa diversidade, oferecendo à criança aquilo que necessita aquilo que lhe possibilita alcançar seu desenvolvimento integral no limite das próprias potencialidades", a escola deve procurar trabalhar as habilidades desta criança, pois o setor escolar pode abrir novas oportunidades por meio de propostas educativas viáveis, sendo que muitas vezes, os pais não têm condições de pagarem profissionais capacitados.

A dislexia é um desafio constante para os professores na sala de aula, ou seja, "Face aos desafios atuais, o professor precisa desenvolver as competências adquiridas na formação inicial e na maioria das vezes de construir competências inteiramente novas." (PERRENOUD, 2000, p. 158), pois eles precisam ofertar um atendimento inclusivo e facilitador de aprendizagem para os alunos.

Os jogos educativos para alunos disléxicos é uma maneira de aquisição, quebrar

barreiras no ensino, exploração dinâmica de aprendizagem, pois "são jogos que fazem com que o/a aluno/a crie estratégias de ação para uma melhor atuação enquanto jogador/a, onde ele/a tenha que criar hipóteses e desenvolver um pensamento sistémico, podendo pensar múltiplas alternativas para resolver um determinado problema" (LARA, 2004: 27), ofertando uma nova experiência de aprendizado.

A pesquisa é caracterizada como um levantamento bibliográfico, analisando conceitos relevantes para a colaboração da nossa ideia, tendo com objetivo questionar se é possível ensinar alunos com dislexia e realizar uma proposta de um método bastante importante, por exemplo, jogo educativo, ele pode ser usado pelo professor como uma metodologia de aprendizagem inclusiva e colaborativa para todos os envolvidos neste processo.

#### 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mantoan (2006) destaca que: "A inclusão é um desafio que, ao ser devidamente enfrentado pela escola comum, provoca a melhoria da educação básica e superior" (p. 45), a escola pode e deve programar métodos diversificados, contemplando alunos com dislexia ou não, pois a partir de uma prática em conjunto, os discentes terão mais familiarização com a metodologia aplicada pelo docente.

A indagação do primeiro do inicio do trabalho pode ser respondida da seguinte maneira: "[...] se o disléxico não pode aprender do jeito que ensinamos, temos que ensinar do jeito que ele aprende!". (BAUER, 1997, p.97). Para Alves (2010: 9) refere que o "jogo ganha um espaço como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que estimula o interesse do aluno. O jogo ajuda-o a construir novas descobertas, desenvolve e enriquece a sua personalidade, e simboliza um instrumento pedagógico."

Segundo Ajuriaguerra (1984, p. 57), "a escola sairia ganhando se oferecesse às crianças a possibilidade de explorar outras formas de inteligência". É necessário modificar a maneira de transmitir o conteúdo, fazendo mudanças que possam tornar em grandes frutos para essas crianças, a prática do jogo é mostrar uma nova abordagem de ensino, sendo o docente apenas um mediador de uma forma mais adequada e realizando oportunidades inclusivas ao disléxico.

"O jogo é uma pura assimilação que consiste em modificar a informação de

entrada de acordo com as exigências do indivíduo" (Piaget,1970), ou seja, "O jogo é uma escola de aprendizagem ativa e árdua e um terreno fértil para trabalhar certos costumes e valores sociais." (Callois, 1990: 16)

É importante que, o docente goste de ensinar, tenha amor e se coloque no lugar destes alunos, buscando sempre ajudar da maneira mais dinâmica possível nos jogos, para que aconteça uma interação, confiança, e aprendizagem ativa e significativa.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtudes dos fatos mencionados sobre a dislexia, ela não pode ser considerada um empecilho no processo de aprendizagem, o professor pode mudar totalmente isso através do jogo como ferramenta pedagógica no contexto sala de aula.

O jogo abre uma nova porta de conhecimento para os alunos, tornando eles capazes de aprender e transmitir seus saberes para a sociedade geral, quanto mais cedo uma metodologia pelo jogo, mais cedo eles poderão desenvolver suas habilidades de escrita e leitura, reformulando as teorias impostas pela sociedade dizendo que eles não podem aprender nada e conviver no ambiente escolar.

Essa dificuldade pode se tornar uma evolução no processo da vida melhorada do aluno, não podemos considerar a dislexia um ponto totalmente negativo, irá depender apenas como será aplicada a prática de aprendizagem pelo professor para torna-lá um ponto positivo, e ela não poderá atrapalhar a vida do aluno e o desejo de um futuro acadêmico aprendiz, o jogo vem com o intuito de ajudar neste desenvolvimento, ou seja, a extração do conhecimento adormecido por intermédio de uma maneira dinâmica e inovadora feita pelo docente.

#### REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana, (2010). **O Jogo como recurso de aprendizagem**. Revista Psicopedagogia, vol.27, nº: 83, São Paulo. Disponível em: <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862010000200013&script=sci arttext">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862010000200013&script=sci arttext</a>. Acesso: 10/02/2019.

AJURIAGUERRA, J. A dislexia em questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua e escrita. Porto Alegre: Artes Médicas,1984.

BAUER, James J. **Dislexia: ultrapassando as barreiras do preconceito**. São Paulo: Casa

do Psicólogo, 1997. 104p.

CALLOIS, R. (1990).**Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Trad. José Garcez Palha. Lisboa: Cotovia.

Cruz, V. (1999). **Dificuldades de aprendizagem – Fundamentos**. Porto: Porto Editora. Eco, Humberto, (2005). Como se faz uma tese de Ciências Humanas. Lisboa: Editoral Presença.

Lara, I. C. (2004). **Jogando com a matemática** de 5ª a 8ª série. São Paulo: Editora Rêspel.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2000. 162p.

PIAGET, Jean. (1970). **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

MONSERRAT, Antón Rosera et al. **Crianças com necessidades educativas especiais.** In: LLEIXÀ, Arribas Teresa. **Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOUSINHO, R. **Desenvolvimento da Leitura, Escrita e seus Transtornos**. In: Goldfeld, M. Fundamentos em Fonoaudiologia –Linguagem. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MANTOAN, Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

# Descrição e Análise Linguística

# OS EFEITOS NOCIVOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Carlos Wágner Ferreira da Silva

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) wawagner1986@hotmail.com

Adílio Junior de Souza

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) adilivs@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo discute os malefícios revelados pelo preconceito linguístico a partir de uma breve revisão de literatura. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, o estudo se apoia em autores de vertente funcionalista, entre os quais, devem ser mencionados: Bagno (2013; 2006), Souza (2017), Azambuja (2012), Lopes, Araújo e Freitag (2016), entre outros. Objetiva-se, desse modo, refletir criticamente sobre as atitudes negativistas para com a linguagem do outro, que muitas vezes, é tida como "errada" ou "feia" por parte da Gramática Tradicional. Parte-se do pressuposto que toda e qualquer variante da língua serve a sua elementar que é a comunicação. Não há, portanto, língua ou variedade melhor que outra, apenas diferenças linguísticas. A questão do preconceito linguístico hoje em nosso país tem causado revoltas e indignações em linguistas, especialmente, no que diz respeito aos traumas e exclusões feitas por aqueles que se dizem saber empregar (e dominar) a língua portuguesa em um padrão culto, estilizado (SOUZA, 2017). Muitos acreditam que a língua portuguesa é falada de modo igual, sem variações, por todos os nativos brasileiros. Há uma espécie de mito de uma única língua (BAGNO, 2013). Conforme salienta Bagno (2013), no Brasil se fala aproximadamente 180 línguas, isso sem mencionar as variedades linguísticas ou dialetos de descendentes de imigrantes. Não existe, portanto, uma unidade linguística. Logo a seguir entraremos numa discussão mais aprofundando do tema, trazendo o pensamento de alguns estudos, nos quais nos apoiaremos para fazer críticas as atitudes preconceituosas de muitos dos falantes de língua portuguesa, que acreditam serem detentores de uma língua "pura". Questionamentos foram feitos no que diz respeito aos efeitos nocivos da língua, levando em consideração as observâncias colocadas por pesquisadores sobre o tema. Este trabalho é apenas um ensaio que, pretendemos levar mais adiante, culminando em um trabalho de conclusão de curso. É, ainda, um estudo preliminar, que será acrescido de outras bases teóricas e consequente ampliação.

**Palavras-chave**: Linguística. Preconceito Linguístico. Variação Linguística. Português.

#### 1 INTRODUÇÃO

A questão do preconceito linguístico hoje em nosso país tem causado revoltas e indignações em linguistas, especialmente, no que diz respeito aos traumas e exclusões feitas por aqueles que se dizem saber empregar (e dominar) a língua portuguesa em um padrão culto, estilizado (SOUZA, 2017).

Muitos acreditam que a língua portuguesa é falada de modo igual, sem variações, por todos os nativos brasileiros. Há uma espécie de mito de uma única língua (BAGNO, 2013). Conforme salienta Bagno (2013), no Brasil se fala aproximadamente 180 línguas, isso sem mencionar as variedades linguísticas ou dialetos de descendentes de imigrantes. Não existe, portanto, uma unidade linguística.

Logo a seguir entraremos numa discussão mais aprofundando do tema, trazendo o pensamento de alguns estudos, nos quais nos apoiaremos para fazer críticas as atitudes preconceituosas de muitos dos falantes de língua portuguesa, que acreditam serem detentores de uma língua "pura".

#### 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Você já se sentiu controlado no ambiente do qual você faz parte? Digamos, em todos os sentidos, já se perguntou o porquê de se limitar nas palavras das quais não se tem segurança? No ambiente familiar, quando os filhos estão na escola, no convívio com pessoas com maior instrução, começam a tentar normatizar a fala, cobrando dos pais e irmãos uma linguagem mais formal.

Seja de maneira consciente ou não, somos compilados a nos moldar no modo de falar, seja na escola, na rua ou em quaisquer outras situações de interação social. Há constantemente uma preocupação a tudo o que falamos, como falamos e principalmente das escolhas lexicais, semânticas ou sintáticas de nossa fala.

Devido a essa prática de normatização que nos é imposta pela sociedade, surgiu essa concepção de que os falantes e os escritores da língua é que precisam de gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua "bonita", "correta" e "pura" (BAGNO, 2013). Há um purismo exacerbado que pune todos aqueles que estão à margem dos usos cultuados na linguagem culta (SOUZA, 2017). Daí decorre, consequentemente, uma atitude negativista, um preconceito linguístico contra a

linguagem diferente do outro (AZAMBUJA, 2012).

A língua é um produto social constituído de hábitos sociais e culturais na medida em que se relacionam entre si (BAGNO, 2013). Hoje, vivemos processos de mudanças que há tempos vem sendo abordados por pessoas dos mais variados níveis de formalidade, precisamos ser cultos para entendermos sobre todas as normas que fazem parte da gramática.

Pessoas se enganam em acreditar em que alguns gramáticos, ou melhor, um *doutor das letras* vem falando ou escrevendo por aí a respeito do modo de falar das pessoas desprivilegiadas de letramento. Os cidadãos que moram em zonas periféricas que cantam hip-hop e que se vestem com roupas características daqueles que se enquadram com aquele grupo esses grupos ao adentrarem em algum coletivo ou mesmo em praças públicas e começarem a se comunicar com gírias, jargões e etc.

Muitas pessoas que não estão com aquele falar característico, logo chamarão aqueles jovens de vagabundos, descriminando-os pela sua língua em especial e muitas vezes isolam aquele grupo, vejamos, por exemplo, o sofrimento vivenciado pela personagem Eulália, em Bagno (2006). É mais um caso do quão danoso é o preconceito linguístico. A partir daí se intensifica o preconceito linguístico e como sempre, com esses vem a exclusão social, nossa língua se tornou política como meio de ganhar através das necessidades que assolam a muitos (SOUZA, 2015).

Sobre esse assunto, vale trazer o pensamento de Bagno (2013, p. 32):

O reconhecimento da existência de muitas variedades lingüísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüente com o fato comprovado de que a norma lingüística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira 'língua estrangeira' para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma lingüística empregada no quotidiano é uma variedade estigmatizada de português brasileiro (quando não outra língua, diferente, como ocorre em diversos lugares do Brasil, sobretudo nas zonas de fronteira, nas comunidades indígenas e nas áreas de forte imigração, onde o português não é a língua materna de parte da população).

Mudanças estão sendo pensadas e revisadas para que a população tenha acesso não só a norma culta, mas também tenha acesso às gramáticas das quais aqueles indivíduos façam parte. Muitos sofrem preconceito linguístico diariamente em seus locais de trabalho, onde seus líderes o proíbem de falar nas partes internas, onde há maior fluxo de clientes, nas conversas paralelas na rua, nos shoppings, nas universidades e entre

outras.

Quando adentrei no curso de letras, ouvi muitos falarem de formas desanimadoras, de que se aprender determinados assuntos seriam muito difícil e hoje vi que eles estavam enganados, pois nada se é tão difícil quando se tem determinação e é por isso que muitos linguistas lutam para que a língua deixe de ser elitizada e que as línguas regionais seja valorizadas e estudadas. Servindo também para todos aqueles que foram excluídos dos acessos diretos a informação (MENESES, 2016).

Essas mudanças que assombram grande parte daqueles que se dizem ser *iluminados*, ou melhor, são os ditos detentores do saber no que tange a língua escrita. Nossa sociedade é composta de pessoas das mais variadas classes, dentre essas pessoas, muitos usam uma linguagem coloquial, que difere da língua padrão.

As pessoas têm uma falta crença de somente em Portugal se fala melhor a língua portuguesa e que no estado do maranhão ser o estado que mais se aproxima da língua de Portugal (BAGNO, 2013). Como diz Bagno (2013), isso não passa de mitos! Uma falácia!

A Gramática Normativa se utiliza dos grandes clássicos para fazerem projeções descabidas quando o assunto é a fala, todos sabemos que só não existe comunicação quando não se emprega o mesmo código linguístico.

No Brasil, falamos o português brasileiro, muitos especialistas deram uma sigla PB. Essas e outras colocações são feitas para mistificar ideias de que nós, que ainda não fazemos parte da dita classe dos iluminados (se é que temos interesse de fazer parte), nos sentimos menosprezados, fazendo com que tenhamos impressões negativas de que não temos capacidade de aprender sobre a nossa língua.

É como se o Brasil tivesse um idioma único, deixando de fora até o segundo idioma oficialmente aceito que é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Muitos creem que as variações linguísticas fossem a criação de grupos diversos, esquecendo que a língua todos os dias se destrói, se modifica e se atualiza, criando uma forma nova de se comunicar ou até criam uma fantasia a respeito de que não temos capacidades de se aprender o português padrão (NUNES, 2014).

Infelizmente, porém, esse combate tão necessário não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e

manuais que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é errado, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: as gramáticas normativas e parte dos livros didáticos disponíveis no mercado (BAGNO, 2013, p. 21-22).

A mídia brasileira em geral é a grande inimiga de nossa linguagem informal, uma vez que ela mesma procura condenar todos os tipos de variações linguísticas, esquecendo-se da base de nossas línguas, se assim podemos falar.

O latim vulgar era a língua falada das pessoas que não estavam inseridas na nobreza da sociedade patrícia, em que nas dominações e invasões faziam com que os dominados, obrigatoriamente, aprendessem o idioma do conquistador. Com isso, não estamos tão distantes dessa situação no que diz respeito a dominação, então, o aparelho midiático tenta regulamentar, impondo uma norma de uso tida como bem falar e escrever, o que separa as pessoas por um abismo da língua, nos telejornais do horário nobre, os jornalistas, muitas vezes, não podem se utilizar de suas variantes linguísticas (SILVA, 2014).

Esses mesmos jornais editam reportagens em que o entrevistado está em desacordo com a norma culta, salvo se forem entrevistas ao vivo. As novelas e minisérie relatam personagens nordestinos, caipiras, matutos para servirem de palhaços nessas novelas e a exercerem cargos e funções desprestigiadas que acarretam ainda mais com os preconceitos de toda natureza. Houve na TV aberta vários personagens e que a língua se tornava suburbana, usando linguagens que não são usadas por nos e que pouco retratam a verdadeira língua falada. Ganham muito dinheiro com os dialetos e falares nordestinos dando ênfase ao cômico.

Alunos oriundos do ensino regular quando adentram nas universidades brasileiras sofrem choques emocionais quando percebem que falam em desacordo com o que as universidades esperam. Esses choques culturais são dados com cargas eletrizantes de um ensino mecanizado que mais prepara o aluno para o mercado de trabalho técnico. Muitos desses alunos não têm coragem de se expressarem nas aulas expositivas ou até mesmo nos seminários propostos pelos professores, na maioria das vezes esses alunos se escondem no silêncio oriundo de classes sócias esquecidas pela sociedade elitizada (LOPES; ARAÚJO; FREITAG, 2016).

Muitos desses alunos vêm das periferias ou do campo e têm o senso comum trazido de suas comunidades, que acabam por ser estigmatizados em sala de aula. Quando

você diz que uma pessoa fala errada e que você fala certo, você está criando um muro onde se divide a sociedade em camadas iletradas versus gramáticos, por ignorância intelectual ou política, você conserva algo inexistente, padronizado por um pequeno grupo seleto (LOPES; ARAÚJO; FREITAG, 2016)

Falamos em democracia onde os direitos de todos são peneirados e separados entre classes sociais e onde aqueles que falam o que a norma padrão condena, estamos em marcha para uma luta que não terá tréguas em que o direito da fala será dado como forma de respeito a todas as classes. Como podemos cobrar na escola que as pessoas tem que aprender a gramática normativa sendo que muitas dessas pessoas as vezes vão para a escola se ao menos terem tomado café, em que seus pais tem que acordar cedo para irem deixar seus filhos em escolas muito distantes de suas casas, nossos direitos são tomados até nos goles de café que tomamos. Como podem cobrar de nos uma língua padrão culta se as maiorias dos livros que tem são de valores faraônicos e para se publicar livros no Brasil se é de uma burocracia extremamente desigual, fica complicado cobrar que uma população entre "nos trilhos com vagões enferrujados" (LOPES; ARAÚJO; FREITAG, 2016).

Vários projetos políticos desde muito são feitos para destruir a educação, um caso intrigante e pouco comentado até pelo tempo que faz e por muitos darem descrédito, no século passado precisamente no início década de sessenta políticos tiraram das disciplinas escolares os estudos clássicos, fazendo com que os nossos estudantes não tivessem acesso direto às obras de Cícero, Virgílio e entre outros.

Uma perda irreparável para a educação brasileira limitando os estudos clássicos somente as universidades e aos seminários católicos, triste e vergonhoso, mas desde muito sofremos preconceito, por que tudo isso foi programado desde muito tempo. Fazendo com que sejamos reféns nas frentes de linha no que tange as formas normativas de falar:

A linguagem da internet é uma realidade indiscutível e presente no vocabulário (podemos até dizer na gramática internalizada) de cada aluno, é um dos desafios com que o professor tem de aprender a lidar no século XXI. Aos lingüistas, e também aos professores, cabe a procura de maior entendimento dessa linguagem, a preocupação de assumir sua responsabilidade social para garantir os direitoslinguísticos da população, a salvaguarda das variantes linguísticas muitas vezes descriminadas (SANTOS; MELO, 2012, p. 08).

O que poderíamos falar da internet? Com suas abreviações que aos olhos

desinformados passam despercebidas? Exemplos como esses, muitas vezes, nos atônitos com certas expressões, que fazem parte da língua, das quais os jovens vêm fazendo uso com frequência, tanto na escrita quanto na fala.

Não nos damos conta do leque de expressões e variações linguísticas que se fazem nas variadas regiões brasileiras. Contudo, há quem deseje coibir tais usos, colocando os indivíduos contra a parede, impondo-lhes uma única forma de falar, isto é, uma língua normatizada, seletiva e discriminadora.

Graças ao advento da Linguística, especialmente da base funcionalista ou variacionista, que presa pelo ato comunicativo acima de tudo, esta ponte com o passar do tempo está sendo, aceitando a linguagem tida como coloquial, bem como os diferentes usos. Para que possamos chegar ao nível que a sociedade se espera de todos nós, pobres, roceiros, analfabetos, moradores da periferia etc., creio que temos uma enorme barreira, onde temos que reinventar o Brasil começando por aceitar qualquer variação ou mudança no comportamento da fala como foi falado a pouco (BAGNO, 2013). A Linguística é o caminho!

Como poderíamos fazer para reverter essa deficiência que parte daqueles que cobram da sociedade um falar padrão. O preconceito linguístico é invisível como diz Bagno (2006; 2013; SOUZA, 2017), muitos movimentos lutam por diversas formas de inclusão, mas a respeito da língua falada em diversas regiões do Brasil ainda á uma grande barreira que precisa ser quebrada, sabemos que muitas das pessoas que não tem acesso a escrita, se limitam em transmitir suas ideias e, muitas vezes, criam mundos paralelos com aqueles que tentam um contato de aproximação mais integral no que diz respeito as formas de se ensinar uma nova forma de se aprender (BAGNO, 2013).

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Questionamentos foram feitos no que diz respeito aos efeitos nocivos da língua, levando em consideração as observâncias colocadas por pesquisadores sobre o tema. Este trabalho é apenas um ensaio que, pretendemos levar mais adiante, culminando em um trabalho de conclusão de curso. É, ainda, um estudo preliminar, que será acrescido de outras bases teóricas e consequente ampliação.

#### REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Elizete Beatriz. O preconceito linguístico: algumas considerações. **Revista de letras da universidade católica de Brasília**, vol. 5, n. 1, ano v, jul/2012.

BAGNO, Marcos. **O preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2013.

BAGNO, Marcos. A língua de Eulália. São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (Orgs.). **A fala nordestina**: entre a sociolinguística e a dialetologia. São Paulo: Blucher, 2016.

MENEZES, Geovana Lino de. Preconceito regional e linguístico contra o Nordeste: um estudo a partir da obra A Hora da Estrela, de Clarice Lispector. In: SEMANA UNIVERSITÁRIA: ÉTICA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA. **Anais da semana universitária: ética na formação acadêmica**. 2016.

NUNES, Rozele Borges. Realidade escolar dos alunos do meio rural do município de Dom Feliciano/RS. **Anais do XAPEP SUL**. Florianópolis, outubro de 2014.

SANTOS, Maria Helena Pires; MELO, Thiago Benites de. Da intolerância à ignorância: Fenômenos linguisticamente complexos e Ensino de Português. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas, n. 02, ano I, p. 1-17, 2012.

SILVA, Altemar Gonçalves da. **Preconceito linguístico**: um panorama histórico do Latim ao Português Brasileiro. Brasília: UNB.

SOUZA, Adilio Junior de. O preconceito linguístico em debate: quais gramáticas descritivas usar? In: SIMPÓSIO DE GLOTOPOLÍTICA E INTEGRAÇÃO REGIONAL, 2016, João Pessoa. **Anais do I Simpósio de Glotopolítica e Integração Regional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017, p. 369-386.

### A IMPORTÂNCIA DA FONÉTICA E FONOLOGIA

**Matheus Magalhães dos Santos** 

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Moura Cícera Averlania da Silva

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Marta Janoca de Araújo

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**Josilene Marcelino Ferreira** 

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) josymf.mf@gmail.com

RESUMO: Neste artigo propomos distinguir fonética e fonologia e conceitua seus princípios básicos como por exemplo: A fonética estuda os sons da fala e a fonologia os sons da Língua. Nosso objetivo é demonstrar a importância da disciplina linguística no curso de Letras e quais suas serventias. Utilizamos algumas importantes definições do livro: Linguística Geral de Saussure (1916), considerado o pai da linguística e algumas de suas citações, inserimos também na produção uma pesquisa de campo, tendo por finalidade ter conhecimento sobre qual parte os discentes têm mais dificuldade em aprender na disciplina fonética e fonologia e se os estudos dessa disciplina realmente contribuirão para a formação do mesmo de alguma forma. Relatamos a subdivisão da fonética em: Articulatória, acústica e auditiva, além da troca dos fonemas que resultam em novos significados. A temática é importante por se constituir uma disciplina que envolve o estudante na busca do conhecimento de sua língua materna. Com o desenvolvimento desse artigo objetivamos simplificar o estudo dessa matéria acadêmica, promovendo a melhor compreensão com um pequeno resumo. Visto que, no início, os discentes possuem bastantes dificuldades em trabalhar e entender as diferenças existentes. Iremos relatar os motivos pelos quais faz com que essa disciplina seja importante ser estudada para futuros professores. No presente Artigo, utilizamos uma pesquisa de campo de caso avaliativo, decorrendo da aplicação de um questionário aos iniciantes da presente disciplina (fonética e fonologia), visando compreender quais são as dificuldades no início. Concluímos que a importância dessa disciplina no curso de Letras está relacionada com a produção da escrita e do entendimento da pronúncia. De uma forma pedagógica, pode auxiliar na compreensão de outras línguas através da fonética quando o acadêmico lecionar outros idiomas. O conhecimento da fonologia possibilita aos futuros docentes examinar problemas gráficos relacionados a ortografia, possibilitando resolver com seus alunos.

**Palavras-chave**: Fonética. Fonologia. Aluno.

#### 1 INTRODUÇÃO

Os conhecimentos linguísticos referentes à fonética e fonologia, que estuda os mecanismos e a forma pela qual o som da Fala é produzido, tiveram início a partir do século XX. A linguagem nos apresenta a arte de comunicar-se, através dela e da escrita transmitimos nossas habilidades comunicativas. A fonética estuda os sons da fala e a fonologia os sons da língua. Neste trabalho apresentaremos pontos importantes que a disciplina em questão, pode beneficiar aos discentes.

A temática é importante por se constituir uma disciplina que envolve o estudante na busca do conhecimento de sua língua materna. Com o desenvolvimento desse artigo objetivamos simplificar o estudo dessa matéria acadêmica, promovendo a melhor compreensão com um pequeno resumo. Visto que, no início, os discentes possuem bastantes dificuldades em trabalhar e entender as diferenças existentes. Iremos relatar os motivos pelos quais faz com que essa disciplina seja importante ser estudada para futuros professores.

No presente artigo, utilizamos uma pesquisa de campo de caso avaliativo, decorrendo da aplicação de um questionário aos iniciantes da presente disciplina (fonética e fonologia), visando compreender quais são as dificuldades no início.

#### 2 CONCEITOS E ELEMENTOS ESSENCIAIS À LINGUÍSTICA

A linguística é uma ciência que estuda a linguagem, nesse meio, ela subdivide em áreas que nos sujeita à análise e investigação com finalidade de transmitir informações necessárias para a sua comparação e utilização. Para Saussure, (1916, p. 43) "Fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre iguais a si mesmo."

Três grandes linguistas são responsáveis por diferenciar a fonologia e a fonética e definir como ciência, embora já tenha sido bem antes por Saussure, São eles: Serge Karcevsky foi um importante linguista muito conhecido no Círculo linguista de Praga (1884 -1955). Nicolai Trubetzkoy, linguista russo, sua principal contribuição foi, através

da análise de sistemas fonológicos (1890-1938). Ramon Jakobson, um dos mais importantes linguistas, seu estudo tinha como base a estrutura e a função da linguagem (1896 - 1982).

Embora ambas tratem do mesmo assunto, neste caso; o estudo do som produzido pelos seres humanos, possuem uma divisão relacionada a articulação e a parte teórica, quer dizer que: A fonética realiza o estudo descrevendo os sons produzidos pela fala. A fonologia estuda as diferenças de significado através dos fonemas, diferenças fônicas que podem ser observadas quando trocamos os fonemas como: (/g/ato, /r/ato), e a fonética estuda o significante.

Significante e significado é; O Signo Linguístico, que está relacionado com a forma e o conteúdo. "O signo Linguístico, une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a compreensão (empreinte) psíquica desse som, a representação que deles nos dá testemunhos de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la "material" é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.", (SAUSSURE, 1916, p. 80).

Dizemos então que, significante representa o som acústico ou uma imagem acústica (Plano de expressão). O significado, nos associa a representação do objeto através de imagens criadas pela nossa mente (plano de conteúdo). Vejamos o exemplo a seguir:

## Corda

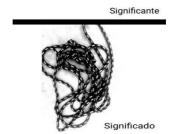


Figura 1 - Quando dizemos a palavra "corda" já associamos a imagem mental.

#### 2.1 A produção do som da fala

O nosso corpo é responsável pela materialização da voz, mas para que isso ocorra é necessária à organização por estímulos. A mente possui uma competência de organizar as palavras na fala. A realização só ocorre graças às articulações que causam reações de movimentos sistemáticos dos seguintes órgãos e partes do corpo: pulmões, laringe, tranqueia, dentes, Lábios, alvéolos, palato mole, palato duro, raiz da língua, ápice da língua e nariz.

Através desses, fazemos movimentos articulatórios que fazem com que os sons produzidos tenham distinções entre si, como é o caso das consoantes [b] e [p] ao serem produzidas; o ar decorrente é do pulmão, sua articulação é oclusiva bilabial, utilizando o articulador ativo o lábio inferior e o articulador passivo o lábio superior. Vejamos alguns exemplos da produção das seguintes consoantes:

	Bilabial	Labiodental	velar
Oclusiva	P b		k g
Nasal	m		
Vibrante	В		
Fricativa		f v	X

#### 2.2 O uso da linguística no dia a dia

Saussure diz que: "Os textos poéticos são documentos preciosos para o conhecimento da pronúncia: conforme o sistema de versificação se baseia no número de sílabas na quantidade ou na conformidade dos sons (aliteração, assonância, rima), tais monumentos nos fornecem informações sobre diversos pontos." (1916, p. 46).

A aplicação dos conhecimentos sobre fonologia está presente em uma análise de um poema no que diz respeito aos fonemas que o compõe. Os fonemas têm como definição como sendo a menor unidade sonora. O fonema distingue traços distintos entre as palavras, vejamos a seguir as escolhas realizadas no poema de Mário de Andrade:

#### Poema

Aceitarás o amor como eu o encaro? ... Aceitarás o amor como eu o encaro? ... ... Azul bem leve, um nimbo, suavemente
Guarda-te a imagem, como um anteparo
Contra estes móveis de banal presente.

Tudo o que há de melhor e de mais raro Vive em teu corpo nu de adolescente, A perna assim jogada e o braço, o claro Olhar preso no meu, perdidamente.

Não exijas mais nada.
Não desejo
Também mais nada, só te olhar, enquanto
A realidade é simples, e isto apenas.
Que grandeza... a evasão total do pejo
Que nasce das imperfeições.
O encanto
Que nasce das adorações serenas.

Ao ler o poema de Mário de Andrade, observamos a forma pela qual pronunciamos dadas palavras, a sonoridade causa uma melodia e uma harmonia, escolhas realizadas através da articulação das palavras que estabelecessem uma rima entre elas. Como por exemplo: encaro/Anteparo, enquanto/encanto. Os estudos fonológicos possibilitam a compreensão do ritmo do poema e a alternância de sílabas acentuadas.

Os conhecimentos adquiridos da fonologia estabelecem um entendimento da língua materna, de uma forma que auxilia na melhoria da escrita por meio de uma análise fonológica. "Você é escreve o que você ouve" Por meio dos estudos linguísticos fonológicos, realizados ao articular uma palavra. Além disso, os entendimentos fonéticos e fonológicos da linguagem nos permite a compreensão da gramática da nossa língua um dos exemplos que podemos citar é a comutação responsável pela variação de componentes de uma palavra que modifica o significado.

Essa realização ocorre por comparação de pares mínimos, trocando o significado das palavras através dos fonemas: /b/, /m/, /l/ e /p/.

#### 2.3 Subdivisão da fonética

A fonética subdivide em três categorias:

- Fonética Articulatória: Trata do estudo da realização do corpo para produzir os sons da fala, como por exemplo os órgãos: língua, laringe, pulmão...etc.
- Fonética Acústica: Estuda os aspectos físicos dos sons produzidos pela fala por equipamentos de análise.
- Fonética Auditiva: Tem como finalidade a análise e a significação das ondas produzidas pelo som.

A Transcrição fonética é a representação de segmentos de acordo com o que ouvimos, sua realização ocorre entre colchetes, cada letra possui um som diferente, e para a realização da transcrição fonética é necessário a utilização do Quadro Fonético Internacional.

Quando pronunciamos a palavra táxi, o som do fonema /x/ muda. Exemplo:

<u>Palavra</u>	<u>Transcrição fonêmica</u>
Eu	/ew/
Paz	/'paS/
Sapo	/'sapo/

A transcrição fonêmica consiste na representação de fonemas por barras, esse tipo de transcrição muda de acordo com cada região, já que cada lugar possui uma língua e uma cultura diferente. Vejamos alguns exemplos simples:

<u>Palavra</u>	Transcrição fonética				
táxi	[ˈtaksi]				
sal	['saw]				
seu	[sew]				

tia	[ʧia]

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização da pesquisa de campo nos possibilitou a compreensão de qual conteúdo da disciplina fonética e fonologia é menos compreendida, possibilitando que o assunto em questão seja dado mais atenção por possuir complexidades.

As questões a seguir foram retiradas do questionário de pesquisa. Os acadêmico que responderam foram alunos do II semestre e do V semestre de Letras da URCA - Universidade Regional do Cariri – Campus Missão Velha, que estão pagando a disciplina fonética e fonologia juntos. As seguintes perguntas foram feitas:

- 1 Você sentiu/está sentindo dificuldades na disciplina fonética e fonologia?
- 2- Em sua opinião, O conhecimento sobre transcrição fonética e fonêmica contribuiu ou contribuirá para sua formação acadêmica?

A resposta da questão 2 de um dos acadêmicos foi: "O conhecimento sobre fonética e fonologia é importante para o ensino da leitura e da escrita das palavras"

Obtivemos as seguintes conclusões após a avaliação das respostas: os conteúdos estudados que os alunos possuem mais dificuldades em compreender é na fonética, pois nela se engloba vários assuntos relacionados ao som, além de estudar as partes do corpo responsável pela sua produção. A transcrição fonética é a parte mais complicada por se trabalhar com pontos de articulação, a descrição dos sons e os símbolos fonéticos.

Em relação a contribuição da fonética e fonologia para a formação foi que, ao adquirir conhecimentos dessa disciplina o acadêmico terá uma grande melhoria nas pronúncias das palavras e na ortografia.

Concluímos que a importância dessa disciplina no curso de Letras está relacionada com a produção da escrita e do entendimento da pronúncia. De uma forma pedagógica, pode auxiliar na compreensão de outras línguas através da fonética quando o acadêmico

lecionar outros idiomas. O conhecimento da fonologia possibilita aos futuros docentes examinar problemas gráficos relacionados a ortografia, possibilitando resolver com seus alunos.

A transcrição fonética, embora seja difícil para os iniciantes da disciplina, ela é importante para aprender outras línguas e saber como as palavras, vogais e consoantes são pronunciadas pelo nosso corpo. Concluímos que todos os estudantes sabem de sua importância, apesar de ser uma disciplina complicada, merece bastante atenção e estudo para poder aplicar seus benefícios relacionados aos conhecimentos.

### REFERÊNCIAS

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; YEHIA, Hani Camille. **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009. Disponível em http://fonologia.org. ISBN 978-85-7758-135-1. Acessado em: 22 de fev. 2018.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; YEHIA, Hani Camille. **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. CD-ROM, Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2012. Disponível para download em: http://fonologia.org. ISBN 978-85-7758-135-1. Acessado em: 22 de fev. 2018.

ANDRADE, M. **Poesias completas**: Volume 2, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. Disponível em <a href="https://www.pensador.com/frase/NTIzODAw/">https://www.pensador.com/frase/NTIzODAw/</a>. Acessado em: 06 de fev. 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 26ª ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: 1995.

## AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: COMO O SER HUMANO CONHECE E DESENVOLVE A LÍNGUA MATERNA

Francisco Fabrício Furtado de Oliveira

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) fabriciofurtado994@gmail.com

Yara Ribeiro de Holanda

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) yara.hollanda@urca.br

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo conhecer os processos sociais e cognitivos que estão envolvidos no processo de aquisição da linguagem, bem como compreender como o ser humano conhece e desenvolve sua língua materna. Dessa forma, busca-se tal conhecimento para entender, também, como o ser humano estabelece a comunicação com o outro em sociedade para que, através da linguagem, possa satisfazer suas necessidades no que concerne à vivência no meio social e a importância que a linguagem exerce nesse aspecto. A aquisição da linguagem é uma temática que, ultimamente, vem ganhando cada vez mais espaço nas recentes pesquisas de estudantes do curso de graduação em Letras, bem como de Linguistas ou profissionais das Neurociências, Ciências da Educação e Psicologia. Contudo, o processo de Aquisição da Linguagem, desde muito cedo, é colocado em pauta por pesquisadores. De acordo com Del Ré (2014), já no século XIX, estudiosos do assunto buscavam compreender o desenrolar da fala humana, anotando enunciados espontâneos da fala de seus filhos. Tal período inclui-se na fase da Linguística Histórica ou Comparada que, no seu cotidiano, estudava fenômenos referentes aos primeiros registros do funcionamento da língua. É válido ressaltar que, nessa época, apesar de seguirem uma perspectiva de estudo, os pesquisadores ainda não tinham o objetivo de chegarem a uma teoria consistente que explicasse o funcionamento da linguagem no ser humano, pois a Linguística ainda não havia sido definida como ciência. Com a produção do Curso de Linguística Geral, em 1916, por Ferdinand Saussure, a Linguística assume uma posição nos estudos científicos e os estudos sobre aquisição da linguagem, acompanhando tal desenvolvimento, passam a ser estudados de forma atenciosa por Noam Chomsky, com a publicação de sua Universal - GU, conhecida também como Gramática Transformacional ou Gerativismo. Nessa perspectiva, a Gramática Universal, inserindose no contexto dos estudos sobre a aquisição da linguagem, postula que o ser humano já nasce com uma predisposição natural para a aquisição de sua língua materna, utilizando um código denominado input, que contém todos os recursos necessários para que a criança possa desenvolver o sistema de sua língua. O presente trabalho busca compreender como o ser humano começa a ter o primeiro contato com o fenômeno da linguagem e passa a desenvolvê- la nos estágios de acordo conforme os avanços de seu aparato vocal, com base nos fatores sociais, como a interação da criança com o meio, bem como os fatores cognitivos, levando em consideração a participação que órgãos como o cérebro, por exemplo, exerce no desenvolvimento da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem. Comunicação. Sociedade.

## 1 INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem é uma temática que, ultimamente, vem ganhando cada vez mais espaço nas recentes pesquisas de estudantes do curso de graduação em Letras, bem como de Linguistas ou profissionais das Neurociências, Ciências da Educação e Psicologia. Contudo, o processo de Aquisição da Linguagem, desde muito cedo, é colocado em pauta por pesquisadores. De acordo com Del Ré (2014), já no século XIX, estudiosos do assunto buscavam compreender o desenrolar da fala humana, anotando enunciados espontâneos da fala de seus filhos. Tal período inclui-se na fase da Linguística Histórica ou Comparada que, no seu cotidiano, estudava fenômenos referentes aos primeiros registros do funcionamento da língua. É válido ressaltar que, nessa época, apesar de seguirem uma perspectiva de estudo, os pesquisadores ainda não tinham o objetivo de chegarem a uma teoria consistente que explicasse o funcionamento da linguagem no ser humano, pois a Linguística ainda não havia sido definida como ciência. Com a produção do Curso de Linguística Geral, em 1916, por Ferdinand Saussure, a Linguística assume uma posição nos estudos científicos e os estudos sobre aquisição da linguagem, acompanhando tal desenvolvimento, passam a ser estudados de forma atenciosa por Noam Chomsky, com a publicação de sua Gramática Universal - GU, conhecida também como Gramática Gerativa Transformacional ou Gerativismo.

Nessa perspectiva, a Gramática Universal, inserindo-se no contexto dos estudos sobre a aquisição da linguagem, postula que o ser humano já nasce com uma predisposição natural para a aquisição de sua língua materna, utilizando um código denominado *input*, que contém todos os recursos necessários para que a criança possa desenvolver o sistema de sua língua.

O presente trabalho busca compreender como o ser humano começa a ter o primeiro contato com o fenômeno da linguagem e passa a desenvolvê-la nos estágios de acordo conforme os avanços de seu aparato vocal, com base nos fatores sociais, como a interação da criança com o meio, bem como os fatores cognitivos, levando em consideração a participação que órgãos como o cérebro, por exemplo, exerce no desenvolvimento da linguagem.

### 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Pinker, ao afirmar que a linguagem é uma capacidade inata do ser humano, adota-se a concepção que "a linguagem é produto de um instinto biológico bem planejado." (PINKER, 2004, p. 11) presente nele desde o seu nascimento e que não é uma capacidade adquirida pela criança por meio do ensinamento dos pais ou que se aprende na escola. Pinker explica que o ser humano é programado para falar (pelo menos) uma língua, comparando-o com as aranhas, que são programadas para tecer teias. A partir do pensamento de Pinker sobre a programação do ser humanos para adquirir e falar sua língua, pode-se afirmar que a hipótese da cognição que ele faz uso é a teoria do *input*, de Chomsky.

As motivações nas quais sustentam-se a escolha de tal tema pata pesquisa estão pautadas na busca pelo entendimento de como uma criança desenvolve o aprendizado da língua materna. Tal compreensão mostra-se demasiadamente relevante diante da importância da linguagem no processo de comunicação social no qual estamos, constantemente, inseridos. Uma criança, ao adquirir a linguagem, facilmente passa a comunicar-se de forma proficiente com as demais pessoas no ambiente em que ela está inserida, de tal modo que, além de interagir e ampliar seu léxico, ela pode, acima de tudo, usar a língua como uma forma de satisfazer suas necessidades.

O presente estudo mostra-se importante para que possamos entender como o ser humano é inserido no contexto pragmático da fala, de modo que ele possa interagir com o outro e usar a linguagem em favor de sua ascensão social. Além disso, podemos, também, entender alguns aspectos da cognição humana acerca do funcionamento do cérebro no que concerne à produção linguística.

Unir o estudo dos processos de aquisição da linguagem aos aspectos cognitivos que o envolvem pode ser uma boa alternativa para que possamos compreender, também, o porquê de algumas crianças sentirem dificuldades para desenvolverem a sua fala e quais são os tipos e características das patologias que podem interferir neste processo. Estudar o processo de aquisição da linguagem também nos ajuda a compreendermos as particularidades de cada indivíduo, levando em consideração que cada pessoa possui um desenvolvimento em tempos diferentes, uma vez que a evolução temporal da linguagem

não é a mesma em todos ou para todos.

Considerando a importância que a linguagem exerce na vida do ser humano, estudá-la é pertinente para que possamos saber como este pode utilizá-la para estabelecer relações com os demais indivíduos: "o valor da linguagem é inestimável para todas as atividades da vida diária numa comunidade de pessoas: providenciar comida e abrigo, amar, discutir negociar, ensinar." (PINKER, 2004, p. 28).

É importante considerar também que existe na linguagem um conjunto de regras semânticas, pragmáticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas que regem o seu funcionamento e que é importante que conheçamos. Contudo, mesmo considerando a linguagem – também – como um conjunto de regras e símbolos, deve-se entender que há aquelas pessoas que mesmo sem serem dotadas de um conhecimento mais profundo acerca de determinados fenômenos da língua, conseguem comunicar-se a seu modo, uma vez que a linguagem também possui essa função, a de ser um canal muito eficaz pelo qual o ser humano pode expressar seus pensamentos e sentimentos, independentemente do nível de conhecimento que ele detenha da mesma.

De acordo com a teoria da Gramática Universal postulada pelo linguista Noam Chomsky, em 1959, a criança já nasce com uma predisposição natural para a aquisição de sua língua materna e dado processo começa a ocorrer quando a criança passa a interagir com as demais pessoas no ambiente em que é exposta durante os seus primeiros meses de vida. É na sua casa que a criança passa a ter o primeiro contato através da comunicação com seus pais. Desde muito cedo, quando os pais começam a interagir com a criança, é como se fossem ativando as suas estruturas linguísticas despertando-as para a capacidade de interação.

A partir de então a criança começa a estabelecer o primeiro contato com a linguagem. Para justificar sua teoria, Chomsky acreditava na hipótese que a linguagem é uma capacidade inata do ser humano, de tal modo que ele nasce com um código, o *input*, que o permite desenvolver o sistema de sua língua necessitando, apenas, de um estímulo do ambiente. O *input* é essencial para o desenvolvimento da linguagem, levando em consideração que somente o caráter intato da linguagem não é suficiente para que ela se desenvolva no ser humano.

O *input* fornece toda a capacidade linguística necessária ao indivíduo para que ele, desde os primeiros meses de idade até os 05 anos de vida possa desenvolver, por

completo, o sistema de sua língua, sendo um falante que atua de forma proficiente. Contudo, é válido ressaltar que "embora a criança só manifeste alguma produção linguística em torno dos seis meses de vida, certas capacidades perceptivas com respeito às línguas humanas podem ser notadas com poucos dias de vida" (GROLLA; SILVA, 2014, p. 29).

Diante disso, podemos levar em consideração que o processo, uma vez ligado ao desenvolvimento cognitivo da criança. No que diz respeito ao cérebro, podemos constatar que

O cérebro humano sofre o processo que chamamos de lateralização, ou seja, cada um dos hemisférios passa a se dedicar a um conjunto de funções e é apenas quando parte considerável desse processo já ocorreu ou está em marcha que a linguagem passa a se desenvolver (GROLLA; SILVA, p. 31).

Isso significa dizer que toda criança é capaz de adquirir o sistema de sua língua materna. O ambiente, por meio da interação que a criança tem nele torna-se, então, o grande colaborador no processo de aquisição da linguagem. É com base nisso que Vygotsky acredita que:

É na relação do indivíduo com o meio e graças a mediação do grupo social ao qual ele pertence que se elabora a aquisição de prática linguageiras. No caso da língua falada, a dinâmica da situação provoca reações/ajustes em cadeia da parte dos locutores que administram juntos a situação de linguagem. (VYGOSTKY, op. cit).

A partir de então podemos pensar que quando a criança começa a interagir com o outro no meio em que vive, por consequência, essa passa a desenvolver práticas que lhe permitem ir, aos poucos adquirindo a linguagem. Logo, pode-se afirmar construímos nosso discurso no fenômeno da coletividade, pois, como postulara Kerbrat-Orecchioni (1990, p. 13) "todo discurso é uma construção coletiva".

Uma vez que a criança passa a conviver e interagir no ambiente em que vive, é possível afirmar, então, que o uso da linguagem é um importante colaborador de sua aquisição. Entretanto, uma vez adquirida a língua como seu uso, não significa dizer que as sentenças produzidas pelas crianças são tais com elas escutam. Utilizando de uma criatividade que lhes é própria, a criança cria falas, quando está desenvolvendo a sua língua, que pode ser diferente da fala de adultos.

Partindo do pressuposto que a criança adquire a linguagem por meio da interação

social, podemos concordar que "todo discurso é uma construção coletiva." (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990, p. 12). É o mesmo que diz Vygotsky, pois, para o linguista, o discurso de uma pessoa constrói-se em torno de um grupo social e a fala humana em um contexto pragmático no qual a vivência do ser humano em sociedade amplia a sua capacidade de comunicação.

Diante disso, podemos destacar que a interação social, uma vez favorecendo o desenvolvimento da linguagem no ser humano, favorece também a ampliação do seu léxico, isto é, o conjunto de palavras que ela possui em seu vocabulário. Fazendo uma análise das teorias até então utilizadas, pode-se concluir, quanto mais a criança interagir, mais amplia a sua capacidade de manter o seu léxico atualizado e elaborar enunciados com um maior teor de criatividade. Quanto mais a criança acessa o léxico de sua língua, mais capacidade ela tem de desenvolver conhecimento sobre ela.

Ao estudar o processo de aquisição da linguagem, vários fatores merecem a nossa atenção para que possamos entender a evolução da linguagem a partir de todas as suas vertentes. Nesse contexto, um deles são os estágios da aquisição, pois a criança começa a desenvolver a sua língua através de fases até que ela se torne um falante da língua. Uma das características que regem este processo é a *uniformidade* da língua. Quando se diz que o processo de aquisição da linguagem é algo uniforme, significa dizer que independente das condições em que a criança seja exposta, na sua infância, toda terão o espaço de tempo para a aquisição de sua língua. As experiências que elas têm ou o tipo de linguagem a qual elas estão expostas não interfere no tempo que elas têm para desenvolverem a sua linguagem, pois "a aquisição da linguagem é uma função do *input*" (GROLLA; SILVA, p. 51).

Logo nos primeiros meses vida, a criança começa a emitir seus primeiros sons, ainda que sejam desprovidos de algum significado. Inclusive, aos quatro dias de vida elas já têm a capacidade de distinguir um dado número de línguas, ainda que nunca tenham ouvido. Quando a criança chega aos quatro meses de vida, seu aparato vocal começa a sofrer algumas modificações que só se completa por volta dos três anos, mas aos seis meses elas já conseguem emitir uma grande quantidade de sons. Ao chegar na idade de um ano, a criança passa a produzir suas primeiras palavras e combinar as sentenças. É aí, então, que o seu vocabulário começa a ficar mais rico. Entre dois e três anos a criança começa a produzir suas primeiras sentenças, é nessa época, também, que seu aparato

vocal se completa de modo que, caminhando para os cinco anos, a criança já dominará por completo o sistema de sua língua, tornando-se um falante proficiente que já domina a sua capacidade de argumentação e consegue se comunicar eficientemente com outras pessoas.

Diante da relevância que os estudos sobre aquisição de linguagem têm apresentado para que estudantes do curso de Letras, interessados no campo da Linguística, tentam compreender como o ser humano aprende e desenvolve a sua linguagem, reconhece-se a necessidade da ascensão de cada vez mais estudos e pesquisas na referente área. Muito antes que a Linguística viesse a se tornar uma ciência, os estudos sobre sua aquisição já eram uma realidade. Quando a Linguística assume o *status* estudos ganharam mais ênfase e as pesquisas no campo passaram a ser mais exploradas. Afirmase, pois, as postulações de Saussure dão vida a teorias mais consistentes sobre o estudo da língua o que assegura o desenvolvimento dos estudos linguísticos, entre eles, a aquisição da linguagem.

Quando se diz que o ser humano, após adquirir sua língua, usa-a como uma forma de ascensão social é porque a linguagem, além de ter um caráter intato, tem, também, um caráter libertador. A linguagem rompe barreira e tem essa capacidade de fazer com que o homem possa valer-se dela para buscar, por meio de seu auto exploração, uma forma de enxergar melhor a si mesmo e ver o mundo no qual ele está inserido. O objetivo da aquisição da linguagem é, justamente, esse: levar o ser humano a conhecer o universo no qual ele está incluso e fazer com que utilize de um recurso que é-lhe próprio para viver em sociedade.

Espera-se, com o presente trabalho, compreender, com base nas teorias citadas, como o ser humano conhece e desenvolve a sua língua materna e quais fatores sociais e cognitivos estão envolvidos neste processo.

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conhecendo a importância que a linguagem representa para o ser humano e da forma positiva que ela pode contribuir para sua formação enquanto cidadão, busca-se entender o processo de aquisição da linguagem afim de ser obter conclusões sobre como o fenômeno da linguagem surge para o ser humano e nele se desenvolve, e tudo quanto

mais contribui para que, no percurso de sua vida, ele use a linguagem a seu favor para expressar aquilo que ele é e possa viver em sociedade usando a linguagem como uma das mais eficazes ferramentas da comunicação entre pessoas.

Os estudos sobre aquisição da linguagem se sustentam na hipótese de seu caráter inato, ou seja, uma capacidade que advém do ser humano desde o seu próprio nascimento. Como já mencionando, o ser humano nasce com um código chamado *input*, o qual contém todas as informações necessárias para que, com o estímulo do ambiente e a interação no mesmo, o ser humano possa, quando criança, desenvolver a sua língua materna. Tal processo começa ainda nos primeiros dias de vida e se estende até os 05 anos de idade, quando, nessa época, o indivíduo já é um falante proficiente de sua língua. No decorrer desse período de tempo, transformações vão acontecendo no aparato vocal da criança, unidas ao estímulo do ambiente e a comunicação da criança com as demais pessoas no ambiente ao qual é exposta, fazendo com que a linguagem venha a se desenvolver nos seus estágios. Ao adquirir a posição de um falante profícuo da língua, o ser humano adquire a capacidade de usá-la a seu favor de modo a satisfazer suas necessidades no meio social. Sabe-se, pois, que a comunicação, no contexto em que vivemos, é essencial para que o ser humano possa se relacionar com outras pessoas e, a todo instante, está incluso nessa dinâmica da comunicação.

O ambiente no qual a criança é inserida desde o seu nascimento é um grande colaborador para que ela venha a desenvolver a sua língua, pois, ao manter contato com as pessoas, a criança vai estimulando a sua produção linguística, com a grande colaboração do meio e contexto social.

Diante de tudo o que foi exposto, reafirma-se, então, o caráter intato da linguagem no ser humano e que, desde o seu nascimento, por meio do código denominado *input*, ele já tem a predisposição para a aquisição de sua língua, processo que ocorre na interação do indivíduo com o meio através de sua comunicação com outras pessoas. Sobrevivendo aos estágios da aquisição e a criança adquirindo a capacidade de utilizar a sua língua materna de forma profícua, ela passa a reconhecer a importância da linguagem e, mais que isso, a necessidade que tem de fazer-se dela para comunicar-se como outro. A linguagem, por fim, é esta ferramenta imprescindível ao ser humano na sua vivência enquanto ser social. Estudar como o indivíduo adquire-a e desenvolve-a é de extrema importância para que assuntos tão importantes acerca de uma grande auxiliar nossa – a

língua – sejam mais conhecidos e seu nível de intelectualidade seja apreciado.

## REFERÊNCIAS

DEL RÉ, Alessandra. **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Para conhecer Aquisição da linguagem.** São Paulo: Contexto, 2014.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem.** Disponível em <a href="https://www.ebah.com.br/content/ABAAAg7SUAE/steven-pinker-instinto-linguagem-completo#">https://www.ebah.com.br/content/ABAAAg7SUAE/steven-pinker-instinto-linguagem-completo#</a>. Acesso em: 01 fev. 2019.

KERBRAT-ORECCHINONI, Catherine. **Les interaciones verbales.** Paris: Armand Colin, 1990.

VYGOSTKY, Lev Semynovich. Pensée et langage. Paris: Editions Sociales, 1985.

## ICONICIDADE LINGUÍSTICA E A EXPRESSIVIDADE DOS FONEMAS: O EFEITO TAKETE-MALUMA

Rosa Gizene da Silva Teixeira

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Francisco Heitor Pimenta Patrício

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) <u>heitor2014@hotmail.com</u>

Yara Ribeiro de Holanda

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) <u>vara.hollanda@urca.br</u>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo tecer comentários a respeito da experiência feita por pesquisadores brasileiros na qual recriam o experimento Takete-Maluma em falantes do português brasileiro e relacioná-la a uma segunda réplica do mesmo experimento feito na disciplina de Estilística, cursada na Universidade Regional do Cariri, Campus de Missão Velha, no período de novembro de 2018. Para isso, procuramos entender quais os processos utilizados pelos pesquisadores, tanto do experimento original quanto na sua reprodução por brasileiros e qual a importância do resultado desses estudos. É importante, também, entender que esse experimento, criado inicialmente por Köhler (1929), tinha, como intuito, saber se existia alguma relação entre símbolo e o som e como essa relação se dava. Vários estudos foram surgindo investigando, também, a relação do potencial expressivo dos fonemas com o símbolo linguístico, entretanto, nenhum desses estudos focava os falantes do português brasileiro. É preciso ressaltar, também, que esses estudos foram de grande importância para melhor adaptar o conceito da Iconicidade Linguistica que, de forma objetiva, se relaciona com o potencial expressivo dos fonemas. Entendemos melhor a definição de Iconicidade e sua importância para os estudos linguísticos quando percebemos que os fonemas são marcados por valores expressivos observáveis que vão além dos sons emitidos na cadeia sonora, podendo proporcionar sensações auditivas, cinéticas e tácteis que conferem uma ideia a cada fonema vocálico ou consonantal pronunciado ou representado, nas palavras, frases, textos. Um dos trabalhos mais relevantes foi realizado através de um experimento chamado Takete-Maluma, desenvolvido por Köhler (1929). Essa capacidade expressiva dos fonemas interfere concretamente na relação entre o significante e o significado. Para realizar essa pesquisa, fizemos um estudo bibliográfico na literatura, em especial em Fonoestilística, já existente e a comparamos com a pesquisa e os resultados do experimento em falantes do português brasileiro.

Palavras-chave: Potencial expressivo. Fonoestilística. Iconicidade.

## 1 INTRODUÇÃO

A capacidade expressiva dos fonemas e como eles estão relacionados aos signos linguísticos vêm preenchendo os estudos linguísticos há muito tempo, em especial os estudos do campo da Fonoestilística. Tal fator traz questões pertinentes como, por exemplo, existe ou não relação entre signo e ícone? A relação entre tais elementos pode ser expressa claramente ou não? Para começar essa discussão, é preciso entender, primeiramente, a definição de signo e ícone. Para a Linguística saussureana, signos são conjuntos sonoros carregados de significado, já o Dicionário de Linguística (DUBOIS ET AL.,1993, p. 328) define ícone como "signos que estão numa relação de semelhança com a realidade exterior, que apresentam a mesma propriedade que o objeto denotado", isto é, são símbolos visuais ou imagéticos nos quais podemos reconhecer por meio da semelhança visual com o objeto que representa. Essa relação entre signo e ícone é chamada de iconicidade. Nesse sentido, podemos atribuir a escolha de fonemas feitas para designar determinado objeto por meio de sua forma. Seguindo na contramão de tais conceitos, Saussure (2006, p. 81-82) postula a arbitrariedade do signo como o primeiro e mais importante princípio da Linguística: "Assim, a ideia de "mar" não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual" (aspas e itálico no original). O linguística genebrino, em seguida, ressalta que o princípio da arbritariedade "domnina toda a linguística da língua" (op.cit.). Assim, podemos dizer que o falante não tem livre escolha para criar as palavras que quer. Qualquer uma das milhares de palavras existentes poderia determinar qualquer uma das coisas existentes, sem que, para isso haja necessidade de manter uma relação lógica.

Entendemos melhor a definição de Iconicidade e sua importância para os estudos linguísticos quando percebemos que os fonemas são marcados por valores expressivos observáveis que vão além dos sons emitidos na cadeia sonora, podendo proporcionar sensações auditivas, cinéticas e tácteis que conferem uma ideia a cada fonema vocálico ou consonantal pronunciado ou representado, nas palavras, frases, textos (SANTOS, 2016). Essa capacidade expressiva dos fonemas interfere concretamente na relação entre o significante e o significado.

### 2 DISCUSSÃO

A Estilística do som ou fonoestilística, segundo Martins (2012), trata dos valores expressivos que podemos observar nas palavras e enunciados tendo por base a cadeia sonora: "fonemas e prosodemas (acento, entoação, altura e ritmo) constituem um complexo sonoro de extraordinária importância na função emotiva e poética" (MARTINS, 2012, p. 45).

Os sons de uma língua, além de atribuir o valor opositivo entre as palavras, possuem uma função expressiva que pode provocar diferentes tipos de sensações: cinéticas, tácteis, auditivas, de agrado ou desagrado e, ainda, sugerir ideias ou impressões. "Evidentemente, essas impressões e sugestões oferecidas pela matéria fônica são recebidas de maneira diversa conforme as pessoas" (MARTINS, 2012, p.45).

Dentre os estudiosos que se debruçaram sobre o potencial expressivo dos fonemas podemos citar: Charles Bally, Maurice Grammont e Henri Morier. Todos afirmam que os fonemas possuem potencial expressivo. No entanto, as ideias que podem sugerir só são perceptíveis quando postas em relevo pela significação das palavras. Bally (1941) afirma que:

Não há dúvida de que na matéria fônica se escondem possibilidades expressivas. Deve-se entender como tal tudo que produza sensações musculares e acústicas: sons articulados e suas combinações, jogos de timbres vocálicos, melodia, intensidade, duração de sons, repetição, assonância e aliterações, silêncios etc. Na linguagem, estas impressões fônicas permanecem em estado latente enquanto o significado e o matiz afetivo das palavras em que figuram sejam indiferentes ou opostos a esses valores, mas brotam quando há concordância. (BALLY, 1941, p. 101)

Para corroborar as ideias acima, Martins (2012) assim exemplifica: "o potencial de 'escuridão' da vogal /u/ se aproveita em *escuro*, *noturno*, mas é recusado em *luz*, *diurno*"(MARTINS, 2012, p.46). A autora afirma, ainda, que essas impressões e sugestões oferecidas pela expressividade sonora são recebidas e percebidas de maneira diversa pelas pessoas. De acordo com a autora, são os poetas e artistas que melhor depreendem o potencial expressivo dos fonemas e deles extraem um uso requintado.

Quando não há nenhuma correspondência entre o significante e o significado, os sons e a articulação da palavra, ocorre, então, a arbitrariedade preconizada por Saussure. A isto podemos dizer que a palavra possui um nível de expressividade zero.

Havendo alguma correspondência, há o que Martins (2012) chama de *motivação sonora*. Motivação sonora, segundo a autora, "é uma das propriedades da linguagem poética. [..] É um dos recursos para que a mensagem valha por si mesma, não apenas pelo seu valor referencial, conforme Jakobson" (MARTINS, 2012, p. 47). A autora explica, ainda, que:

A correlação som-ideia abstrata pela faculdade de nosso cérebro em associar, comparar, classificar ideias, colocando num mesmo grupo conceitos intelectuais e impressões fornecidas pelos sentidos, de modo que as ideias abstratas são associadas a ideias de cor, som, odor, dureza, moleza, peso; daí dizermos: *ideias graves, ligeiras, negras, luminosas, largas, profundas; pensamentos doces, amargos; coração leve, tristeza pesada* etc. A comparação é inteligível graças a uma série de associações; traduz-se uma impressão intelectual por uma impressão sensorial. A linguagem comum fornece elementos para traduzir impressões audíveis através de impressões dadas por outros sentidos: ela distingue sons claros, graves, agudos, duros. As vogais são ditas *claras, agudas, graves, escuras, brilhantes*; as consoantes *secas, duras, doces, moles.* Assim, uma vogal escura poderá traduzir uma ideia escura e uma vogal grave uma ideia grave. (MARTINS, 2012, p. 48)

Essa relação entre som e significado (ou som e forma) tem sido objeto de pesquisas de estudiosos da linguagem, de linguistas e de psicólogos. Um dos trabalhos mais relevantes foi realizado através de um experimento chamado Takete-Maluma, desenvolvido por Köhler (1929). O autor percebera que alguns sons são relacionados a determinadas formas geométricas. Logo após, Nielsen e Rendall (2011) desenvolveram uma investigação mais ampliada sobre o assunto, replicando o experimento de Köhler. O objetivo dessas investigações era definir a função que cada fonema exerce na palavra, associar os sons expressos por eles a algumas formas e refletir sobre essa relação.

O experimento feito por Nielsen e Rendall, consistia em investigar como as pessoas relacionariam formas/figuras a palavras criadas estrategicamente para esse fim e qual a função e o valor expressivo das vogais e consoantes. Foram apresentados dois tipos de figuras: uma de formas arredondadas e outra de formas pontiagudas. Nenhuma das figuras corresponde a objetos conhecidos no mundo real. Em seguida, foram apresentadas duas palavras, sem significação conhecida, propositalmente formuladas utilizando os conceitos de expressividade dos fonemas: takete e maluma.

A investigação concluiu que a palavra Maluma, composta pelos fonemas consonantais /m/ e /l/ e os vocálicos /a/ e /u/, foi associada a formas redondas, enquanto que a palavra Takete, composta pelos consonatais /t/ e /k/ e os vocálicos /a/ e /e/, foi associada a formas pontiagudas.

Esse experimento concluiu que o valor expressivo das consoantes é maior que o

das vogais, pois, mesmo trocando as vogais das palavras, Maluma por Maleme e Takete por Takuta, as associações continuaram iguais. Esse experimento também foi realizado com falantes do português brasileiro e o resultado foi semelhante (NILSEN e RENDALL, 2011).

De acordo com estudos sobre a potencialidade expressiva dos fonemas já citados, a associação das palavras às formas arredondadas é explicada através do valor expressivo e das sensações provocadas por esses fonemas. As formas arredondadas possuem linhas mais suaves e são associadas às palavras com /m/, /b/, /l/, e /g/, pois essas consoantes provocam sensações auditivas fracas, abafadas e prolongadas, sensação cinética de deslizamento e sensações tácteis de leveza e suavidade; a vogal /a/ ainda pode sugerir uma sensação de calma e a vogal /u/ de fechamento. As formas pontiagudas possuem linhas expressivas traçadas rapidamente e são associadas a palavras com /p/, /t/, e /k/, já que essas consoantes provocam sensações mais secas, fortes e violentas; a vogal /a/ reforça a provocação do som alto e forte.

Associando essas sensações às palavras Maluma e Takete, assim como à suas devidas pronúncias e suas formas, respectivamente, arredondada e pontuda, percebe-se a importância da expressividade dos fonemas para o estudo da relação som e forma.

Durante uma disciplina de Estilística ministrada no curso de Letras da Universidade Regional do Cariri, no período letivo de 2018.2, tivemos a oportunidade de replicar, de maneira menos abrangente, o referido experimento entre alunos.

Primeiramente, os estudantes tiveram acesso ao capítulo do livro *Introdução à Estilística*, de Nilce Sant'anna Martins (2012), que trata da estilística do som e traz, em seu bojo, algumas impressões e ideias que podem ser transmitidas pelos fonemas vocálicos e consonantais. Martins (2012) afirma que as consoantes oclusivas surdas, /p/, /t/, /k/, pelo seu traço explosivo, transmitem uma sensação mais forte, violenta ao passo que as consoantes nasais, /m/, /n/, /nh/, passam a ideia de suavidade, doçura, delicadeza.

Posteriormente, foram apresentadas duas figuras, sem correspondência com o mundo real: uma de formas arredondadas e outra de formas pontiagudas. Foi solicitado dos estudantes que nomeassem as figuras com uma das seguintes possibilidades: tatité ou mamabo, baseando-se no potencial expressivo dos fonemas.

Além de nomear as figuras, os estudantes tiveram que justificar suas escolhas. Tendo em vista a diferença metodológica entre o experimento takete-maluma (o original) e o experimento tatité-mamabo, realizado na disciplina de Estilística, os alunos da disciplina tiveram acesso a material bibliográfico que explicava, previamente, o potencial expressivo dos fonemas enquanto que, no experimento original, os participantes não dispunham de informação prévia sobre expressividade sonora dos fonemas.

O resultado obtido foi semelhante ao do experimento takete-maluma e a figura de forma arredondada recebeu o nome de mamabo, enquanto a forma pontiaguda recebeu o nome de tatité. As justificativas apresentadas pelos estudantes da disciplina de Estilística correspondem à explicação apresentada no experimento original em que se verificou que os fonemas /m/, /b/, /l/, e /g/ são associados a formas arredondadas, enquanto que os fonemas /p/, /t/, e /k/ são associados a palavras pontiagudas.

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O valor expressivo dos fonemas é, sem dúvida, algo extremamente subjetivo, impreciso, facilmente influenciado pelos excessos imaginativos. Entretanto, é inegável que o estudo da iconicidade da língua pode trazer contribuições significativas sobre os processos de aquisição e processamento de linguagem.

Entendemos melhor a importância da iconicidade para os estudos linguísticos quando percebemos que os fonemas são marcados por valores expressivos observáveis que vão além dos sons emitidos na cadeia sonora, podendo proporcionar sensações auditivas, cinéticas e tácteis nas palavras, frases, textos e influenciar nossa percepção de mundo.

Os estudos fonoestilísticos quando afirmam que as consoantes oclusivas surdas, /p/, /t/, /k/, pelo seu traço explosivo, transmitem uma sensação mais forte, violenta ao passo que as consoantes nasais, /m/, /n/, /nh/, passam a ideia de suavidade, doçura, delicadeza, encontram respaldo nos resultados que foram obtidos tanto no experimento takete-maluma, quanto no tatité-mamabo. Esses experimentos demonstram que as sensações transmitidas pelos fonemas nos permitem associar palavras e sons, mesmo desconhecendo o real significado de ambos, somente pelo aspecto estético e sonoro.

Esses experimentos trazem à luz a relevância dos estudos de iconicidade linguística, não só pelo seu valor expressivo em si, mas também pelo seu potencial de uso em diversos gêneros dentro do domínio literário ou mesmo, do domínio publicitário. Todavia, essa característica icônica não exclui, por completo, a arbritariedade do signo linguístico, tal como prediz o estruturalismo linguístico. Ambas características se mostram intercomplementares. De fato, estudos fonoestilísticos, como aqueles aqui apresentados, fomentam o desenvolvimento dos estudos ligados a expressividade linguística e ressaltam a necessidade de futuras pesquisas sobre o tema e suas potencialidades.

### REFERÊNCIAS

BALLY, Charles. **El Lenguaje y la Vida**. Trad. Amado Alonso. 5 ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1941.

GODOY, Mahayana Cristina. *et al.* Replicando o efeito Takete-Maluma em português brasileiro. **Revista do GELNE**, Natal/RN, v.20. número 1, p. 87-100, 2018.

ÍCONE *in:* DUBOIS Jean *et al.* **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1993

KÖHLER, Wolfgang. **Gestalt psychology**. Nova York: Liveright, 1929.

KÖHLER, Wolfgang. **Gestalt psychology**. 2 ed. Nova York: Liveright, 1947.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à Estilística**. 4 ed. rev. 2 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

NIELSEN, Alan Kirkland Staun; RENDALL, Drew. **The Sound of Round**: Evaluating the Sound-Symbolic Role of Consonants in the Classic Takete-Maluma Phenomenon. In: Canadian Journal of Experimental Psychology, v. 65:2, p.115–24, 2011.

SANTOS, Donizethe Aparecido dos. A expressividade dos fonemas da língua portuguesa. **UNILETRAS**. Ponta Grossa, v. 38, n. 1, p. 71-81, Jan/jun. 2016. Disponível em http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/viewFile/8416/5721 Acesso em 01/02/2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

# Estudos Literários: Múltiplas abordagens

# AS RELAÇÕES INTERSEMIÓTICAS EM OBJETOS CORTANTES: A REPRESENTAÇÃO FEMININA

Milena Ramos Pereira

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) pereiramilenaramos@gmail.com

Ana Carolina Negrão Berlini de Andrade

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) <u>nba.anacarolina@gmail.com</u>

**RESUMO:** Este trabalho faz parte de uma pesquisa cujo objetivo é analisar as relações intersemióticas mantidas entre literatura e obras audiovisuais. No caso em questão, o presente plano de atividades se refere a uma pesquisa que tem como finalidade analisar a representação feminina na literatura e no cinema, tendo como corpus a versão literária de Objetos Cortantes (2006) e sua versão sincrética homônima (2018). Isso porque tanto na versão literária quanto na sua adaptação, isto é, sua versão sincrética homônima, há uma predominância de figuras femininas marcantes, cuja representação se relaciona com o modo como, socialmente, as mulheres são orientadas a se portarem. Portanto, o objetivo dessa pesquisa é investigar como as representações femininas são efetivadas nos dois meios semióticos, cada qual à sua maneira, uma vez que as obras em questão exploram as personagens femininas em suas diversas facetas, explorando as diversidades psicológicas, as construções sociais e os valores históricos ligados às idealizações femininas. Como metodologia, adotaremos o método bibliográfico. Para isso, utilizamos como aporte teórico autores como Cunha (2007) e Brito (2006), que abordam a transposição de narrativas literárias para o cinema. Por outro lado, dado que o foco da pesquisa é uma minisérie televisiva, utilizaremos textos que abordem especificamente as relações mantidas entre literatura, cinema e televisão, caso dos livros organizados por Saraiva (2003), Olinto e Schøllhammer (2009) e Pellegrini (2003). Todos esses textos serão utilizados a fim de compreender a estrutura de cada sistema semiótico e, consequentemente, a construção dos significados de cada obra. De forma complementar, utilizaremos as concepções de Souza (2016), que discute a sororidade feminina, e Pinsky e Pedro (2012), que abordam as conquistas femininas e as mudanças no papel da mulher na sociedade. Também utilizaremos as definições de personagens contidas no livro A personagem de ficção, (CANDIDO et al, 2005).

**Palavras-chave**: Representação feminina. Objetos Cortantes. Diálogos intersemióticos.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa cujo objetivo é analisar as relações

intersemióticas mantidas entre literatura e obras audiovisuais, levando em consideração a especificidade de cada sistema semiótico. Partimos do pressuposto de que o cinema, mesmo sendo considerado uma arte "nova", pois surgiu posteriormente às demais formas artísticas, sempre se manteve em estreito contato com estas e, especificamente, com a literatura. Como exemplo da constante relação entre literatura e cinema, podemos citar as inúmeras adaptações cinematográficas de obras literárias produzidas desde o nascimento do cinema. Tais adaptações, se é que podemos chamá-las assim, visto que há re-criação envolvida neste processo, são amplamente difundidas e discutidas, sobretudo porque o "produto" final, o filme, nem sempre agrada àqueles que leram a obra que lhe deu origem. No entanto, frequentemente as opiniões relativas às adaptações sincréticas não levam em consideração as especificidades de cada sistema semiótico, tão diferentes entre si.

E é justamente tendo em mente tais especificidades que se pretende, no presente trabalho, investigar como acontece a relação entre obras literárias e audiovisuais, de modo a provar que as diferenças, se bem dimensionadas, dão origem a relações célebres, como a do cineasta Griffth, considerado o pai da narrativa cinematográfica clássica, com Dickens, um dos mais renomados expoentes da literatura inglesa.

Mais especificamente, no caso do presente projeto, nossa finalidade é analisar a representação feminina na literatura e em obras audiovisuais, tendo como corpus a versão literária de *Objetos Cortantes* (2006) e sua versão sincrética homônima (2018). Isso porque tanto na versão literária quanto na sua adaptação, isto é, sua versão sincrética homônima, há uma predominância de figuras femininas marcantes, cuja representação é essencial para compreendermos não só as fábulas dessas narrativas, mas também os seus significados finais. Como exemplo, podemos citar a protagonista, Camille Preaker, uma mulher independente e solitária, que não tem muito contato com a família, por ter traumas relacionados à falta de amor de sua mãe, a morte de sua irmã e por ter tanto presenciado abusos de natureza sexual e psicológica, quanto ter sido vítima desses abusos.

Como metodologia, adotaremos o método bibliográfico. Para isso, utilizamos como aporte teórico autores como Cunha (2007) e Brito (2006), que abordam a transposição de narrativas literárias para o cinema. Por outro lado, dado que o foco da pesquisa é uma minisérie televisiva, utilizaremos textos que abordem especificamente as relações mantidas entre literatura, cinema e televisão, caso dos livros organizados por Saraiva

(2003), Olinto e Schøllhammer (2009) e Pellegrini (2003). Todos esses textos serão utilizados a fim de compreender a estrutura de cada sistema semiótico e, consequentemente, a construção dos significados de cada obra.

De forma complementar, utilizaremos as concepções de Souza (2016), que discute a sororidade feminina, e Pinsky e Pedro (2012), que abordam as conquistas femininas e as mudanças no papel da mulher na sociedade. Também utilizaremos as definições de personagens contidas no livro *A personagem de ficção*, (CANDIDO et al, 2005).

No decorrer deste trabalho, será apresentado, no capítulo resultados e discussões em que será explicitado os diversos perfis de figuras femininas na obra e os comportamentos das mulheres agindo de forma patriarcal e criando idealizações de acordo com constructos sociais passados. Posteriormente, será feito um apanhado de como as cobranças femininas influenciam a vida das personagens de forma negativa.

#### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No livro, *Objetos* Cortantes, Camille, que é jornalista em Chicago, volta à sua cidade natal, onde moram sua mãe Adora, sua irmã Amma e seu padrasto Allan, para cobrir o desaparecimento e a morte de duas garotinhas. A cidade traz uma sensação de desespero a Camille, por lembrar dos abusos que sofreu de garotos, enquanto ela estava na escola, e também da morte da sua irmã, que morreu de causas inicialmente desconhecidas.

A situação pela qual a jornalista volta a sua cidade torna a obra misteriosa, prendendo a atenção do leitor e do espectador até o fim da história, sobretudo porque a construção das histórias deixa pistas implícitas para que esses descubram informações necessárias para a descoberta do assassino das meninas. Portanto, o suspense que a narrativa oferece a partir do mistério imposto na história faz com que o leitor/espectador fique empolgado com o desenrolar das ações.]

No entanto, se a obra em um primeiro momento apresenta características típicas de romances policiais e thrillers, ao longo do seu desenvolvimento percebemos que existe outra característica importante que permeia a narrativa, se ligando às primeiras: a representação feminina das mulheres. Esta, no livro e na série, se relaciona com o modo como, socialmente, as mulheres são orientadas a se portarem, dado que é inegável que, historicamente, há regras de conduta e papéis sociais atribuídos às mulheres.

Como exemplo, podemos citar a personagem Amma, que apresenta um comportamento paradoxal: dentro de casa, a fim de conquistar a atenção e o orgulho de sua mãe, ela se comporta de maneira doce e submissa, usando laços e vestidos femininos e pueris. Assim, ela simula o papel que sua mãe lhe atribuiu, de "boa menina", isto é, alguém que se comporta de acordo com os padrões impostos pela sociedade patriarcal. No entanto, contrariando o comportamento demonstrado em família, Amma sai de casa escondida, de top e short, para beber e ir a festas, atitudes usualmente negativizadas.

Ligada à essa questão, outro fato muito importante é que tanto o livro quanto a série mostram comportamentos de rivalidade e bullying de mulheres contra outras mulheres. Nossa hipótese inicial é que, nas presentes obras, a rivalidade feminina, que também é uma construção social, origina-se a partir do conflito gerado pela atribuição de papéis sociais às mulheres, projetando idealizações burguesas, em que a mulher é apenas dona de casa e responsável pela educação dos seus filhos e da manutenção da família (PINSKY; PEDRO, 2012). Assim, justamente por serem idealizações, os papéis sociais nunca são efetivamente concretizados, mas geram expectativas, confrontos e juízos de valor, como é o caso das mulheres das obras narradas, que se julgam mutuamente, de acordo com a "correta" adesão aos papéis que supostamente deveriam desempenhar.

A rivalidade entre mulheres é um constructo social poderoso, que serve para separar a considerada "mãe-santa", que se preocupa com os filhos, representada por Adora; de Camille, prostituta-devassa, por não querer casar nem ter filhos. No entanto, essas representações "tipo" de mulheres, comuns na história da Literatura, não são suficientes para configurar plenamente as duas personagens que, longe de serem personagens planas e estereotipadas, possuem densidade e complexidade psicológica, configurando-se como personagens redondas (CANDIDO, 2005). Prova disso é que Adora não só gosta de quando suas filhas ficam doentes para poder "cuidar" das mesmas, como provoca enfermidades. Suas atitudes, no entanto, não a resumem a uma vilã, justamente porque ela está tentando se encaixar num padrão da sociedade, que pressiona as mulheres a terem o perfil de mãe "super protetoras".

As obras, narram um grande desprezo de mulheres contra outras mulheres, de forma que a irmã de Camille, Amma, presencia um abuso e age de forma conivente com ele, pois ela também tem uma face de menina cruel e impiedosa, tratando como um objeto qualquer mulher que não goste dela. Essas mulheres multifacetadas, que demonstram

suas características de acordo com a ocasião e as pessoas que estão a sua volta éuma característica comum às obras de Gillian Flyn

Tendo em vista que a personagem principal, Camille, se automutila, surge a interrogação do motivo e o mesmo se deve a visão de perfeição criada pela mãe Adora, em que a filha sempre persegue o objetivo de ser o contrário do que sua mãe quer que ela seja. As características tipicamente atribuídas às mulheres, como obediência, fragilidade e beleza física, são essenciais para Adora, mas não para Camille, que tenta se desvencilhar dos estereótipos femininos. Essa cobrança da mãe acarreta problemas psicológicos na filha, a qual, enfrenta as cobranças femininas se automutilando e consumindo bebidas alcóolicas, pois Camille não se reconhece nesses padrões, diferentemente das outras personagens femininas, que acham de forma involuntária essas cobranças naturais.

Se por uma lado Camille rejeita o papel que a mãe lhe impõe, sua falecida irmã, Marian, era o modelo ideal de filha segundo os parâmetros de Adora, que afirma isto para a personagem Camille. Esta é descrita, desde o começo do livro como uma pessoa oprimida, isolada da família e que mantém poucas relações interpessoais, sendo amiga apenas do seu chefe e da sua esposa. Partindo do pressuposto patriarcal de que uma mulher solteira é solitária, que não tem amigos e não quer formar uma família tradicional, surgem as cobranças por parte de todas as suas colegas de infância, as quais já formaram uma família.

Por fim, o conflito gerado a partir da imposição dos papéis sociais fica explícito quando o leitor/espectador percebe que o perfil das meninas assassinadas era praticamente o mesmo: meninas que negavam-se a seguir os padrões femininos.

Assim, nossa hipótese é que os papéis sociais atribuídos às mulheres não são importantes apenas para a representação das personagens femininas, mas às estruturas globais da obra, uma vez que definem as relações interpessoais, o desenrolar da fábula e, por fim, o próprio sistema de valores das obras em questão. Por essa razão, acreditamos que a pesquisa sobre a construção formal das personagem femininas no livro e na série *Objetos Cortantes* será importante para a compreensão do significado dessas obras.

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, o objetivo dessa pesquisa é investigar como as representações femininas

são efetivadas nos dois meios semióticos, cada qual à sua maneira, uma vez que as obras em questão exploram as personagens femininas em suas diversas facetas, explorando as diversidades psicológicas, as construções sociais e os valores históricos ligados às idealizações femininas, fatos que interferem nas relações interpessoais entre as mulheres, contrariando o conceito feminista de sororidade descrito no livro "Vamos Juntas?" (SOUZA, 2016).

### REFERÊNCIAS

BALOGH, A. M. O discurso ficcional na TV. São Paulo: EDUSP, 2002.

BRITO, J. B. **Literatura no cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.

CANDIDO et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CUNHA, R. **Cinematizações**. Brasilia: Círculo de Brasília Editora, 2007. Editora Unisinos, 2003.

MACHADO, A. A televisão levada a sério. São Paulo: Senac, 2000.

MACHADO, A. O sujeito na tela. São Paulo: Paulus, 2007.

MARQUES, J. **Personagens femininas**: confinamentos, deslocamentos. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

OLINTO, H. K.; SCHØLLHAMMER, K.E. (orgs.) **Literatura e Mídia**. São Paulo: Edições Loyola/Editora PUC, 2009.

PELLEGRINI, T. (et al). **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac, 2003. SARAIVA, J.A. (org.) **Narrativas verbais e visuais:** leituras refletidas. São Leopoldo: SCOTT, A. S. **O caleidoscópio dos arranjos familiares**. In. PINSKY, Carla Bassanazi; PEDRO, J. M. (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 15- 42. SOUZA, B. **Vamos Juntas?** *Guia da sororidade para todas*. São Paulo: Galera Record, 2016.

## A OPOSIÇÃO ENTRE A CIDADE E O CAMPO NO ROMANCE "A CIDADE E AS SERRAS" DE EÇA DE QUEIRÓS

#### Luana Alves de Lima

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) lua.lima016@gmail.com

#### Marciana Generoso de Oliveira

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

#### Cássia da Silva

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) cassia silv@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem como finalidade analisar a oposição entre a cidade e campo dentro da Literatura no romance "A Cidade e as Serras "de Eça de Queirós. A fundamentação teórica baseia-se em pesquisa bibliográfica de autores que abrangeram nos seus estudos essa tese, destacando Raymond Williams (1989) e José Carlos Siqueira (2018) além de artigos científicos e trechos da obra de Queirós, ressaltando assim, que a oposição entre o Centro Urbano e o Rural é destaque em muitas obras literárias como, por exemplo, na obra "As Pupilas do Senhor Reitor", no qual o personagem Daniel se transforma ao deixar o campo, comprovando que há uma distinção no estilo de vida na cidade e no campo e que esta interfere no ser social, e na personalidade dos personagens dentro da história. A cidade se formou a partir de pequenas aldeias principalmente depois da revolução Industrial no século XVII. Com o crescimento das fábrica e o aumento de mão de obra, o homem muitas vezes deixava seu lugar de origem, almejando um estilo de vida melhor, o que nem sempre acontecia, pois muitas vezes eram submetidos a condições de trabalhos precários. Na narração os leitores podem perceber que o autor repassa cuidadosamente essa ideia e que, para ele, a cidade é muitas vezes o lugar para receber experiências, marcada por grandes por evoluções tecnológicas, no qual mesmo apresentando problemas dava uma sensação de preenchimento e riqueza humana. O Campo é o lugar de escrever sobre a vida, criou-se a idealização que pela presença das altas montanhas ele era um espaço de maior aproximação com o criador. Desse estudo, foi possível constatar que o contraste de vida entre cidade e campo defendida por eles perpetuam até os dias atuais, a cidade com suas caracterizações negativas e o campo com características positivas. Queirós realça essas contradições do início ao fim da sua obra, dialogando muitas vezes com momentos do nosso presente, ela se torna real, e isso faz dela um grande clássico e marco na nossa Literatura.

Palavras-chave: Oposição. Cidade. Campo. Eça de Queirós.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade analisar a oposição entre a cidade e o campo

dentro da Literatura no romance "A Cidade e as Serras" de Eça de Queirós, percebemos a

tão grande importância desse tema quando observamos a variedade de autores que

fizeram dessa tese seu campo de estudo e deixaram as suas grandes contribuições na

história da Literatura.

A metodologia utilizada baseia-se em uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a

partir de autores, renomados como Raymond Williams (1989), José Carlos Siqueira e

Stélio Furlan (2018), e também do artigo científico intitulado "José de Alencar: entre O

Campo e A Cidade" dos autores: Thayanne Oliveira Rosa Lucena, Dr. Gustavo Abílio

Galeno Arnt (2015), além de trechos do romance "A cidade e as Serras" (QUEIRÓS,

2001).

Dentro das obras literárias, nesse caso especificamente no romance de Queirós, a

diferença no estilo de vida existente na cidade e no campo (serra) são perceptíveis, nos

personagens protagonistas da história: Jacinto e José Fernandes, que ao longo da

narrativa assumem caracterizações dependentes do meio em que estão.

Sendo assim esse trabalho se encontra dividido em dois tópicos: "O contexto

histórico entre a Cidade e o Campo" que abrange as características do centro urbano e

rural ao longo da história literária, e no tópico seguinte, "José Fernandes e Jacinto: A

oposição entre a Cidade e o Campo no romance de Queirós", que abordo trechos da obra

que comprovam a distinção da vida dos personagens.

2 CONTEXTOS HISTÓRICO: CIDADE E CAMPO

É do nosso conhecimento que a povoação se deu primeiro nos centros rurais e

que o centro urbano surgiu de pequenas aldeias constituídas por pessoas que saiam do

campo, essa informação é importante para compreendermos o desenvolvimento de

ambas, afirma Lucena, Arnt (2015, p. 01):

Página 173

[...] Sendo assim, para iniciarmos devemos fazer um breve observação acerca da relação histórica entre o campo e a cidade. Precisamos ter o conhecimento de que o campo sempre existiu, mas pelas necessidades que houve ao decorrer dos anos, a cidade acabou se estabelecendo, em pequenas aldeias ganhando mais terras do que o esperado, prejudicando a vida de quem morava no campo.É preciso lembrar que, com a Revolução Industrial entre os anos de 1840 a 1870, a cidade vivenciou seu momento de auge, sendo que muitas famílias rurais deixaram suas casas no intuito de ofertar mão de obra nas fábricas, ou seja, a procura de trabalho.

Nessas migrações a cidade foi se tornando um grande aglomerado de pessoas, muitas vezes submetidas às condições de trabalho precárias, mas por outro lado a tecnologia avançava cada vez mais lhe dando um grande destaque. Segundo Williams (1989) a cidade:

A associou-se à ideia de centro de realizações-de-saber-, comunicação, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas :a cidade como lugar de barulho mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso ignorância e limitação (p. 11).

O crescimento trazia oportunidades para muitos, não só em relação ao trabalho, mas também aos estudos, por exemplo, o personagem José Fernandes deixa a Serra de Guiães para ir à cidade (Paris) cursar faculdade, outra divergência que o romance deixa bem claro é em relação às amizades, no qual o personagem Jacinto as mantinha por interesses socais que opudessem deixá-lo bem visto.

Deste modo as relações na cidade eram mantidas por interesses sociais, nos quais os interesses pessoais de conseguir ser bem visto e de riqueza prevalecia até mesmo sobre o amor ea paz dos personagens.

## 3 JOSÉ FERNANDES E JACINTO: A OPOSIÇÃO ENTRE A CIDADE O CAMPO NO ROMANCE DE QUEIRÓS

O livro "A cidade e as Serras" foi publicado no ano de 1892, nele o autor abrange de forma clara a divergência entre a cidade (Paris)e as serras (Guiães e Tormes), ao narrar durante a obra a vida dos personagens José Fernandes e Jacinto, grandes amigos, porém marcados por uma disparidade no início da história, em que mesmo ao chegar na cidade Zé Fernandes continuava a admirar a beleza do campo, já Jacinto mesmo inserido

no mundo tecnológico se encontrava com a alma vazia e mesmo assim defendia que apenas na cidade o homem conseguia ser feliz: "Um desses moços mesmo, o nosso invento Jorge Carlande, reduzia a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho,a uma forma algébrica: Suma Ciência X Suma Potência = Suma felicidade" (QUEIRÓS, 2001, p. 12). Como já sabemos o período Industrial fez com que a cidade evoluísse muito mais que o campo, nesse sentido William (1989) liga a cidade a uma ideia de civilização, evolução, no qual muitas pessoas se tornaram dependente da tecnologia, isso nos é confirmado na pessoa de Jacinto que achava uma loucura pensar na sua vida longe de tudo isso:

Por uma conclusão bem natural, a ideia de civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de cidade, de uma enorme cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de mercados onde se despejam os vergéis e lezírias de trinta províncias; e de bancos em que retine o ouro universal; e de fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos séculos... De fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila atroante de ônibus [...]. (QUEIRÓS, 2001, p. 13)

A cidade começou a ser traçada pela correria diária, pela poluição vindo das fábricas, do barulho dos automóveis tomando todas as características negativas, por outro lado como nos declarou William (1989): "[...] O campo passou a ser associado a uma forma natural-de-vida -de paz, inocência e virtudes simples[...]" (p. 11) capaz de refletir na ação humana. Vivenciado nos trechos: "[...] mirava o relógio, impaciente. Ainda trinta minutos! Depois sorvendo o ar e a luz, murmurava, no primeiro encanto de iniciado:- Que doçura, que paz... (Queirós, 2001, p. 102):

Tudo resplandecia de asseio e de ordem. As portadas das janelas, cerradas, abrigavam o sol que batia aquele lado de Tormes, escaldando os peitoris de pedra. Do Soalho, borrifado de água, subia, na suavizada penumbra, uma frescura. Os cravos rescendiam. Nem dos campos, nem da casa, se elevava um rumor. Tormes dormia no esplendor de manhã Santo [...] (p. 121).

A tranquilidade do campo é capaz de fazer um renovo, declarou Siqueira: "Aproximar-se da natureza seria também, retornar ao estado original, primitivo e, portanto, mais puro e verdadeiro que o mundo de aparências e veleidades em que

vivemos cotidianamente no meio urbano" (p. 122). Isso nos é confirmado nos seguintes trechos: "[...] dos olhos, que na cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do mundo, saltava agora um brilho de meio-dia, resoluto e largo, contente em se embeber na beleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespara... Era um jacinto novíssimo [...]" (p. 121).

E em: "[...] Segura estava a sua ressurreição depois de tantos "anos de cova, da cova mole em que jazera enfaixado como uma múmia nas faixas do pessimismo!" (p. 126).

Assim Jacinto começa a se satisfazer no campo e encontra a paz que tanto procurou na cidade, apesar dele fazer algumas transformações na Serra como instalações de telefone, creches, ele não tem recaída a sua vida antiga mesmo com a chegada dos tão sonhados caixotes:

Eram os famosos caixotes, por tanto tempo encalhados em Alba e em Tormes, e que chegavam, para despejar a cidade sobre a serra. Eu pensei: - Mau! O meu pobre Jacinto teve uma recaída! Mas os confortos mais complicados, que continha aquela caixotaria temerosa, foram, com, surpresa minha, desviados para os sótãos imensos, para o pó da inutilidade; e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janelas desabrigadas e fundas poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que ele suspirava, fossem mais lentos e suaves (QUEIRÓS, 2001, p. 179)

Esse romance nos apresenta de forma explícita as características desiguais (Rural X Urbano) podendo ser resumido na colocação de Siqueira: "[...] Na oposição que ai se estabelece entre campo e cidade, o campo fica com todas as qualidades (paz, tranquilidade, verdade, pureza, essência, beleza etc.), enquanto à cidade são atribuídos todos os defeitos (tormento, falsidade, corrupção, aparência, feiúra etc.) (P. 122).

"A cidade e as Serras", é um grande exemplo das disparidades entre cidade e campo, Jacinto e Zé Fernandes assumem bem o papel de fazer chegar até o leitor essa informação de forma objetiva e direta, o autor Queirós não foge em momento algum dessa tese, dando ênfase até no fim da narrativa, vejamos:

E na verdade me parecia que, por aqueles caminhos, através da natureza campestre a mansa - o meu príncipe, atrigueirado nas soalheiras e nos ventos da serra, tão longe de amarguradas ilusões e de falsas delícias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de nós[...] (P. 192)

Deste modo, Jacinto comprova a tese que defende que o meio interfere na vida humana, reafirmado que até mais próximo de Deus são aqueles que vivem no campo, pois o cantar dos pássaros, o vento, e as altas montanhas davam essa sensação de paz de espírito.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este pequeno ensaio conclui que é bem perceptível dentro da Literatura a presença da contradição entre Campo e Cidade, e que as obras literárias produzidas nesse teor apresentam personagens que enfatizam ainda mais essa ideia. O romance "A Cidade e as Serras", é um grande marco, ela nos coloca em momentos reais e comprovam opiniões de autores que estudaram e defenderam as divergências entre o centro rural e urbano.

Os personagens José Fernandes e Jacinto são exemplos das caracterizações que o campo (positivo) e a cidade (negativo) receberam ao longo do tempo e que o meio em que estamos inseridos interfere na essência do homem e contribuir para a sua vida. Cientes que esse pequeno estudo é uma pequena colaboração para universitários ou até mesmo estudantes do ensino médio, enfatizamos que há muito mais para se pesquisar como, por exemplo, fazer uma ponte entre os personagens José Fernandes e Jacinto ("A cidade e as Serras') com o personagem Daniel ("As pupilas do Senhor Reitor" de Júlio Dinis) como também fazer uma ligação do romance com o tempo histórico em que foi escrito.

#### REFERÊNCIAS

FURLAN, Stélio, SIQUEIRA, José Carlos. Disponível em: http://www.gopem.com.br/apostilas/literatura/18.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2018.

LUCENA, Thayanne Oliveira Rosa, ARNT, Gustavo Abílio Galeno. José de Alencar: Entre o Campo e a Cidade. In: **Mostra Nacional de Educação Científica e Tecnológica Interdisciplinar – MITIC:** IFC – Instituto Federal Catarinense, Campus Santa Rosa do Sul, 2015.

QUEIRÓS, Eça de. **A Cidade e as Serras.** Fortaleza: ABC Editora. 2001.

WILLIAMS, Raymond. <b>O Camp</b> Companhia das Letras. 1989.	o e a	cidade	a	História	e na	literatura.	Editora

## UM RECORTE SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Paloma Furtado dos Santos Sousa

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

José Washington dos Santos Faustino Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) faustino20102@hotmail.com

> Josilene Marcelino Ferreira Docente do Curso de Letras

Universidade Regional do Cariri (URCA) josymf.mf@gmail.com

**RESUMO:** Esse trabalho é um recorte e tem como objetivo unir pesquisa e extensão para uma boa integração entre professores e alunos da Escola Pública; e se propõe a entender como funciona a formação do leitor literário dentro da escola e o motivo pelo qual os alunos do ensino médio e fundamental em grande parte, não são habituados em ler textos literários. O projeto como todo propõe conhecer a literatura e efetiva-la em seu ambiente de maior procura, também refletir qual a melhor forma de trabalhar a literatura no ambiente escolar, seja em sua atividade docente imediata ou até quais futuros serão colhidos com o incentivo aos alunos pela procura da leitura, como também, entender como e de qual maneira a literatura formar um novo leitor literário. Dessa forma, este estudo é uma pesquisa de cunho bibliográfico, alicerçado a partir dos seguintes autores: Cosson (2006), Jurado e Rojo (2006) e Zilberman (1980), e outros que discutem conosco sobre a formação do leitor literário. Antes é preciso deixar patente que de acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica a leitura é como um ato dialógico, que abrange várias demandas desde a história até a pedagógica, em determinados momentos. Assim podemos afirmar que as obras se comunicam entre elas mesmo que implicitamente, mesmo que tratem de assunto relevantes, no contexto histórico político e social. Haja vista que "A leitura literária tem papel essencial para a formação do sujeito, pois ela humaniza" (COSSON 2006). Acreditamos nesta metodologia, pois, ambos as obras traduzem a importância do leitor literário no contexto atual. Com este trabalho esperamos que os leitores possam desenvolver suas competências comunicativas por meio da leitura de textos literários, uma vez, que as discussões nesse trabalho possam nortear caminhos para uma boa formação no sujeito e na construção da sua identidade. Haja vista que os educadores precisam ver o aluno como parte essencial deste processo. promovendo a interação texto-leitor, não podendo fazer do processo educativo uma corrente de mão única. Por essa razão, com este trabalho esperamos que os leitores

possam desenvolver suas competências comunicativas por meio da leitura de textos literários, uma vez, que as discussões nesse trabalho possam nortear caminhos para uma boa formação no sujeito e na construção da sua identidade.

Palavras-chave: Leitura. Leitor Literário. Formação de leitores.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um recorte e tem como objetivo unir pesquisa e extensão para uma boa integração entre professores e alunos da Escola Pública; e que se propõe a entender como funciona a formação do leitor literário dentro da escola e o motivo pelo qual os alunos do ensino médio e fundamental em grande parte, não são habituados em ler textos literários.

O projeto como todo propõe conhecer a literatura e efetiva-la em seu ambiente de maior procura, também refletir qual a melhor forma de trabalhar a literatura no ambiente escolar, seja em sua atividade docente imediata ou até quais futuros serão colhidos com o incentivo aos alunos pela procura da leitura, como também, entender como e de qual maneira a literatura formar um novo leitor literário.

Dessa forma, este trabalho é de cunho bibliográfico, alicerçado a partir das obras dos seguintes autores: Cosson (2006), Jurado e Rojo (2006) e Zilberman (1980).

Antes é preciso deixar patente que de acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica a leitura é como um ato dialógico, que abrange várias demandas desde a história até a pedagógica, em determinados momentos. Assim podemos afirmar que as obras se comunicam entre elas mesmo que implicitamente, mesmo que tratem de assunto relevantes, no contexto histórico político e social. Haja vista que "A leitura literária tem papel essencial para a formação do sujeito, pois ela humaniza" (COSSON 2006). Por essa razão, com este trabalho esperamos que os leitores possam desenvolver suas competências comunicativas por meio da leitura de textos literários, uma vez, que as discussões nesse trabalho possa nortear caminhos para uma boa formação no sujeito e na construção da sua identidade.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Segundo Cosson (2006) o leitor é "Aquele que agencia com os textos os sentidos

do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário." (p.27). Sendo assim, torna-se imprescindível ressaltar que os educadores precisam ver o aluno como parte essencial deste processo, promovendo a interação texto-leitor, não podendo fazer do processo educativo uma corrente de mão única (Jurado e Rojo 2006). Como afirma Cosson, (2006, p. 36) "Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço." (COSSON, 2006, P. 27).

Freire em sua obra a importância do ato de ler (1994) diz que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Inferindo que a decodificação da palavra não se encontra propriamente no texto, mas na interpretação em que indivíduo faz do mundo, que por sinal é o seu primeiro contato antes do texto escrito. As relações que antecedem são as coisas, valores, objetos que são relevantes para essa leitura. Assim, pois é tecendo relações com a mesma, que se desconstrói a resistência no que se é projetado no mundo mediante os fatos e acontecimentos.

Dessa forma, "a língua portuguesa é a matéria-prima para a constituição da literatura e pode, além de ter a função de ensinar a ler e a escrever, ajudar na formação social e cultural do sujeito" (Rio grande do sul, 2009). Assim como em todo o mundo.

Os elementos envolvidos para a construção de um bom texto considera o contexto no qual ele se encaixa, com um determinado objetivo, seja para entreter, criar, criticar ou falar sobre o cotidiano ou até mesmo simplesmente para agradar determinado público. No entanto, é notório e importante destacar que os textos literários não servem somente para ensinar a língua portuguesa, mas também para formar novos leitores. A partir da compreensão dos textos literários "Ele [o leitor] os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis" (BRASIL, 1998, p. 26).

Nesse pensar, é importante refletir sobre qual é o verdadeiro papel do professor mediador de literatura, já que as Diretrizes Curriculares da Educação Básica afirmam que o papel do leitor é fundamental quando se trata de literatura. "Propõe-se, nestas Diretrizes, que o ensino da literatura seja pensado a partir dos pressupostos teóricos da Estética, da Recepção e da Teoria do Efeito" afirma Paraná (2008, p. 58). Assim, deveriam ser considerados não apenas onde esta inserido o contexto do autor; de que forma ele está na produção de determinada obra, mas também o contexto do indivíduo que vai lê-la.

De acordo Diretrizes Curriculares da Educação Básica (1998), ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem. Mas será que toda interpretação é livre? Será que se pode ter em uma obra literária interpretada da maneira certa?. É preciso buscar perguntas e respostas, dentro da realidade em que se vive, e propiciar ao aluno, buscar a leitura e compreende-la da forma como o texto se apresenta. O texto que vai sendo discutido nas aulas de literatura por varias vezes os alunos reclamam de obras clássicas brasileiras, os mesmo dizem que não entendem a linguagem abordada nos textos ou a própria obra. Para um maior acesso aos textos literários é necessário que ele seja analisado, e isso requer discussões e o envolvimento entre os alunos e os professores com o texto trabalhado.

Cosson (2006) afirma que há pessoas que tomam a posição de que uma análise mais detalhada de uma obra literária "redundará na quebra de sua aura". Porém, dessa maneira, o aluno não conseguirá se aproximar da obra sendo assim, não chegará ao atendimento necessário da mesma, ou até mesmo, a ter vontade de conhecer mais, texto literário fazendo com que afastem-se cada vez da leitura.

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância (COSSON, 2006, p. 26).

Trabalhando de modo superficial os textos literários os alunos verão a obra literária como um objetivo quase impossível de ser alcançada e não pertence ao seu mundo, por isso é importante considerar qual contexto se encaixa a obra e também o

contexto em que será trabalhada, nesse caso, o ambiente escolar.

O professor de literatura nesse caso é privilegiado, pois trabalha com objetivo em sua área um universo rico de significados – "As obras literárias de todas as épocas e nacionalidades – patrimônio cultural da humanidade" afirma Rolla (2000, p. 164). Nessa linha de pensar Cosson (2006) destaca que o professor deve trabalhar e formar leitores para experienciar toda a força humanizada de literatura, não é necessário apenas uma leitura feita superficial dos textos, mas é necessário que o leitor se deleite nas entrelinhas de sua leitura, assim ficara mais prazeroso a leitura e é essa também a função do letramento literário, porque, isso possibilitara ao leitor uma melhora significativa na leitura e na escrita, possibilitará alcançar proficiência no mundo da linguagem.

Por isso é relevante que seja feito uma leitura aprofundada dos livros de obras literárias, considerando-se não somente o ano da obra como também, como foi produzida, e qual contexto ela esta inserida, assim poderia de forma direta ajudar os alunos a desenvolver melhor suas competências no ato de compreender e interpretar as obras, como também a opinarem em relação a cada obra lida.

Cabe então ao professor mediador propiciar aos alunos relevantes indagações e os conduzam a sua própria interpretação, não esquecendo, porém, de fazê-los relacionar texto e contexto, perceberem que é possível haver diversas interpretações, mas que é preciso sempre ir ao texto para autorizar essas interpretações.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este trabalho esperamos que os leitores possam desenvolver suas competências comunicativas por meio da leitura de textos literários, uma vez, que as discussões nesse trabalho possam nortear caminhos para uma boa formação no sujeito e na construção da sua identidade.

Ainda não é possível ter conclusões a respeito do tema da pesquisa, já que o processo de investigação ainda está em andamento, porém, já é possível constatar a importância da literatura na formação do indivíduo como leitor/ produtor de textos e, também, na construção de sua identidade.

Foi possível, através dos estudos, compreender que o professor possui grande responsabilidade em apresentar textos e obras literárias, pois a partir dessas, o aluno desenvolverá seu relacionamento com a leitura, compreensão e interpretação das mesmas, seja ela positiva ou negativa. Por isso, a escolha do material utilizado durante as aulas de literaturas não podem ser feitas de maneira inconsequente nem dissociada do contexto sócio, político, cultural da realidade dos alunos a qual elas serão apresentadas.

Isso porque, a relação entre literatura e educação é contraditória, ou seja, a literatura é um espaço de liberdade, que prima pela imaginação e prazer, enquanto a educação traz, ainda, resquícios de uma educação produtivista dos comportamentos tradicionais, que valoriza mais a lógica e racionalista que a imaginação.

#### **REFERENCIAS**

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

**Diretrizes Curriculares da Educação Básica:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

JURADO, S.; ROJO, R. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz?. In: BUNZEN, C., MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Estaduais**: Língua Portuguesa, ensino fundamental; Curitiba. 2008.

ZILBERMAN, R.. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática S.A. 1989.

## O DINHEIRO COMO REQUISITO PARA A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO CONTO "COMEÇOS DE UMA FORTUNA", DE CLARICE LISPECTOR

Leandro Lopes Soares Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**Maria Edileuza da Costa** Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO:** São múltiplas as temáticas abrangidas pela literatura, muitas vezes ressignificando mitos passados para, com isso, revelar aspectos importantes sobre seus personagens. Em uma obra vasta como a de Clarice Lispector, o cotidiano como recorrência temática traz à tona condutas humanas que ultrapassam os limites da banalidade de determinados acontecimentos. Do mesmo modo, pelos personagens desta autora é perceptível as multifaces do homem e sua relação com o meio social no qual está inserido, meio este em que cada pessoa tem seu papel a desempenhar. Uma obra como a lispectoriana é uma fonte inesgotável de pesquisa, pois mescla em narrativas variadas, temáticas que perpassam diferentes esferas do cotidiano. Desde narrativas de cunho filosófico, sociológico, até a de fatos corriqueiros, a escrita desta autora desafia seus leitores a olhar uma segunda vez para o texto, neste caso, para o personagem masculino, pois as entrelinhas lispectorianas têm muito a nos revelar. Os estudos sobre a masculinidade na literatura brasileira vêm crescendo consideravelmente nos últimos anos. No entanto, alguns autores ainda não fazem parte do grupo escolhido por estudiosos para desenvolver suas pesquisas nessa temática. Dentre eles, podemos citar Clarice Lispector. Diante dessa constatação, o presente trabalho visa analisar a influência do dinheiro na construção da masculinidade através do personagem masculino do conto lispectoriano "Começos de uma fortuna", encontrável no livro Laços de família (2009). Nossa ênfase recai sobre os diferentes momentos em que o jovem Artur, protagonista desse texto, percebe a necessidade de "se" ter dinheiro para realizar determinadas tarefas, bem como de estabelecer relações com o outro, apresentando, desde cedo, um desejo irrefreável para a obtenção de capital financeiro. Trata- se de uma pesquisa bibliográfica adotando o método qualitativo e aportada nos estudos de Oliveira (2004), Simon (2016), entre outros teóricos. Como pontuações prévias, destacamos o fator econômico como importante contribuinte para o reconhecimento do sujeito enquanto homem, que, por sua vez, tem sido foco principal em estudos que envolvem literatura e masculinidade.

**Palavras-chave**: Masculinidade. Dinheiro. Literatura. Clarice Lispector.

1 INTRODUÇÃO

São múltiplas as temáticas abrangidas pela literatura, muitas vezes ressignificando mitos passados para, com isso, revelar aspectos importantes sobre seus personagens. Em uma obra vasta como a de Clarice Lispector, o cotidiano como recorrência temática traz à tona condutas humanas que ultrapassam os limites da banalidade de determinados acontecimentos. Do mesmo modo, pelos personagens desta autora é perceptível as multifaces do homem e sua relação com o meio social no qual está inserido, meio este em que cada pessoa tem seu papel a desempenhar. Uma obra como a lispectoriana é uma fonte inesgotável de pesquisa, pois mescla em narrativas variadas, temáticas que perpassam diferentes esferas do cotidiano. Desde narrativas de cunho filosófico, sociológico, até a de fatos corriqueiros, a escrita desta autora desafia seus leitores aolhar uma segunda vez para o texto, neste caso, para o personagem masculino, pois as entrelinhas lispectorianas têm muito a nos revelar.

Quando se trata da masculinidade faz-se necessário considerar alguns fatores específicos para a construção de um modelo de homem a ser seguido. Segundo alguns autores, como poderemos ver mais adiante, para se tornar um homem de verdade é necessário que esse processo de masculinização comece já na infância e se estenda durante toda a vida. O primeiro passo nessa empreitada rumo a construção da masculinidade é o desapego a todo e qualquer elo entre o menino e sua mãe, pois os comportamentos associados ao feminino devem ser evitados para que o sujeito homem não seja considerado fraco. Além desse, deve haver o incentivo a atividades que necessitam de coragem, força física, inteligência, resistência, além de outras capacidades. Tudo isso aliado a frequência em ambientes cuja masculinidade é exibida e propagada como maneira de ser entre homens, como em bares, clubes, partidas de futebol etc.

Considerando esses fatores, estudos apontam ainda que a notícia de um homem pesquisando sobre masculinidade tende a causar surpresa nos demais (SIMON, 2016, p. 10). Isso se deve a crença de que há uma "cumplicidade simbólica" entre os homens, pois acredita-se que eles devem proteger um ao outro em situações que contestem de alguma forma suas virilidades. Estudar o masculino pode trazer à tona verdades com força suficiente para abalar a supremacia androcêntrica, incentivar os grupos politicamente minoritários a questionar o papel político-social do homem e reivindicar igualdade de direitos, o que já vem acontecendo. A literatura é uma grande contribuinte para

desmistificar certos papéis masculinos, pois as representações do homem no universo literário correspondem, em grande parte, a tipos encontráveis em nossa sociedade.

Partindo desses pressupostos, o presente estudo, objetiva analisar a influência do fator econômico na construção da masculinidade a partir do personagem masculino protagonista de um conto escrito por uma autora cujas pesquisas voltadas para essa temática encontram-se dando os primeiros passos: Clarice Lispector. O texto escolhido foi "Começos de uma fortuna", do livro *Laços de família* (2009). Nele, alguns comportamentos do protagonista legitimam condutas comuns ao comportamento de jovens em busca de um modelo masculino a ser seguido. Para tanto, a metodologia utilizada é a bibliográfica e o método qualitativo. Como aportes teóricos destacamos os estudos de Nolasco (2001), Bento (2015), Simon (2016), entre outros.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A narrativa do conto "Começos de uma fortuna" é centrada nas vivências do personagem Artur e sua busca incansável por dinheiro. Temos, nesse conto, a ascendência de um jovem adolescente ansioso por adquirir capital financeiro para poder conquistar a autonomia e a dominância tão estimada por ele. Nesse sentido, são delineadas algumas cenas cotidianas que permitem a visualização de um desabrochar para a masculinidade com características próximas da hegemonia e da hestereotipia, visto que o jovem já apresenta traços de uma personalidade espelhada na figura masculina mais presente em sua vida e que é detentor de poder sobre ele e outros membros de sua família: seu pai.

Com um interesse quase que descontrolado por conseguir dinheiro, pois para ele ter dinheiro significa poder colocar em prática seus planos, bem como uma forma de conseguir o que se deseja, Artur começa a refletir sobre as possibilidades de aplicação, suas vantagens e perdas. Para ele, a partir do momento em que se tem dinheiro imediatamente surgem situações que incitam seu gasto, muitas vezes de forma desnecessária. Esse pensamento evolui à medida que o conto avança, chegando ao ponto de o personagem tecer comentários misóginos e pejorativos para a personagem feminina Glorinha. "– Pelo visto, disse desviando do amigo a raiva, pelo visto basta você ter uns cruzeirinhos que mulher logo fareja e cai em cima" (LISPECTOR, 2009, p. 108), referindo-se ao fato de a menina querer ir com ele ao cinema.

Por isso, na visão de Artur, a ida ao cinema com sua colega de turma e aspirante a paquera é uma tentativa de aproveitamento por parte da menina, já que numa visão machista e misógina referenciada principalmente por sua figura paterna, nesta e em outras situações, para isso, a mulher é dependente do homem, devendo, consequentemente, ser submissa. Isso acontece porque "Em nossa cultura, a representação masculina que mais se aproxima desta representação se origina na relação pai-filho, e no que nela há de idealização e aparência" (NOLASCO, 2001, p. 79). Tendo seu próprio dinheiro, o garoto sairia então dessa condição subalterna e inferior diante de seu pai, afastando-se também de uma posição a ser ocupada apenas pela figura feminina. Dinheiro para ele significa poder e, de posse dessa capacidade, ele se tornaria alguém como seu pai.

Isso pode ser percebido no momento em que eles estão no cinema prestes a comprar as entradas. Desprovido de capital financeiro naquele momento, Artur vê-se obrigado a aceitar a oferta de empréstimo do seu amigo de escola para pagar sua entrada e a de Glorinha. Para isso, perfeitamente calculado, em um ato camuflado que é na verdade uma tentativa de disfarçar sua inferioridade, já que ele está recorrendo a outro homem para poder vivenciar determinada situação, o jovem recebe escondido o dinheiro emprestado do seu amigo: "Artur recebeu disfarçado o dinheiro da entrada de Glorinha" (LISPECTOR, 2009, p. 109). Todo esse cuidado para que as meninas não percebam a transferência, deve-se ao fato de que "Pelo regime de gênero instituído, os homens podem se sentir sem poder quando se comparam a outros homens, mas nunca quando se comparam às mulheres" (OLIVEIRA, 2004, p. 218). Além disso:

Um menino aprende que, durante seu processo de socialização, deve silenciar seus sentimentos e frustrações, bem como evitar situações de vergonha e medo. Ele cresce criando defesas e proteções contra sentimentos desagradáveis, uma vez que podem servir como indicadores de fragilidade e limitação para atender às exigências de seu papel social (NOLASCO, 2001, p. 82).

No que tange a masculinidade, alguns fatores são essenciais para legitimar esse conjunto de características tão exigido ao ser do sexo masculino, como forma de identificá-lo, enquanto diferente do sujeito feminino, e destacá-lo entre os seus iguais. Inicialmente mais próximo da mãe, pois, na maioria dos casos, é ela quem mais está presente na vida do filho nos primeiros anos de vida, à medida que o menino cresce a

tendência é afastá-lo desse meio para que possa adquirir características masculinas. "É como se o homem precisasse interiorizar uma segunda natureza, visto que a primeira, identificada com o feminino, deve ser negada como condição *sine qua non* para o surgimento da identidade masculina" (BENTO, 2016, p. 69). Depois de identificado socialmente como um homem de verdade, essa condição lhe permite pensar ser superior a mulher.

Depois do episódio do cinema, o personagem começou a refletir sobre o que tinha acontecido com ele enquanto assistia ao filme com os amigos. Para poder levar uma menina ao cinema ele precisou fazer uma dívida. A menina não tinha ciência desse fato, por isso agia tranquilamente. Artur começou a pensar na possibilidade de estar sendo explorado por Glorinha, oscilando entre momentos de certeza e dúvida quanto a isso. Depois de muita reflexão:

"Pelo visto, fui", concluiu e não conseguia sobrepor sua cólera ao perfil sem culpa de Glorinha. Aos poucos a própria inocência da menina tornou-se sua culpa maior: "Então ela explorava, explorava, e depois ficava toda satisfeita vendo o filme?" Seus olhos encheram de lágrimas. "Ingrata", pensou ele escolhendo mal uma palavra de acusação (LISPECTOR, 2009, p. 109).

De tanto pensar em dinheiro, o personagem começa a devanear sobre as reais intenções dos outros diante de uma pessoa que o tem. Aristófanes, em sua peça Dinheiro apresenta um personagem que é conhecido como o deus do dinheiro. Seu nome é Pluto, filho da deusa Deméter, que é também mãe de Prosérpina, que por sua vez é esposa de Plutão. Segundo o mito, Pluto era um deus que concedia bens e riquezas às pessoas boas, principalmente àquelas que viviam de atividades campestres e da agricultura. Por conta de sua seleção, o deus do Olimpo, Zeus, resolveu puni-lo com a cegueira, pois assim ele não faria tal distinção, e concederia também riqueza as pessoas más. "Com a cegueira, ao contrário dos verdadeiros profetas, que com ela alcançam lucidez e sabedoria, o Dinheiro acumulou cobardia e ignorância, para passar a administrar 'às cegas' o seu enorme poder" (SILVA, 2015, p. 15).

Podemos dizer que Artur encontra-se sob o efeito do enorme poder do dinheiro, pois o desejo de tê-lo é um objetivo constante em sua vida. Há momentos em que ele

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> No original, Ploutos, Comédia apresentada no ano 388 a.C.

enxerga a posse desse instrumento econômico como algo favorável, visto a possibilidade de com ele efetuar a consumação de seus planos. Por outro lado, por esse mesmo motivo, ele vê um interesse nos outros, o que o faz desconfiar de seus caráteres, como se todos quisessem explorá-lo por conta disso. A única certeza do personagem é a de que possuir dinheiro é uma forma de se tornar mais homem e atestar diante de sua família, de seus amigos e dos demais, sua masculinidade.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio deste breve estudo procuramos analisar como o dinheiro pode influenciar na construção da masculinidade a partir de uma análise focada no personagem masculino do conto "Começos de uma fortuna", de Clarice Lispector. Diante do que foi apresentado, podemos concluir que o jovem Artur vê no dinheiro uma oportunidade de ascender socialmente e, em consequência disso, aflorar seu sentimento de pertença a um grupo minoritário e hegemonicamente constituído: os homens de verdade. Para o personagem, quando de posse de dinheiro, ele estaria numa posição superior, igualado ao nível de seu pai, ou seja, alguém capaz de exercer poder sobre algumas pessoas, principalmente as do sexo feminino. Por fim, destacamos o alcance literário das significâncias contidas no mínimo acontecimento cotidiano da escrita lispectoriana, bem como o caráter reflexivo da realidade, proporcionado pelo texto literário desta escritora.

#### REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **O homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. Natal, RN: EDUFRN, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: 2009.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

SILVA, Maria de Fátima Sousa e. Introdução. In: ARISTÓFANES. **O Dinheiro**. São Paulo:

Annablume Editora, 2015			
SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. <b>Revista Estação Literária</b> , Londrina, v. 16, p. 8, 2008.			

### UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE LITERATURA PARA O ENEM

Maria Carolina Pereira da Costa

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**Arônio Dias Cipriano** 

Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Cássia da Silva

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) cassia silv@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho é de cunho bibliográfico, qualitativo e trata-se de uma análise da prova de Língua Portuguesa/Literatura do último ENEM. Tem como objetivo principal trazer uma breve discussão sobre como a leitura literária pode interferir na vida escolar do discente, e de como se dá a inserção dessa literatura no Ensino Médio, e principalmente no ENEM. A metodologia do nosso trabalho se deu através de três etapas: primeiramente (1) fizemos uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseamo-nos nas metodologias de Colomer (2007), Cosson (2006 - 2014), Todorov (2012) e dentre outros autores; posteriormente (2) analisamos a última prova do Exame Nacional de Ensino Médio (2017), com foco na literatura e questões que envolvem essa disciplina; por fim (3), discutimos sobre a importância do trabalho didático envolvendo os alunos do ensino médio e o contato destes com as principais obras e os principais autores da literatura do Modernismo. Ainda, atentamos, nessa pesquisa, para a necessidade de um envolvimento dos alunos na busca das obras literárias a serem estudadas em sala de aula com foco no prazer pela leitura e na motivação para ingressarem na universidade. A literatura é a porta para novos caminhos. É a partir dela que podemos viajar para diferentes lugares, épocas, culturas e para um mundo de magias e descobertas, tudo isso sem sair do sofá de casa ou da carteira da sala de aula. Além de servir para deleite, a literatura é muito cobrada durante toda a nossa vida escolar, principalmente em preparação para vestibulares e, também, para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que é o foco principal do nosso trabalho. A literatura faz parte da vida do ser humano, desde os primórdios, quando os homens das cavernas pintavam as paredes daqueles lugares. Os desenhos eram como um livro de história, era uma forma de expressão, Cosson (2014, p. 11) "[...] a literatura faz parte das comunidades humanas desde tempos imemoriais são testemunhos os mitos cosmogônicos", ou seja a literatura está presente no nosso dia a dia, mesmo que não tenhamos percebido. Além disso, podemos dizer que a leitura literária, em si, é uma das habilidades cognitivas mais importantes na vida do ser humano. Quando o aluno passa a ler textos literários, seja literatura brasileira ou estrangeira, ele começa a conhecer outros mundos, outras culturas, desse modo, a leitura literária não servirá apenas para deleite, mas também para a sua formação enquanto sujeito social. Corroborando com isso, Cosson (2006, p. 17) afirmou que "A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada." A literatura incentiva a nossa imaginação, nos leva para outros lugares, nos incentiva à vontade de querer ir além das nossas limitações.

Palavras-chave: Literatura no ENEM. Leitura literária. Incentivo à leitura.

#### 1 INTRODUÇÃO

A literatura é a porta para novos caminhos. É a partir dela que podemos viajar para diferentes lugares, épocas, culturas e para um mundo de magias e descobertas, tudo isso sem sair do sofá de casa ou da carteira da sala de aula. Além de servir para deleite, a literatura é muito cobrada durante toda a nossa vida escolar, principalmente em preparação para vestibulares e, também, para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que é o foco principal do nosso trabalho.

A literatura faz parte da vida do ser humano, desde os primórdios, quando os homens das cavernas pintavam as paredes daqueles lugares. Os desenhos eram como um livro de história, era uma forma de expressão, Cosson (2014, p. 11) "[...] a literatura faz parte das comunidades humanas desde tempos imemoriais são testemunhos os mitos cosmogônicos", ou seja a literatura está presente no nosso dia a dia, mesmo que não tenhamos percebido.

Além disso, podemos dizer que a leitura literária, em si, é uma das habilidades cognitivas mais importantes na vida do ser humano. Quando o aluno passa a ler textos literários, seja literatura brasileira ou estrangeira, ele começa a conhecer outros mundos, outras culturas, desse modo, a leitura literária não servirá apenas para deleite, mas também para a sua formação enquanto sujeito social.

Corroborando com isso, Cosson (2006, p. 17) afirmou que "A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada." A literatura incentiva a nossa imaginação, nos leva para outros lugares, nos incentiva à vontade de querer ir além das nossas limitações.

Exposto tudo isto, chegamos às seguintes questões de pesquisa: Como a literatura está sendo abordada no Ensino Médio? O que poderia facilitar o estudo de textos

literários em sala de aula, principalmente voltado para a prova do ENEM?

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo trazer uma breve discussão sobre como a literatura está sendo abordada no Ensino Médio, e como essa leitura literária pode interferir na vida escolar do discente. Objetivamos, também, apresentar, neste trabalho, uma metodologia que chamaremos de "mala de leitura" a partir de uma lista dos autores mais cobrados na última edição do ENEM, já que seria uma proposta interessante para facilitar o estudo de literatura em sala de aula.

A metodologia do nosso trabalho se deu através de três etapas: primeiramente (I) fizemos uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseamo-nos nas metodologias de Colomer (2007), Cosson (2006 - 2014), Todorov (2012) e dentre outros autores; posteriormente (II) analisamos a última prova do Exame Nacional de Ensino Médio (2017), com foco na literatura e questões que envolve essa disciplina; por fim (III), discutimos sobre a importância do trabalho didático envolvendo os alunos do ensino médio e o contato destes com as principais obras e os principais autores da literatura do Modernismo. Ainda, atentamos, nessa pesquisa, para a necessidade de um envolvimento dos alunos na busca das obras literárias a serem estudadas em sala de aula com foco no prazer pela leitura e na motivação para ingressarem na universidade.

#### 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ensino da literatura é de suma importância, não só no ensino médio, mas nos demais níveis de ensino escolar, pois permite que o aluno tenha uma visão panorâmica da realidade humana. Por isso, trabalhar textos literários com os alunos em sala de aula é então uma tarefa que auxilia no entendimento das diversas formas de interpretar uma obra literária, em épocas e espaços específicos.

Tivemos grandes resultados ao analisar a Literatura no Ensino Médio, que é de grande relevância no ENEM. Pudemos perceber que várias obras e autores são estudadas em sala de aula e que muitas dessas são selecionados para o Exame Nacional do Ensino Médio.

Para tal resultados sabemos que é importante compreender o ensino da literatura.

Desse modo, passamos um período observando aulas de Língua Portuguesa/Literatura

em uma escola da rede pública do Ensino Médio, de Mauriti – CE. A partir dessa experiência, foi possível perceber que a maioria dos alunos não tinha interesse suficiente em praticar a leitura literária, o pouco que liam era trechos de textos do livro didático.

Lembramos então o que Colomer (2009, p. 20) já alertava, desde o início desse século, que "a contribuição da literatura na construção social do indivíduo, e da coletividade não apenas é essencial, mas simplesmente inevitável." Sem essa contribuição literária não há como o discente ter uma formação social completa, o que resta é uma lacuna na formação integral do sujeito aprendiz, principalmente quando a leitura se tornar uma tarefa forçada em sala de aula. Podemos enfatizar que a didática do professor é de suma importância para evitar tal problema, uma metodologia que enfoque o gosto do alunado e a ludicidade da arte literária favorece uma aprendizagem qualitativa, tornando as ações do professor, em prol da leitura literária, mais seguras e precisas. Faz-se necessário destacar que, para um trabalho de maior eficácia com a leitura literária, o aluno precisa ter uma bagagem de leitura iniciada desde o ensino fundamental. Desse modo seria mais fácil trabalhar as escolas literárias que são cobradas nos vestibulares e no ENEM, pois eles já conheceriam boa parte dos autores. Para Todorov (2012):

[...] o ensino atual de literatura na escola é reflexo de uma mudança ocorrida nas universidades, em que a forma de ensinar está centrada nos estudos literários, com precisão na análise do sentido das obras, levando em conta a abordagem interna e externa do texto. Nesse sentido, percebemos a grande dificuldade que os professores têm em levar para a sala de aula aquilo que aprenderam nos cursos de Letras, nas aulas de Literatura. O desprendimento de técnicas e teorias se sobressai, deixando o texto à margem, causando, inclusive, o desinteresse dos estudantes pela leitura e, consequentemente, pela Literatura. Porém, o ensaísta e historiador búlgaro nos lembra que nas escolas o ensino não é direcionado somente a especialistas no texto literário, "o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários" (TODOROV, 2012, p. 41).

Diante dessa problemática apontada por Todorov (2012) e pensando em metodologias que abordem não só a literatura em si, mas "os estudos literários". Apresentamos abaixo uma lista contendo os principais autores que mais apareceram em questões da prova: ENEM (2017). Essa lista surgiu através de uma análise da última edição desse Exame.

Qudro de autores e obras do último ENEM (2017)

AUTOR	OBRAS LITERÁRIAS	
Clarisse Lispector	A descoberta do mundo	
Machado de Assis	A causa secreta	
Fernando Pessoa	O livro do desassossego	
José Saramago	Ensaio sobre a cegueira	
Graciliano Ramos	Infância	
Dias Gomes	0 bem amado	

(Fonte: Os pesquisadores, 2018)

Podemos perceber que os maiores autores da literatura da época do Modernismo Brasileiro, II e III fase, (1930 – 2000) aparecem nesse exame. As obras mais cobradas são clássicos da literatura brasileira e precisam ser discutidas em sala de aula pelo professor e pelos alunos, numa abordagem didática que proponha a leitura integral das obras e não somente de trechos destas, como ocorre com o uso exclusivo do livro didático.

Por isso propomos aqui, a abordagem didática, conhecida como Mala de Leitura, que deve ocorrer da seguinte forma: sendo estruturado como projeto, a "Mala de Leitura" é uma proposta que busca desenvolver a leitura literária dentro e fora da escola, enfocando principalmente alunos que estão cursando o terceiro ano do Ensino Médio. Sabemos que nessas turmas é comum o estudo da literatura voltado quase que exclusivamente para o ENEM.

Assim, o objetivo do projeto é: incentivar a leitura de obras literárias indicadas nas últimas provas desse Exame com metodologias que envolvam o aluno e o motive a querer ler tais obras não por obrigação, mas por prazer.

O projeto divide-se em quatro etapas a serem desenvolvidas durante o ano escolar em conformidade com os bimestres que regem o calendário de atividades anuais da escola. Optamos por essa divisão acreditando que, desta forma, boa parte das obras podem ser trabalhadas aprimorando o desenvolvimento do aluno de maneira mais ampla e eficaz, já que eles estão próximos de prestarem um Exame Nacional. Além disso, temos a esperança de causar

algum tipo de mudança na vida dos alunos, já que a literatura tem o poder de humanização do homem (CANDIDO, 2011).

Dessa forma, trabalharemos com as seguintes obras por bimestre:

Quadro de autores e obras por bimestre

Autor	Obras Literárias	Bimestre
Clarisse Lispector	A descoberta do mundo	I
Machado de Assis	A causa secreta	I
Fernando Pessoa	O livro do desassossego	II
José Saramago	Ensaio sobre a cegueira	II
Graciliano Ramos	Infância	III
Dias Gomes	0 bem amado	IV

(Fonte: Os pesquisadores, 2018)

Como modo de ajudar na motivação dos alunos, poderiam ser usadas outras linguagens que interagem com as obras literárias como por exemplo, minisséries inspiradas em clássicos de nossa literatura, filmes, obras literárias da nossa literatura em quadrinhos.

Nesse âmbito, o professor será o grande mediador do trabalho didático, pois terá o papel de suscitar o interesse e a curiosidade dos alunos para a obra literária que se pretenda ler. Além disso, poderá propor como atividade de pós-leitura, aos alunos trabalhos em grupo de dramatização da obra lida ou criação de curtas metragens que retratem uma leitura da obra pelos alunos leitores.

#### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que observamos em sala de aula, nas leituras dos autores estudados e na última prova de língua portuguesa do ENEM, podemos concluir que é muito importante trabalhar com os alunos da comunidade escolar as principais obras e os principais autores da literatura, para que haja o envolvimento dos alunos na busca pela aprendizagem e pelo prazer da leitura.

Ainda ressaltamos que um dos maiores papel do professor é o de incentivador da leitura, por isso a didática planejada desse docente é de suma importância no ato da docência, esta didática pode rever formas para que o aluno participe da aula, possa

interagir, dialogar e compreender melhor tudo o que está sendo ensinado.

E pensando nisso - numa metodologia didática para o ensino da literatura - apresentamos nesse trabalho o projeto "mala de leitura" que propõe desenvolver a leitura literária dentro e fora da escola, enfocando principalmente, como público-alvo, alunos que estão cursando o terceiro ano do Ensino Médio. Sabemos que nessas turmas é comum o estudo da literatura voltado quase que exclusivamente para o ENEM.

Por fim, todo o trabalho, aqui exposto, nos leva à seguinte reflexão: o estudante tem que entender que a capacidade de ler significa, sobretudo, a condição de compreender um mundo que vai se mostrando cada vez maior e mais surpreendente, e o professor deve buscar meios de incluir o aluno nas atividades, mudando a sua metodologia de ensino, fazendo com que eles sintam-se motivados a participar. Esperamos ainda, que as nossas contribuições virem sementes, que essas sementes se espalhem, sejam plantadas, germinem floresçam e deem bons frutos.

#### REFERÊNCIAS

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

VIEIRA, A. **Formação de leitores de literatura na escola brasileira**: caminhadas e labirintos. In: cadernos de pesquisas, v. 38. 134, p. 441-458, maio/ago. São Paulo, 2008.

## A LITERATURA E SUAS MÚLTIPLAS METODOLOGIAS PARA O ENSINO

Francisca Lais Juca da Silva

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Marciana Generoso de Oliveira

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Cássia da Silva

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) cassia silv@hotmail.com

RESUMO: A literatura nos transforma, não só em leitores melhores, mas em pessoas mais atentas à(s) realidade(s), a nossa e a de outros, pois por meio dela vivenciamos ações de agora e de épocas remotas, com as quais nos identificamos, nos reconhecemos, tornamos essas vivências nossas experiências e associamos todas elas ao nosso próprio ato de viver. Aprendemos a ver o mundo de uma forma que nunca vimos e, quando isso acontece, nunca mais seremos os mesmos, nossas habilidades como leitor competente estará em todo lugar. Neste sentido, sabemos que o incentivo é o melhor caminho para se começar uma prática de leitura nas escolas brasileiras. Sabemos que a leitura é uma das habilidades que as pessoas adquirem no decorrer de sua vida e, com essa habilidade, podemos trabalhar, em sala de aula, com o ensino de leitura literária na formação de estudantes mais críticos, humanizados, empáticos. A leitura literária é compreendida por um leitor quando ele usa suas competências de leitura, para isso, é preciso que as escolas façam um trabalho significativo com a leitura para que essa habilidade seja então desenvolvida como um dos mais importantes espaços de reflexão e construção do conhecimento. Conhecendo esses aspectos da literatura e sua importância em nossas vidas, questionamo-nos como a sociedade encara essa "arte da palavra" e como tem sido o seu ensino dela na escola. Desse modo, nosso trabalho tem como objetivo fazer uma análise das metodologias de estudo de ensino da literatura com enfoque em trabalhos desenvolvidos acerca dessa temática. Nossa pesquisa se dará à luz teórica de Ledo (2001), Colomer (2007), Vieira (2008), mais especificamente das metodologias que eles defendem, e de trabalhos encontrados na Plataforma Capes, publicados recentemente, que falam sobre as abordagens de ensino do texto literário. Diante do estudo realizado, percebemos que os mecanismos de leitura (metodologias criadas e testadas) são necessários para o fortalecimento e construção de uma leitura significativa, fazendo com que as chances de permanência e o prazer da leitura aumentem entre os alunos, auxiliando na aprendizagem de conhecimentos diversos.

Palavras-chave: Texto literário. Ensino.

#### 1 INTRODUÇÃO

A literatura nos transforma, não só em leitores melhores, mas em pessoas mais atentas à(s) realidade(s) (a nossa e a de outros), pois por meio dela vivenciamos ações de agora e de épocas remotas, com as quais nos identificamos, conhecemos, tornamos essas vivências nossas experiências e associamos todas elas ao nosso próprio ato de viver. Aprendemos a ver o mundo de uma forma que nunca vimos e, quando isso acontece, nunca mais seremos os mesmos, nossas habilidades como leitor competente estará em todo lugar. Neste sentido, sabemos que o incentivo é o melhor caminho para se começar uma prática de leitura nas escolas brasileiras.

Assim, este trabalho surgiu diante dessa necessidade de repensar o ensino de literatura na sala de aula e tem como objetivo geral abordar metodologias de estudo para ensino de literatura e, especificamente, desenvolver debates acerca da ausência de uma disciplina de literatura na escola que realmente faça o leitor refletir, discutir e criticar, possibilitando um leitor com competência para compreender toda e qualquer leitura. E os objetivos específicos são: aprofundar o estudo sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras e contribuir para o aprofundamento do estudo sobre o ensino de literatura literária na sociedade atual.

A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro, fizemos o levantamento sobre o percurso histórico do ensino de literatura até os dias atuais, explicando primeiramente o que é literatura. No segundo capítulo, procuramos identificar as metodologias atuais de ensino de literatura e, a partir de Colomer (2007) e Cosson (2014), foi possível analisar suas metodologias de ensino para literatura e repensá-las vinculadas à sala de aula efetivamente. Somente assim, conhecendo métodos inovadores de ensino, conseguiremos contribuir com a formação de sujeitos mais críticos e humanos em nossa sociedade.

Já no terceiro capítulo, analisamos as metodologias dos cinco artigos da Plataforma Capes sistematizando-os por meio de uma tabela para, desse modo, analisar e abordar as semelhanças e diferenças do ensino da literatura presentes nesses trabalhos, e as contribuições destes para a sala de aula.

A escolha por esse tema justifica-se pela vontade de saber mais sobre o ensino de

literatura nas escolas e poder pensar sobre as práticas que podem contribuir para um ensino efetivo com leituras significativas para as crianças e jovens. Assim, nós, formandos de Letras, usufruímos desse momento de pesquisa como um espaço de reflexão para que ao iniciar a carreira como futuros(as) professores(as), que seremos, possamos trabalhar diretamente com o ensino dessa disciplina, de modo inovador e é de nosso interesse investigar metodologias que possam melhorar a prática desse ensino em sala de aula. Por fim, visamos contribuir, sobretudo, com a sociedade no sentido de ter a sala de aula como um espaço de aprendizagem e reflexão de forma que as leituras sejam significativas para os alunos. Além disso, contribuindo para que eles possam ler e compreender a maior quantidade possível de gêneros e tipologias textuais. objetivo principal é analisar metodologias de estudo para o ensino da literatura com ênfase em pesquisas já desenvolvidas sobre essa temática. Especificamente, propomos incitar debates acerca da ausência de uma disciplina literária na escola, disciplina essa que tem como função maior levar o leitor a refletir, a discutir e a criticar. Assim, nós, formandos de Letras, usufruímos desse momento de pesquisa como um espaço de reflexão para que ao iniciar a carreira como futuros(as) professores(as), que seremos, possamos trabalhar diretamente com o ensino dessa disciplina, de modo inovador e é de nosso interesse investigar metodologias que possam melhorar a prática desse ensino em sala de aula. Esse trabalho de cunho analítico-bibliográfico, Para fundamentar esta pesquisa, baseamo-nos nas metodologias de Colomer (2007), Cosson (2014). Autores que aprofundam os estudos dos textos literários e propõem em seus livros formas de trabalhá-los em sala de aula de forma interativa e dinâmica, explorando os potenciais que esses textos têm.

A literatura não tem, em sua origem, um objetivo de ser escolarizada, mas foi inserida no ensino, dentro da disciplina de Língua Portuguesa, como uma forma de ampliar os conhecimentos culturais e sobre a língua culta utilizada pelos autores. Hoje, podemosobservar que a literatura ocupa um maior espaço na sociedade, pois antigamente ela era apenas estudada para ensinar conceitos gramaticais, para o bem falar e bem escrever. Assim destaca Colomer (2007, p.15):

Durante séculos, a literatura exerceu um papel preponderantemente como eixo vertebral do ensino linguístico, a formação moral, a consciência de uma cultura com países clássicos

greco-latinos e, desde o século XIX, de aglutinadora de cada nacionalidade. Que a literatura tivesse representado todas essas funções não significa, no entanto, que os alunos tenham se dedicado a ler obras literárias nas aulas, nem que a literatura lida fosse adequada a sua capacidade e interesse.

A partir desse trecho citado pela autora, os textos literários sempre estiveram presentes nas aulas de Língua Portuguesa, mas não era proporcionando o letramento literário, leitura, reflexão, deleite da obra, eram estudadas com interesse de aprofundar os conhecimentos linguísticos. E assim foi durante muitos anos, mas a prática da escolarização do texto literário vem se modificando ao longo do tempo, principalmente apoiada pelas teorias que destacam o letramento literário. Para completar o pensamento de Colomer, Geraldi (2006, p.18) também fala sobre a literatura, destacando seu papel para o estudo da linguística. Neste sentido, ele afirma:

Às vezes, pretendendo tornar a aula de gramática mais interessante (e duplamente útil, ilustrando os seus alunos) o professor trazia (ou traz) um texto literário para nele exercitar a busca de orações subordinadas ou de substantivos abstratos.

Dessa forma, percebe-se claramente a semelhança nos pensamentos das autoras Colomer (2007) e Geraldi (2006), quando setrata de ensino da literatura. Os autores destacam a falta de espaço para esse texto em sala de aula e, além disso, tem comentários críticos que apontam para o fato de que o uso desse tipo de texto era apenas pautado em analisar a boa escrita das palavras presentes, dando sequência, em alguns momentos, ao estudo de literatura preocupado em discorrer as escolas literárias e autores de cada época, mas sem nos aprofundar no conhecimento do conteúdo das obras. A conquista do espaço para a literatura na escola sempre foi e está sendo lenta e árdua. A respeito disso, observamos o que Vieira (2008, p. 443) aponta:

Predominava a historiografia. As características das escolas literárias, em uma abordagem cronológica, bem como as principais obras dos autores, já falecidos, requeria-se também o

conhecimento de sua biografia. Antologias escolares traziam trechos de obras selecionadas que deveriam ser lidos pelos alunos.

Nesse sentido, as escolas brasileiras pouco tiveram, em seus programas, espaço destinado apenas para o ensino de literatura. Como era apenas um eixo da língua portuguesa, os professores, de acordo com sua didática e afinidade, tratavam como bem achavam melhor, alguns com maior ou menor tempo destinado.

Dessa forma, antigamente havia uma maior dificuldade de acesso a obras literárias e, por vezes, fora da escola existia um registro mínimo de leituras que as pessoas faziam. Isto, desse modo, aumenta a responsabilidade da escola em proporcionar momentos para leituras dos textos literários de todos os gêneros e épocas, pois fazem parte da cultura universal.

O autor Fisher (2017) diz em uma conferência que, "a escola brasileira se veja desobrigada de ter programas de literatura no Ensino Médio". Entretanto, isso é ruim, precisamos agora é de incentivo para que os alunos tenham, na escola, um ambiente favorável à leitura.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Um dos resultados obtidos foi a verificação de mecanismos simples de ensinoaprendizagem já dispostos em trabalhos acadêmicos publicados e disponíveis a custo reduzido para o professor e aluno, contudo há metodologias específicas para se trabalhar o texto literário, mas é preciso levar até a sala de aula tais métodos. Apesar de, hoje a literatura está tendo o seu espaço em meio escolar (espaço reduzido, diga-se de passagem), contudo ainda há muito o que se trabalhar.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelas discussões destacadas neste trabalho, esperamos ter atingido o objetivo geral de analisar metodologias para ensino da literatura e desenvolver debates acerca da ausência de uma disciplina de literatura na escola que realmente

faça o leitor refletir, discutir e criticar, possibilitando um leitor com competência para compreender toda e qualquer leitura. Sabemos que a leitura é uma das habilidades que as pessoas adquirem no decorrer de sua vida e, com essa habilidade, podemos trabalhar, em sala de aula, com o ensino de leitura literária na formação de estudantes mais críticos, humanizados, empáticos. A leitura literária é compreendida por um leitor quando ele usa suas competências de leitura, para isso, é preciso que as escolas façam um trabalho significativo com a leitura para que seja desenvolvida essa habilidade, como um dos mais importantes espaços de reflexão e construção do conhecimento. É muito difícil encontrarmos ainda, nas escolas brasileiras, uma aula de Língua Portuguesa que se destine apenas à literatura e que faça o aluno refletir diante do texto literário. Como já foi citado no decorrer desse trabalho, a literatura era (e ainda é) as vezes, estudada apenas para se aprender gramática. Não encontramos uma disciplina dentro da escola que estude apenas a leitura literária. É preciso dar oportunidades aos alunos de vivenciar momentos de leitura significativa, que faça o aluno entrar em contato com o autor e o texto para realmente desenvolver sua compreensão e usar suas habilidades de leitor crítico.

Em suma, tivemos o aprofundamento teórico, no qual realizamos uma análise das metodologias de leitura literária propostas por Vieira (2008) e Colomer (2007), e discutidas em artigos acadêmicos vinculados à Plataforma Capes. Esse trabalho foi importante para percebermos sugestões de como trabalhar em sala de aula a literatura e fazer com que o leitor tenha vontade de ler.

Por fim, chegamos á conclusão de que a literatura nos transforma em seres melhores e, para que os alunos entrem em contato com esses benefícios, é preciso que nós, estudantes de Letras, futuros profissionais da linguagem, e que trabalharemos diretamente com essa disciplina. Percebamos que há muitas sugestões de metodologias para se trabalhar o texto literário em sala de aula, desvendando, juntamente aos alunos, suas múltiplas significações.

Dessa forma, esse trabalho foi significativo também para instigar a outros pesquisadores, estudantes de Letras, sobre o tema da literatura, contribuindo com as pesquisas já existentes, uma vez que é nossa responsabilidade ampliar os nossos horizontes em relação às práticas literárias para que, ao chegar em sala de aula,

possamos proporcionar reflexões sobre a importância da literatura em nossas vidas e para que a leitura literária ocupe o lugar que merece nas escolas brasileiras.

#### REFERÊNCIAS

BARROS, Ricardo Abdalla e AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de. **Tendências contemporâneas de língua portuguesa e literatura**. Pau dos ferros, v.02, p. 27-37, set./dez. 2013.

BARTHES, Roland. **A aula**. Tradução: Leyla Perrone – Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix. 2009. 95 p.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014 a.

\_\_\_\_\_. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014 b.

FISHER, Luís Augusto. **Literatura Brasileira**: nova história, novo ensino. Ciclo de Conferências da ABL, 2017.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAGE, Micheline Madureira. **Vozes em diálogo**: ensino, leitor e literatura sob o foco dos docentes de licenciatura em letras. Revista brasileira de educação. V.22, n.68, jan.- mar. 2017.

LEDO, Teresinha de Oliveira. **Manual de literatura**: literatura portuguesa, literatura brasileira. São Paulo: DCL, 2001.

LEITE, Ligía Chiappini de Moraes. **Gramática e literatura**: desencontros e esperanças in: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARINS, Ida Maria Morales et. **Reinvenção do ensino da língua portuguesa e literatura na escola**: propostas de alunos estagiários em letras. Conexões culturais. Revista de linguagens, artes e estudos em cultura, v.01, nº 02, ano 2015, p.51-66.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. Leitura, voz e performance no ensino de literatura,

2010.

OZELAME, Josiele Kaminski Corso e PARAHYBA, Martha Ribeiro. **Literatura na escola**: uma possibilidade de leitura d' o senhor juarroz. Revista Espaço acadêmico.nº171. Agosto, 2015.

RAMOS, Flávia Brocchetto e ZANOLLA, Taciana. **Literatura na escola**: entre o real e o possível. Santa cruz do sul, v.33 n. especial, 2008. p.76-87.

VIEIRA, Alice. **Formação de leitores de literatura na escola**, v.38. n.134. p. 441-458, maio/ago. 2008.

# Narrativas de vida: saberes, sentidos e experiências de formação

## O BERÇO E A MÁQUINA: NARRATIVAS DE COSTUREIRAS

Edla Freitas Ribeiro Universidade Federal do Cariri - UFCA edlaribeiroribeiro@gmail.com

Luís Celestino de França Júnior Universidade Federal do Cariri – UFCA luis.celestino@ufca.edu.br

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo narrar as histórias de vida e de trabalho de um grupo composto por sete mulheres costureiras residentes em Juazeiro do Norte e Barbalha. Através de entrevistas baseadas, inicialmente, em suas rotinas na profissão procuramos descobrir como se desenvolveram suas narrativas particulares engendradas pelas narrativas episódicas - representadas pelo artefato cultural que a roupa representa em nossa sociedade – de outras pessoas. Ao longo de séculos de ofício, a costura se liga à memória, não apenas como instância mental, mas, também, corporal, tomada inconscientemente pela prática cotidiana. Das entrevistas realizadas, foram coletadas mais de 150 páginas digitalizadas, formando o corpus que guia e organiza a pesquisa. As entrevistas foram realizadas ao longo de três meses. Foi acertado que mais de uma entrevista teria que ser realizadas, devido às dúvidas que poderiam surgir e por entendermos que apenas uma conversa não daria conta de uma vida. Para fundamentar a presente pesquisa buscamos Bosi (1994, 2003), tratando da memória que carregamos na mente e nos objetos que nos cercam; Alves e Cunha (2010), refletindo como o trabalho domiciliar está atrelado a figura feminina; Sennet (2013), abordando o aprendizado que a atividade laboral e artesanal se relaciona como modo como o ser humano se faz socialmente; Bourdier (2002) contribuindo com observações sobre o simbolismo que atribuímos aos artefatos que nos cercam; Nunes (2006) argumenta que o trabalho domiciliar sofre cada vez mais com a desvalorização em relação ao que é produzido pela indústria. Este aporte teórico nos põe a frente de reflexões que enlaçam profissão e sujeito que a exerce. Foram analisados pontos como o mercado de trabalho, as relações com o corpo, transmissão e recepção de saberes, construindo uma vida baseada em experimentações e experienciações de si e de outros. Para cada uma dessas sete costureiras seu ofício representa seu meio de permanência no mundo, mas, acima de tudo, a âncora pela qual a própria vida estará atrelada a um significado pessoal, mesmo que doloroso ou frustrante, e sem intermediações geográficas pelas quais quem trabalha fora de casa atravessa. O artigo está dividido entre três itens: A Costureira e o Ateliê: A Oficina-Residência, A Costureira, a Roupa e o Corpo: Todas as Roupas do Corpo e Para Além da Costura: Alinhavos de Subjetividade. Para o primeiro item, o espaço físico de trabalho é que serve de cenário à construção das reflexões. O lugar onde elas exercem a profissão, geralmente em casa, também configura o espaço familiar. No segundo item, analisa o lugar que essas profissionais ocupam no mundo industrializado da produção de roupas. Já no último tópico, a narrativa de três dessas mulheres é destacada além da profissão.

**Palavras-chave**: Narrativas de Vida e Trabalho. Costureiras. Trabalho Domiciliar. **1 INTRODUÇÃO** 

As intermediações entre trabalho e família por vezes se dão a um mal estar manifestado pelas incertezas que circundam as sociedades ocidentais e sempre oferecem um material revelador para investigação. No que concerne a essa delimitação – trabalho e família

-, ganham relevo cenários onde mulheres que, por diversas motivações, levaram o trabalho, geralmente de caráter artesanal, para dentro de seus domicílios, atuando de modo autônomo.

O trabalho de costureira é facilmente reconhecido como uma função remunerada que pode ser exercida em casa. E, embora já existam muitos homens trabalhando na profissão, a costura ainda é muito referenciada como opção de trabalho feminina. Tornase repetitivo lembrar que ao ocupar um espaço no mercado de trabalho a mulher também acumulou funções. Ela é uma profissional, mas ainda é a dona de casa. Muitas tem filhos. Grande parte não tem marido. A indústria do vestuário oferece ao consumidor a roupa pronta e, por vezes, mais barata. É "(...) o primado da mercadoria sobre o homem" (BOSI, 1994, p. 78) que cria uma nova realidade para que essas mulheres se mantenham ativas e provendo as próprias famílias.

Tendo em vista que este é um ofício exercido em espaços também emocionais – o bem parecer – e temporais, procuraremos acessar de forma afetiva o cotidiano do grupo de profissionais selecionadas e compreender como uma profissão tão antiga se mantem atuante no mercado. É também de interesse desta pesquisa investigar como são estabelecidas as relações com a indústria da moda e da roupa, o corpo como entidade promotora de significados e o trabalho como meio de sustento e manifestação de vida.

Para a execução do trabalho, optamos por entrevistas semiestruturadas, sendo que cada áudio coletado foi transcrito, resultando em 154 páginas de conversas digitalizadas. É importante ressaltar que para cada profissional foi feita mais de uma entrevista, previamente agendada e em local por elas escolhidos, geralmente, o ateliê de costura instalado na própria residência.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A atividade da costura está ligada a um processo criador e criativo. É aquela parcela de trabalho material da cadeia de produção do mercado de roupas. É a parte tangível num universo de coisas intangíveis. Está ligado à moda, mas serve mais à indústria têxtil e de confecção. De tal modo que, aos olhos do mercado, a classe não poderia ser considerada um agente da moda e, sim, a mão de obra que produz a roupa da moda. De alguma forma, a classe já surge desagregada de *status*, pois quando uma costureira é inventiva em seu trabalho, criando volumes, modelagens, oferecendo soluções, é reconhecida como estilista ou artesã do luxo, podendo agregar o valor do dom – difícil de ser mensurado – às peças que produz.

Atualmente a maioria dos consumidores se vale de uma costureira para fazer cópia de modelos buscados no arcabouço de imagens de moda que nos cercam. Elas trabalham com uma matéria – a indumentária – que pode tanto ser signo de *status* como guardar a biografia de uma *persona* (BOSI, 2003), seja ela real ou inventada. São personagens que estão na memória da maioria de nós produzindo objetos de moda – instância imaterial – que perdem o valor em si após poucos episódios de uso.

A roupa tem esse caráter de bem cultural oferecido comercialmente. Mais do que proteger o corpo de intempéries e *velar* pudores, demarca singularidades e cria aparências de distinção. As costureiras estão às portas de acesso à "mudança de pele" que a moda econsumo defendem sob "operações de transferência de capital simbólico" (BOURDIEU, 2002: p. 162), mas raramente elas tem o poder de "decidir" o que o cliente deve vestir. Isso cabe a outros, àqueles que conseguiram se separar da produção material da vestimenta, alcançando a construção conceitual da indumentária.

Ao longo de séculos de ofício, a costura se liga à memória, não apenas como instância mental, mas, também, corporal, tomada inconscientemente pela prática cotidiana. É um reconhecimento que pertence a uma espécie imaterial de manejo sensorial que Sennet (2013,

p. 173) classifica como "concreto e localizado", um componente de informações acessadas e, novamente, alheadas quando se dá o retorno ao "raciocínio, à natureza do material" (idem).

Os calos adquiridos pelas pessoas que usam as mãos profissionalmente constituem um caso particular de toque localizado. Em princípio, a camada mais espessa de pele deveria amortecer o a tato; na prática, é o contrário que acontece. Protegendo as terminações nervosas da mão, o calo torna menos hesitante a sondagem. Embora a fisiologia desse processo ainda não seja bem conhecida, o resultado o é: o calo ao mesmo tempo sensibiliza a mão para minúsculos espaços físicos e estimula a sensação nas pontas dos dedos. Podemos supor que o calo representa para a mão o mesmo que a lente zoom para uma câmera (idem).

No primeiro item da pesquisa, *A Costureira e o Ateliê: A Oficina-Residência*, tratamos do ateliê como espaço de trabalho instalado no domicílio, retratando como se dão as rotinas de casa e de ofício. Neste ponto é onde se abre espaço para que uma delas converse diretamente com o leitor. Esta decisão foi tomada pelo fato de que o sentido do que ela diz reflete sua subjetividade de um modo que um texto descritivo não poderia exprimir. É a narrativa alimentada ao ser contada por quem a viveu.

Para o segundo item, *A Costureira, a Roupa e o Corpo: Todas as Roupas do Corpo,* procuramos refletir sobre a costura e suas "ligações externas". A forma como costureiras lidam com as tensões com o mundo da moda, da roupa como artefato da distinção social e com a precarização do trabalho.

Encerrando a discussão, procuramos deixar a costura em estado de subjacência. O interesse está em narrar – ou tentar – alguma subjetividade. Escolhemos três delas pela relevância do que nos contaram – ou não contaram – sob o título *Para Além da Costura: Alinhavos de Subjetividade*.

Movidos também pelo objetivo de dar lugar de fala a essas profissionais, o discurso delas procurou ser reconhecido e ressaltado. Para identificar no texto o que elas dizem, os trechos foram postos em itálico.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A materialidade mercadológica que se tem percebido na profissão de costureira atinge novos ramos que exploram a imaterialidade de seu exercício – criatividade e empreendedorismo.

Mas, trabalhar em casa não é simples. O trabalho da costureira nem sempre é silencioso, ocupa vários cômodos da casa, dependendo da quantidade de tecidos que ela tenha guardado e o volume de peças que tenha que fabricar. Facilmente elas passam da

jornada de oito horas que um trabalho "normal" exige. A casa vive repleta de pessoas estranhas aos outros moradores. Na hora de provar a roupa, a cliente tem que entrar num dos quartos ou banheiro e sempre existe a possibilidade de um deles estar ocupado por um dos moradores. Muitas dessas profissionais trabalham com a porta aberta para a rua. É uma imagem muito forte. O lugar do recolhimento, a casa, tem que estar aberta para que o trabalho entre.

Neste contexto de inter-relações elas vão construindo suas narrativas, absorvendo outras histórias de vida, contribuído para contá-las, muitas vezes, sem perceber que seu saber também as insere na história de suas clientes.

#### REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Elizabeth Santos; CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **Memória do trabalho domiciliar e gênero**. Fazendo Gênero 9-Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010.

BOURDIER, Pierre. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

BOSI, **Ecléa**. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, **2003**.

NUNES, J. H. **Precarização, trabalho doméstico e trabalho domiciliar no setor de confecções em Goiânia**. 30º Encontro Anual da ANPOCS, 2006. Disponível em: https://www.anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt26-7/3505-jnunes-o-comunitarismo/file. Acesso em: 12 fev. 2019.

SENNET, Richard. **O artífice**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

#### OS MÉTODOS SINTÉTICOS E ANALÍTICOS DA ALFABETIZAÇÃO: VANTAGENS E LIMITAÇÃO

Antônia Cândido de Souza Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo identificar os métodos de ensino trabalhados nas escolas nos primeiros anos de estudo. A proposta desenvolvida no estudo consiste em adotarmos metodologias que viabilizem a alfabetização de crianças na idade certa. Devemos compreender o aluno e o meio social no qual ele vive, observando por meio da observação assistida, focando seu processo de aprendizagem, dentro e fora da escola. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, faremos a revisão de literatura a partir dos seguintes autores: Frade (2005), Cagliari (2009) e Puentes (2010), pelo fato de apresentaram metodologias pertinentes para compreensão do ensino na idade certa, bem como propõem uma alfabetização de qualidade. Objetivamos, assim, refletir sobre as vantagens e desvantagens dos métodos sintéticos e analíticos e, de um modo geral, sobre o ensino-aprendizagem. Os primeiros resultados dessa pesquisa em andamento nos revelam que ambos os métodos podem contribuir para o processo de ensinoaprendizagem, desde que empregados com metodologias adequadas. Isso, de certa maneira, favoreceu a nossa própria formação enquanto professores, umas vez saber lidar com metodologias, recursos e diferentes situações de ensino deve ser uma preocupação constante. O aprimoramento progressivo deve fazer parte da vida profissional. O professor também deve lançar mão do maior número de ferramentas que tiver disponível, sendo o método, o elemento central nessas escolhas. Sendo dessa forma foi concluímos que os métodos apresentados juntos ao relato de experiência nos fazem aprender o quanto é importante ter um caminho certo para se alfabetizar uma crianca. sem precisar fugir das regras que as escolas nos impõem. Para tanto chego a dizer que todo meio de ensino é valido desde que possamos desenvolver o nosso aprendizado de forma correta e de acordo com o meio que vivemos.

Palavras-chave: Alfabetização. Métodos. Aprendizagem.

#### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo identificar o desenvolvimento dos métodos de ensino trabalhado na escola no ensino fundamental, para isso partimos de observação em casa e na escola desses métodos através da observação desses alunos. No entanto nascemos sem saber

ler nem escrever e para chegar a aprender temos que buscar a alfabetização nas escolas, no entanto já entramos no ensino falando e muitas vezes rabiscando também algumas folhas de papel, mais para aprimorar o que já sabemos precisamos de professores que nos ajude a compreender e entender como se ler e se escreve. Para isso precisamos nos adaptar a alguns métodos que as escolas junto com os professores nos oferecem.

As escolas sempre estão buscando novos meios de alfabetização e para que der certo se apropriam de meios de ensino que nos ajudam a compreender melhor como se dar a alfabetização: São eles os métodos sintéticos, analíticos, e o construtivismo em uma concepção de linguagem para alfabetização, que são inseridos na escola no ensino fundamental, logo esses métodos são de imensa importância para o desenvolvimento e alfabetização das crianças.

Nosso objetivo geral é saber como se dar a alfabetização na prática, e de como as crianças assimilam o conhecimento que os professores passam para eles. Especificamos esse trabalho, observando o processo da aquisição da aprendizagem de alunos na escola e em casa a partir dos métodos de alfabetização.

Para fundamentar nosso trabalho partimos de pesquisa bibliográfica e de observação de alunos em seu processo de aquisição da aprendizagem em nível fundamental, para aprofundar nosso conhecimento, adotamos também teóricos muito importantes para o entendimento correto do nosso trabalho, tais como: Frade (2005), Cagliari (2009), Puentes (2010).

Partindo desse cabedal teórico, identificaremos o melhor meio de ensino para se alfabetizar, pesquisaremos em suas teorias um caminho que possa ser percorrido com nossos alunos não muito distante da realidade que vivemos, pois eles nos ajudam a organizar e planejar nossas aulas de acordo com as dificuldades apresentada por cada um dos discentes.

#### 2 RESULTADOS E DISCURSSÃO

A partir desse tópico, discutiremos esses métodos analisando essas teorias na alfabetização, em seguida faremos um relato de experiência de como fomos alfabetizados, fazendo assim a comparação com a alfabetização de hoje, e finalizaremos

esse trabalho com um depoimento de agradecimentos e aproveitamento que os alunos têm no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Dando continuidade o que já foi exposto começaremos agora analisando as obras já citadas e os métodos de ensino que enriquece a nossa alfabetização, e relataremos também nossa experiência na escola junto, falando também das lembranças de nossa alfabetização.

Buscamos sempre métodos de ensino que enfatizem mais ainda a alfabetização nas escolas, por isso temos que seguir autores com obras destinadas a professores que buscam uma alfabetização teórica de qualidade e que possam ensinar a língua que falamos de uma forma igualitária para todos que querem aprender ler e escrever.

Logo podemos nos apoiar na fala de Cagliari (2009, p. 14), quando aponta que "uma criança de 7 anos que entra na escola para se alfabetizar já é capaz de entender e falar a língua português com desembaraço e precisão, nas mais diversas circunstâncias de sua vida". O autor sabe perfeitamente o que diz, pois sabemos que aprendemos falar em casa e vamos para escola para desenvolver a linguagem padrão exigida pela sociedade. Por exemplo: Eu quando fui para escola já sabia falar tudo, mais não sabia ler, apenas rabiscava folhas de caderno.

Aprender ler foi uma tarefa muito difícil, isso por falta do meu próprio interesse e as dificuldades enfrentadas por minha família. Entendo que por mais que sejamos normais às diversidades existe desde começo dos tempos independente do lugar ou cidade onde moramos. Por isso concordo com as palavras de Cagliari (2009, p. 14) "a criança que falamos é qualquer criança normal, de qualquer parte do mundo". Sabemos que no mundo que vivemos as pessoas enxergam crianças nessa faixa etária como um ser incapaz dependendo da sua estabilidade social, porque não sabe ler nem escrever, mais seguindo as palavras do autor, ela é normal e precisa de métodos que a levem a ser alfabetizada.

Os métodos de alfabetização usados na época que eu fiz o ensino fundamental, era o mesmo método de hoje, como o natural, conhecia se primeiro as vogais, o alfabeto, depois se formava as famílias e depois juntava para formar as palavras, não é diferente do que observe minha filha fazendo hoje, pelo contrário hoje vejo que os professores sofrem muito mais do que antes para alfabetizar as crianças.

Muitos professores buscam métodos de ensino que despertem a vontade do aluno aprender, dentre eles, podemos falar de um método sintético que alguns professores se apropriam para alfabetizar as crianças. Para isso, Frade (2005, p. 15) aponta que: "a própria menção da palavra método, temos um comportamento intolerante porque pensamos que essa palavra se refere a apenas um caminho para alfabetizar ou a uma forma inflexível".

Isso nos deixa intrigante, pois ao chegar a uma escola para administrar uma aula, ficamos muitas vezes de mãos presas sem saber qual método seguir, se o da escola ou do professor, sem falar no que os alunos trazem da sua convivência na sociedade, que tem muito a ver com sua concepção de linguagem, por isso, pensando com a minha cabeça acredito que o melhor meio de ensino é aquele que o aluno aprende.

Quando fui alfabetizada usava-se apenas um método de ensino, e tínhamos que aprender, por isso se não prestasse atenção éramos reprovados diferentes do ensino de hoje, que mesmo sem o aluno aprender nada tem que passar de ano. O que será que aconteceu? A didática que os professores usam não é mais a mesmo? Ou são os alunos que não querem aprender? Isso deixa o discente preocupado, pois fica difícil ensinar quando nada é assimilado.

Acreditamos que a didática certa é o método que faz o aluno aprender, antigamente seguíamos projetos que nem era tão bom, mais aprendíamos de acordo com o tempo e o que víamos o docente aplicar em sala de aula. Frade (2005, p. 21): "É possível que quem foi alfabetizado há mais tempo guarde lembranças nítidas do período de alfabetização". Pode ser, mais em alguns casos as pessoas nem lembram de quando foram alfabetizados e quais os métodos os professores seguiram, se sintético ou analítico.

Eu lembro que quando fui alfabetizada foi usado o método sintético isso de acordo com o ensino daquela época, depois era que irmos para o analítico analisar os textos que os professores passavam no quadro, foi assim que fui alfabetizada.

Frade (2005, p. 22) "algumas pesquisas históricas permitem que os primeiros métodos utilizados no ensino da escrita foram os sintéticos". Então se pensarmos no ensino do início dos tempos pensamos em unidades menores, como as vogais o alfabeto e logo depois juntam- se as partes para começar a escrever.

Acredito que minha professora utilizou primeiro o método sintético para

alfabetizar alunos da época que eu estudava. Hoje não é muito diferente, pois de acordo com o que foi observado, vi que primeiro faz se a adaptação das vogais e o alfabeto, depois as famílias para poder formar silabas, pois nesse meio de ensino podemos encontrar a cartilha do ABC, as vogais, e o alfabeto, pois esse meio de alfabetização estudava-se todas as partes mínimas até chegar às partes maiores.

Para se chegar a esse ponto Frade (2005, p. 25) lembra que: "outro método sintético é o fônico, cujo princípio é de que é preciso ensinar as relações entre sons e letras, para que se relacione a palavra falada com a escrita. Dessa forma a unidade mínima de análise é o som". É a partir da pronuncia da palavra que identificaremos a escrita correta, pois a codificação passa a ser muito importante para poder determinar à escrita. Falando em método fônico lembrei que quando fui para o quinto ano do ensino fundamental foi que conheci os fonemas das palavras, mais já sabia ler e escrever, só faltava identificar os sons das palavras.

Dando continuidade veremos também o método silábico, que aos olhos de Frade (2005, p. 27): "que vai das partes para o todo, é o da silabação. No método silábico, a principal unidade a ser analisada pelos alunos é a sílaba". Esse meio de codificação chega a ser um dos mais importantes, pois tem um papel fundamental no processo de formação de palavras. Quando se pronúncia uma dada palavra, empregamos, muitas vezes, vogais e consoantes unidas, que formam sílabas e por sua vez formam os morfemas e, finalmente, palavras, e na alfabetização, isso é intensificado pela repetição. Esse método é bastante utilizado até hoje.

Método analítico: que de acordo com Frade (2005, p. 32) "partem da síntese para análise, do todo para as partes". Até hoje, este método é um pouco fora de uso, desde que o discente não saiba ler nem escrever, pois no que se refere o autor, analisa se uma palavra e depois idêntica dentro dela às partes mínimas: como as vogais, as consoantes e as sílabas, deixando assim uma dificuldade de aprendizagem na cabeça do aluno, que ainda não conhece as partes menores.

No entanto dentro dessa forma de alfabetização trabalha-se também o método de palavração e método de sentenciação que no que diz Frade (2005, p. 33): "a diferença desse método em relação ao silábico é que as palavras não são decompostas obrigatoriamente no início do processo, são apreendidas globalmente e por reconhecimento" nesse método as palavras são escritas e decompostas, para que seja

conhecida pelo aluno sem se preocupar com a ortografia, pensa-se apenas no entendimento do aluno. E neste método de alfabetização podemos ter as palavras, as frases, que no meu entendimento deixa a cabeça do discente mais confusa.

Por isso, "nesse método, a unidade tomada como ponto de partida é o texto" (FRADE, 2005 p. 34). Esse método de alfabetização trabalha-se as partes de um texto, um conto, pra se chegar as partes menores, hoje encontramos alguns traços desse método nos livros didáticos, onde se tem o texto, para se trabalhar a parte ortográfica, utilizando as frases do mesmo.

Ao analisar esses métodos observei que todas as escolas precisam abordar seu meio de ensino, que visem à capacidade do aluno aprender sendo assim vale lembrar que assim como método sintético e analítico e todos os outros métodos encontrado dentro de ambos são necessários para aprendizagem de cada discente, é utilizando e reinventando esses métodos de ensino que se chegamos a uma alfabetização de qualidade na idade certa.

O construtivismo chega a ser um método de ensino que visa o aprendizado das crianças no decorrer do tempo, em seu percurso de desenvolvimento social, dentro das variações que a linguagem lhe oferece, buscando aproveitar o conhecimento adquirido pela criança antes de frequentar a escola. Dessa forma, chegamos a compreender e entender que nada do nosso conhecimento e desenvolvimento antes de irmos para a escola é deixado para trás, mais sim configurado e ensinado de maneira formal e igual para todos.

O nosso entendimento se dar através dos nossos relatos escritos identificando e buscando na memória o aprendizado adquirido no decorrer de nossa vida, para isso descreverei aqui um pouco sobre a minha alfabetização, as lembranças os erros e os acertos dentro da concepção que mais se enquadra.

Assim, Frade (2005, p. 40) diz: "mais do que pensar em método, é preciso compreender os processos de aprendizagem da criança ao tentar reconstruir a representação do sistema alfabético". Considero essa citação pertinente, pois devemos levar em conta qual foi e quais são os processos e os meios de ensino que essa criança estar inserida.

Frade (2005, p. 47) ressalta que "a compreensão dos processos de pensamento do aluno e a busca de situações de ensino que ocorram em contexto de uso social da

escrita". Ou seja, não devemos deixar de fora também o ensino e os métodos que a escola exigir, que assim iremos aprimorar o nosso vocabulário social.

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo buscou identificar os métodos de alfabetização dentro e fora da escola, com um olhar voltado para alunos e de seu processo de aquisição de aprendizagem, identificando seu desenvolvimento durante a alfabetização. Foi através de observação de alunos em processo de aprendizagem que compreendi os meios de ensino e a importância que um método de ensino bem adaptado nos traz para alfabetização na idade certa.

Os métodos apresentados, junto ao relato de experiência, nos fizeram aprender o quanto é importante ter um caminho certo para se alfabetizar uma criança, sem precisar fugir das regras que as escolas nos impõem. Para tanto chego a dizer que todo meio de ensino é válido desde que as pessoas sejam ajudadas e tenham o seu desenvolvimento cognoscitivo desenvolvido de acordo com seu tempo.

#### REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009. (coleção pensamento e ação na sala de aula).

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização**: história, característica e modos de fazer de professores: caderno do professor? Belo horizonte: CEALE/ FAE/ UFMG, 2005.

PUENTES, Roberto Valdés. **Organização Didática do Processo de Ensino- Aprendizagem**: o Planejamento. Uberlândia: UFU, 2010.

# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SUAS TRANSFORMAÇÕES: SABERES NECESSÁRIOS PARA A EFICÁCIA NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

**Ruth Raíla Tavares Araújo**Graduanda em Letras
Universidade Regional do Cariri (URCA)

**Cícera Maria de Souza** Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO:** Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica de natureza qualiquantitativa, que tem por objetivo discutir os métodos de alfabetização por meio de análises de produções textuais de alunos da educação básica no nível fundamental 1, da rede pública de ensino do Município de Missão Velha - CE. O estudo também aborda as bases para a formação crítica e social do educando, tendo em vista o fato de que a alfabetização é o pilar da construção social. Como aporte teórico, foram adotados os estudos de: Lopes e Carvalho (2004), Frade (2005), Puentes (2010), Bortoni-Ricardo (2012) entre outros. O uso de diferentes métodos e metodologias em sala de aula deve ser utilizado para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno. Isso pode ser feito a partir de práticas de ensino que ampliem a criticidade dos educandos, seja por meio de pesquisas bibliográficas, seja pela prática da produção textual significativa, de modo a unir teoria e prática. No que tange a alfabetização, é possível desenvolver mais de um método para um melhor desempenho. Assim sendo, esse estudo mostra que tanto os métodos analíticos como o sintéticos podem entrar em concordância quando se trata de alfabetizar. Mesmo que para o profissional da educação a escolha desse método esteja voltada ao currículo-base para os alunos, essas metodologias devem ser melhoradas através de intensificadores na educação. Os resultados preliminares dessa investigação apontam que, além da escolha de variados materiais didáticos e, principalmente, através do aperfeicoamento pessoal, será possível uma melhoria do ensino. Os profissionais, de escolas, creches ou pré escolas, devem se manter atualizados, preparados e capacitados. Não apenas isso, devem também buscar estimular o hábito da leitura, adequando os gêneros textuais orais, transformando-os em escrita significativa. A metodologia do professor, mesmo com os desafios e individualidade de cada aluno, ao alfabetizar, caracteriza-se como elemento-chave para o surgimento do leitor crítico, futuro cidadão consciente e ativo na sociedade, fazendo com que o processo de alfabetização possa ser iniciado e concluído no tempo certo.

Palavras-chave: Método. Ensino. Alfabetização.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização de indivíduos, assim como suas transformações ao longo das décadas tem sido matéria de investigação de inúmeras pesquisas (com destaque para obras de Antunes, 2007; Bortoni-Ricardo, 2012; Cagliari, 2009; Frade, 2005; Klunck; Paschoali, 2016; Puentes, 2010). Nesses estudos, almeja-se compreender quais os saberes que propiciam e viabilizam o ensino de línguas, mais particularmente, do ensino de língua materna. Este artigo, de caráter introdutório, se debruça sobre essa temática.

No processo de entender a alfabetização de uma forma abrangente, encontramos na linguística uma base de como nós, enquanto formadores e instigadores da educação, somos responsáveis pelo desenvolvimento do aluno em sua alfabetização, mas também intensificando o poder do aluno enquanto sujeito da própria história, podemos assumir a linguagem como algo inato de todo ser humano, que pode ser desenvolvida e evoluída (BORTONI-RICARDO, 2012).

E na evolução da língua e linguagem, encontramos reforços com o uso adequado da retextualização e adaptações de gêneros textuais orais, seguindo a linha da transformação do desenvolvimento cognitivo por meio do método *sintético* ou *analítico* para obter sucesso na alfabetização (PUENTES, 2010; FRADE, 2005).

Partindo desses pressupostos, o objetivo desse trabalho é instigar o processo de fazer e interpretar a alfabetização como fator primordial na construção do sujeito social, analisando produções textuais e buscando uma ressignificação na escrita em meio aos aparentes "erros", além de permitir uma análise metalinguística sobre como é possível ser dono de suas ações, possibilitando, assim, uma reflexão acerca do conhecimento já adquirido desse leitor no mundo cada vez mais globalizado.

A formação do ser homem (aluno) no meio social exige um processo ininterrupto de aprendizado tanto dentro quanto fora da escola. Este movimento em busca do conhecimento precisa ser consciente e deve estar ligado às necessidades dos sujeitos, enquanto alunos em sua formação. Sabendo da importância da leitura para a formação completa de seres críticos e autônomos,

entendemos que é preciso viver atualizado com os mais atuais métodos que envolvem a alfabetização.

Com base em estudos bibliográficos essa pesquisa foi desenvolvida assumindo uma natureza quanti-qualitativa, que associa, na investigação dos significados, os dados estatísticos com os fatores subjetivos que possam influenciálos, permitindo um maior aprofundamento e análise das produções textuais recolhidas, além de saber como funciona, na prática, a alfabetização, e de como as crianças reconhecem e fazem uso do método de ensino seja ele sintético com a classificação da parte menor, fonema (enquanto unidade distintiva), para a maior, o morfema ou a palavra (enquanto unidade significativa), ou pelo método analítico investigando inicialmente o texto (como uma unidade de sentido completo) como um todo para, enfim, chegar a palavra (CAGLIARI, 2009).

Nesse trabalho realizaremos uma análise de relato pessoal de como era feita a alfabetização no acadêmico da atualidade. Seguiremos com a apresentação dos resultados obtidos de acordo com as fundamentações teóricas previamente selecionadas.

#### 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando que a alfabetização assume um papel de suma importância na vida social de qualquer ser humano. E, diante das diversas temáticas que seguem a história da alfabetização, encontramos nesta pesquisa questões referentes à prática pedagógica, argumentando que a forma como se ensina, muitas vezes, não está de acordo com a maneira com que se aprende.

O ato de alfabetizar está intrinsecamente ligado ao papel do docente e a maneira como ele a ensina, em outras palavras o método que o professor impõe em sala de aula indica o sucesso da alfabetizador ao desempenho do discente e sua formação como cidadão. Se considerarmos que ler é construir uma concepção de mundo, estaremos ligando o professor- alfabetizador ao desempenho do aluno e sua formação enquanto cidadão consciente de seus deveres e direitos em uma determinada sociedade.

Verificamos, ao analisar as produções textuais de alunos do Ensino

Fundamental 1, da rede pública de ensino, algumas características que podem ser tomadas como "erros" em uma perspectiva prescritivista da norma pela Gramática Normativa da Língua Portuguesa, fato contrário aos preceitos descritivistas defendidos pela abordagens linguísticas.

Quando a criança escreve "bUneca" e troca a vogal U pela grafia considerada "correta" que seria um Q, ou quando algumas crianças, ao escreverem, fazem uso de garatujas (desenhos sem configuração), embora as linguagens se assemelhem graficamente, o aluno, ao arrumar tais características, teve um desígnio de estruturá-las diferentemente. Não se pode negar que a escrita, de um modo geral, por ser uma representação inexata do som, apresenta muitas complicações, basta citar o caso do emprego do X em palavras como: táxi, exato, êxtase, exame, exoesqueleto etc.

Para alguns estudiosos o erro significa um norteamento à prática, ele demonstra a dificuldade dos alunos em desenvolver a habilidade escrita. A fim de solucionar os "erros" gramaticais desenvolvem-se os métodos *Analíticos* e *Sintéticos* na tentativa de compreender a formação de alunos na fase da alfabetização.

De acordo com Frade (2005, p.22) "Os métodos sintéticos vão das partes para o todo [...] Para esse conjunto de métodos denominados sintéticos, propõe-se um distanciamento da situação de uso e do significado, para a promoção de estratégias de análise do sistema de escrita". Este método organiza-se para comtemplar as formações fônicas como unidades menores até que se chegue as palavras. Essa tendência compreende: (a) o *método alfabético*, que tem como unidade a letra; (b) o *método fônico*, que adota como unidade o fonema; c) o *método silábico*, que aceita como unidade um segmento fonológico mais facilmente articulado, que é a sílaba. A disputa sobre qual unidade de análise a ser considerada – a letra, o fonema ou a sílaba –, é que deu o tom das diferenciações em torno das correspondências fonográficas.

Cabe explicitar que os métodos tradicionais se apoiam nas cartilhas, ou seja, se o aluno responder que o professor trabalha com atividades como as da cartilha que lhe apresentamos, ele está automaticamente dizendo que seu educador se embasa nos métodos tradicionais. Em contraposição, se o aluno disser que o

professor trabalha com parlendas, ele espontaneamente está confirmando que seu docente adere às ideias construtivistas, visto que os adeptos a esta corrente defendem o uso de textos reais para despertar o interesse dos alunos no aprendizado sobre leitura e escrita.

Entendemos, portanto, que os professores que faziam uso de método silábico acreditavam que o aluno deveria ser introduzido à memorização de letras e sílabas através de exercícios repetitivos. Desta forma, o professor lança alguns exercícios de fixação das famílias silábicas para, sucessivamente, formar palavras, sem embasamento em algo concreto e real, crendo que o aprendiz traz, consigo, noções de que uma sílaba formada com poucas letras pode ser lida. O trabalho escolar fica preso à leitura destas famílias silábicas durante um bom tempo, até introduzir o uso de frases pequenas com a mesma sonoridade. Somente depois, o discente teria contato com pequenos textos, mesmo assim, tais escritos são formados por repetições da mesma correspondência.

Independentemente de qualquer um desses métodos sintéticos, concluímos, que há a crença de que os educandos já teriam a capacidade de compreender as unidades menores do sistema alfabético. O professor impõe atividades de cópias monótonas do gesto gráfico e memorização destes, gerando um acúmulo exaustivo de informações.

Seguindo as orientações de Frade (2005, p.32) "os métodos analíticos, que partem da síntese para a análise, do todo para as partes. Os métodos globais trabalham com diversos pressupostos, que podem ser verificados nas discussões sobre sua utilização, desde Comênio<sup>41</sup> até a atualidade".

Não muito diferente dos métodos sintéticos, os métodos analíticos também priorizam o professor como único conhecedor do processo de ensino e aprendizagem sobre leitura e escrita. No entanto, diferem-se por partir de elementos maiores: textos, sentenças ou palavras, para, posteriormente, subdividilos nas unidades menores: letras.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Comênio (1593-1670) foi o fundador da didática moderna e propôs várias ideias revolucionárias sobre a importância do interesse dos alunos na aprendizagem. Era contra a memorização vazia e a favor da compreensão e combateu o método da soletração em sua obra *Orbis Pictus*.

#### 3 ANÁLISES DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS COLHIDAS

Os dois textos aqui retartados foram produzidos por alunos do 3º ano da rede fundamental 1 do ensino publico da cidade de Missão Velha-CE.

O desenvolvimento de cada criança é único e é exatamente por isso que o professor alfabetizador precisa ter dicernimento e boa formação para entender o que acontece com o aluno.

Cada educando passa por fases bem definidas de aprendizagem, mas isso não significa que todos percorram todas as fases de maneira uniforme. O processo é dinâmico, ocorrem saltos e as crianças estão sempre em transição entre fases. Não dá para esperar que uma mesma atividade faça com que todos os alunos saiam de uma hipótese de escrita e cheguem a outra, como aconteceu nas produções textuais a seguir, amos pertencem a mesma localidade, estão no mesmo ano e saõ acompanhados pela mesma professor, vale nesse momento ressaltar o ser humano como individuo único e como tal tem sua personallidade definida. Por isso, é necessário fazer diagnósticos e replanejar constantemente.

É preciso fazer intervenções de acordo com as hipóteses de apropriação do sistema de escrita de cada aluno e incentivar a reflexão de cada estudante sobre suas próprias respostas, mas sempre respeitando o processo de desenvolvimento da criança e considerando todo seu percurso. É preciso ajudar a ver quais hipóteses, estudadas pelos alunos faz estão funcionando, como esse educando está avançando e como as reestrutura-lás. Os erros precisam ser corrigidos de acordo com a apropriação do objeto de conhecimento - o que significa que eles nem sempre serão corrigidos no momento em que ocorrem.

No nivel alfabetico a criança começa a compreender o sistema escrito, o que aparentemente nos demostra a gravura B.

De acordo com Frade (2005, p.40) "O aluno muitas vezes é visto como um sujeito que tem um processo lógico de pensamento, de modo que cada "erro" de escrita que produz indica uma hipótese sobre o conteúdo do sistema alfabético de escrita".

Isso evidencia um pouco de como a defasagem no nivel de alfabetização

alcança niveis tão altos.

Figura A

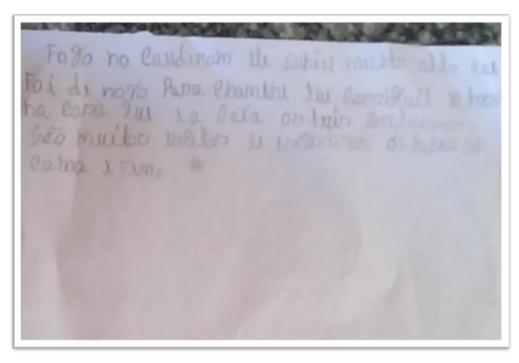
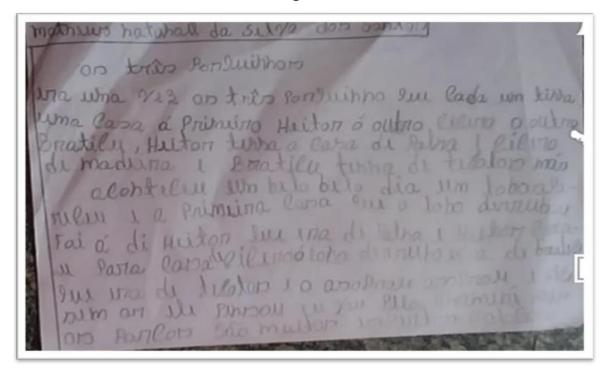


Figura B



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidentemente se tem o fato que o sistema educacional brasileiro apresenta falhas que vêm sendo relatadas, estudadas, porém ainda sem uma solução concreta. A fim de promover uma educação de qualidade às nossas crianças, pesquisas estão sendo desenvolvidas no intuito de sanar os efeitos desse problema. Segundo Lopes e Carvalho (2004) desde a primeira etapa educacional as crianças, de acordo com a educação básica compreendida da creche a pré- escola, ao ingressar na escola, são instruídas a construir seu vocabulário gramatical, não aproveitando, muitas vezes, a precedente da oralidade que trazem consigo e, ao que apontam os dados, nem nesta fase nem nas subsequentes da educação básica e/ou média.

Consideramos as habilidades mecânicas de decodificação da escrita sem reflexão nem diálogo com o texto, um dos maiores entraves para o ensino da língua portuguesa, em especial as questões referentes à produção de textos usando o pensamento crítico.

Saber ler é a base que sustenta toda vida em sociedade, não apenas porque ler é muito importante, mas principalmente porque é a forma mais eficiente de se comunicar, lembrando que a comunicação só se faz eficiente quando temos um locutor que emite determinada mensagem e um receptor que capta, decodifica e entende a mensagem recebida.

Quando falamos, muitas marcas de nossa individualidade são reveladas como, ritmo sonoro, a contextualização da nossa entonação e pausas também de acordo com a nossa cultura; já quando escrevemos o texto passa a ser impessoal, torna-se domínio de quem o lê. Desse modo, as ideias prestadas por quem escreve mostram um afastamento físico diferente da fala que busca aproximar.

Diante do que se disse, o uso do método sintético ou analítico se entrelaçam a fim de chegar a um único fim, a alfabetização. A fala e a escrita são contextualizadas ao partir do meio cognitivo onde estão inseridas. O contexto da fala e da escrita estão ligados a sua situacionalidade. A forma como a mensagem é transmitida interfere diretamente no contexto do que é transmitido, sendo assim, uma das principais diferenças entre fala e escrita está na prosódia<sup>5</sup>; nessa parte da

\_

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Parte da gramática tradicional que se dedica às características da emissão dos sons da fala, como o acento e a entoação.

gramática tradicional pode-se agrupar itens de entonação que diferem da escrita, mesmo a escrita retextualizada perde força perante a fala.

Com isso, entendemos que a fala é uma maneira de representação da língua, bem como a escrita, ambas interligadas e interpostas entre si. Uma é representada graficamente e a outra fonicamente; são elementos variados e únicos. Considerando que nem tudo que está na oralidade, obrigatoriamente deve estar na escrita, lembramos que não falamos letras e assim a escrita não é uma representação da língua. Como práticas discursivas ambas têm sua importância.

#### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irandé Costa Mores. **Muito além da gramática**: por um ensino de gramática sem pedra no caminho. São Paulo: Parábola,2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009. (coleção pensamento e ação na sala de aula).

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização**: história, característica e modos de fazer de professores: caderno do professor? Belo horizonte: CEALE/ FAE/ UFMG, 2005.

KLUNCK, Aline Theobald; PASCHOALI, Daiana Raquel. **Literatura Infantil e a Formação de Leitores: Um olhar para contribuição escola e família**. São João do Oeste - SC, 2016.

PUENTES, Roberto Valdés. **Organização Didática do Processo de Ensino- Aprendizagem**: o Planejamento. Uberlândia: UFU, 2010.

# MEMORIAL DE LEITURA: MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO ENQUANTO LEITORA CRÍTICA

Maria Adriana da Silva Santos

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) adrianassilva19961@gmail.com

Cássia da Silva

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) cassia silv@hotmail.com

**RESUMO:** Este texto visa apresentar a minha trajetória enquanto leitora crítica, todo o desenvolvimento na vivência do mundo da leitura. Compartilho a forma como tinha os gostos pelo que fazia, tendo como base a metodologia utilizada, a (auto)biográfica, uma narrativa que fala de si mesmo e a pesquisa bibliográfica do autor Cunha em (1997), o qual faz reflexões das experiências de leitura e formação dos sujeitos e também os autores Smolka, Vieira(2004). Desta forma exploro todo o processo pelo qual passei, desde a linguagem oral à escrita, já que ambos estão embutidos. Assim a leitura foi de fundamental importância para mim tanto para a escrita como para a linguagem oral fazendo essa busca de experiências do passado aos dias atuais, apesar disso hoje não leio por prazer, mas por necessidade, contudo preciso despertar esse desejo de ler por ser algo agradável, pois a partir disso é que construiremos um mundo mais consciente, com a capacidade de desenvolver a visão crítica de cada cidadão na sociedade em que se vive pela busca da informação e de conhecimento, fatores essenciais para formação de futuros leitores e leitoras, sendo importante também para os docentes que mesmo já formados necessitam está em andamento com a leitura: se o professor exige do aluno que faça uso do ato de ler, ele também precisa está lendo. Este trabalho tem por objetivo resgatar as minhas experiências enquanto leitora critica durante a vida escolar. O texto apresenta todo meu percurso desde os conhecimentos adquiridos no ensino infantil até os dias atuais, em que relato as dificuldades enfrentadas durante o estudo, os pontos positivos e negativos da minha formação. Apresento também as experiências em todos os níveis de ensino fundamental, médio e posteriormente o superior, vivenciei muitas experiência da leitura. Como eram trabalhadas leituras de livros nas instituições e todo aparato para a aprendizagem. Por fim faço uma reflexão acerca de todo período estudantil e mantenho foco para bons resultados e continuar em busca de conhecimentos para o desenvolvimento critico, além de expor uma pesquisa de cunho bibliográfico. Minha infância na escola ocorreu mais tarde do que a de muitos alunos, foi um pouco complicada. Quando criança ingressei na creche para aprender as primeiras noções de estudo, por conta do meu tamanho meus pais tinham medo de me colocar na escola, já que, segundo eles, os outros colegas iriam bater em mim.

Palavras-chave: Instituição. Leitura. Aluno. Memorial e experiência.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo resgatar as minhas experiências enquanto leitora critica durante a vida escolar. O texto apresenta todo meu percurso desde os conhecimentos adquiridos no ensino infantil até os dias atuais, em que relato as dificuldades enfrentadas durante o estudo, os pontos positivos e negativos da minha formação.

Apresento também as experiências em todos os níveis de ensino fundamental, médio e posteriormente o superior, vivenciei muitas experiência da leitura. Como eram trabalhadas leituras de livros nas instituições e todo aparato para a aprendizagem.

Por fim faço uma reflexão acerca de todo período estudantil e mantenho foco para bons resultados e continuar em busca de conhecimentos para o desenvolvimento critico, além de expor uma pesquisa de cunho bibliográfico.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Minha infância na escola ocorreu mais tarde do que a de muitos alunos, foi um pouco complicada. Quando criança ingressei na creche para aprender as primeiras noções de estudo, por conta do meu tamanho meus pais tinham medo de me colocar na escola, já que, segundo eles, os outros colegas iriam bater em mim.

Morava em um sítio bastante distante da creche e não tinha transporte, ia a pé até a escola, às vezes meu pai ia me deixar e quando ele não ia, eu tinha que fazer esse percurso com os primos. Estudava à tarde e chegava à noite em casa, a estrada era perigosa e tinha muitos animais que nos deixavam assustados. O primeiro dia de aula foi um momento de muita ansiedade, não sabia nem ao menos pegar no lápis, mas observava a maneira como os outros alunos agiam em sala.

Eu era aquela criança tímida, não gostava muito de se expor, mas fui conhecendo os colegas, aprendendo as primeiras letrinhas e perdendo a timidez. Meus pais, juntamente comigo, passaram por muitas dificuldades, uma das piores dificuldades era a financeira, mas algumas foram superadas e quanto as outras estamos lutando para superar. O sonho de se formar, ser uma leitora crítica é muito maior do que todos os

problemas que passamos.

No ensino infantil adorava ouvir historinhas quando a professora contava, observava as cenas de cada história e recontava depois. Passava a viajar no mundo da imaginação, não tinha livros, pois naquele período não era ofertado para os alunos, só ouvia história quando o professor contava. O estudo para mim sempre foi importante até os dias de hoje, procuro me esforçar o máximo para alcançar os objetivos.

Sonhava em ser uma professora de Língua Portuguesa, estou quase lá, apesar das dificuldades continuo seguindo em frente para poder adquirir conhecimento e ajudar aqueles que necessitam aprender também, interagir com eles e prender juntos com eles.

Durante a educação básica, caprichava bastante nas letras, e lia tudo que encontrava: revistas, embalagens de comida. Tudo que despertava curiosidade pelo aprender era de fundamental importância para minha vida e foi assim que aprendia. Brincava de escolinha com o irmão e primos para aprender mais ainda, eram momentos encantadores.

Como toda criança, um dos momentos que ficaram marcados na educação infantil foi quando uma colega teve que roubar um lápis meu, isso para mim foi decepcionante. Chorei muito, pois tinha sido um presente da minha mãe, foi então que minha professora Neide me deu um de presente ao ver aquela situação em que eu me encontrava em pura tristeza.

Todos os coleguinhas que estudavam comigo me consideravam muito inteligente. No ensino fundamental foi quando passei a ler livros, comprar cadernos grandes, usar canetas, tudo era encantador. Fazia resumos e tudo que os professores repassavam para fazer, tanto na escola como em casa, com o tempo fui ganhando medalhas e certificados pelas vitorias alcançadas.

Meus pais viram o quanto sofria para estudar e foram juntando um dinheiro até comprar uma casa em Gameleira de São Sebastião, isso foi muito bom, assim pude descansar um pouco e focar cada vez mais nos estudos. A vontade de estudar era imensa e isso era bom, as notas eram boas e os elogios das pessoas eram melhores ainda.

Vieira (2004, p. 4) afirmam que "a família é de grande importância no processo da leitura, já que a criança entra em contato com ela antes da escola, além dos conhecimentos adquiridos no ambiente familiar que são levados para toda a vida." É na família que são adquiridos os primeiros conhecimentos, não só nela mas também na

sociedade em que a criança está atuando e quando a criança inicia seu percurso escolar já leva um aprendizado de casa, aprimorando-se na educação e nos saberes teóricos e práticos.

No ensino fundamental um dos focos principais era a leitura e a escrita, não apreciava o esporte, tinha medo de me machucar e preguiça de correr, pular, etc. A escola apesar de simples, era ótima de se estudar, me interessava em fazer amizades e socializar com todos.

Smolka (1995, p. 31) "diz que a atividade de leitura não é apenas decodificação nem apreensão de um único sentido pré-estabelecido. A leitura envolve também a atividade do leitor que atribui sentidos ao texto a partir das relações das experiências". Ou seja a leitura desperta no sujeito a curiosidade de ir além e de desenvolver o senso crítico, poder defender uma ideia a respeito de determinado assunto.

No ensino médio, o tempo em sala de aula foi aumentando e a vontade de crescer mais ainda, poder me formar, me tornar uma profissional eficaz, ganhar dinheiro futuramente e poder ajudar meus pais. Dessa forma na mesma escola tive a oportunidade de ler e aprimorar conhecimentos.

Eram emprestados livros que através de uma carteirinha definia o dia de ser entregue o livro, assim podia-se levá-lo para casa para ser lido por curiosidade ou/e até mesmo explorado para trabalhos individuais ou em grupo. Através da leitura fui adquirindo conhecimento, foi lendo que obtive uma boa escrita e oralidade, desenvolvi o pensamento, produzi textos narrativos e de outros tipos.

Cunha, Chaigar (2009, p.124) afirmam que as narrativas não constituem uma fidedigna descrição dos fatos, elas são a representação da realidade formada pelos sujeitos sendo a verdade de significados e representações. Ou seja durante toda trajetória de formação buscamos refletir todos os atos e comportamentos enquanto leitores que nos fazem relatar essas experiências de leitura e também de escrita.

O ensino fundamental foi o período mais marcante de minha vida, devido a vivência de momentos de muito aprendizado e de muita emoção. O 9º ano foi a despedida da infância e a preparação para o médio, no final do ano fizemos uma festinha com comidas e também um passeio para um balneário, nos divertimos e despedimo-nos de todos.

No ano de 2012, ingressei no ensino médio, 1º ano, foi um pouco triste, além de

haver a separação de alguns colegas do ano anterior, fomos estudar com pessoas desconhecidas, professores novos e assuntos difíceis. Eram constantes o medo e a insegurança em conviver com aquela nova turma. A escola era grande e oferecia muitos recursos para favorecer o aprendizado de todos os discentes, ofereciam livros didáticos e livros na biblioteca para leitura.

Nesse período fiquei desinteressada não por querer, mas por cansaço, me distrai um pouco e não foquei tanto nesse momento. A escola era localizada em Jamacaru um pouco distante de Gameleira e era oferecido um ônibus para os alunos se deslocarem, esse transporte levava os discentes do 1º ao 3º ano.

Os docentes de Língua Portuguesa passavam trabalhos de literatura voltados para leitura, se liam os livros, faziam os resumos e exploravam o máximo. Logo após se preparavam e apresentavam a turma tudo que havia aprendido essa foi uma experiência muito boa, desenvolvemos a imaginação e o senso crítico, se expondo para os demais e perdendo a timidez, construindo a própria autonomia.

Dessa forma é essencial que o educando e o educar criem em seu ambiente um sistema de respeito onde os mesmos possam se expressar e aprender tudo aquilo que é inovador, interagindo com o docente em que possa haver contextos associados ao assunto da sala de aula com o que o aluno observa fora da escola. Assim torna-se fácil para nós, enquanto estudantes, associarmos os conteúdos às nossas vivências, podemos aprender com mais facilidade e dificilmente esquecer daquilo que aprendemos.

O 3º ano foi de preparação para vestibulares e Enem, foi através do vestibular da URCA (Universidade regional do cariri) que passei para Letras. E no ano seguinte entrei na universidade. As dificuldades aumentavam e assim se deslocar de Gameleira para Missão Velha se tornou complicado. Todos que cursavam lá tinham que fretar um carro e trafegar por uma estrada de terra de difícil passagem no inverno.

Assim se fez, com o passar do tempo, algumas pessoas que já tinham iniciado a faculdade muito antes foram terminando seu curso e deixando de participar do frete, como o preço começou a ficar muito caro, o carro passou a não fazer essa rota e cada aluno tinha que ir cada um por si, sem transporte coletivo.

Atualmente estou casada e meu marido me leva até a localidade de Jamacaru para de lá pegar o ônibus e ir até a faculdade, apesar de todos os obstáculos sei que irei conseguir superar, me formar e realizar esse sonho tão difícil, acredito que vai dar certo,

por coisas piores já passei, mas Deus tem me dado forças para continuar lutando.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluo este memorial e percebo o quanto foi importante todas essa experiências de leitura na vida estudantil. Pude analisar os processos de aprendizagem entre educador e educando, tudo que aprendi na faculdade foi resultado do ensino de bons professores e outros nem tanto, mas foi um resultado que gerou conhecimento independente de ser bom ou ruim.

Cunha (1997, p. 126) "diz que o trabalho com as narrativas é profundamente formativo, pois ao mesmo tempo que ao relatar o sujeito organiza as ideias e faz uma reflexão de sua própria prática." Nesse sentido busquei fazer uma síntese de todo conhecimento adquirido na pratica e na teoria por meio deste memorial, apontando a contribuição de toda família e amigos nesse processo evolutivo. Por fim, verifiquei como foi difícil falar de si próprio, pois tornou-se algo emocionante quando refleti principalmente sobre os primeiros dias de aula e das dificuldades enfrentadas.

#### REFERÊNCIAS

CUNHA, M. I. Conta-me agora! **As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 1-10. 1997.

CUNHA, M. I.; CHAIGAR, V. A. M. A dimensão da escrita e da memória na formação reflexiva de professores: dois estudos em diálogo. *In*: FERREIRA, M. O. V.; FISCHER, B. T. D.; PERES, L. M. V. **Memórias docentes**: abordagens teórico-metodológicas e 119-140.

GOÉS. M. C.; SMOLKA, A. L. B. (Orgs). **A linguagem e o outro no espaço escolar**: Vygotsky e a construção do conhecimento. Campinas-SP: Papirus, 1995.

VIEIRA, L. A. Formação do leitor: a família em questão. In: **SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR III,** 2004, Belo Horizonte. III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação. Acesso em: 10 abr. 2013.

# OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS DURANTE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Maria Damiana Silva Sousa

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

#### Paula Perin

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) paula.perin@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho se propõe analisar a prática pedagógica em dois momentos: inicialmente pelo relato pessoal, através do qual conto minha experiência de alfabetização, relacionando aos métodos de alfabetização principalmente aos métodos sintéticos utilizados na minha trajetória pelas letras, e em seguida pela análise de textos produzidos pelos alunos em fase de aquisição da leitura e da escrita, a partir dos quais refletimos sobre erros comuns na escrita inicial como a escrita espontânea e as relações entre fala e escrita. Erros estes que são desprezados pelos os professores a partir do uso dos métodos tradicionais, sem cogitar de que os alunos aprendem fazendo hipóteses sobre a língua. Os objetivos desta pesquisa é analisar brevemente o processo de alfabetização e os elementos que compõe essa fase como os métodos de alfabetização, já que se sabe que o ensino da leitura e da escrita nessa fase consiste basicamente nesses métodos, bem como a influência desses no papel do professor e do aluno no processo de aquisição da leitura e da escrita. Para embalsar os estudos, foram utilizadas as ideias de Frade (2005), Cagliari (2009), Luna e Silva (2013) entre outros teóricos que nos forneceram aprofundamentos pertinentes sobre os métodos de alfabetização e sobre o controle que estes possuem no ensino da leitura e da escrita. Concluímos com essa pesquisa que a alfabetização ainda consiste nos métodos alfabetizadores tradicionais, e que estes não oferecem um conhecimento efetivo da escrita e do seu uso social. Esse fato explica-se pela rigidez das metodologias adotadas pelos professores que não variam e atualizam os métodos de ensino e ainda insistem em não colocar o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Desse modo, o professor ainda controla o processo de ensino da leitura e da escrita julgando os erros dos alunos a partir dos métodos tradicionais, sem utilizar estes erros como elementos construtivos e sem levar em consideração o processo cognitivo do aluno e suas habilidades para a aquisição da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização. Métodos de Alfabetização.

## 1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é um dos momentos mais especiais da educação escolar, pois é nessa fase que os alunos tomam contato com as letras e aprende a decodificá-las. Acredita-se que as práticas de leitura e de escrita são aprimoradas durante esse processo.

Durante a Disciplina de Princípios Linguísticos para a Alfabetização, foi-nos solicitado escrever um artigo voltado a fim de estudar essa etapa da educação escolar. Foi usado como base de análise minha experiência de alfabetização e algumas amostras de produções textuais de alunos em fase de aquisição da leitura e da escrita.

Diante disso, objetivamos a partir dessa pesquisa analisar a alfabetização em dois momentos distintos: a partir de um relato pessoal de alfabetização e de textos produzidos pelos alunos em fase inicial de leitura e escrita, bem como refletir sobre influência dos métodos de alfabetização, já que se sabe que o ensino da leitura e da escrita nessa fase consiste basicamente nesses métodos.

Desse modo, para fundamentar o trabalho acerca da alfabetização e dos métodos de alfabetização, utilizamos considerações de Cagliari (2009), Frade (2005), Luna e Silva (2013) entre outros teóricos. Também usamos dados obtidos através da pesquisa (auto)biográfica, em que narro minha experiência de alfabetização, e de textos produzidos pelos alunos em fase de aquisição da leitura e da escrita.

Busca-se com esse trabalho proporcionar aos professores uma reflexão sobre suas práticas de alfabetização, a fim de possam fazer uso de diferentes métodos, a fim de que a aquisição da leitura de fato se efetive nessa fase da vida.

#### 2 MINHA TRAJETÓRIA PELO UNIVERSO DAS LETRAS

A minha alfabetização ocorreu na escola da zona rural do município de Milagres, Ceará. A maioria das aulas era no período da manhã, sempre fui uma aluna assídua e raramente perdia uma aula.

A escola não possuía uma boa infraestrutura. Lembro-me de que havia aulas na biblioteca e no pátio. Os materiais didáticos eram raros, os professores utilizavam mais a lousa e folhas brancas espalhadas por toda a sala com letras e desenhos. Também improvisavam bonecos para contar histórias de livros infantis, dentre elas a de Chapeuzinho Vermelho.

No pré-escolar lembro-me de que aprendi a escrever as vogais e algumas letras do alfabeto, mas só na primeira série comecei a rabiscar algumas palavras. Nas séries iniciais, as aulas consistiam em copiar as letras do alfabeto maiúsculas e minúsculas e as vogais retiradas de textos dos livrinhos, que continham um desenho correspondendo cada letra do alfabeto e um pequeno texto com a letra repetida várias vezes. A leitura era mais usada pela professora, que nos contava histórias e pedia para falarmos dos personagens e de suas ações.

A leitura sempre me causou curiosidade, mas aprendi muito devagar a ler, pois a professora nos ensinou a ler juntando sílabas. Durante cada semana, ela trabalhava uma família silábica seguindo a ordem do alfabeto. O ensino consistia na decodificação principalmente em juntar consoantes e vogais para formar palavras.

O ensino por decodificação, minha base de aprendizagem da leitura e da escrita, trata- se de método de alfabetização tradicional, classificado como um método sintético. Os métodos sintéticos consistem na análise das partes mínimas da língua, como as letras, os fonemas, as sílabas. De acordo com Luna e Silva (2013), esse grupo prioriza as relações existentes entre o som e as letras, ou seja, a parte fonológica, e apresenta como característica principal a decodificação. O ensino a partir desse grupo consiste na repetição para se chegar a memorização. Fazem parte dos métodos sintéticos o método alfabético, o método fônico e o método silábico.

O método alfabético tem como elemento principal o alfabeto. Segundo Frade (2005), este método consiste na memorização de todas as letras do alfabeto para, em seguida, juntar essas letras e formar as sílabas e posteriormente as palavras. Para se chegar a ler as palavras, os alunos devem combinar as letras soletrando o nome de cada uma, como exemplo: "be-o- bo, ele-a-la = bola". Desse modo, é complicado para os alunos abstrair os sons que não correspondia à sílaba. Ainda segundo a autora, esse método demorava muito porque as atividades eram repetitivas e sem sentido para os alunos.

Usando também uma parte mínima da língua e o procedimento de memorização, o método fônico tem como unidade de análise os fonemas, possui como elemento principal o som, busca relacionar a palavra falada à escrita. De acordo com Luna e Silva

(2013), além do nome das letras seus fonemas, é necessário que os alunos memorizem todos os fonemas das letras para só depois juntar os sons e formar as sílabas. Para a memorização dos fonemas, era considerado um grau de dificuldade. Por essa razão, o ensino se inicia pelas letras mais simples, depois as complexas.

Inicialmente, são apresentadas as vogais, por haver uma semelhança do nome ao fonema. Posteriormente, mostram-se consoantes que são de fácil pronuncia e regulares como F, J, M, N, V, e Z. Dando prosseguimento, são ensinadas as consoantes de fácil pronúncia, mas que são irregulares, como L, S, R, e X. Após o aprendizado das consoantes facilmente pronunciáveis, são introduzidas as consoantes consideradas de emissão sonora mais difícil, como B, C, P, D, T, G e Q. Por fim, os alunos aprendem o som da letra H e somente depois as letras K, W e Y. (LUNA, SILVA, 2013, p. 22).

O ensino da escrita a partir do método fônico também ocorre em um processo exaustivo. Como vimos, era necessário memorizar todos os fonemas das letras do alfabeto para só depois combinar os sons e ler as palavras. Entre os principais problemas desse método, segundo Frade (2005), está a variação dialetal, pois as palavras apresentam pronúncias diferentes e a escrita continua a mesma e o fato de uma letra apresentar vários fonemas diferentes na palavra. Desse modo, a relação entre a palavra falada e escrita são raramente correspondentes.

Outro método de caráter sintético é o método silábico. Nesse método, o principal elemento é a sílaba, que consiste em estudar as sílabas retiradas de palavras-chave e depois serem descompostas para formar novas palavras. Geralmente, inicia o ensino pelas vogais e os encontros vocálicos (FRADE, 2005). Nesse método, como nos outros, a decodificação é predominante. As atividades consistem em memorizar as famílias silábicas através de atividades repetitivas. A autora pontua uma vantagem nesse método, devido ao fato de que falamos sílabas e não sons isolados. Sendo assim, tal aspecto facilita a aprendizagem da escrita. As desvantagens desse método, segundo Frade (2005), pauta-se no julgamento das sílabas mais fáceis e mais complexas pelos professores sem levar em consideração o conhecimento prévio e o entendimento dos alunos e na artificialidade dos textos geralmente são desvinculados do uso social, e por isso muitas vezes podem não fazer sentido para os alunos.

De um modo geral, os métodos sintéticos que consiste no estudo das unidades menores da língua. Estes oferecem uma rápida memorização pelos alunos, mas a

aprendizagem não é satisfatória, porque esses métodos priorizam somente a parte fonológica e a decodificação. São métodos exaustivos e o conhecimento produzindo é apenas mecânico, pois deixa de lado o sentido dos textos e o uso social da escrita. Todos esses desdobramentos dos métodos sintéticos, alfabético, silábico e fônico fizeram parte da minha alfabetização.

Em contrapartida aos métodos sintéticos, existem os métodos chamados analíticos. Estes já não fizeram parte no meu processo de alfabetização. Os métodos analíticos seguem uma lógica inversa a dos métodos sintáticos: analisa-se primeiro as partes maiores para depois partir para as menores, ou seja, o ensino parte do texto, das frases e de palavras inteiras para depois serem fragmentadas em sílabas e posteriormente em letras. Esses métodos não tem como foco a memorização de letras, fonemas e sílabas, mas a linguagem em uso e o conhecimento global do aluno.

Os métodos analíticos agrupam-se em: Método de Palavração, Método de Sentenciação, Método Global de Contos, Método Natural e Método de Imersão. Todos esses, como já dissemos, enfoca a linguagem como um todo e propõe um ensino em que a aprendizagem dos alunos tenha como ponto de partida o conhecimento prévio deles.

Enfim, fui alfabetizada a partir dos métodos tradicionais, métodos que põe o professor no ensino como detentor de todo o conhecimento. A alfabetização acontece por meio de exercícios repetitivos, visando o acumulo de informações e a memorização dos conteúdos pelos alunos, estes não participando ativamente do processo de alfabetização.

Faz aproximadamente 15 anos que fui alfabetizada. É, de certo modo, "curioso e preocupante" observar uma aula de alfabetização de alunos em fase de aquisição da leitura e da escrita e perceber que o processo de alfabetização ainda ocorre tão somente pelos métodos tradicionais e que os erros da criança não são utilizados como elementos construtivos da aprendizagem.

#### 2.1 Observação em campo

Observamos uma aula de produção textual em uma turma em fase de alfabetização. Pelo que pudemos observar, o uso dos métodos de alfabetização sintéticos (ou tradicionais) ainda prevalece nas salas de aula dos anos iniciais de escolarização.

Na aula, a professora explicou o conteúdo do texto e depois apresentou algumas explicações para que os alunos escrevessem um texto sobre uma festa de aniversário surpresa que seria preparada pelos amigos. Entre essas explicações, apresentou algumas dicas para que os alunos não fugissem do tema. A esses textos, seria atribuída uma nota referente ao  $4^{\circ}$  Bimestre letivo.

Os alunos sentiram muita dificuldade na produção do texto, solicitando o auxílio da professora por diversas vezes na carteira. Os textos produzidos pelos alunos eram para completar a nota do IV bimestre.

Ao término das produções textuais dos alunos, solicitei à professora a cópia de alguns textos. Estes serviram de análise para acompanhar como a escrita da criança se desenvolve e quais princípios regem os "erros" cometidos pelos alunos durante a fase de aquisição da escrita.

Foi interessante verificar que, em alguns textos, a escrita era composta de rabiscos e um emaranhado de letras aleatórias tendo significado somente para o aluno. Sobre esse aspecto, Cagliari afirma:

Num primeiro momento a criança pequena tenta escrever fazendo rabiscos, em geral pequenos, e misturando linhas retas e curvas. Nem sempre faz o rabisco e depois interpreta; as vezes tenta escrever algo que pensou. O resultado é uma escrita cifrada cujo significado só o autor conhece. É interessante perguntar à criança o que quer dizer o seu escrito e anotar as respostas, para poder acompanhar o seu desenvolvimento (CAGLIARI, 2009, p. 104).

Podemos inferir, de acordo com as ideias do autor, que os alunos conhecem a escrita, no entanto ainda não desenvolveu a grafia correta. Nesse momento, a criança ainda está criando hipóteses acerca da ortografia das palavras. Cada criança tem um tempo para desenvolver a prática da escrita, assim cabe ao professor procurar entender o desenvolvimento da escrita dos seus alunos e facilitar que eles adquiram a escrita a partir de seus erros em consonância com a forma ortográfica das palavras.

Sobre os desvios ortográficos cometidos pelos alunos, de acordo com Cagliari (2009), na fase de alfabetização, os alunos tendem a produzir textos espontâneos, mas dada a rigidez dos métodos alfabéticos, os professores costumam considerar somente o erro da criança, não permitindo possibilidades de se usar a língua de acordo com que a criança já sabe.

O incentivo da escrita espontânea produzida pelos alunos lembra aspectos do método natural e do método de imersão, métodos do grupo analítico que levam em consideração o conhecimento global do aluno na aprendizagem da escrita. Segundo Frade (2005), o método natural consiste em os alunos escrever textos com as palavras que eles já conhecem. Como complemento à escrita, os alunos geralmente fazem para facilitar a leitura. Já o método de imersão, de acordo com a autora, segue um procedimento parecido. Consiste em usar as práticas de leitura e de escrita em situações de uso sem muita diretividade, os alunos aprendem de forma natural.

Seguindo com a ideia da escrita espontânea, etapa mal compreendida na alfabetização, é importante ressaltar que os "erros" cometidos pelas crianças servem de crítica pelos professores. No entanto, na perspectiva construtivista Ferreiro e Teberosky (apud LUNA; SILVA, 2013), os erros devem ser encarados como construtivos, pois há uma lógica por trás do erro. A criança que usa "z" no lugar de "s" na palavra "casa", escrevendo "caza", por exemplo, demonstra já ter um conhecimento de que o som /z/ é representado pelo grafema "z", o que ele ainda não aprendeu é que existem diferentes grafemas que representam esse fonema. Neste sentido,

O educador precisa compreender e analisar os erros de seus alunos e enxergálos como um auxílio à sua prática docente, no processo de alfabetização, visto que os "erros construtivos" podem servir de ponto de partida para identificar os saberes já existentes, de seus alunos, assim como os que ainda precisam ser internalizados (LUNA, SILVA, 2013, p. 31).

Um outro aspecto muito comum encontrado na produção dos alunos e considerado pela escola como "erro", foram as marcas da oralidade, fato comum no desenvolvimento da escrita. Como sabemos, os alunos criam hipóteses acerca da escrita e por isso escrevem de acordo como ouve ou pronuncia as palavras. Eles ainda não têm a percepção de que a língua falada não corresponde exatamente à língua escrita. Diante disso, cabe ao docente demostrar que a fala apresenta variedades e que a escrita é mais estável. Desse modo,

A escola naturalmente deve fazer os alunos verem que eles falam não de uma única maneira, mas de várias, segundo os dialetos de cada um, e que, se todos escrevessem as palavras como falam, usando das possibilidades do sistema de escrita como quisessem haveria uma confusão muito grande quanto à forma de grafar as palavras, e isso dificultaria em muito a leitura entre falantes de tantos

O ensino de língua materna, principalmente durante a fase de alfabetização, leva em consideração prioritariamente o ensino da escrita ortográfica, não abrindo possibilidades para o uso efetivo da língua nas suas modalidades falada e escrita. Neste sentido, é urgente que os professores de língua materna leve em consideração também o uso de métodos analíticos durante a alfabetização, a fim de que a criança possa exercer um conhecimento mais amplo acerca da sua língua e, desde cedo, possa se inserir nas práticas de leitura e escrita da sociedade letrada.

#### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como vimos ao longo deste estudo, o ensino da leitura e da escrita ainda se ancora nos métodos tradicionais de alfabetização. Independente da época, o professor alfabetiza do mesmo modo, através desses métodos que estimulam principalmente a decodificação e a memorização.

Tais métodos não oferecem aos alunos possibilidades de aprender com seus erros, já que os conteúdos a partir desses métodos são prontos e resumidos, favorecendo principalmente ao professor que domina todo o processo de aprendizagem.

Sabemos que o processo de alfabetização é complexo, por isso o professor deve fazer uso dos mais diversos métodos de alfabetização para ensinar aos seus alunos a leitura e a escrita, pois cada aluno tem um modo de aprender.

Portanto, concluímos o uso tão somente dos métodos de alfabetização tradicionais não garantem um conhecimento efetivo do uso social da leitura e da escrita. Neste sentido, é urgente que o professor amplie seu conhecimento teórico-prático, a fim de que os alunos nessa fase escolar, desde já, sejam, de fato, inseridos na sociedade letrada.

#### REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

FRADE, Isabel Cristina. **Métodos e didáticas de alfabetização**: história, características e modos de fazer de professores. Caderno do formador. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

LUNA, Franciele da Silva; SILVA, Ruth Andre. <b>Psicogênese da Língua Escrita</b> : o processo de ensino e aprendizagem de alfabetização no 1º ano do ensino fundamental. Disponível em: <a href="http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56174.pdf">http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56174.pdf</a> >. Acesso em: 10 jan. 2019.

## MINHA HISTÓRIA DE VIDA COM A LEITURA

Verilma Valeriano dos Santos

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Paula Perin

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

paula.perin@hotmail.com

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo abordar a minha trajetória de vida no mundo da leitura. Adotamos o método (auto)biográfico e a pesquisa bibliográfica como metodologia para desenvolvimento deste estudo. Como embasamento teórico, utilizo as contribuições de Freire (1989), Villardi (1999) e Vygotsky (2000). As reflexões empreendidas neste estudo nos permitiram observar que, o leitor se forma a partir de diversos fatores, a saber: da influência familiar, do convívio com os livros em casa, na escola e na sociedade, como também pela presença de um bom mediador de leitura, que motive, instigue e que, acima de tudo, seja de fato um leitor por gosto, não por necessidade. A combinação desses fatores pode contribuir para a inserção do indivíduo na sociedade letrada.

Palavras-chave: Memorial. Leitura. Trajetória. Narrativas. Vida.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo relatar minha história de vida como leitora. A ideia surgiu na disciplina de Oficina de Literatura Infantojuvenil, no curso de Letras na Universidade Regional do Cariri, Campus Missão Velha - CE. A proposta da atividade era apresentar uma narrativa oral sobre nossas experiências com a leitura, desde o contato com as primeiras letras até a escolha profissional pelo curso de Letras e a nossa relação com a leitura na vida acadêmica.

Narrar a própria história é sem dúvida muito importante, pois nos faz relembrar, buscar lá no fundo do baú acontecimentos esquecidos, mas que quando trazidos à tona podem ser relembrados, revividos e ressignificados, servindo, inclusive, como material para pesquisas acadêmicas.

Como embasamento teórico, utilizo as contribuições de Freire (1989), Villardi

(1999) e Vygotsky (2000). Tais autores tratam, sobretudo, da leitura, da formação de leitores e da influência familiar na formação do leitor.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: começando com uma pequena reflexão, seguindo por uma identificação pessoal, como iniciou a minha vida escolar, desde a infância até atualidade, família, as dificuldades em adquirir os primeiros livros, os intervalos na minha vida de estudante e durante a faculdade até a disciplina de oficina infanto-juvenil.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao escrever este trabalho, pude reviver lembranças adormecidas, mesmo que muitas vezes sejam dolorosas. Segundo Freire (1989), é enriquecedor mergulhar e relembrar momentos que estão guardados na memória, expor as experiências de uma infância, de uma adolescência, de uma juventude, de um percurso de formação e em relação ao mundo da leitura, pois nos permite refletir o sobre nossa trajetória e construir sentidos sobre nossa existência. De acordo com o autor,

[...]Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti lesado- e até gostosamente- a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas a minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim (FREIRE, 1989, p. 9).

Sou natural do Juazeiro do Norte - CE, mas atualmente resido na cidade de Missão Velha - CE, onde curso o VIII semestre de Letras, na Universidade Regional do Cariri. Neste estudo, relato as minhas experiências com a leitura, desde a alfabetização.

Aos cinco anos de idade comecei a frequentar a creche, porém não sabia ler, já que na creche as crianças só brincam e fazem desenhos para desenvolverem a sua coordenação motora, mas os desenhos não deixam de mexer com a imaginação da criança, toda criança que não sabe ler faz a sua leitura imaginária. Através dos desenhos, elas podem contar várias historinhas e de formas diferentes, e comigo não foi diferente, esse tipo de leitura que é algo que nunca sai de moda, e está sempre presente na vida das crianças.

O meu contato com a escola regular, nos anos iniciais, aconteceu um pouco tarde. Somente aos doze anos entrei na Escola Major Felipe Gomes Ribeiro, na primeira série, na turma da manhã, porém passei poucos dias, pois a coordenação me transferiu para tarde para outra série, justificando que eu já estava fora da faixa etária.

Eu continuava sem saber ler. Recordo-me que a professora Maria sempre pedia que a gente fizesse cópias de alguns textos. E como era muito tímida, tinha vergonha de tirar as dúvidas. Por isso, fazia a cópia de todo jeito, ou seja, copiava tudo errado, e acabava me prejudicando e tirando notas baixas. Lembro-me de eu admirava alguns adolescentes que moravam na mesma rua que eu, pelo fato de observá-los indo para a escola, eles cursavam o Ensino Médio. Eu ficava me questionando, imaginando se algum dia eu teria essa oportunidade. Eu sempre ficava embaixo de uma árvore próxima a casa deles, esperando uma das meninas sair na calçada para que ela me auxiliasse em alguma atividade da escol. Usava o chão como quadro e restos de material de construção como giz para escrever. Ali eu me distraía horas a fio rabiscando letras, sílabas e palavras aleatórias.

Minha família não tinha como me auxiliar nas tarefas escolares, pois os meus pais não sabiam ler o suficiente para me ajudarem em determinadas necessidades escolares. Sabe-se que a presença da família é, sem dúvida, fundamental para a formação de um bom leitor, pois é através do incentivo dos familiares, das leituras imaginárias que os pequenos fazem nas gravuras dos livros infantis, em muitos casos até como ouvintes de histórias contadas pelos parentes, aí que começa a ser plantada a semente do gosto pela leitura. Entretanto, nem toda família teve acesso à educação, ficando essa tarefa delegada apenas à escola.

O estímulo à leitura deve ocorrer não somente na sala de aula, como também no contexto familiar, uma vez que a família é a base para a formação do ser humano. A criança aprende e se desenvolve com o meio em que está inserido, caso não haja interesse pelos pais, os filhos também terão dificuldades em despertar interesse pelos livros (VYGOTSKY, 2000, p. 58).

Os poucos livros a que tive acesso na infância foram contos de fada, como "Rapulzel", que era a minha favorita. Esse acesso só era possível visto que eu prestava favores à esposa do meu tio que trabalhava na casa de um professor e este doava livros para ela, e assim ela me emprestava como forma de retribuição ao favor prestado.

Esses livros muitas vezes vinham rasgados, faltando algumas páginas, o que acabava me deixando saber o que tinha nas páginas seguintes, mas graças a eles que eu

consegui me alfabetizar, e também alfabetizar algumas crianças, inclusive os próprios filhos da esposa do meu tio. Nesse período, passei a ministrar aulas particulares. Eu amava ensinar crianças. Era uma enorme satisfação ver uma criança lendo as primeiras palavras pela primeira vez. Aqueles que não tinham condições de pagar, eu tinha o maior prazer de alfabetizar gratuitamente. Não tem nada mais gratificante do que o reconhecimento de alguém, e saber que fizemos parte da construção de um sonho de pessoa em sua vida escolar.

Sabe-se que a sociedade muitas vezes não perdoa se uma criança chegar a uma determinada idade e não sabe ler. Logo vem o questionamento junto com uma resposta: "uma criança dessa idade e não sabe ler? Pois o meu filho já sabe ler e escrever!". Nunca se questiona o porquê dessa criança, desse adolescente, desse jovem, desse adulto não saber ler. Por trás desse analfabetismo, existem vários fatores que devem ser levados em consideração antes de se fazer um prejulgamento.

Lembro-me de ouvir de uma senhora, certa vez, que uma pessoa pobre não precisava saber ler, só precisava aprender a assinar o seu nome que já seria uma grande coisa. Infelizmente, essa mentalidade faz com que muitas pessoas vivam à margem da sociedade, sem acesso aos bens culturais presentes e necessários à inserção do indivíduo na sociedade letrada. Por ironia do destino, tempos depois esta mesma senhora que requisitou para ler e escrever as cartas para os filhos dela que moravam fora. Em outra ocasião, participei de um concurso de redação, e é com muito orgulho que guardo a medalha por ter vencido o concurso, que envolvia escolas públicas e privadas.

Não me recordo de nenhuma leitura específica no ensino médio, sei apenas que continuei sempre lendo rotineiramente. Durante os anos entre o ensino médio e o superior, passei a dedicar meu tempo na leitura da Bíblia e de algumas histórias bíblicas mais conhecidas a partir de um livro que me foi emprestado.

Nesse período, passei a frequentar um cursinho pré-vestibular. Tive dificuldade nos assuntos ministrados e também no acesso aos conteúdos por falta de material didático. Na época, o acesso à tecnologia era mais difícil, não havia tanto conteúdo disponível na *Internet* como vemos nos dias de hoje.

Na universidade tive contato com diferentes tipos de leitura, não somente literária, como também acadêmica. A leitura é o principal meio de acesso ao conhecimento no universo acadêmico. Tenho ainda certa dificuldade de compreender

alguns textos da área, em especial livros teóricos ou artigos científicos. Gosto mais de ler narrativas, dentre as quais destaco as seguintes obras literárias: "O Seminarista", de Bernardo Guimarães; "Iracema", de José de Alencar; "O Cortiço", de Aluísio Azevedo; "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, entre outras obras.

Como diz Villardi (1999), a leitura vai muito mais além de que um conhecimento. É preciso ensinar o aluno a se emocionar, a sentir gosto de ler, e assim descobrir na leitura novos sentimentos, às vezes até sentimentos desconhecidos. Para isso, é necessário que o professor proporcione momentos de interação e reflexão entre aluno e leitura.

Ensinar a gostar de ler é exatamente isso: é ensinar a se emocionar com os sentidos e a razão, porque para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola; e, para isso, é preciso ensinar a enxergar o que não está evidente, a achar as pistas e a retirar do texto os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se diz. (VILLARDI, 1999, p. 37)

Nessa disciplina de "Oficina de Literatura infanto-juvenil", pude ter contato com os mais diversos textos destinados ao público infanto-juvenil. Essa experiência tem nos proporcionado transitar num universo de livros encantadores. São narrativas que faz qualquer leitor viajar e sonhar. Além das leituras, estamos tendo a oportunidade de criar contos infantis. Com isso, além de ampliar nosso repertório enquanto leitor, podemos vivenciar nosso potencial criativo.

Enfim, meu contato com a leitura foi um pouco conturbado, com dificuldades de acesso ao universo letrado, com intervalos, pausas que a vida às vezes nos presenteia e a gente não tem como dispensar esses presentes. Contudo, em nenhum momento acabei desistindo do mundo das letras. Prova disso é que hoje estou aqui fazendo uso da escrita, narrando minha experiência com a leitura.

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, empreendi a tarefa de relatar minha experiência de leitura ao longo dos anos da minha vida escolar, iniciando ainda que tardia, mas que, com muita dificuldade, pude chegar ao ensino superior. Desde os anos iniciais, tive dificuldade de acesso aos livros e, apesar de a leitura não fazer parte da rotina familiar, considero-me

hoje como uma leitora em formação.

As reflexões empreendidas neste estudo nos permitiram observar que, transportar para o papel a experiência de uma vivência com universo literário é um modo não só de reviver um passado, mas de ressignificá-lo, no sentido de abstrair valores, sentidos e atitudes necessárias para a formação de um leitor.

Neste sentido, destaco que o leitor se forma a partir de diversos fatores, a saber: da influência familiar, do convívio com os livros em casa, na escola e na sociedade, como também pela presença de um bom mediador de leitura, que motive, instigue e que, acima de tudo, seja de fato um leitor por gosto, não por necessidade. A combinação desses fatores pode contribuir para a inserção do indivíduo na sociedade letrada.

#### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

VYGOSTKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

# MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO LEITORA

**Dáfanny Valquíria Alexandre Souza**Graduanda em Letras
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Paula Perin

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) paula.perin@hotmail.com

**RESUMO:** Este memorial tem o objetivo de relatar minha experiência com a leitura desde a minha infância até agora na fase adulta, sendo tanto nas experiências através da família como na escola. Como metodologia, utilizei a pesquisa bibliográfica e o método (auto)biográfico, já que este trabalho se trata de uma narrativa de vida. O referencial teórico adotado foram as contribuições de Cury (2003), Lima (2008), Grazioli e Coenga (2014) e Chené (apud FREITAS; GHEDIN, 2015). Através deste estudo, foi possível perceber que o motivo pelo qual muitas vezes não adquirimos o hábito de ler e o que muitas vezes nos desmotiva a ser leitor é a falta de incentivo dos nossos pais, como também um trabalho cuidadoso e diário no sentido de cativar os alunos para o mundo da leitura, tarefa que não cabe somente ao professor de Língua Portuguesa, mas do corpo docente escolar como um todo, já que a leitura é imprescindível em todas as disciplinas escolares, em todos os níveis de ensino, além de ser necessária à inserção do indivíduo na sociedade letrada.

Palavras-chave: : Leitura. Formação. Escola. Família.

#### 1 INTRODUÇÃO

O interesse por esse estudo surgiu a partir de uma atividade oral realizada na Disciplina de Oficina de Leitura e Produção de Literatura Infantojuvenil, disciplina eletiva do curso de Letras da Universidade Regional do Cariri (URCA), Unidade descentralizada de Missão Velha. Na ocasião, a professora ministrante da disciplina nos solicitou que socializássemos nossa experiência com a leitura, desde o primeiro contato com os livros, nossa relação com eles desde a infância até o nível superior, pontuando os principais livros que marcaram nossa vida. Tal atividade foi desafiadora, pois até então eu não havia refletido sobre a minha experiência com os livros.

Neste sentido, esse estudo tem por o objetivo de relatar minha experiência com a

leitura desde a minha infância até agora na fase adulta, tanto nas experiências através da família, como nos anos escolares, até a universidade. Como metodologia, utilizei a pesquisa bibliográfica e o método (auto)biográfico, o qual trata sobre as experiências vividas, já que contarei aqui as minhas experiências como leitora. Na abordagem biográfica, a narrativa de formação trata da experiência de formação de um indivíduo, ou seja "apresenta um segmento da vida durante o qual o indivíduo esteve implicado num projeto de formação. É, portanto, passando pela narrativa que a pessoa em formação pode reapropriar-se da sua experiência de formação (CHENÉ *apud* FREITAS, GHEDIN, 2015, p. 119).

O referencial teórico adotado para o desenvolvimento deste trabalho foi as contribuições de Cury (2003), Lima (2008), Grazioli e Coenga (2014) e a perspectiva de Freitas e Ghedin (2015). Este trabalho está dividido da seguinte forma: Inicialmente, relato a minha experiência com a leitura nos diversos seguimentos escolares dos quais percorri e os motivos pelos quais acredito terem sido os causadores do meu afastamento da leitura.

#### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Sou da cidade de Missão Velha-CE e no momento estou cursando o VIII semestre do curso de Letras. Relatar a minha experiência com a leitura não vai ser uma tarefa fácil, pois como precisarei voltar no tempo, as lembranças são poucas, mas farei o possível para recordar-me, até mesmo com a ajuda dos meus pais.

Sabemos que a família é o maior responsável pelo nosso desenvolvimento, já que eles são os responsáveis pelo nosso cuidado e formação. Eles nos fazem enxergar a vida de tal forma e crescer com tais crenças, por esse motivo acredito que a família é a principal responsável por nos fazer ter o conhecimento de que a leitura é essencial para a nossa vida. É com a família que aprendemos os valores e hábitos fundamentais para nosso desenvolvimento enquanto indivíduo e cidadão.

Meus pais sempre me incentivaram nos estudos, mas como não tinham concluído os seus e também não tinham o hábito de ler, também não me proporcionavam momentos de leitura. Infelizmente, a minha infância com os livros através da minha família foi uma coisa que não existiu. Recordo-me bem que minha infância com familiares foi apenas com brinquedos e desenhos animados. Sinto que a

minha família falhou incentivadora da leitura. Como afirma Cury (2003, p. 47): "Querem ser pais brilhantes? Não apenas tenham o hábito de dialogar, mas, de contar histórias. Cativem seus filhos pela sua inteligência não pela sua autoridade, dinheiro ou poder. Torne-se pessoas agradáveis, influencie o ambiente em que eles estão".

O primeiro contato com os livros aconteceu na escola, ainda na infância. As histórias contadas me deixavam curiosa e superatenta para saber o final, o que acredito que foi importante para que com o passar do tempo eu iniciar o gosto pela leitura. Recordo-me das leituras dos contos de fada como "Os três porquinhos", "Branca de Neve e os sete añoes", "A Bela adormecida", entre outras.

Comecei meus estudos em uma escola particular, mas isso durou pouco e não tenho muitas lembranças, logo fui para a pública. Não havia bibliotecas, os momentos de leitura eram em sala mesmo, foram tempos bons e prazerosos em que pude ter contato com a leitura.

No Ensino Fundamental I, ainda existia em mim o gosto pela leitura, era o melhor momento das aulas. Gostava também de produzir textos, foram momentos muitos proveitosos. Lembro-me bem de que cheguei a ser a aluna nota dez da sala, pelo fato de desenvolver as leituras cobradas em sala.

Entretanto, no Ensino Fundamental II tudo começou a mudar. Eram várias aulas de professores diferentes no mesmo dia e os momentos de leitura prazerosa passaram a se tornar escassos. Desse modo, logo fui perdendo o interesse pela leitura literária, pois ficava confusa com tanto conteúdo das disciplinas para assimilar. O resultado disso tudo passou a ser desânimo e desmotivação.

[...] é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada. (LINARD; LIMA, 2008, p. 09).

Momentos de prazer com a leitura não existiam, primeiramente que a escola não investia em bons livros e em espaços que nos possibilitasse viajar no mundo dos livros. A leitura ficou um pouco de lado, mas com o tempo veio a necessidade de ler bastante para fazer os trabalhos escolares. Tudo precisava de leitura, mas para mim não era mais a

mesma coisa. Eu lia somente por necessidade. Faltava também uma boa didática do professor de Língua Portuguesa para nos influenciar a desenvolver o hábito de ler.

No Ensino Médio, o gosto pela leitura diminuiu ainda mais, não tinha motivação alguma para ler a não ser para fazer as atividades escolares. Em certo momento, cheguei a me sentir mal por ver outras pessoas falando sobre livros, apreciando as leituras e eu não, pois me sentia "fora da caixinha", diferente de todos. Com o tempo, isso foi se tornando normal para mim, ao saber que eu não era a única pessoa que não gostava de ler.

Conforme Grazioli e Coenga (2014, p. 191),

Partilhar é o termo ideal, porque antes de tudo, leitura é uma experiência que envolve a troca, o diálogo e a interação, muito se ouve falar que os alunos não leem. Há uma questão, no entanto, que deve anteceder a essa: como o professor enfrenta o desafio da leitura? Nesse sentido, o professor que deseja formar leitores e promover em sala de aula precisa se perguntar antes: como me tornei leitor? Como descobri o interesse pela leitura? Qual a experiência de leitura que eu tenho que partilhar com os outros?

Grazioli e Coenga (2014) aponta para algumas atitudes que podem auxiliar o professor a contribuir para a formação de leitores. O julgamento pela falta de leitura dos alunos é constante, porém quase nada é feito para que os alunos se dediquem a ela. É importante que o professor respeite o processo de leitura de cada aluno, sem exigir deste uma leitura sem tropeços de quem ainda está em processo de formação.

Recordo-me de uma professora que era apaixonada pela leitura. Percebo enfim que ela foi minha melhor referência, pois estava sempre a nos mostrar de alguma forma a importância que a leitura teria em nossa vida e o quanto ela seria necessária. Os seus ensinamentos foram o princípio para que eu voltasse a enxergar os livros como bons e essenciais companheiros novamente.

Com 18 anos entrei na faculdade para cursar Letras. Foi um desafio para mim, porque primeiramente escolhi esse curso por falta de opção. O fato de não gostar de ler me assustou bastante, pois pessoas próximas a mim que eram formadas nesse curso sempre me falavam para se preparar porque tinha que ler bastante. Mesmo com medo, sem saber o que queria, segui em frente. Muitas vezes, durante as aulas, pensava estar no lugar certo; outras vezes nem tanto. Na faculdade, tive também contato com obras clássicas da Literatura Brasileira. Acredito que eu me superei de algum modo. Alguns

livros eu não li com preguiça, confesso que outros sim. De um modo geral, a leitura foi uma das coisas pelas quais aprendi a me apaixonar agora depois de adulta, mas não através da faculdade. As leituras que mais me trazem prazer são as que tratam de desenvolvimento pessoal.

Atualmente estou no VIII semestre do curso e cursando uma disciplina eletiva do curso denominada "Oficina de Leitura e Produção de Literatura Infantojuvenil. Posso dizer que este é o momento da minha vida em que mais li. Logo no início da disciplina, a professora pediu-nos para escolhermos dez livros de literatura infanto-juvenil para ler e que elaborássemos nosso calendário de leitura, em forma de portfólio, a fim de que organizássemos nosso tempo para ler um livro por semana. Nessa disciplina, pude reviver o mesmo sentimento do prazer pela leitura lá das séries iniciais, em que a professora lia para nós e contava histórias. Descobri o motivo que lá no passado ainda criança gostava das leituras, pois os livros infanto-juvenil são bem mais atraentes e não há a cobrança de uma atividade a partir da leitura.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste trabalho foi relatar minha experiência com a leitura desde a minha infância até a fase adulta, tanto nas experiências através da família, como na escola e na universidade. Através deste estudo, foi possível perceber que o motivo pelo qual muitas vezes não adquirimos o hábito de ler e o que muitas vezes nos desmotiva a ser leitor é a falta de incentivo dos nossos pais, como também um trabalho cuidadoso e diário no sentido de cativar os alunos para o mundo da leitura, tarefa que não cabe somente ao professor de Língua Portuguesa, mas do corpo docente escolar como um todo, já que a leitura é imprescindível em todas as disciplinas escolares, em todos os níveis de ensino, além de ser necessária à inserção do indivíduo na sociedade letrada. Como acadêmica do curso de Letras, descobri que a leitura é importante em muitos aspectos da nossa vida, além de nos trazer sempre mais conhecimento. Com essa reflexão, pude tomar consciência da importância de cultivar o hábito de leitura.

Foi possível perceber que a falta de uma boa didática de educadores e uma boa preparação da escola atrapalha bastante o processo de leitura dos alunos, e que pais que também não tiveram oportunidades e experiências com os livros acabam por não

assumir um modelo de leitor, fazendo com que seus filhos não tenham um referencial de leitor em casa que possa ser seguido.

Finalizo este memorial com muita emoção por ter me trazido algumas memorias importantes, e com toda a certeza farei com que os meus filhos tenham uma experiência com a leitura bem diferente da minha, ou seja, que os livros possam estar presentes em seu dia-a-dia. Hoje, através dos meus estudos sobre desenvolvimento pessoal, percebo cada vez mais a importância do hábito de ler em nossa vida, o quanto é necessário para nossa evolução. Por essa razão, assumi como compromisso fazer do hábito de leitura uma prática diária, a fim de que possa aprimorar meu desenvolvimento pessoal e profissional como docente.

#### REFERÊNCIAS

CURY, A. Pais Brilhantes Professores Fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREITAS, L. M.; GHEDIN, E. L. Narrativas de formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, n. 19, p. 111-131, jan./jun. 2015.

GRAZIOLI, F. T.; COENGA, R. E. **Literatura Infanto juvenil e leitura**: novas dimensões e configurações. Erechim: Habilis, 2014.

LINARD, Fred; LIMA, Eduardo. O X da questão. **Nova Escola**, São Paulo, n. 18, abr. 2008.

# DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA: RELATOS DE UMA LEITORA EM FORMAÇÃO

#### Ellem Ellyzabeth Barbosa Quirino

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) ellem.ellyzabeth@gmail.com

#### Maria Carolina Pereira da Costa

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

#### Paula Perin

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) paula.perin@hotmail.com

RESUMO: Este memorial de leitura traz à tona os pontos fundamentais da nossa formação leitora, desde a época da Educação Infantil até a Educação Superior. O objetivo desse trabalho é relatar as experiências vividas durante o processo de alfabetização até a entrada no Ensino Superior, passando pelo contato com a leitura e os relatos da sua importância para a nossa formação. Este trabalho tem como metodologia o método (auto)biográfico e a pesquisa bibliográfica. Adotamos como referencial teórico as contribuições de autores como Câmara (2013), que esclarece o que é um memorial e a importância do uso desse gênero na formação acadêmica; Freire (2011), que trata da importância da leitura e o papel da escola e dos professores enquanto agentes influenciadores dos nossos alunos no desenvolvimento, Freitas e Ghedin (2015), que discutem o que são as narrativas de formação, como instrumentos para a formação docente, e Silva, Cavalcante e Silva (2017), que trazem uma discussão sobre o que são os métodos (auto)biográficos e as suas contribuições para a pesquisa de formação de seu conhecimento Com esse estudo, podemos afirmar que a formação leitora não se dá apenas na escola, o acompanhamento da família nesse processo é essencial para que a criança já chegue na escola com interesse pela leitura. O memorial de formação é um gênero textual acadêmico que busca retratar a trajetória de um sujeito durante seu processo de formação. Para Câmara (2013), o memorial é uma expressão específica da cultura acadêmica brasileira, ele não só retrata aspectos privados, do autor que retrata a sua autobiografia, mas também retrata aspectos públicos, pois envolve sujeitos com os quais o autor do texto dialoga durante a sua vivência. Sobre isso, Souza (2007, p. 68) afirma que "o pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas". Por isso, entendemos a importância do memorial para que também possamos refletir sobre a nossa formação. Nesse sentido, nosso objetivo aqui é relatar as experiências de leitura vividas por uma das autores deste estudo desde o seu processo de alfabetização até seu ingresso no Ensino Superior, refletindo assim sobre o seu processo de formação. Adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica e o método (auto)biográfico. Esse método é definido como "um processo de escrever sua própria história a partir do núcleo da formação que se especifica em eixos ligados a aspectos específicos da experiência intelectual e escolar" (CATANI et al., 1997, p. 22 apud FREITAS e GHEDIN, 2015, p. 116). Neste sentido, Silva, Cavalcante e Silva (2017, p. 1692) ao abordarem esse método, afirmam que "as narrativas (auto)biográficas implicam no processo de (re)construção de sentidos e significados do fazer docente, pois estas auxiliam a formação de professores em qualquer espaço educativo".

Palavras-chave: Leitura. Formação. Escola. Aluno.

# 1 INTRODUÇÃO

O memorial de formação é um gênero textual acadêmico que busca retratar a trajetória de um sujeito durante seu processo de formação. Para Câmara (2013), o memorial é uma expressão específica da cultura acadêmica brasileira, ele não só retrata aspectos privados, do autor que retrata a sua autobiografia, mas também retrata aspectos públicos, pois envolve sujeitos com os quais o autor do texto dialoga durante a sua vivência. Sobre isso, Souza (2007, p. 68) afirma que "o pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas". Por isso, entendemos a importância do memorial para que também possamos refletir sobre a nossa formação.

Nesse sentido, nosso objetivo aqui é relatar as experiências de leitura vividas por uma das autores deste estudo desde o seu processo de alfabetização até seu ingresso no Ensino Superior, refletindo assim sobre o seu processo de formação. Adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica e o método (auto)biográfico. Esse método é definido como "um processo de escrever sua própria história a partir do núcleo da formação que se específica em eixos ligados a aspectos específicos da experiência intelectual e escolar" (CATANI *et al.*, 1997, p. 22 *apud* FREITAS e GHEDIN, 2015, p. 116). Neste sentido, Silva, Cavalcante e Silva (2017, p. 1692) ao abordarem esse método, afirmam que "as narrativas (auto)biográficas implicam no processo de (re)construção de sentidos e significados do fazer docente, pois estas auxiliam a formação de professores em qualquer espaço educativo".

Como referencial teórico, utilizamos as contribuições de Câmara (2013), que trata da importância do memorial na formação acadêmica; Freire (2011), que aborda a

importância da leitura e o papel dos docentes e da escola enquanto agentes influenciadores dos nossos alunos no desenvolvimento de seu conhecimento, Freitas e Ghedin (2015), que discutem o que são as narrativas de formação, como instrumentos para a formação docente e Silva, Cavalcante e Silva (2017), que trazem uma discussão sobre o que é o método (auto)biográfico e as suas contribuições para a pesquisa de formação.

Este trabalho tem a seguinte organização: apresentarei inicialmente todo o relato de uma das autoras sobre sua trajetória estudantil, desde o Ensino Infantil até o Ensino Superior, relacionando suas experiências com os autores que serviram de fundamentação teórica para a produção desse estudo. Por fim, tecemos nossas considerações finais, em que destacamos nossas considerações sobre como se forma um leitor com base em nossa experiência.

# 2 O BREVE RELATO DE UMA FORMAÇÃO INACABADA

Nasci na cidade de Mauriti, interior do estado do Ceará. Meus pais, enquanto moços, não tiveram tanta oportunidade de terminar os seus estudos. Meu pai cursou somente até o primeiro ano do Ensino Médio, minha mãe desistiu dos estudos antes de concluir o Ensino Fundamental. Por esse motivo, eles sempre exigiram e foram grandes incentivadores para que eu e meus dois irmãos estudássemos e tivéssemos apreço aos estudos. Sempre nos ensinavam a ler, e quando ingressei na educação infantil já sabia escrever meu nome completo e algumas palavras simples, pois como trata Ferrarezi Jr. (2013), os pais são o exemplo para a formação leitora dos seus alunos, e eles precisam se dar conta disso e não esperarem apenas para que o aprendizado se dá na escola.

Minha carreira enquanto estudante se iniciou em 2002. Morávamos no sítio e nos mudamos para a cidade para que eu pudesse morar mais perto da escola e assim facilitar os estudos. Lembro-me de que nos primeiros dias de aula não gostava da escola e não consegui me adaptar por um bom tempo. Iniciei na escola no ensino infantil aos 4 (quatro) anos de idade e todos os dias minha tia ia ficar comigo na escola, pois eu não gostava do ambiente, mesmo as aulas sendo bastante divertidas e a professora sempre buscando nos fazer se sentir confortáveis no ambiente escolar.

No ano seguinte, entrei para a alfabetização (1º ano). Foi lá onde se iniciou o

processo de leitura e escrita. Nessa série, como já estava com 1 (um) ano de escola e acostumada com os colegas e professores, foi mais fácil a permanência na escola para assistir as aulas. As aulas eram, geralmente, divertidas e com várias técnicas diferentes de ensino. A professora nos fazia ler palavrinhas, que depois textos e nos mandava cópias de textos para fazermos em casa.

Sobre essa técnica de ensino, Freire (2011) afirma existir uma compreensão um tanto errônea de que os professores têm de ensinar a ler e escrever, pois o processo de ensino da leitura e da escrita não se dá apenas pela insistência do professor de que o aluno leia e aprenda os textos que ele escolhe, mas que o professor seja apenas um incentivador da leitura, para que os alunos desenvolvam o hábito a partir do que eles querem ler, pois isso facilita até a sua compreensão sobre o texto lido.

O 2º ano foi o ano em que eu menos produzi na escola, pois não gostava da professora e nem dos colegas. Isso fez com que eu aprendesse e desenvolvesse menos na escola, pois nunca queria participar das atividades. A professora não gostava de ensinar e muitas vezes tratava mal alguns alunos. Por essa razão, muitos de nós começamos a ficar desgostosos com a escola, pois a função de professor requer "cuidar e educar para vida, para que cada educando possa construir sua história baseada nos valores morais e éticos, podendo assim, exercer a cidadania" (SILVA, 2013, p. 9).

Eu sempre fui uma criança que gostava muito de ler e de escrever na escola. Em todas as séries do Ensino Fundamental I, tínhamos em todos os bimestres uma prova de redação. Essa prova era uma Ficha de Leitura. Nós líamos os livros e respondíamos as perguntas desses livros. Como meus pais também eram grandes incentivadores do nosso desenvolvimento com a leitura, sempre eles compravam os livros e, quando estávamos com preguiça de ler, eles liam para nós, pois assim aprendíamos a história também.

Contudo, minha trajetória e meu apreço pela leitura se consolidaram realmente em meados do ano de 2010, quando cursava o 8º ano do Ensino Fundamental e decidi, juntamente com minha irmã, comprar alguns livros de uma colega que vendia. Essa experiência foi única na nossa vida, pois o primeiro livro que compramos foi *Amanhecer*, da Saga *Crepúsculo*. Como afirma Ferrarezi Jr. (2013, p. 12) "[...] até coisas mais esdrúxulas, como a série Harry Potter e a vampiresca série "Crepúsculo", acabam servindo para uma relação cinema-livro que pode conduzir o jovem ao gosto pela

leitura". Depois de assistirmos ao filme, tivemos vontade de saber mais daquela história e recorremos ao livro, o que culminou em nos tornar leitores. Como era um livro de muitas páginas em relação aos livros que costumávamos ler, isso foi para nós um grande desafio.

Após a leitura desse livro, achamos interessante e passamos a comprar mais livros. Inicialmente, era 1 (um) livro por mês. Depois de algum tempo passamos a comprar muitos livros e sempre mantivemos esse hábito de leitura, ainda que fossem *best-sellers*. Essas atitudes nos fizeram aprimorar nossa leitura e entendermos melhor o que estamos lendo.

Na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, passei por um choque de mudança de realidade, pois a maioria dos meus colegas não gostava de ler e nunca tinham lido um livro completo na vida. Isso foi estranho no início, mas como era numa escola profissionalizante e passávamos o dia inteiro na escola, passei a frequentar a biblioteca da escola para ler todos os dias no horário do almoço.

Foi nessa época que passei a ter contato com diversos livros clássicos da literatura brasileira. Acredito que isso acentuou ainda mais a vontade que eu tinha de ser professora, pois via a falta de interesse que os alunos tinham pela leitura, pela escrita e desenvolvi o propósito de ser uma professora que servisse de inspiração para os seus alunos, pois "a escola proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje, parece que os alunos vão para a escola, na maioria das vezes, desanimados, sem vontade de lá estar" (ANDRADE, 1999, p. 3 *apud* SILVA, 2013, p. 15).

O Ensino Médio foi a época em que mais me desenvolvi enquanto leitora, não só pelo desejo que sentia de ler, mas também pelo incentivo que a escola nos dava, trazendo diversas forma de gincanas, peças teatrais, tudo isso girando em torno da leitura. Isso foi um grande incentivo no nosso desenvolvimento enquanto leitores, pois como afirma Freire (2011, p. 53), "fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado".

Deste modo, posso afirmar que essa escola não estava preocupada somente em fazer parte de uma representação da nossa vida intelectual, mas ela nos ajudou e nos incentivou a construir a nossa história e fez parte do nosso desenvolvimento enquanto

adolescentes e estudantes. Isso foi uma grande influência também para a minha escolha da faculdade e sobre qual curso ingressar no Ensino Superior após sair do Ensino Médio.

Desde o Ensino Fundamental eu tinha o desejo de ser professora, mas nunca sabia o que eu realmente queria ensinar. Só com o tempo fui percebendo que minha matéria preferida era Língua Portuguesa. Assim, já no Ensino Médio, decidi que eu queria cursar Letras e que queria ser uma professora de Língua Portuguesa.

De início, o desejo e interesse pelo curso foram motivados pela área de Literatura, pois sempre gostei muito dos estudos sobre literatura e durante o meu Ensino Médio me tornei uma apreciadora dos clássicos da literatura brasileira, através das obras de José de Alencar, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Rachel de Queiroz, Vinícius de Moraes. Porém, quando entrei no curso e comecei a cursar as outras disciplinas, percebi a área de Letras é ampla, existindo inúmeras possibilidades de atuação além da área da Literatura. Neste sentido, quero ser uma professora que faça a diferença na vida dos meus alunos. O que eu realmente quero é que eles percebam que os professores se importam com o seu desenvolvimento. Eu quero ser, na vida de muitos adolescentes, a influência que muitos professores foram pra mim e quero que, assim como eu, eles tenham professores que façam com que eles sintam prazer em ler um livro, não leiam apenas porque o professor pediu, mas que leiam porque sentem prazer na leitura e consideram-na fundamental para o seu crescimento.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Hoje, prestes a concluir a graduação, vemos a importância que a leitura teve na nossa vida, o quanto ela ampliou o conhecimento que temos hoje e o quanto ela nos fez crescer também como ser humano. Como trata Freire (2011, p. 30), "a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê- lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente". Vemos o quanto ler é importante e o quanto a leitura nos faz ver o mundo de outra forma, dando-nos a capacidade de poder transformá-lo, além de ampliar nossa capacidade de sermos leitores críticos e criadores de uma identidade própria.

Assim, com base no nosso relato das experiências vividas com o universo da leitura, desde a alfabetização até a entrada no Ensino Superior, podemos afirmar que, a

formação leitora não se dá apenas na escola, o acompanhamento da família nesse processo é essencial para que a criança já chegue à escola com interesse pela leitura e que esse interesse venha de casa, pois como retrata Ferrarezi Jr. (2013), a escola sem o apoio da família raramente consegue desenvolver na criança o gosto pela leitura, mas se ela já chega à escola gostando de ler e se interessando por essa prática, desde os anos iniciais, nada consegue fazer com que ela perca o gosto pela leitura.

#### REFERÊNCIAS

CÂMARA, S. C. X.; PASSEGGI, M. C. F. B. S. P. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. *In*: PASSEGGI, M.C.; VICENTINI, P.P; SOUZA, E.C. (Org.). **Pesquisa** (auto)biográfica: narrativas de si e formação. Curitiba-PR: CRV, 2013, p. 29-47.

FERRAREZI JR., C. A leitura em casa: a participação da família no ensino sistemático da leitura na fase infanto-juvenil. **Trem de Letras**, v. 1, p. 14-28, 2013. Disponível em:

<a href="https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:94WD200xGswJ:https://publicaco">https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:94WD200xGswJ:https://publicaco</a> es.unifal-

mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/download/163/95+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 09 fev. 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREITAS, L. M.; GHEDIN, E. L. NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, n. 19, p. 111-131, jan-jun, 2015.

SILVA, J.; CAVALCANTE, F. L.; SILVA, E. P. Método (auto) biográfico e a pesquisa formação. **Atas**, Investigação Qualitativa em Educação, Salamanca, v. 1, p. 1688-1697. Disponível

em:

<a href="https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1522/1479">https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1522/1479</a>. Acesso em: 11 fev. 2019.

SOUZA, E. C. **(Auto)biografia: História de vida e prática de formação**. EDUFBA: Scielo Books, 2007.

# A EXPERIÊNCIA NO MUNDO DA LEITURA: O FLASHBACK DE UMA VIDA

Luana Alves de Lima Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) lua.lima016@gmail.com

#### Paula Perin

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) paula.perin@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como finalidade relatar minha trajetória de experiência do contato com o mundo da leitura através de marcos que se construíram na minha vida. A atividade de narrar leva o nosso eu do presente a dialogar com nosso eu do passado. Utilizamos o método autobiográfico e biográfico tal como expressam Thomson (1997), Frison e Simão (2011), Piovesan (2007), Souza (2007), Martins (1988), além de autores que abrangeram no seu campo de estudo as contribuições para a formação de leitores, ressaltando assim que, a execução da escrita do memorial conta com uma reflexão daquilo que fomos, desde a nossa infância até o que somos hoje, acrescentando ainda que, acontece um flashback em muitos momentos, é verdadeiramente uma viagem, voltamos ao tempo, é a oportunidade de vivenciarmos uns pequenos instantes momentos emocionantes. Através do método (auto)biográfico, as nossas lembranças se transformam em linguagem, cada recordação é importante para a consolidação da trajetória da nossa vida refletindo no nosso presente e naquilo que somos. A partir desse estudo foi possível constatar que a nossa formação enquanto leitor acontece em todas as etapas de nossas vidas, que a família, a escola e a Igreja são colaboradores desse processo, sendo que, quando o leitor é formado no âmbito familiar, ou seja, quando ele tem contato com a leitura em casa, adquire mais facilidade para lidar com signos, além de desenvolver um senso crítico mais cedo. Este memorial tem como finalidade relatar minha trajetória no mundo da leitura através de marcos que se construíram na minha vida. A ideia se deu a partir de uma proposta apresentada durante a disciplina eletiva de Oficina de Literatura Infanto-juvenil do curso de Letras/Português na Universidade Regional do Cariri (URCA), Campus Missão Velha. Inicialmente a proposta era pra ser um trabalho oral, mas em ocasião a Semana de Letras mudou para escrito. No início foi bem dificultoso, mas aos poucos foi se tornando uma atividade prazerosa, é um verdadeiro flashback que nos leva ao encontro com o nosso eu do passado, dialogando com o nosso eu no presente. O que acontece é que, quando escrevermos sobre nós mesmos, exige-se um esforço maior. Afinal, tudo aquilo que escrevemos alcançará outras pessoas, outro mundo diferente do nosso e isso de certa forma nos preocupa.

Palavras-chave: Experiência. Leitura. Narrativa de vida.

# 1 INTRODUÇÃO

Este memorial tem como finalidade relatar minha trajetória no mundo da leitura através de marcos que se construíram na minha vida. A ideia se deu a partir de uma proposta apresentada durante a disciplina eletiva de Oficina de Literatura Infanto-juvenil do curso de Letras/Português na Universidade Regional do Cariri (URCA), *Campus* Missão Velha. Inicialmente a proposta era pra ser um trabalho oral, mas em ocasião a Semana de Letras mudou para escrito.

No início foi bem dificultoso, mas aos poucos foi se tornando uma atividade prazerosa, é um verdadeiro *flashback* que nos leva ao encontro com o nosso eu do passado, dialogando com o nosso eu no presente. O que acontece é que, quando escrevermos sobre nós mesmos, exige-se um esforço maior. Afinal, tudo aquilo que escrevemos alcançará outras pessoas, outro mundo diferente do nosso e isso de certa forma nos preocupa.

A fundamentação teórica encontra-se baseado em pesquisa bibliográfica, destacando os autores Frison e Simão (2011), Piovesan (2007), Ferraroti (1988), Vieira (2004), Martins (1988), entre outros autores que se fizeram necessários.

Através do método (auto)biográfico, as nossas lembranças se transformam em linguagem, cada recordação é importante para a consolidação da trajetória da nossa vida refletindo no nosso presente e naquilo que somos. Segundo Piovesan (2007):

A autobiografia permeia o campo da memória, a formulação de texto sobre a própria trajetória de vida se faz através de um recurso da memória, resultada da lembrança que se transforma em linguagem adicionada à imaginação e ao olhar particular sobre aquilo que se passou, recriando situações a partir do ponto que se fala, do presente que se escreve e se lembra (PIOVESAN, 2007, p.03).

O método biográfico, de acordo com Benelli (2014, p.07) tem obtido cada vez mais espaço nas pesquisas acadêmicas, pois ele "[...]coloca em conexões fenômenos sociais diferentes com a experiência pessoal, de modo a compreendê-la de maneira nova, diferente".

Sendo assim esse trabalho se encontra dividido em dois tópicos: "Meus primeiros

passos no mundo da Leitura", que trata da minha infância e a formação leitora do Ensino Fundamental até os dias atuais no Ensino Superior e, no tópico seguinte, "As Leituras que marcaram", abordo a exposição de livros que fizeram parte da minha vida e deixaram marcas especiais.

#### 2 MEUS PRIMEIROS PASSOS NO MUNDO DA LEITURA

O ato de narrar é próprio do ser humano. Frison e Simão (2001) afirmam que, quando narramos a si mesmos, aos outros, e à vida, ressignificamos "[...] experiências, vivências, aprendizagens, dando-lhes novo significado" (FRISON & SIMÃO, 2001, p.198). Neste sentido, empreendo aqui a tarefa de narrar a mim mesma como leitora, construindo sentidos em relação à leitura ao longo de minha vida escolar e acadêmica.

Como destaca Souza (2007),

A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existências do sujeito narrador (SOUZA, 2007, p. 64).

Confesso que vai ser um pouco trabalhoso, mas ao mesmo tempo uma atividade prazerosa. Dizem que "recordar é viver" e sem dúvidas a experiência no mundo da leitura éum marco importante na vida de qualquer ser humano. Acredito que o primeiro contato de todos nós com a leitura foram como ouvintes, as histórias contadas por nossos pais e avós nos levam ao mudo de descobrimento de uma ideia construída de início, meio e fim, de histórias com finais tristes e alegres e que perpetuará nosso cognitivo para sempre.

Sempre morei na Vila Pinheira, dos filhos eu sou a segunda, então meu irmão mais velho tem uma parcela de contribuição. Lembro-me de que ele ia para escola e, quando chegava, fazia reforço escolar com meu tio, que focava mais na ortografia dele. Um dia, meu irmão saiu e deixou sobre a mesa o livro, o caderno e o lápis. Eu sequer imaginava o que era aquilo, o que tinha em mente era somente a imagem dele escrevendo (hoje tenho conhecimento que esse é o nome). Tive a ousadia de olhar o texto e fazer o mesmo que ele estava fazendo: olhava para o texto e copiava no caderno. Ler? Não sabia, nem imaginava que teria essa etapa de vida.

Ao retornar e ver que a tarefa estava feita, meu irmão ficou todo feliz, pois por

incrível que pareça, eu dei continuidade à lição onde ele tinha parado. Entretanto, quando ele foi mostrar ao meu tio, este percebeu que tinha dois tipos de letras e o fez refazer a lição novamente. Muitos risos eu provoco ao recordar desse acontecimento, que concebo como o meu primeiro contato com os livros.

Como já havia dito, o nosso primeiro contato é como ouvinte, meu avô, já falecido contava-nos histórias. Tínhamos o costume de toda noite nos reunirmos com ele, momento de muita descontração. Ele tinha uma facilidade para inventar histórias. O mais incrível é que sempre nos deixava uma lição de sermos obedientes aos nossos pais. Meus primos e eu sempre fazíamos perguntas, porque o nome dos personagens era igual ao nosso, tinha as mesmas características, a mesma idade, a maneira que nos conduzia era de forma amorosa, tão cuidadosa, que a noite era a parte mais esperada do meu dia.

Sempre estudei em escola pública. Engraçado, até os meus primeiros rabiscos estão vindo à minha mente. A professora da alfabetização sempre levava textos para sala de aula, trabalhava as sílabas. Quando ela lia era fantástico, entendi que aprender a ler assemelhasse a aprender a andar. A gente vai engatilhando, engatinhando, até andar em passos largos. Minha maior motivação para aprender a ler foi a formatura do ABC, pois fui escolhida para ler um pequeno discurso. Eu treinava dia e noite, esperava ansiosamente por conseguir ler. Quando consegui, foi uma festa, uma alegria que não cabia no meu coração. No grande dia, o nervosismo tomou conta de mim, afinal ali estava repleto de pessoas, não somente meus colegas. Enfim deu tudo certo, na minha cabeça ali era o ápice.

Fui evoluindo até chegar ao Ensino Fundamental, daí então fui descobrindo que muito mais tinha a aprender. A frase "Ler é viajar sem sair do lugar", estampada na parede da sala de aula, despertou um interesse misturado com curiosidade: "como assim, viajar sem sair do lugar"? Aquilo era um enigma pra mim, não entendia, não compreendia, mas também não perguntava. Fui seguindo com essa frase na minha mente. Já lia pequenos livros como "Chapeuzinho Vermelho". O contato com os livros em casa me ajudou a não ter tanta dificuldade na escola, pois como afirma Vieira (2004, p. 6), "o leitor formado na família tem um papel pouco diferenciado daquele outro que teve contato com a leitura apenas ao chegar à escola". Neste sentido, quando no âmbito familiar se tem a oportunidade de sermos leitores, desenvolvemos o senso crítico mais cedo e temos mais facilidade de inserção no universo letrado.

Os livros que tinha contato nos anos iniciais de escolarização estavam voltados mais para visual, ou seja, através das ilustrações era possível fazer uma predição do que ali tratava a história. Esse primeiro contato, segundo Martins (1988), propicia às crianças "a descoberta de um livro como objeto especial, diferente dos outros brinquedos, mas também fonte de prazer" (MARTINS, 1988, p.43).

No dia da família na escola, minha sala foi responsável por apresentar a música "O Cravo e a Rosa". E assumi o papel de Rosa. Para fazê-lo, era necessário saber ler. Dediquei- me com afincoe lembro-me de que a apresentação foi linda.

O mais fantástico é que a leitura te acompanha além das quatro paredes de uma sala de aula. Ela é para a vida. Está presente no simples cartaz de propaganda até nos maiores livros. Vim de uma família que professa a Fé Católica Apostólica Romana. Sempre fui às Missas e o que mais me chamava atenção era a parte da Liturgia da Palavra, no qual leigos proclamam as leitura sugeridas naquele dia. Meu coração ansiava por estar ali, pois eu sabia que não era meramente ler, eu ouvia entre as pessoas que era necessário fazer uma boa leitura, pois o modo como se lê, em voz alta e com a adequada entonação da voz, tinha por objetivo comunicar corretamente, através da leitura, "a Palavra de Deus à assembleia".

Meu sonho de ler na Igreja só crescia a cada dia, era como se meu mundo de leitura só se concretizasse quando eu conseguisse, até pedia nas minhas preces para Deus conceder esse dom. Era assim que eu escutava das pessoas, então eu me doava. Até que um dia meu tio me fez um convite para proclamar. Recordo-me que era a primeira leitura (que sensação boa lembrar esse dia). Foi um dia espetacular. Daquele dia em diante passei a fazer parte da Pastoral Litúrgica na qual tenho maior orgulho de fazer parte até os dias de hoje.

Ao ingressar no Ensino Médio, fui aos poucos gostando das obras literárias, dava uma satisfação concluir a leitura do livro. Em 2014, o livro mais procurado em nossa escola era "A marca de uma lágrima", de Pedro Bandeira. O livro não parava nas prateleiras da biblioteca, foi um verdadeiro fenômeno.

Durante o Ensino Médio, pude fazer parte do "Chá Literário", projeto interdisciplinar que tinha por objetivo motivar os alunos para a leitura literária. Ao término de determinado período, havia um momento para a socialização das leituras. Eu amava participar, era um momento riquíssimo, que só comprova que podemos aprender

além das quatro paredes da sala de aula. O professor assume um papel importante nesse plano de apresentar o mundo da leitura aos alunos, independente da sua bagagem leitora, ou seja, "a maneira que o professor realiza essa tarefa será decisiva para despertar ou não o interesse pela leitura" (RAIMUNDO, 2007, p.109).

Em 2015, ingressei no Ensino superior. Criei tantas ideias sobre essa etapa e nenhuma se confirmou. Tive contato com textos acadêmicos, adquirimos autonomia para sermos pesquisadores e escritores e, mais do que isso, de contribuirmos para posteriores estudos com a publicação de artigos.

Apesar das opiniões contrárias quanto à minha escolha acadêmica e profissional, foi na universidade que consolidei meu apreço à Literatura. Foi nesse cenário em que realmente compreendi a importância, o seu caráter transformador da literatura na vida das pessoas.

#### 2.1 As leituras que me marcaram

Depois de realmente aprender a ler, tudo o que encontrava lia. Dado esse interesse, passei a ganhar livros de presente. O primeiro foi uma Bíblia, pois eu fazia parte um projeto chamado "Santas Missões Populares" que orientava a leitura de todo o evangelho de São Lucas. Era um desafio para mim, pois ainda era iniciante na leitura, mas com o auxílio do grupo de estudo eu ia assimilando as leituras.

Sempre tem aquele livro que marca a nossa vida, aquele livro que, por um minuto, gostaríamos de sermos o escritor dele para darmos um novo rumo àquela história. No meu caso, esse livro foi "Amor de perdição" de Camilo Castelo Branco, porque quando nos deixamos envolver por aquilo que lemos, nós adentramos nesse mundo. Foi isso que aconteceu comigo. Como queria estar lá para não deixar Mariana se jogar naquele mar por um amor não correspondido... Também me inquietava o fato de saber se Capitu traiu ou não Bentinho em "Dom Casmurro". Apesar de já ter lido essas obras outras vezes, a leitura não perde seu valor, nos atentamos a coisas que antes não tínhamos percebidos. Neste sentido, Calvino (1999) declara que "Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha pra dizer. Toda leitura de um clássico, é uma leitura de descoberta com a primeira" (CALVINO, 1999, p.01).

A minha entrada na Pastoral Litúrgica foi um grande marco. Todas as segundas

feiras nós nos reuníamos para as leituras dos textos bíblicos e trabalhávamos, além da compreensão dos textos, estratégias para se fazer uma boa leitura em voz alta. Até hoje existem esses encontros os quais não sou mais tão presente, em virtude das aulas de graduação.

Ao longo dessa reflexão, percebemos que as histórias que relembramos:

[...] não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e nos moldam para que se ajustem as nossas identidade e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido (THOMSON, 1997, p. 57).

Ao longo do tempo, percebi que, na verdade, a nossa etapa como ouvinte nunca acaba. Um escritor com mais de cem livros publicados continua sendo ouvinte. Essa é uma atividade necessária na construção de um bom escritor, ou seja, somos eternos leitores. Lajolo (1993) enfatiza que: "Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se lê livros geralmente nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida". Dito isso, ressalto que a leitura tem essa dimensão de transformar, ajudar e dialogar com o nosso humano, com o social, com emocional, com nossa vida.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve por objetivo minha trajetória leitora ao longo de minha formação escolar e acadêmica. A partir desse estudo foi possível constatar que a nossa formação enquanto leitor acontece em todas as etapas da vida. A família, a escola e as instituições religiosas desempenham um importante papel na formação do leitor.

#### REFERÊNCIAS

CALVINO. (Tradução Nilson Moliun). **Por que ler os clássicos**. Companhia de Letras, 1999.

FRISION, L. M. B.; SIMÃO, A. M. V. **Abordagem (auto) biográfica**: narrativa de formação e de autorregulação da aprendizagem revelada em portfólios reflexivos. Porto Alegre: Educação, 2011.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática,

1993. MARTINS, M. H. O que é leitura. 8. ed. São Paulo: Brasilense, 1988.

RAIMUNDO, A. P. P. A mediação na formação de leitores. *In*: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUISTICOS E LITERÁRIOS, 3., 2007, Maringá. **Anais**... Maringá, 2007. Disponível em:<a href="http://ple.">http://ple.</a>

br/3celli\_anais/trabalhos/estudos/literários/pdf\_literários/010.pdf> . Acesso em: 10 fev. 2019.

PIOVESAN, G.K. **Biografia, trajetória e história**. Florianópolis: 2007. Disponível em: <https://www.cfh.Ufsc.br/abho/abho4/pdf/Greyce/20kely.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SOUZA, E. **(Auto) biografia**: História de vida e prática de formação. Rio de Janeiro: Scielo Books, 2007.

THOMSON, A. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e a memória. REDIB v.15, p.51-84, São Paulo, 1997.

VIEIRA, L. A. **Formação do leitor**: a família em questão. v. III. Belo Horizonte: Seminário Biblioteca escolar, 2004.

# MEMORIAL DE UMA LEITORA EM FORMAÇÃO

Maria Carolina Pereira da Costa

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

#### Ellem Ellyzabeth Barbosa Quirino

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) ellem.ellyzabeth@gmail.com

#### Paula Perin

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) paula.perin@hotmail.com

**RESUMO:** O objetivo deste memorial é refletir sobre a minha trajetória leitora, desde o contato com as primeiras letras até a Universidade. Como metodologia, adotamos o método (auto)biográfico e a pesquisa bibliográfica. Este trabalho será realizado a partir das contribuições teóricas de Freitas e Souza Jr. (2004), que tratam do memorial de formação, de Ferrarezi Jr. (2013), que versa sobre a importância da família para a leitura da criança, Silva (2013), que traz considerações sobre o memorial acadêmico, fazendo um apanhado da sua formação do Ensino Infantil até a Universidade e Colomer (2007), que aborda a importância da leitura literária na escola. Com esse estudo foi possível observar que as influências que recebi na escola, junto aos professores, e com a família são peças indispensáveis no incentivo ao gosto da leitura de uma criança. Hoje posso ver a importância que a leitura tem, também, na minha formação enquanto indivíduo, pois todas as minhas leituras, desde o Ensino Fundamental até o Ensino superior, ajudaram também na minha formação enquanto indivíduo. O Memorial de formação é um trabalho em que são relatadas as impressões sobre a aprendizagem, os avanços, as vitórias os retrocessos e as dúvidas. É, também, onde podemos deixar registrado as nossas reflexões sobre muitos momentos da nossa vida acadêmica (FREITAS; SOUZA IR., 2004). Este memorial foi feito como forma de obtenção de nota de uma disciplina do curso de Letras da Universidade Regional do Cariri - URCA. A princípio foi sugerido que fizéssemos um relato oral, mas por ocasião da Semana de Letras, foi sugerido que fosse feito em forma de relato escrito, para ser apresentado. Em face disso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a trajetória leitora de uma das autora desse estudo, desde o contato com as primeiras letras até a Universidade. No decorrer deste memorial, será apresentado inicialmente um relato de minha formação leitora, começando pelo primeiro contato com os livros até as práticas leitoras na universidade, em diálogo com os autores já indicados. Por fim, abordo a importância do apoio da escola, dos professores e da família na formação como leitora, como indivíduo e da importância dessa reflexão para o fazer docente.

Palavras-chave: Leitura. Formação leitora. Memorial.

1 INTRODUÇÃO

O Memorial de formação é um trabalho em que são relatadas as impressões sobre

a aprendizagem, os avanços, as vitórias os retrocessos e as dúvidas. É, também, onde

podemos deixar registrado as nossas reflexões sobre muitos momentos da nossa vida

acadêmica (FREITAS; SOUZA JR., 2004).

Este memorial foi feito como forma de obtenção de nota de uma disciplina do

curso de Letras da Universidade Regional do Cariri - URCA. A princípio foi sugerido que

fizéssemos

um relato oral, mas por ocasião da Semana de Letras, foi sugerido que fosse feito em

forma de relato escrito, para ser apresentado. Em face disso, este trabalho tem como

objetivo refletir sobre a trajetória leitora de uma das autora desse estudo, desde o

contato com as primeiras letras até a Universidade. Como metodologia, adotamos a

pesquisa bibliográfica e o método (auto)biográfico Adotamos como referencial teórico a

contribuição de diversos autores, tais como Freitas E Souza Jr. (2004), que fala sobre o

que é um memorial de formação, Ferrarezi Jr. (2013), que versa sobre a importância da

família para a leitura da criança, Silva (2013), que traz considerações sobre o memorial

acadêmico, fazendo um apanhado da sua formação do Ensino Infantil até a Universidade

e Colomer (2007), que aborda sobre a importância da leitura literária na escola.

No decorrer deste memorial, será apresentado inicialmente um relato de minha

formação leitora, começando pelo primeiro contato com os livros até as práticas leitoras

na universidade, em diálogo com os autores já indicados. Por fim, abordo a importância

do apoio da escola, dos professores e da família na formação como leitora, como

indivíduo e da importância dessa reflexão para o fazer docente.

2 ALGUNS RELATOS SOBRE A FORMAÇÃO LEITORA

Sou natural de Brejo Santo, mas desde o meu nascimento moro num distrito de

Mauriti chamado Umburanas, ambos situados no interior do Ceará. Meus pais são de

origem bem humilde, quando pequenos não tiveram a oportunidade de estudar. Os dois interromperam os estudos quando ainda estavam cursando o ensino Fundamental I. Isso ocorreu porque eles tinham que ajudar nas tarefas de casa e também por não terem recursos para continuar os estudos, pois o lugar em que eles estudavam só ofertava até a quarta série do ensino fundamental e, a partir da série seguinte, eles teriam que se deslocar até a cidade para continuar os estudos. Por esses motivos, por mais que meus pais não tivessem tantos recursos, eles sempre fizeram de tudo para que meus irmãos e eu tivéssemos a possibilidade de estudar e, assim, ter um futuro melhor, pois a família é muito responsável pela formação de crianças leitoras, ela também é a responsável por fazer a criança ter o hábito de ler, assim como elas tem o hábito de se alimentar (FERRAREZI JR., 2013).

Seguindo esse pensamento, a minha vida escolar começou muito cedo, no ano 2000, com mais ou menos 2 (dois) anos de idade. Geralmente as crianças só ingressam no Ensino Infantil com 3 anos, porém minha mãe disse que eu lhe pedia muito para estudar e por isso me matriculou mais cedo. No início, apesar de ter ido estudar por vontade própria, eu não gostei

muito do ambiente e chorei muito nos primeiros dois dias. Depois disso, passei a me adaptar e comecei a gostar mais daquele lugar. No lugar em que eu estudava, a professora sempre lia histórias, contos infantis todo final de aula, para que fossemos adquirindo gosto pela leitura. A parte que eu mais amava era quando chegava a hora das musiquinhas, em que os meus colegas, a professora e eu cantávamos juntos. Uma das música que mais gostava de cantar era a da borboletinha.

Assim, por ter ingressado muito nova, precisei repetir a alfabetização por mais um ano para que eu pudesse ingressar, no Ensino Fundamental, na idade certa. Ao término do meu primeiro ano de alfabetização, fiquei triste ao ver todos os meus colegas indo para o Ensino Fundamental. Chorei muito, mas ter passado um ano a mais na alfabetização não foi ruim, pois já ingressei no Ensino Fundamental sabendo ler de forma melhor do que se eu tivesse saído no ano anterior. Eu adorava ler, lia até os comunicados que apareciam na televisão. Lembro-me de que num dia, em especial, que eu li tudo sem gaguejar, foi uma festa na minha casa, mainha me pegando no colo e me felicitando.

Depois disso, em 2004, ingressei no primeiro ano do Ensino Fundamental. As

matérias eram mais difíceis, mas à medida que eu fui avançando de série, fui desenvolvendo ainda mais minha leitura, isso aconteceu porque quase todos os dias eu levava umas tarefas de leitura para casa e também porque tínhamos, toda semana, que ler textos pequenos diante da professora.

Além disso, na escola em que eu estudava existia uma biblioteca com uma boa quantidade de livros para a época. Minha irmã Lili sempre levava livros para casa e eu pedia- lhe que lesse para mim. Pelo menos 2 (duas) vezes por semana ela tirava um tempo para ler, geralmente sábado e domingo. Ferrarezi Jr. (2013, p. 16) apontava que, "Se as crianças veem os pais lendo em casa, comumente, constantemente, sistematicamente, elas terão a tendência de imitar isso, de achar que isso é mesmo importante (porque os pais fazem isso sempre), de que isso faz parte da vida e de seguir o mesmo caminho dos pais.", isso também pode acontecer com outros exemplos familiares, como no meu caso, por exemplo, em que minha irmã era o meu exemplo de pelo fato de ler para mim, já que nem minha mãe e nem o meu pai tinham tempo.

Como nem sempre a minha irmã encontrava tempo para a leitura, resolvi, então, começar a me aventurar na biblioteca sozinha. Era uma das coisas que mais gostava de fazer na hora do recreio. Eu estava lá pelo menos 3 (três) dias por semana e, enquanto meus colegas brincavam de pega-pega, eu estava na biblioteca procurando livros que achasse interessante para ler.

No início, procurei por livros mais simples, alguns clássicos da literatura infanto-juvenil. Lembro-me de um, em especial, que li diversas vezes, "O Sanduíche da Maricota", depois fui evoluindo para livros com textos maiores e com figuras menores, até chegar aos clássicos brasileiros. Os primeiros clássicos da literatura brasileira que foram lidos por mim foram "Senhora" e "Lucíola", de José de Alencar, pois foi pedido para que meus colegas e eu fizéssemos fichas de leitura de alguns livros para a obtenção de nota da disciplina de Língua Portuguesa. Já na literatura estrangeira, o meu primeiro contato foi com o livro "A Odisseia" de Homero, esse foi por pura curiosidade, porque eu sempre gostei dos clássicos da literatura grega.

Além disso, a minha professora de Língua Portuguesa do 6º (sexto) ano, Valdélia, também foi uma das grandes incentivadoras da minha vida leitora, pois ela sempre insistia para que eu pegasse livros novos e que fosse descobrindo novos gostos na leitura. Assim, "[...] trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola

proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje, parece que os alunos vão para a escola, na maioria das vezes, desanimados, sem vontade de lá estar." (ANDRADE, 1999, p. 3 *apud* SILVA, 2013, p. 15). Isso acontece pois muitas vezes não tem professores que incentivem os alunos a ler, que não têm a mesma sorte que eu tive.

No Ensino Médio, passei a ter contato com os famosos *best-sellers*. Como meus pais não tinham condições de comprar livros, sempre pedia emprestados aos meus colegas. Um dos primeiros que li foi "Sussurro", da autora Becca Fitzpatrick, por influência dos meus amigos que sempre falavam dos livros dessa saga. Depois disso, fui ainda mais me aventurando pelo mundo da literatura. Passava menos tempo na biblioteca, nesse período da minha formação, pois estudava em uma escola profissionalizante e tinha que estudar disciplinas da base técnica, mas sempre conseguia reservar um tempo para as minhas leituras.

Nesse período de Ensino Médio pude ter mais contato com as escolas literárias. Assim também tive mais contato com a literatura brasileira, através das fichas de leitura que fazia para as aulas. Por ter mais contato com a literatura, passei a gostar ainda mais de livros e ao ver como a minha professora do 1º (primeiro) ano, Josy, ensinava e também como minha prima Dôres falava tanto da sua profissão, de professora de Língua Portuguesa, acabei me encorajando a prestar vestibular para cursar Letras e me tornar uma professora, levando a literatura para outras pessoas. Contudo, mesmo que a literatura tenha representado tudo isso para mim, isso não quer dizer que todos os alunos tenham se dedicado a ler e nem que esses livros que os professores nos indicavam eram de interesse de todos (COLOMER, 2007).

Após fazer o vestibular, ingressei no curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, em que me encontro cursando, atualmente. Algumas disciplinas são bastante difíceis, mas por gostar muito do curso isso não se torna um problema. Não tenho mais tanto tempo para ler livros apenas por fruição, porém algumas disciplinas do curso, como Literatura Infanto-juvenil, Literatura Brasileira e Portuguesa, por exemplo, fizeram-me ler obras literárias as quais jamais imaginei que iria ler e que iria gostar, tais como: "Quem soltou o pum?", de Blandina Franco e José Carlos Lollo; "Macunaíma", de Mário de Andrade e "Amor de Perdição" de Camilo Castelo Branco. Tudo isso me influencia a continuar nas minhas leituras de forma prazerosa. Isso também faz com que

eu tenha ainda mais vontade de fazer a diferença na leitura dos meus futuros alunos, para que leiam não por obrigação, mas sim por querer e gostar de ler.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, pude perceber que a escola, os professores e a família são peças indispensáveis no incentivo ao gosto da leitura de uma criança. Enquanto leitora e futura professora, o meu papel também é de incentivar e influenciar outras pessoas a lerem, do mesmo modo com que fui incentivada. Assim, esse tripé, escola, professor e família, se tornam fundamentais, não só no sentido de formar um leitor, mas também de formar um sujeito social responsável e consciente das coisas que acontecem ao seu redor.

Hoje posso ver a importância que a leitura tem também na minha formação enquanto indivíduo, pois todas as minhas leituras, desde o Ensino Fundamental até o Ensino superior, ajudaram também na minha formação enquanto indivíduo. A leitura literária tem esse papel de construir socialmente e coletivamente os indivíduos (COLOMER, 2007).

#### REFERÊNCIAS

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FERRAREZI JR., C. **A leitura em casa**: a participação da família no ensino sistemático da leitura na fase infanto-juvenil. **Trem de Letras**, Uberlândia, v. 1, p. 14-28, 2013. Disponível em: <www.seer.ufu.br/163-516-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2019.

FREITAS, D. S. L.; SOUZA JR., A. J. Importância do Memorial enquanto estratégia de formação profissional no Projeto Veredas. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 5, p. 23-31, 2004. Disponível em:

http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/viewFile/3460/13589>. Acesso em: 08 fev. 2019.

SILVA, G. L. **Memórias de uma educadora vitoriosa**. Rio Grande do Norte: IFESP, 2013. Disponível em: <a href="https://www.ifesp.edu.br/ik/images/documentos/memoriais/gilvanete.pdf">https://www.ifesp.edu.br/ik/images/documentos/memoriais/gilvanete.pdf</a>. Acesso em: 05 fev. 2019.

# NARRATIVAS DE VIDA: REFLEXOS DA LEITURA

José Watla dos Santos Faustino Graduando em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

Cássia da Silva
Docente do Curso de Letras
Universidade Regional do Cariri (URCA)
cassia silv@hotmail.com

RESUMO: Neste ensaio, buscaremos analisar a narrativa de leitura do autor, a fim de compreender as principais etapas que fizeram parte da formação desse sujeito enquanto leitor. O estudo respaldou-se a partir de obras de autores que concebem a leitura como uma prática cultural plural, o mais significativo ato civilizador, a saber, Ferrarezi e Carvalho (2017), Krung (2015) e outros. Ancorado a esta narrativa utilizou-se a Metodologia das Histórias de Vida, que aponta como caminho de pesquisa a narrativa autobiográfica, a partir dos estudos de Aguiar (2017) Contudo, a narrativa analisada retrata a subjetividade do sujeito- leitor, o seu gosto pela leitura, como a relevância de mediadores na família e, especialmente, no espaço escolar. Revela também a importância da leitura na vida sujeito, e alguns projetos leitura que deixam marcas afetivas e que contribuíram para esta narrativa do sujeito-leitor. Este ensaio narra as experiências do autor com a leitura em alguns momentos considerado por ele importante, refletindo a relevância da leitura além da simples decodificação de textos, palavras e orações, haja vista que para a palavra fazer sentido ela carece da mobilização do sujeito leitor, de quem lê, ou melhor, de quem se apropria do que está lendo e também, por ser historicamente um ato cultural, significativamente mais que civilizador. Portanto, o objetivo geral é compreender os percursos de formação desse sujeito-leitor e dessa forma, para atingir tal intento, delimitamos em socializar universo leitor do próprio autor. Dessa forma, este ensaio é um estudo biográfico, e na sedimentação deste, convidados Aguiar (2017) para testemunhar a leitura e seus vieses narrativos. No entanto, paralelo a este estudo autobiográfico, concretizamos a partir de um material bibliográfico, a saber, Ferrarezi e Carvalho (2017), Krung (2015) entre outros que testemunharam a importância da leitura. Dessa forma, inicialmente socializaremos algumas lembranças armazenadas no consciente e inconsciente do autor, fazendo superficialmente uma observação sobre a memória, ou ainda, nossas lembranças a partir de uma perspectiva psicanalítica. Em seguida, trataremos sobre a experiência do autor com a leitura, no entanto, fazendo algumas referência pertentes a importância da leitura e do professor leitor. Por fim, sublinhamos que a leitura concerne a uma das ferramentas mais importantes que os seres humanos possuem, é uma herança cultural, passada de geração para geração que determina nosso desenvolvimento pessoal e social. E que as histórias de vida requer do sujeito o conhecimento de si próprio, ou melhor, uma reflexão estabelecida a partir das suas experiências.

Palavras-chave: Narrativas de leitura. Leitura. Sujeito-leitor.

# 1 INTRODUÇÃO

Este ensaio narra as experiências do autor com a leitura em alguns momentos considerado por ele importante, refletindo a relevância da leitura além da simples decodificação de textos, palavras e orações, haja vista que para a palavra fazer sentido ela carece da mobilização do sujeito leitor, de quem lê, ou melhor, de quem se apropria do que está lendo e também, por ser historicamente um ato cultural, significativamente mais que civilizador. Portanto, o objetivo geral é compreender os percursos de formação desse sujeito- leitor e dessa forma, para atingir tal intento, delimitamos em socializar universo leitor do próprio autor.

Dessa forma, este ensaio é um estudo biográfico, e na sedimentação deste, convidados Aguiar (2017) para testemunhar a leitura e seus vieses narrativos. No entanto, paralelo a este estudo autobiográfico, concretizamos a partir de um material bibliográfico, a saber, Ferrarezi e Carvalho (2017), Krung (2015) entre outros que testemunharam a importância da leitura.

Dessa forma, inicialmente socializaremos algumas lembranças armazenadas no consciente e inconsciente do autor, fazendo superficialmente uma observação sobre a memoria, ou ainda, nossas lembranças a partir de uma perspectiva psicanalítica. Em seguida, trataremos sobre a experiência do autor com a leitura, no entanto, fazendo algumas referencia pertentes a importância da leitura e do professor leitor.

Por fim, sublinhamos que a leitura concerne a uma das ferramentas mais importantes que os seres humanos possuem, é uma herança cultural, passada de geração para geração que determina nosso desenvolvimento pessoal e social. E que as historias de vida requer do sujeito o conhecimento de si próprio, ou melhor, uma reflexão estabelecida a partir das suas experiências.

#### 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sempre que socializamos nossas experiências, seja ela, uma experiência no o relacionamento, de amizade, familiar, ou as experiências com a leitura, ou qualquer

outra, é importante mesmo que de forma superficial entender como tudo isso acontece.

A partir de uma perspectiva psicanalítica as informações que temos guardadas, tanto no consciente quanto no inconsciente, são lembranças e experiências que são selecionadas pela nossa atenção, pelo direcionamento do olhar, pela parcela de concentração e cautela que damos.

O processo de memória, não é somente lembrar de algo, mas é todo o "caminho" que vai desde a entrada (aquisição) das informações, seu armazenamento e finalmente a sua evocação (lembrança). Ainda de forma psicanalítica, destacamos que nos, seres humanos lembramos mais facilmente dos fatos 'recheados' de carga afetiva do que as negativas, conforme Freud, S. (1899). Dessa maneira, haja vista que nossas lembranças são a aquisição e a evocação de marcas registradas na mente.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91 *apud* AGUIAR, 2017, p. 9), "Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa". Dessa forma, iniciaremos com algumas lembranças, experiências de carga afetiva marcadas pelo ato da leitura e seus reflexos na vida pessoal e profissional vivida e agora contada pelo próprio autor vejamos:

Minha família é composta por professores e agricultores. No campo da educação, tenho como referencia o meu pai que leciona já quase trinta anos. Desde cedo, eu sempre recebi o incentivo dele e da minha mãe nos estudos e principalmente no que se refere ao ato de ler.

Não há muito tempo, quando criança, lembro-me que em minha casa não tinha uma estante de livros, daquelas repletas de temas e todos os gêneros literários, tinha apenas o básico que decorava uma pequena prateleira que ficava no quarto em que dormia eu e meus três irmãos. Nessa época, não entendia muito que significavam aqueles exemplares, mas sentia que cada livro em que via, me despertava certa curiosidade: de abri-los e saber sobre o se tratavam. Conforme o tempo foi passando, recordo-me dos meus pais, na qual, à medida que tinham tempo escolhiam um livro específico e o apresentava a mim e aos meus outros irmãos. Há tempo bom! Cada conto, cada ilustração, cada pagina mais colorida que a outra. Por essa razão, a leitura deve ser também encarada como um ato estético, pois "[...] não importa as causas racionais da beleza; importa à existência da beleza, o vale é senti-la", afirma (FERRAREZI E CARVALHO, 2017).

Já na escola, as professoras também faziam o mesmo com a turma durante o dia. Mas isso só aconteceu nas series inicias. Pois, nas series seguintes o foco não era ensinar o aluno a ler para se aventurar-se num texto, ou dar condições para que ele mesmo sentisse o prazer pela leitura de livro, e nele, buscar sentido. O objetivo era entender uma charge, um poema, um texto, para responder teste ou questionários.

Tal lembrança mostra infelizmente um ato falho nas muitas escolas publicas brasileira, que vem um texto como um pretexto. Tal forma concebida pela escola, adotada por muitos professores fazem com que, segundo Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 23). "[...] os alunos avancem nas series escolares sem desenvolver a competência leitora como um todo" e mais tornando estes, sujeitos "[...] inábeis para ler o mundo, para ler os textos, e principalmente, para fazer uma relação inteligente entre o mundo e os textos." Esta situação que vemos ainda hoje, precisam ser urgentemente ser mudada.

No entanto, embora a vivencia nesse contexto, a família foi essencial na fundamentação da minha relação com a leitura. Isso porque a família segundo Ferrarezi e Carvalho (2017) é indispensável na noção do processo educativo, especialmente na construção do gosto pela leitura.

Outro recorte de experiência com a leitura, é na escola em que cursei o fundamental. Nela tinha muitos livros, todos cheios de imagens e que me chamava muita atenção, porém não podia leva-los para casa, devido esta ser uma regra da instituição. Já no ensino médio, em outra escola, fui convocado a participar de um grupo de estudo que tinha como objetivo fortalecer o vínculo do estudante com a leitura. Foi então que por admiração a ação e o protagonismo do professor de literatura, gramática e língua portuguesa eu escolhi cursar letras, preferencialmente na Universidade Regional do Cariri (URCA) no Campus Missão Velha, (momento muito importante pra mim).

Vejamos que o professor tem um importante papel na formação do aluno leitor, isto porque ele é um protagonista na ação e no exemplo do mundo da leitura e da escrita. Entende- se que "a mediação da leitura ocorre, sem sombra de dúvidas, na escola e pelo professor, que por sua vez, tem a incumbência de formar-se professor leitor e posteriormente, profissional leitor." Afirma Krug, (2015. p.03).

Na instituição de ensino superior, na Universidade Regional do Cariri (URCA) especificamente no Campus Missão Velha, destaco que no segundo semestre fui convidado pelo Professor Mestre e hoje Doutorando Osmar Hélio Alves de Araújo e a

Mestra Célia de Jesus Silva Magalhães a fazer parte de um projeto de extensão, que trazia o respectivo tema: a inserção da leitura na formação dos licenciandos/as do curso de letras da URCA, UD - Missão Velha/ce.

Inserido no referido projeto, o meu vinculo com a leitura fortaleceu ainda mais, principalmente com a escrita. Considerando ser importante a partilha de ideais, a abundancia de perceptiva, o Professor Osmar Hélio socializou no grupo que é preciso desafiar nossos pensamentos, da diversidade de opiniões. Deixando marcas positivas. Dos resultados obtidos, nasceram alguns trabalhos entre eles, a saber: Tecendo relações entre docentes e discentes à luz da Pedagogia Freiriana; A literatura na Escola de Ensino Médio: práticas de leitura em sala de aula; O professor como sujeito construtor do conhecimento: desafios e perspectivas; O papel do processo educativo: notas para debate; A inserção da leitura na formação dos licenciados/as do curso de letras, UD-Missão Velha; O proinfantil e as suas contribuições para a prática do professor; A formação docente sob o olhar de pesquisadores iniciantes; A relação Docente versus Discente Coadjuvada pela Pedagogia Freireana; A construção de práticas pedagógicas imbricadas aos contexto tecnológico; Reflexões sobre ensino e aprendizagem e o perfil do professor no seculo XXI: entre possibilidades e desafios.

Esta foi uma oportunidade e de uma experiência incomparável para mim, pois foi nesta época que eu prestei a vaga do projeto Agentes de Leitura cultura e inclusão social, e este desejo deu-se por indicação de um amigo ao falar tão bem sobre o projeto. Ao ouvi-lo falar, sentia-me como se fosse uma missão fazer parte deste projeto. E foi assim que hoje tornei-me Agente de Leitura, atuando no município de Mauriti, e visitando quinzenalmente 28 famílias, uma demanda de 125 pessoas, e fiz tudo isso porque gosto de ler, e tenho o prazer de provocar nos outros a alegria e as muitas sensações que um bom livro pode oferecer a um sujeito leitor.

Em virtude da admiração pela ação do projeto; por amar também o que fazia, eu escolhi no Curso de Letras. Defendi o meu trabalho de conclusão de curso falando sobre a importância do Projeto Agentes de Leitura numa perspectiva cultural e social - trabalho este que foi avaliado pela minha Orientadora, Me. Célia de Jesus Silva Magalhães (quem me sugeriu falar sobre o referido Projeto). Na banca, contamos com a presença da Norma Cássia Santana (Coordenadora do Projeto Agentes de Leitura) e o Me. Marcos (professor da Universidade Regional do Cariri).

Contudo, o projeto Agentes de Leitura só veio a somar na minha vida. Hoje pretendo cada dia mais me aprofundar no campo da leitura, ler sobre, e desenvolver trabalhos neste campo. Inclusive, concretizar o sonho de desenvolver o meu projeto de mestrado nesta mesma linha de raciocínio, neste mesmo campo de investigação, tratando da leitura como um instrumento de formação, e o livro como um objeto inclusivo e cultural.

Estas foram alguns das marcas de leituras vivenciadas e sentidas por mim.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partimos da ideia psicanalítica que as informações que temos guardadas, tanto no consciente quanto no inconsciente, são lembranças e experiências que são selecionadas pela nossa atenção, pelo direcionamento do olhar, pela parcela de concentração e cautela que damos. Em seguida vimos que o ato da leitura vai além da decodificação do texto escrito e que precisa inclusive ser sentida como um ato de pleno enamoramento, de sujeitos que se apropriem do que está escrito para atualizar o universo do texto e pincipalmente, dar sentido à vida.

Dessa forma, a leitura concerne a uma das ferramentas mais importantes que os seres humanos possuem, e que ao mesmo tempo, nos trouxe mudanças qualitativas e revolucionárias para a construção de nossa história e do nosso pensamento, pois esta é uma herança cultural, passada de geração para geração que determina nosso desenvolvimento pessoal e social. Por este motivo, voltamos a destacar que o ato de ler é a porta para a realização de um novo mundo, que cria projetos, amplia nossas perspectivas e desenvolve o raciocínio humano fazendo a acordar e propor mudanças no quadro social em que se situa; uma nação leitora é capaz de revolucionar o quadro carente de um país não leitor, contribuindo para a transformação qualitativa de nosso pensamento, no qual infelizmente, se encontram imbuídas ao não hábito de leitura.

#### REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ivonete de Souza Susmickat; NETA, Nair Floresta Andrade. **Narrativas de leitura de educandos jovens e adultos de uma escola pública baiana:** uma análise dos percursos de formação do sujeito-leitor. Olh@res, Guarulhos, v. 5, n. 1, p. 151-171, maio 2017.

FERRAREZI Jr. Celso; CARVALHO, Robson S. de. **De alunos a leitores:** o ensino da leitura na educação básica. 1.ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FREUD, S. (1899). **Lembranças Encobridoras**. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 3, pp. 285-306). Rio de Janeiro: Imago.

KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor**. In: Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU. vol.10 – nº 22. (2015) Semestral. ISSN: 1809-6220.

# O MEMORIAL COMO RECURSO DE (RE)VISITA AO PASSADO: LEMBRANÇAS DE LEITURA

Viviana Freitas Araújo

Graduanda em Letras Universidade Regional do Cariri (URCA)

#### Paula Perin

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) paula.perin@hotmail.com

#### Cássia da Silva

Docente do Curso de Letras Universidade Regional do Cariri (URCA) cassia silv@hotmail.com

**RESUMO:** A memória é um recurso humano capaz de trazer ao presente acontecimentos marcantes de nosso passado. Pensando nisso, o presente memorial de leitura aborda questões referentes a minha história de vida em meu percurso em busca de educação. Acredito que a educação é a principal ferramenta para se viver no mundo contemporâneo, pois a velocidade com que as informações chegam até nós, exige uma capacidade de seleção seguida de uma análise crítica. Dessa forma, o estudo é também um ato libertário, pois por meio dele, as pessoas das classes menos favorecidas adquirem conhecimento que as tornam capazes de reagir às atrocidades e injustiças das desigualdades sociais. O presente trabalho tem por objetivo descrever um pouco de minha trajetória como leitora, desde o primeiro contato com os livros até a universidade. Trata-se de um memorial que parte desde as minhas lembranças de infância, dos 4 aos 6 anos de idade, em que as imagens mais marcantes são as de minhas amigas indo para escola. Eu sentia uma grande vontade de estudar e sempre pedia aos meus pais para me levarem à escola, o que, por questões financeiras de não ter uma sandália e um caderno para estudar, a minha mãe não me matriculava. Diante dessa situação, meus pais resolveram sair do Sítio Areias, no distrito de Missão Velha – CE, cuja distância era apenas de 3 km para chegar à escola, para outra localidade distante do colégio que não tinha acesso à luz, e à comunicação, só quando utilizava um rádio à pilha. Vejo o estudo como uma forma de poder ajudar minha família e aos alunos que não têm possibilidade de um ensino-aprendizagem mais facilitador, pois meu percurso não foi nada fácil. A metodologia adotada aqui foi a pesquisa bibliográfica e o método (auto)biográfico, abordagem que vem sendo amplamente utilizada na pesquisa qualitativa nas ciências humanas e tem como propósito estudar as trajetórias dos sujeitos partindo de sua história de vida. Procurei narrar os detalhes mais importantes da minha vida em contato com a leitura, tendo ela como fonte principal, pois foram muitos momentos valiosos e daria um livro ou mais de um livro. Tudo isso baseado nos estudos de Passeggi (2006; 2011), Prado e Soligo (2005), entre outros.

Palavras-chave: Memoria. Leitura. Estudo. Reflexão.

# 1 INTRODUÇÃO

A memória é um recurso humano capaz de trazer ao presente acontecimentos marcantes de nosso passado. Pensando nisso, o presente memorial de leitura aborda questões referentes a minha história de vida em meu percurso em busca de educação. Acredito que a educação é a principal ferramenta para se viver no mundo contemporâneo, pois a velocidade com que as informações chegam até nós, exige uma capacidade de seleção seguida de uma análise crítica. Dessa forma, o estudo é também um ato libertário, pois por meio dele, as pessoas das classes menos favorecidas adquirem conhecimento que as tornam capazes de reagir às atrocidades e injustiças das desigualdades sociais.

Trata-se de um memorial que parte desde as minhas lembranças de infância, dos 4 aos 6 anos de idade, em que as imagens mais marcantes são as de minhas amigas indo para escola. Eu sentia uma grande vontade de estudar e sempre pedia aos meus pais para me levarem à escola, o que, por questões financeiras de não ter uma sandália e um caderno para estudar, a minha mãe não me matriculava. Diante dessa situação, meus pais resolveram sair do Sítio Areias, no distrito de Missão Velha – CE, cuja distância era apenas de 3 km para chegar à escola, para outra localidade distante do colégio que não tinha acesso à luz, e à comunicação, só quando utilizava um rádio à pilha.

É embalado por essas lembranças que as linhas que compõem este estudo seguem nessa escrita, cujo objetivo principal é destacar os relatos memorialísticos como fonte de revisita ao passado e ressignificação do presente. O foco recai sobre memórias de leituras e a influência delas na formação do ser humano. Para tanto nos aportamos nos estudos de Passeggi (2011), Prado e Soligo (2005), entre outros autores que tratam da temática da memória. Desse modo, o presente trabalho adquire um caráter pessoal constituindo-se como um memorial.

#### 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passegi (2011, p. 147) afirma que "ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido as suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação

de si: reinventa-se". Partindo das palavras dessa autora, os fatos aqui rememorados oportunizam a visualização de um sujeito em formação inserido em contextos históricos cambiantes em determinados compassos temporais. Sendo assim, ao narrar minha trajetória de vida enfatizando a influência da leitura na minha formação humana, destaco alguns pontos chave que nortearam minha direção, fixados num tempo e contexto histórico e que foram importantes para minha aprendizagem. A ideia deste estudo surgiu durante uma atividade oral realizada na disciplina de Literatura Infantojuvenil, disciplina eletiva do curso de Letras da Universidade Regional do Cariri (URCA), campus Missão Velha.

Comecei a estudar com 7 anos, em decorrência dos benefícios oferecidos pelo governo que, embora não fossem suficientes para se levar uma vida digna, mudaram a realidade de muitas famílias que antes não tinham praticamente nada. Fui matriculada logo no 1º ano do ensino fundamental sem desenvolver nenhuma coordenação motora, pelo fato de nunca ter frequentado um ambiente de ensino. Por não ter habilidade com a escrita, muito menos com a pintura, meu desenvolvimento foi lento e mesmo assim a professora, me aprovou sem ter desenvolvido meu cognitivismo. Em consequência disso, ao chegar ao 2º ano, não consegui acompanhar a turma, que já estava muito avançada e a professora não trabalhava mais com a soletração das palavras. Em casa não era diferente, pois nas "atividades de casa", meus pais não ajudavam por serem analfabetos. Em meio a toda essa dificuldade, fiquei dois anos na mesma série.

Não bastasse tudo isso, no ano de 2004 houve no Cariri uma grande enchente do Rio Salgado. Nesse período morava no Sítio Emboscada, no distrito de Missão Velha, perto de um rio com um cenário lindíssimo que tinha muitas frutas. Numa noite muito chuvosa o rio encheu, deixando a casa dos meus pais como uma ilha em que foi preciso nos retirarmos rapidamente para sairmos com vida, carregando apenas alguns objetos de valia. Vi, juntamente com minha família, minha casa sendo destruída e arrastada pela força da água e com grande velocidade. Depois desse episódio, resolvemos voltar para o Sítio que atualmente moro. De volta ao lar, podemos dizer assim, presenciei meus primos juntando as letras e soletrando as palavras; aprendi dessa forma a ler as palavras e frases e a partir dali tive meus primeiros contatos com a leitura. Ao chegar na sala de aula lia tudo que a docente escrevia na lousa.

Já no 3º ano do ensino fundamental gostava muito quando a professora fazia a leitura em grupo com alguns textos do livro didático que era explorado para turma em cada aula. Lembro-me de alguns contos como por exemplo: a mais famosa história de "Rapunzel", "A Raposa e as Uvas", "O Rato do Mato e o Rato da Cidade", entre outros textos. Portanto, todos esses contos quando liam passavam para mim uma lição de vida, e isso me faziam a ter ainda mais gosto pela leitura. Por conta disso, adquiri o hábito de ir à biblioteca no intervalo das aulas a procura de livros que tinham histórias de princesas, animais, entre outras obras, com o intuito de aprimorar meus conhecimentos. Quando cheguei no 4 e 5 anos, procurei a ler mais os conteúdos das disciplinas, por serem séries avançadas que cobravam muito dos educandos, raciocínio lógico e interpretações.

Seguindo a linha cronológica do ensino, quando passei para o 6º ano tive o privilégio de ser aluna da professora Latoya6. Durante três anos estudei com uma educadora que tinha outra visão de mundo, que mostrava através da leitura como podemos conhecer outros horizontes sem sair do lugar, como também escrever de acordo com a norma padrão e se expressar bem. Essa mudança de perspectiva causou em mim uma reviravolta, pois "Entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo" (PASSEGI, 2011, p. 149). Desse modo, esta docente, ao aplicar em suas aulas uma metodologia diferente das que eu tinha visto até então, fez-me perceber a importância da relação entre o docente e seus alunos, aguçando ainda mais meu interesse pela leitura.

Durante esses três anos de preparação, como costumo chamá-los, cheguei no ensino médio determinada a passar no vestibular, mas, quando cheguei no  $1^{\circ}$  ano, me deparei com outra realidade: a maioria dos meus colegas de turma demonstravam um grande desinteresse pelo estudo. A docente de Língua Portuguesa de certa forma tinha sua parcela de culpa, pois ela não procurava, nas aulas, metodologias que chamassem a atenção dos alunos, restringindo seu ensino a utilização de uma apostila ofertada pelo governo em que os alunos eram obrigados a responder sem nenhuma orientação. Isso me fez passar para o  $2^{\circ}$  ano com um sentimento de falta, como se eu tivesse perdido mais um ano sem ter aprendido os conteúdos.

<sup>&</sup>lt;sup>6, 6</sup> Nomes fictícios criados para preservar as identidades das educadoras.

Diante dessa situação, ao me matricular no 2º ano, para não sair sem aprender nada, procurei primeiro saber quem era a melhor professora de Língua Portuguesa e muitos alunos falaram que era a educadora Penélope<sup>6</sup>. De posse dessa informação, troquei de turma só para ser aluna dela e foi uma das decisões mais assertivas que já tomei na vida. Sem dúvida foram momentos de muita aprendizagem, pois ela trabalhou conosco muitos clássicos da literatura, como por exemplo: a obra de "Iracema", "O Guarani", "A Escrava Isaura", entre outros. Enfim, ao passar para o 3º ano, senti muita falta dessa professora, mas tive que me adaptar a metodologia da docente Angelina<sup>6</sup>, em que todas as aulas tínhamos que fazer a leitura de um livro e narrar o que entendemos. Isso contribuiu para o meu desempenho no vestibular, pois na primeira vez que prestei, fui aprovada. Isso marca mais uma fase de minha vida, agora como aluna de uma instituição de ensino superior tão renomada como a URCA. O fruto de grande luta para alcancar o sonho de entrar em uma Universidade.

Durante este percurso na universidade passei por muitas situações: encontrei professores maravilhosos e pessoas do curso de Biologia que me ensinaram a ser lutadora e a não desistir dos meus sonhos. Como aluna da graduação tive a oportunidade de participar de muitos eventos acadêmicos, inclusive em outros estados. Já apresentei artigos em Fortaleza-CE, Crato-CE, Barbalha-CE, Missão Velha-CE e, mais recentemente, em Salvador-BA. São frutos que venho colhendo através da leitura, pois a leitura é mina de ouro na minha vida pessoal e acadêmica.

Já bem avançados os relatos, este trabalho é definido por um memorial como forma de registro e reflexão da minha trajetória e a leitura como fonte preciosa para meu aprimoramento nesta caminhada. Para Passeggi (2006, p. 206) "o objetivo dos memoriais é promover uma atitude reflexiva sobre as experiências profissionais, adquiridas antes e durante a graduação". Nesse sentido, é também:

o registro de um processo, de uma travessia, uma lembrança refletida de acontecimentos dos quais somos protagonistas. Um memorial de formação é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (PRADO; SOLIGO, 2005, p.7).

Este registro trouxe pontos positivos e reflexivos sobre meu percurso de vida, analisando fatos, muitas vezes não lembrados com frequência, tive um tempo para

refletir, pensar, ouvir, ler e escrever detalhes ricos da minha vida.

# **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A finalidade desse breve estudo foi narrar alguns fatos memorialísticos, destacando a importância do memorial como um meio de revisitar o passado, bem como ressignificar o presente, por meio das lembranças dos momentos mais marcantes vividos em determinado período de tempo. As lições que tive no Ensino Fundamental, Ensino Médio e Faculdade foram valiosas, pois me fizeram desenvolver mais o hábito pela leitura e procurar ir além, sempre em busca do conhecimento. A leitura se tornou tesouro para a simples menina, uma menina desacreditada por muitas pessoas, porque muitas têm o errôneo pensamento de que filha de pobre é para trabalhar na roça. Não é o que está acontecendo.

Diante de todos os fatos mencionados neste memorial, e a partir da análise, a leitura é uma facilitadora para mim, pois ela me mudou completamente. A leitura é vital para minha vida!

#### REFERÊNCIAS

PASSEGGI, M. C. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C. ABRAHÃO, M. H. M. B (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; EDUNEB, 2006.

\_\_\_\_\_. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 147-156, 2011.

PRADO, G.; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações.** Campinas, SP: Graf, 2005.

# URCA – CAMPUS MISSÃO VELHA 18 A 22 DE FEVEREIRO DE 2019

# IV SEMANA DE LETRAS

Linguagem e Ideologia: representações possíveis entre língua e literatura

ANAIS DA IV SEMANA DE LETRAS DA URCA - MISSÃO VELHA-CE

MISSÃO VELHA-CE, 2019